

HÉLIO HONDA

RAÍZES BRITÂNICAS DA PSICANÁLISE:

As apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de filosofia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Júnior.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 18 / 09 / 2002

BANCA

Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Júnior (orientador)

Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira

Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke – UFSCar-SP

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto – UEM-PR

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (Suplente)

Prof. Dr. Leandro de Lajonquère-USP-SP (suplente)

SETEMBRO/2002

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	H755r
V	EX
TOMBO BCI	52362
PROC.	124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	
Nº CPD	

CM00179852-7

BIB ID 279874

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

H755r

**Honda, Hélio**

**Raízes britânicas da psicanálise : as apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud / Hélio Honda. - -  
Campinas, SP : [s. n.], 2002.**

**Orientador: Osmyr Faria Gabbi Júnior.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

1. Freud, Sigmund, 1856-1939.
2. Mill, John Stuart, 1806-1873.
3. Jackson, J. Hughlings (John Hughlings), 1835-1911.
4. Psicanálise. I. Gabbi Júnior, Osmyr Faria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

## *Agradecimentos*

Ao prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr., por sua orientação sempre amigável, cuidadosa e interessada; ao seu lado pude apreender um sentido verdadeiramente positivo sobre o papel de um orientador na realização de uma pesquisa acadêmica;

aos professores Drs. Oswaldo Giacóia Jr. e Richard Theisen Simanke, primeiros leitores deste trabalho; com satisfação aceitei suas observações críticas e tive, assim, a oportunidade de corrigir algumas das imperfeições e melhorar qualitativamente o texto;

ao Dr. Christfried Tögel, pesquisador Fellow junto ao Freud Museum, em Londres, pela maneira simpática e atenciosa com que me pôs em contato com pesquisadores alemães e austríacos, e pelos artigos enviados; ao Dr. Gerd Kimmerle, da Edition Diskord, de Tübingen; ao Dr. Christian Schneider, pesquisador do Sigmund Freud Institut, em Frankfurt am Main, e *Privat Dozent* na Universidade de Kassel, por oferecer a possibilidade de realizar um estágio em sua universidade; igualmente, ao *Professor* Dr. Helmuth Vetter, do Instituto de Filosofia, da Universidade de Viena, por dispor-se a me receber em seus seminários;

ao Dr. Michael Schröter, membro do grupo de trabalho sobre história da psicanálise, em Berlim, pela atenção e simpatia com que sempre respondeu a meus e-mails e pelo interesse demonstrado por esta pesquisa; seus comentários serviram de estímulo para levarmos adiante nosso trabalho;

também ao seu colega no grupo de Berlim, Dr. Gunther Götde; a ambos pela intermediação no contato com outros pesquisadores e na realização de um estágio em seu país;

ao *Privat Dozent* Dr. Klaus-Jürgen Grün, pela simpatia com que me recebeu no Instituto de Filosofia, da Johann Wolfgang-Goethe Universität, em Frankfurt am Main, durante o estágio lá realizado nos semestres de inverno 2000/01 e verão 2001; ao *Professor* Dr. Alfred Schmidt, por permitir que eu freqüentasse seu seminário, e ao *Professor* Dr. Arend Kulenkampff, cujas sugestões sobre a interpretação do pensamento de Berkeley e sua influência sobre a filosofia e ciência alemãs revelou-nos um caminho fértil para continuarmos nosso trabalho;

aos funcionários das bibliotecas do CLE, IFCH, FE e BCE/Unicamp, em especial à Eliana, Solange e Valéria pelo auxílio prestativo e atencioso na busca de obras de difícil acesso; aos funcionários do Centro de Lógica e Epistemologia, e ao Marcos, pela simpatia com que sempre me atendeu desde FFPP; aos funcionários da Stadt und Universitätsbibliothek e da Senckenbergische Bibliothek, da Johann Wolfgang Goethe-Universität, pela maneira atenciosa com que atenderam às minhas constantes solicitações e pela paciência com que aturaram minhas dúvidas e interrogações; gratidão estendida aos funcionários das bibliotecas setoriais dessa universidade: do Institut für Philosophie, Institut für Sozialforschung, Institut für Psychoanalyse, Institut für Psychologie, Zentrum der Psychiatrie e Senckenbergisches Institut für Geschichte der Medizin.

Por encontrar-se este trabalho no prolongamento de um interesse antigo pela filosofia e psicologia/psicanálise, sou muito grato àqueles que tenho

Ao meu pai, Miyuri Honda,  
*in memoriam.*

Ao meu filho, Pedro.

como meus primeiros instrutores no assunto, ao prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e ao prof. Dr. José Antonio Damásio Abib;

Gratidão especial a Bruneide M. Padilha, que viu nascer o projeto deste trabalho, e com quem pude aprender a tirar proveito de minhas angústias durante o início da pesquisa.

A todos os meus grandes amigos e à minha família, pela compreensão, nas ausências, e pela dedicação, no amor e na confiança.

À FAPESP, pelo apoio financeiro durante parte do doutoramento (Proc. Nr. 98/03204-4); igualmente, pelo apoio acadêmico, através de seus consultores, leitores anônimos que tive como interlocutores no início da pesquisa; seus pareceres críticos e sugestões foram úteis para o desenvolvimento da pesquisa.

À Universidade Estadual de Maringá.

À CAPES, pelo auxílio financeiro na etapa final da pesquisa.

## *Resumo*

Restrito aos textos de Freud produzidos entre 1886 e 1896, o trabalho tenta mostrar que nos fundamentos da metodologia freudiana encontram-se idéias oriundas da tradição britânica, em particular as de Stuart Mill e de Hughlings Jackson. Inicia pondo em evidência o interesse de Freud pelo método dos tipos, proveniente de Charcot, e relaciona essa metodologia com a atividade de inovação nosográfica realizada por Freud, mostrando que ela era orientada pela busca do caso único (*Anna O.*, p. ex.) e pela identificação do mecanismo psíquico típico a cada quadro de neurose. A seguir, tenta mostrar como a teoria da classificação proposta por Stuart Mill, na qual defende-se a determinação empírica da noção de tipo e sua organização pelas causas, pode servir de fundamento para a metodologia freudiana. Discute, também, a influência exercida pelas idéias de Mill sobre a formação científica alemã e mostra como elas já estavam presentes nas obras de Meynert e Exner. A segunda parte discute o lugar ocupado pelas idéias de Jackson na psicanálise freudiana e mostra como certas hipóteses basilares da metapsicologia podem ter sido apropriadas a partir de seus textos. Sobretudo, mostra como a prescrição de Jackson sobre a necessidade de se ter uma distribuição empírica e uma classificação científica das doenças mentais, alicerçada nas concepções de Mill, constitui a base da metodologia freudiana; sugere-se que esse modelo de ciência e método é capaz de justificar o caráter explicativo e o estatuto científico da metapsicologia freudiana.

## *Abstract*

Restricted to Freud's texts produced between 1886 and 1896, the work tries to show that in the foundations of the Freudian methodology there are ideas originated in the British tradition, particularly the ones of Stuart Mill and Hughlings Jackson. It begins evidencing Freud's interest for the method of the types, originated from Charcot, and it relates that methodology with the activity of nosographique innovation accomplished by Freud, showing that it was guided by the search of the case unique (Anna O., for exemple) and by the identification of the psychical mechanism typical to each neurosis picture. Furthermore, it tries to show how the theory of the classification proposed by Mill, in which he defends the empirical determination of the type notion and its organization by the causes, can stand as foundation for the Freudian methodology. It discusses, also, the influence carried out by Mill's ideas about the German scientific formation and it shows how they were already present in Meynert and Exner works. The second part discusses the place taken by Jackson's ideas in the Freudian psychoanalysis and shows how certain basic hypotheses of the metapsychology might have been appropriated from his texts. Above all, it shows how the prescription of Jackson about the necessity of having an empirical distribution and a scientific classification of the mental diseases, found in Mill's conceptions, constitutes the base of the Freudian methodology; it is suggested that this model of science and method is capable of justifying the explanatory character and the scientific statute of the Freudian metapsychology.

## Sumário

<i>Introdução</i>	1
-------------------	---

### Primeira Parte: Freud e Stuart Mill

<i>Capítulo I – A nosografia nos primórdios da psicanálise: Prolegômenos a uma metodologia freudiana</i>	20
1. Um novo referencial metodológico: Charcot e o <i>type</i>	21
2. A situação da nosografia	24
3. O mecanismo psíquico da histeria	26
4. O mecanismo psíquico “típico” da histeria	31
5. Sobre as fobias e a definição do quadro da neurose obsessiva	33
6. A definição do quadro da neurose de angústia e o mecanismo sexual	37
<i>Capítulo II – Freud e a causa das neuroses</i>	43
1. Em defesa das neuroses adquiridas	44
2. Uma “fórmula etiológica”	49
3. A “causa específica” das psiconeuroses: a sedução	52
<i>Capítulo III – John Stuart Mill: Fundamentos para uma metodologia freudiana</i>	58
1. Mill vs. Comte: a Psicologia como ciência independente	59

2. Mill vs. Whewell: o estatuto da noção de <i>type</i>	68
3. Mill e Freud: causalidade na teoria da classificação	72
4. ( <i>Philosophische</i> ) <i>Vorurteile</i>	80

***Excurso – A filosofia britânica e a ciência alemã no século XIX: sobre a presença das idéias de Stuart Mill na formação de Freud*** 85

1. Mill e a transição da <i>Naturphilosophie</i> para a <i>Naturwissenschaft</i>	86
2. A recepção da obra de Stuart Mill: Brentano e Helmholtz	92
3. Theodor Meynert e Stuart Mill	101
4. Freud, leitor de Mill?	108
5. Stuart Mill e a <i>Objectvorstellung</i> freudiana	112
6. A <i>Wortvorstellung</i> e a tradição britânica	118

**Segunda Parte: Freud e Hughlings Jackson**

***Capítulo IV – Hughlings Jackson e a concepção freudiana das afasias*** 126

1. Freud, <i>Aphasie</i> (1888b): entre Charcot e Hughlings Jackson	127
2. Hughlings Jackson e a crítica de Freud a Meynert	130

***Capítulo V – A concepção jacksoniana da afasia: Evolução, dissolução e estratificação do sistema nervoso*** 144

1. A concepção jacksoniana das perturbações da linguagem: fala voluntária e involuntária, consciência e inconsciência	146
2. Evolução e dissolução do sistema nervoso	156
3. A hipótese de uma estratificação do sistema nervoso	171

***Capítulo VI – Hughlings Jackson, o método clínico e as raízes da metodologia freudiana*** 181

1. A clínica francesa na formação médica de Jackson	182
2. O ímpeto jacksoniano por uma classificação dos distúrbios nervosos	186

3. O referencial metodológico jacksoniano: o <i>type</i> e a demarcação entre o psicológico e o fisiológico _____	192
4. Hughlings Jackson, Stuart Mill e as raízes da metodologia freudiana _	198
<b><i>Conclusão</i></b> _____	210
<b><i>Referências Bibliográficas</i></b> _____	214

*“... die Bekanntschaft englischer wissenschaftlicher Bücher,  
die ich gemacht habe, wird mich veranlassen, mich in  
meinen Studien immer auf Seite der Engländer zu halten, die  
nun einmal ein höchst günstiges Vorurteil bei mir haben ...”*

Sigmund Freud a Eduard Silberstein,

09 de setembro de 1875.

*“... Ich greife wieder zur Geschichte des Insellandes, zu den  
Werken der Männer, die meine eigentlichen Lehrer waren,  
alles Engländer und Schotten ...”*

Sigmund Freud a Martha Bernays,

16 de agosto de 1882.

## *Introdução*

No prefácio à sua coletânea de ensaios dedicada à investigação das raízes da psicanálise freudiana, intitulada *Aufbruch nach inner Afrika* [Partida para a África interior], Bernd Nitzschke mostra como expressões e imagens oriundas da literatura de cabeceira do jovem Freud reaparecem de forma metafórica em suas elaborações posteriores, encontrando-se presentes em descrições de problemas chaves da teoria edificada na maturidade. Trata-se dos relatos de viajantes pelo interior da África, desbravadores que ambicionavam, entre outras coisas, alcançar a fonte do Nilo. Seriam oriundas dessa literatura do século dezenove certas metáforas utilizadas por Freud para descrever, p. ex., sua descoberta da causa da histeria – “uma *cabeceira do Nilo*”<sup>1</sup> – ou sua opinião acerca da sexualidade feminina – “um *continente sombrio* para a Psicologia.”<sup>2</sup> De certa forma inspirados em Nitzschke, tentamos aqui tomá-las como indício e averiguar o alcance do texto apresentado em epígrafe,<sup>3</sup> não só

---

<sup>1</sup> “... ein *caput Nili*.” (FREUD, 1985c, p. 193; carta a Fließ, de 26 de abril de 1896; *apud* NITZSCHKE, *op. cit.*, p. 8)

<sup>2</sup> “... ein *dark Kontinent* für die Psychologie.” (FREUD, Die Frage der Laienanalyse; *apud* NITZSCHKE, *ibid.*)

<sup>3</sup> “... o conhecimento que eu tive dos livros científicos ingleses me levará a ficar, em meus

devido a nossa crença na força das paixões da juventude, mas também em função da natureza mesma do tema e objeto da ciência construída por Freud, as ressonâncias no intelecto e na moral dos desejos e anseios mais prementes, oriundos das profundezas mais recônditas da história individual.

Trata-se aqui de um estudo acerca dos fundamentos filosóficos e metodológicos da psicanálise freudiana, limitada aos textos iniciais de Freud produzidos entre 1886 e 1896. Em termos mais específicos, trata-se de tentar mostrar que nos fundamentos da metodologia freudiana<sup>4</sup> podem encontrar-se idéias oriundas da tradição britânica, particularmente as do filósofo John Stuart Mill e as do neurologista John Hughlings Jackson.

Propósito à primeira vista inusitado, se levarmos em conta que a relação entre Freud e Mill, de modo restrito, ou mesmo entre Freud e a tradição britânica, de maneira mais ampla, sempre foi negligenciada quando não recusada pela grande maioria dos estudiosos da psicanálise freudiana. Basta lançar mão, nesse aspecto, do texto talvez mais conhecido entre o público nacional, *Introdução à epistemologia freudiana*, de Paul-Laurent Assoun, publicado em 1981 na França e traduzido logo a seguir para o português, em 1983. Nessa obra, a pretensão do autor é bastante ampla.

---

estudos, sempre do lado dos ingleses, que, definitivamente, têm em mim um preconceito altamente favorável ..." (FREUD, 1989, p. 144). "Sirvo-me de novo da história do país insular, das obras dos homens que foram meus verdadeiros mestres, todos ingleses e escoceses ..." (Freud a Marta Bernays; *apud* BRÜCKNER, 1975, p. 16)

<sup>4</sup> A expressão "metodologia freudiana" é introduzida aqui a fim de designar a temática posta em relevo neste trabalho: a preocupação e as opções metodológicas de Freud, a partir das quais teria sido possível não apenas a demarcação do próprio campo da psicanálise, mas acima de tudo a legitimação do status da metapsicologia como princípio explicativo. Não se trata aqui, portanto, daquilo conhecido como o "método da psicanálise" descoberto por Freud, embora acreditemos que a possibilidade de sua descoberta seja devedora da preocupação metodológica que lhe era característica desde a época de estudante de medicina.

Nosso objetivo é muito mais positivo: detectar a identidade freudiana, tomada em sua idiossincrasia histórica, teórica e pragmática, investigando suas origens, seus fundamentos e suas finalidades. Partimos, pois, do seguinte *fato* elementar: a reivindicação, por Freud, da psicanálise como *saber*. Ora, todo saber possui suas regras de funcionamento próprias e seus referentes específicos, operando na constituição e na produção desse saber. *Basta compreendermos o que são essas regras e esses referentes e como funcionam, esboçando, em sua terra natal e em sua linguagem de origem, essa identidade epistêmica freudiana condicionando a posição de todo discurso relativo a Freud.* (*op. cit.*, p. 10; itálicos nossos)

Em acordo aos objetivos, as duas partes de que se compõe a obra são dedicadas à explicitação dos *referentes* identificados pelo autor – *na terra natal de Freud* – como determinantes na constituição da metapsicologia freudiana, a saber, os modelos que chama brückeniano, herbartiano e helmholtziano. Especificamente sobre o que considera a fonte da metapsicologia freudiana, escreve ele a propósito da obra de Ernst Mach, intitulada *Erkenntnis und Irrtum* [Conhecimento e erro], de 1905, cujo conteúdo consiste de cursos sobre psicologia do conhecimento e lógica da investigação, ministrados na Universidade de Viena, no inverno de 1895-6:

Há nela não somente parentesco, o que seria banal levando-se em conta a perspectiva cientificista comum, mas verdadeiramente ‘repetição,’ até mesmo literal. É nessa obra, não resta dúvida, que Freud vai buscar uma parte considerável de seu pequeno capital epistemológico ...” (*ibid.*, p. 87)<sup>5</sup>

<sup>5</sup> O texto de Freud considerado na discussão de Assoun consiste das páginas iniciais de *Triebe und Triebchicksale* [Pulsões e destinos de pulsão], de 1915, nas quais Freud enuncia algumas teses sobre o caráter provisório dos conceitos fundamentais de uma disciplina científica. No contexto da discussão, Assoun chama de “pequeno capital epistemológico” precisamente as considerações metodológicas de Freud, apresentadas

Essa opinião também é compartilhada por Thomas S. Szasz.<sup>6</sup> Mas Assoun vai mais longe:

Cremos que esse elemento genealógico deverá adquirir todo o seu sentido no empreendimento, que precisa ser levado a cabo, de uma investigação global dos princípios e da lógica da metapsicologia freudiana. A filiação a Mach deve adquirir, nessa perspectiva, todo o seu sentido de revelador da identidade epistêmica freudiana, tal como ela se construiu historicamente ... Se fica salva a paternidade freudiana, pelo menos ela tem que tolerar o apadrinhamento machiano.” (*ibid.*, p. 102)

Muito antes de Assoun, porém, Maria Dorer, em *Historische Grundlagen der Psychoanalyse* [Fundamentos históricos da psicanálise], publicado em 1932, já teria inaugurado os estudos nessa direção. De acordo com ela, por intermédio de Meynert, as idéias de Herbart teriam chegado até Freud e entrado na constituição da psicanálise:

O resultado mais importante da pesquisa sobre os fundamentos históricos concretos da psicanálise, agora tornados claros, pode, por conseguinte, ser antecipado de maneira breve dizendo que entre a psicologia de Freud e a de Herbart existe, de fato, uma relação concreta, real.<sup>7</sup>

---

nesse texto como preliminares ao tratamento da noção de pulsão.

<sup>6</sup> A esse respeito ver sua *Introdução* ao texto em inglês, *The Analysis of Sensations* [A análise das sensações], de Mach; nesse lugar, das 23 páginas que compõem a introdução, Szasz dedica 12 páginas a *Mach and Psychoanalysis*.

<sup>7</sup> “Das wichtigste Resultat der Untersuchung über die nunmehr deutlich gewordenen konkreten historischen Grundlagen der Psychoanalyse lässt sich folglich vorwegnehmend kurz dahin formulieren, daß zwischen der Psychologie Freuds und jener Herbarts tatsächlich ein konkreter, ein realer Zusammenhang besteht.” (*ibid.*, p. 170)

Num trabalho mais recente, Wilhelm Hemecker, em *Vor Freud, philosophiegeschichtliche Voraussetzungen der Psychoanalyse* [Antes de Freud: pressupostos histórico-filosóficos da psicanálise], de 1991, defende tese nessa mesma direção e, além de apresentar raízes secundárias como Goethe e Feuerbach, visa “corrigir” a tese de Dorer e mostrar que o legado de Herbart não teria chegado a Freud através da mediação de Meynert, mas diretamente dos manuais de psicologia adotados no ensino médio e utilizados por Freud em sua juventude.

Ora, existe, no entanto – o que não diminui o significado da influência de Theodor Meynert, em cuja seção psiquiátrica Freud foi efetivo ao longo de quase meio ano e cuja obra e personalidade já o teriam impressionado na época de estudante – *um encontro anterior, direto, de Freud com o Herbartianismo*: durante seus dois anos de aulas de filosofia nos dois últimos anos de ginásio foram adotados, na escola freqüentada por Freud, dois manuais do rigoroso herbartiano Gustav Adolph Lindner (1828-1887), um dos quais era mesmo um minucioso *compêndio de psicologia empírica*.<sup>8</sup>

Até onde pudemos verificar, exceto alguns raros autores estrangeiros, Gabbi Jr. parece ser um dos únicos em nosso meio que se interessou pelas raízes britânicas da psicanálise, e por diversas vezes sugeriu a pertinência da

---

<sup>8</sup> “Nun gibt es aber durchaus – was die Bedeutung des Einflusses von Theodor Meynert, an dessen psychiatrischer Abteilung Freud etwa ein halbes Jahr lang tätig war und dessen Werk und Persönlichkeit schon zur Studentenzeit fesselnd auf ihn gewirkt hatten, nicht schmälert – *eine frühe, unmittelbare Begegnung Freuds mit dem Herbartianismus*: während seines zweijährigen Philosophieunterrichts in den beiden letzten Gymnasialjahren wurden an der von Freud besuchten Schule zwei Lehrbücher des strikten Herbartianers Gustav Adolph Lindner (1828-1887) verwendet, wovon eines sogar ein ausführliches *Lehrbuch der empirischen Psychologie* war.” (p. 109/110; itálicos nossos)

relação entre Freud e Mill.<sup>9</sup> Este trabalho não se presta, porém, a desenvolver suas sugestões, uma vez que tal empresa requereria uma análise conceitual dos textos fundamentais de ambos os autores. Além disso, uma das dificuldades era compreender como as idéias do filósofo inglês teriam chegado até ele. Por este motivo, um dos esforços durante a preparação do trabalho consistiu em tentar reconstruir o itinerário percorrido pelas idéias de Mill, a fim de esclarecer por quais canais suas idéias chegaram a alcançar o círculo científico

---

<sup>9</sup> Particularmente em sua tese de livre-docência, *Freud: racionalidade, sentido e referência*, publicada em 1994, e em “Notas críticas,” aduzidas em sua tradução de *Entwurf einer Psychologie* [Projeto de uma psicologia, daqui por diante *Entwurf*], publicada em 1995. – Quanto à literatura estrangeira, Siegfried Bernfeld, em *Freud’s scientific beginnings* [A iniciação científica de Freud], publicado em 1949, parece ter sido um dos primeiros a assinalar a pertinência dessa relação: “A influência da filosofia inglesa ... sobre Freud é um tópico interessante que merece um estudo separado.” (p. 193) Mais, tarde, o mesmo Bernfeld numa carta enviada a A. Ansbacher, em 26 de maio de 1952, volta a se referir à mesma relação, considerando agora a influência sofrida por Freud, em especial da parte de Mill: “Nos primeiros anos ele [Freud] fora fortemente influenciado pelo movimento inglês [englischen Bewegung], em particular por John Stuart Mill. ... Muito cedo ele leu historiadores ingleses de cunho positivista como Buckle. De uma ou de outra forma, portanto, o positivismo foi, sem dúvida, também a sua maneira ‘natural’ de pensar [‘natürliche’ Denkungsart].” (*apud* GUBRICH-SIMITIS, 1981, p.26, n. 57). A seguir, encontramos Andrew Watson, que num curto artigo publicado em 1958, intitulado *Freud the translator: some contacts with philosophy* [Freud, o tradutor: alguns contatos com a filosofia], considera explicitamente essa possibilidade, sugerindo que Freud pode ter lido *An examination of Sir William Hamilton’s Philosophy* [Um exame da filosofia de Sir William Hamilton, daqui por diante *An examination*], de Mill. Posteriormente, é no estudo de Peter Amacher, *Freud’s neurological educations and its influence on psychoanalytic theory* [A educação neurológica de Freud e sua influência sobre a teoria psicanalítica], publicado em 1965, que também podemos ler alguma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Este último, no entanto, não se refere diretamente à relação entre Freud e Mill, senão à relação entre as idéias de seus mentores, em particular as de Meynert, e a tradição filosófica britânica, representada pelo pai de John Stuart, James Mill. – Muito menos ainda pode ser dito acerca dos estudos que tratam da relação entre Freud e Hughlings Jackson; até onde pudemos verificar, encontramos Wolfgang Leuschner, que na introdução à segunda edição de *Zur Auffassung der Aphasien* [Sobre a concepção das afasias, daqui por diante *Zur Auffassung*], de Freud, publicada só em 1992, considera Jackson um dos grandes profetas da psicanálise; mais recentemente, Oliver Sachs, em um artigo intitulado *A outra estrada: Freud como neurologista*, de 1998, discutiu rapidamente as apropriações e ampliações de certas idéias de Jackson feitas por Freud no texto sobre a afasia.

no qual se formava o jovem Freud. Nesse estudo, descobrimos que as idéias de Mill encontravam-se presentes no interior das hipóteses mais fundamentais dos fisiólogos e neurologistas mentores de Freud, na Universidade de Viena. Embora em seus traços elementares, julgamos necessária a sua apresentação, uma vez que nos parece ser precisamente a carência de dados histórico-epistemológicos acerca dessa questão que, se não favoreceu a interpretação quase unânime entre os estudiosos dos fundamentos da psicanálise, que inserem suas raízes de maneira quase exclusiva em solo filosófico germânico, retardou significativamente o estudo da matriz filosófica e científica que se apresenta no horizonte do presente trabalho.

Ao pôr em relevo a temática metodológica e manter uma amplitude maior na circunscrição do objeto, buscamos apresentar além de novos pontos de convergência entre Freud e Mill, também a convergência entre Freud e Hughlings Jackson. Como preliminares a um trabalho exegético como o anteriormente mencionado, os objetivos do presente estudo são, portanto, bastante estreitos, prestando-se, em última análise, a oferecer indícios em direção ao horizonte filosófico e científico, cuja consideração nos parece imprescindível para uma compreensão mais justa dos fundamentos da psicanálise freudiana.

\*

A construção do problema da pesquisa iniciou-se com a constatação de que, em certas passagens dos textos chamados pré-psicanalíticos de Freud, em especial naqueles relacionados a Charcot e à nosografia, transparecia uma forte preocupação metodológica. Nosso percurso inspira-se um pouco na própria maneira freudiana de proceder, isto é, centramos nossos esforços no sentido de identificar o interesse metodológico manifesto no texto freudiano, para, num segundo momento, tentar reconstruir e compreender as motivações

tácitas que lhe conferem sentido, os pressupostos epistemológicos e filosóficos presentes em seus alicerces.

Embora notória a opinião entre os comentadores da obra freudiana de que o encontro com Charcot e suas idéias constituiu um momento de guinada na carreira de Freud,<sup>10</sup> nossa atenção foi orientada para a explicitação do conteúdo metodológico dessa experiência. Verificamos que no encontro com Charcot e suas idéias, entre outras coisas, encontra-se o ponto de partida da atividade que resultaria na proposição de novos quadros nosográficos, tornada pública em meados de 1895-96.<sup>11</sup> No trabalho com a histeria, tratava-se para Charcot de identificar entre os diversos casos aquele que seria o mais completo, que denominava “tipo,” utilizado como referência no estudo dos demais casos, mais difusos. Resultaria daí a montagem de uma escala ou série na qual os diferentes casos eram distribuídos gradualmente da forma típica [*type*] àquelas mais difusas e incompletas [*formes frustes*]. Inicialmente, Freud teria se inspirado em Charcot e assimilado o “método dos tipos” utilizado por este no estudo clínico da histeria. Todavia, a atividade freudiana não teria ficado limitada à mera descrição da sintomatologia peculiar a cada um dos diferentes quadros nosográficos; sua pretensão explicativa o levaria a tentar identificar o mecanismo psíquico subjacente a cada uma das determinadas classes de sintomas. Tratar-se-ia de identificar o caso único mais puro, que pudesse servir de modelo para compreender o mecanismo subjacente a todos os outros casos do gênero.<sup>12</sup> Com efeito, a partir da identificação do mecanismo psíquico tí-

---

<sup>10</sup> Diz-se que ao chegar em Paris para sua temporada de estudos com Charcot seu tema escolhido era a anatomia do sistema nervoso, e ao deixá-la seu interesse estava voltado para os problemas ligados à histeria e à hipnose. Cf., p. ex., o comentário introdutório de Strachey a FREUD (1956a [1886]).

<sup>11</sup> Referimo-nos a FREUD 1895b, 1895c e 1896a.

<sup>12</sup> Exemplo do procedimento freudiano poder-se-ia considerar o caso *Anna O.*, tomado

pico e do processo causal, e não meramente pela semelhança na sintomatologia, viriam a ser propostos quadros nosográficos alternativos àqueles até então aceitos no meio médico. Em suma, a orientação freudiana traduziria o abandono da perspectiva tradicional, baseada na anatomia, para a construção de uma teoria funcional.

Identificados os traços básicos da “metodologia freudiana” presente no trabalho de inovação nosográfica, restava-nos a busca pelos pressupostos filosóficos e epistemológicos que a alicerçavam, sobretudo porque a perspectiva de Freud ultrapassava os limites descritivos impostos pela concepção charcotiana. O solo epistemológico no qual estaria fundada a metodologia de Freud pôde ser localizado nos textos do filósofo britânico John Stuart Mill, em particular em *A System of Logic* [Um sistema de lógica, daqui por diante *System*], no qual se encontra uma homologia surpreendente entre a teoria milliana da classificação e as idéias de Freud presentes em seu trabalho de inovação nosográfica. Neles pode-se ler com toda clareza as considerações de Mill sobre a noção de “tipo” e sua definição pelas causas, que poderiam ser usadas para justificar e fundamentar não apenas a atividade nosográfica realizada por Freud, mas, também, a intenção teórico-científica que lhe orientava. Aliás, deriva dessa possibilidade a nossa inclinação para o estudo dos pressupostos nos quais estaria assentada a atividade nosográfica de Freud; isto é, não apenas pela importância prática – diagnóstica e terapêutica – da reclassificação proposta por ele, cujos quadros ocupam até hoje lugar de destaque na nosografia psiquiátrica; como também pela importância epistemológica subjacente a essa atividade, na medida em que acreditamos que a classificação ou reclassi-

---

como paradigmático por ele, na medida em que generaliza os resultados obtidos por Breuer para todos os demais casos de histeria; função idêntica teria tido o “sonho de injeção de Irma” na elaboração de *Die Traumdeutung* [A interpretação dos sonhos].

ficação dos fenômenos sob investigação deve ser sempre orientada por pressupostos epistemológicos, além de ontológicos. Pode, assim, ser considerada uma intenção colateral do presente estudo, mostrar que a atividade de inovação nosográfica de Freud expressaria uma reelaboração lógica e profunda no entendimento dos fenômenos psíquicos. Em outras palavras, que sob a proposição de uma nova classificação das doenças, Freud procuraria mostrar a inadequação dos conceitos da ciência médica vigente e os limites da linguagem científica então corrente.<sup>13</sup>

Nosso estudo sobre a possível influência das idéias de Stuart Mill não se deu, porém, de modo imediato e fácil; ao contrário, resultou de incursões pelo domínio da fisiologia alemã do século dezenove. Motivados inicialmente por Michael Schröter, que em seu artigo intitulado *Um diálogo científico entre Freud e Fließ: o projeto de estudo sobre a neurastenia*, publicado em 1988, mostrou que a tendência metodológica que visava o caso único já se encontrava presente desde o primeiro trabalho do jovem Freud no campo da zoologia e da anatomia comparada, publicado quando ainda era estudante, em 1877,<sup>14</sup> passamos a investigação do período de formação do pai da psicanálise.

---

<sup>13</sup> “O reconhecimento de novos fatos requer o desenvolvimento de novos conceitos e meios de relacioná-los. Novos fatos necessitam de novos conceitos para sua apreciação.” (ENGELHARDT, 1973, p. 138)

<sup>14</sup> “... uma única observação certa sobre alguma relação anatômica já seria suficiente para uma generalização desta descoberta, que a estenda ... a todos os animais dessa classe.” (FREUD, *Über den Ursprung der hinteren Nervenwurzeln im Rückenmarke von Amocoetes (Petromyzon Planeri)* [1877], *apud* REICHENEDER, *Zum Konstitutionprozess der Psychoanalyse* [1985], p. 11, *apud* SCHRÖTER, *op. cit.*, p. 113, n. 1) Na mesma nota, continua Schröter: “É, portanto, incontestável que o impulso, já identificável nesta primeira publicação, que o leva a ver os aspectos típicos do caso individual e a utilizá-lo para a teoria, é uma característica pessoal de Freud, que determina também sua obra posterior.” Não custa observar que o propósito central de Schröter é mostrar, a partir da descoberta de um projeto de investigação comum entre Freud e Fließ, as diferenças de enfoque entre ambos os pesquisadores no que se refere ao tratamento dos dados provenientes da observação clínica: tratamento intensivo, pelo primeiro, tratamento

À primeira vista tudo se passava, como talvez dissessem aqueles que “lêem (com) Freud,” como se a experiência parisiense não tivesse servido senão de uma espécie de momento do “retorno do recalcado.” Isto é, de acordo com Schröter, poder-se-ia dizer que havia presente em Freud uma preocupação metodológica muito anterior ao encontro com Charcot, oriunda dos anos de formação em medicina.<sup>15</sup>

Propusemo-nos, então, a tarefa de examinar alguns textos relacionados à fisiologia alemã da época, na tentativa de localizar neles possíveis pressuposições metodológicas nas quais o jovem Freud poderia estar se apoiando. Lamentavelmente, as dificuldades em se obter bibliografia adequada impossibilitaram o aprofundamento dos estudos nessa direção. Esse trabalho inicial não foi, porém, em vão; E. M. Radl, em sua obra intitulada *Geschichte der biologischen Theorien* [História das teorias biológicas], publicada em 1909, proporcionou-nos o elo de ligação, a partir do qual pudemos continuar nosso trabalho de forma consistente. Esse texto dedicado à história da biologia foi uma das raras obras que primeiro nos informou acerca do papel exercido pelas idéias de John Stuart Mill sobre a formação de fisiologistas alemães durante o século dezanove, em especial sobre Hermann von Helmholtz e os cientistas que o cercavam.

Paralelamente, a leitura de suas cartas de juventude, *Jugendbriefe an Eduard Silberstein 1871-1881* [Cartas de juventude a Eduard Silberstein

---

extensivo, pelo segundo. Schröter termina por mostrar em Freud um espírito científico teorizador que supera em muito o enfoque quantitativo-descritivista de Fließ.

<sup>15</sup> Em relação a esse primeiro escrito de Freud, cabe, ainda, notar o comentário feito por ele próprio cerca de cinquenta anos mais tarde: “É uma exigência severa à integridade da personalidade tentar fazer com que eu me identifique com o autor do artigo sobre os gânglios espinhais dos petromizontes. No entanto, devo ser ele, e creio haver ficado mais feliz com aquela descoberta do que com outras feitas desde então.” (Carta de Freud a Karl Abraham, 21 de Setembro de 1924; *apud* SACHS, *op. cit.*, p. 197)

1871-1881, daqui por diante *Jugendbriefe*], revelava-nos, além de um voraz leitor de escritores britânicos, precisamente um admirador dos cientistas da chamada escola de medicina de Helmholtz.<sup>16</sup> Sua correspondência revelou-nos ainda que, ao contrário do Freud maduro, crítico radical das pretensões filosóficas,<sup>17</sup> o jovem Freud estava profundamente interessado na filosofia. Embora na época em que freqüentava a universidade de Viena as disciplinas filosóficas tivessem sido excluídas do currículo dos estudantes de medicina, Freud participou, durante quatro semestres, dos seminários de filosofia dirigidos por Franz Brentano.<sup>18</sup> Mais do que isso, Freud teria cogitado doutorar-se também em filosofia.<sup>19</sup> Brentano com sua perspectiva filosófica

---

<sup>16</sup> De acordo com Bernfeld, a Escola de Helmholtz era formada inicialmente por um grupo privado de cientistas imbuídos de um espírito de cruzada científica, de cuja ampliação teria sido instituída a *Berliner physikalische Gesellschaft* [Sociedade fisicalista de Berlim]. Seus membros mais ilustres teriam sido Hermann von Helmholtz, Emil Du Bois-Reymond, Carl Ludwig e aquele que se tornaria o mentor de Freud no laboratório de fisiologia da Universidade de Viena, Ernst Brücke. “Brücke e eu empenhamos um solene juramento a fim de tornar dominante esta verdade: ‘Nenhuma outra força senão a físico-química comum está em atividade no organismo. Para aqueles casos que não puderem ser explicados na ocasião por meio dessas forças, deve-se, ou procurar o modo específico ou forma de sua ação por meio do método físico-matemático, ou assumir forças novas equivalentes em dignidade às forças físico-químicas inerentes à questão, redutíveis à força de atração e repulsão.’” (DU BOIS-REYMOND *apud* BERNFELD, *op. cit.*, p. 171) Cumpre observar, no entanto, que Hemecker (*op. cit.*, p. 25), apoiado nos estudos de Erna Lesky, contesta a opinião de Bernfeld, afirmando ser sua reconstrução inadequada ao estado de coisas histórico: “os ditos membros da *Berliner physikalische Gesellschaft* não mantinham entre si nenhum tipo de relação professor-aluno.” Cf. também Sulloway, 1979, p. 65-6: *The Helmholtz School of Medicine: Fact and Fiction* [A Escola de medicina de Helmholtz: fato e ficção].

<sup>17</sup> Cf., a propósito, Raikovic (1994), especialmente o capítulo 1, intitulado “A polêmica antifilosófica de Freud.”

<sup>18</sup> “Freud freqüentou durante quatro semestres conferências e seminários ministrados por Brentano, cuja *Psychologie vom empirischen Standpunkt* [Psicologia do ponto de vista empírico] à época já havia sido publicada ...” (HEMECKER, *op. cit.*, p. 11)

<sup>19</sup> “Por ora, a novidade que amadureceu em mim, sobretudo sob a influência de Brentano, a decisão de obter o doutorado de filosofia com base na filosofia e na zoologia; outras negociações estão em curso a fim de efetivar minha entrada na faculdade de filosofia, ou no próximo semestre, ou no próximo ano.” (FREUD, 1989, p. 109, carta de 7 de

cientificista teria exercido papel importante na formação acadêmica vienense na segunda metade do século dezenove, sendo objeto atualmente de numerosas pesquisas que tentam inseri-lo na origem de uma linhagem filosófica que poderia ser denominada “filosofia austríaca,” cujas ressonâncias encontrar-se-iam na Filosofia Analítica atual.<sup>20</sup>

Também sabíamos que fora através da intermediação de Brentano que Freud realizou a tradução de alguns textos de John Stuart Mill,<sup>21</sup> um dos poucos filósofos a constar das referências explícitas em sua obra, nomeadamente em *Zur Auffassung*, de 1891. Como se sabe, nesse lugar, como fonte das noções fundamentais de sua teoria sobre a afasia, Freud remete o leitor a duas das principais obras filosóficas de Mill: *System* e *An examination*. De fato, encontrar-se-iam nesses textos certas concepções filosóficas que estariam na raiz da noção freudiana de *Objectvorstellung*, ou representação de objeto, e justificariam a remissão de Freud às suas obras.

A biografia intelectual de Freud apresenta-se, portanto, por pelo menos duas vezes interceptada pelas idéias do filósofo britânico, fato este de modo algum extraordinário se desde já levarmos em conta as preliminares oferecidas por Radl, segundo as quais as idéias de Mill teriam desempenhado papel deci-

---

março de 1875) Embora permeada pelo ímpeto peculiar à juventude, a leitura de *Jugendbriefe* permite esclarecer passagens pouco claras presentes na correspondência da maturidade: “Eu vejo que através do desvio para a medicina você alcançou seu primeiro ideal, compreender os homens pela fisiologia, assim como eu alimentava em segredo a esperança de, pelo mesmo caminho, chegar ao meu objetivo inicial, a filosofia.” (FREUD, 1985c, p. 165; Carta a Fließ, de 1. Jan. 1896)

<sup>20</sup> Cf., p. ex., Barry Smith, *The Legacy of Franz Brentano* [O legado de Franz Brentano], que defende a especificidade dessa corrente filosófica e discute a obra daqueles filósofos que seriam seus herdeiros. Cf. também Rudolf Haller, *Questões sobre Wittgenstein*.

<sup>21</sup> “Eu sei que eu fui recomendado para o seu pai [Theodor Gomperz] por Franz Brentano. Em uma festa seu pai ... mencionou que estava procurando por um tradutor, e Brentano, de quem eu ainda era ou havia sido aluno nos primeiros anos, citou meu nome.” Carta de Freud a Heinrich Gomperz, 9 de Junho de 1932. (*Apud* BERNFELD, 1949, p. 190)

sivo na transição da *Naturphilosophie* para a *Naturwissenschaft* e poderiam estar, portanto, no âmago da constituição da ciência alemã durante o século dezenove; o que explicaria sua assimilação não apenas por Helmholtz, mas também por aqueles personagens importantes que compunham o círculo de formação do jovem Freud, como Brücke, Meynert, Exner e o próprio Brentano. Somente depois de explicitado o alcance da influência exercida pelas idéias de Mill sobre a formação dos cientistas e filósofos de orientação científica de língua alemã é possível começar a reconhecer o sentido das referências de Freud às suas obras no texto sobre a afasia e compreender a afinidade entre certas idéias freudianas e a tradição britânica, que se depreende das leituras dos escritos freudianos dos anos noventa.

Além dos novos indícios lançados pelos resultados de nossa reconstrução, é com o estudo de *Zur Auffassung* que acreditamos poder reforçar as indicações apresentadas inicialmente. É entre os numerosos autores estrangeiros arrolados nesse texto que podemos encontrar o outro autor britânico, cujas idéias permitem-nos compreender melhor o sentido do empreendimento metodológico de Freud e sua importância para a definição do estatuto da metapsicologia e a demarcação do campo e objeto psicanalíticos. Trata-se daquele que é considerado o fundador da neurologia britânica: John Hughlings Jackson, o autor chave arrolado por Freud na construção de sua teoria da linguagem e do funcionamento do cérebro, ao lado do qual consolida sua crítica e recusa da teoria hegemônica, defendida por Meynert, Wernicke e outros. Embora raramente citado fora do texto sobre a afasia,<sup>22</sup> nas idéias de Hughlings Jackson

---

<sup>22</sup> Até onde sabemos, referências indiretas a Hughlings Jackson aparecem em FREUD (1893h, p. 192), lugar em que elogia a observação de que a palavra seja um substituto da ação; também na carta a Fließ de 6.12.1896, na qual relaciona sua mais nova hipótese de um psiquismo estratificado com o texto de 1891; e em uma nota de 1914,

parece encontrar-se parte muito significativa das referências nas quais Freud se orienta em suas formulações sobre a estrutura e a dinâmica do psiquismo no período nascente da psicanálise. Nos textos do médico britânico apresenta-se uma concepção radicalmente diferente sobre o papel dos princípios localizacionistas e do funcionamento do cérebro, na qual Freud teria encontrado a base segura para sustentar sua crítica às idéias localizacionistas dominantes e começar a formular alguns dos conceitos nucleares de sua metapsicologia, consolidando assim a mencionada transição, de uma teoria fundada na anatomia do sistema nervoso para uma teoria funcional. Em seus textos podemos encontrar também, p. ex., hipóteses sobre a noção de inconsciente, aplicadas de forma surpreendentemente semelhante à de Freud; considerações estas que, embora diretamente implicadas na concepção jacksoniana do funcionamento do cérebro e das perturbações mentais em geral, curiosamente não são sequer assinaladas por Freud em nenhuma de suas referências ao autor britânico. Mas, de maior importância para nosso trabalho são precisamente as idéias metodológicas de Hughlings Jackson, alicerçadas pelas de Stuart Mill, que parecem indicar com certa segurança a matriz fundamental da qual deriva a metodologia freudiana e permite-nos começar a compreender de maneira nova o estatuto científico e o alcance da metapsicologia erigida por Freud.

\* \*

Quanto à exposição, optamos por manter sua ordem bastante próxima à ordem da descoberta, por assim dizer, que é mais ou menos a acima descrita na construção e no desenvolvimento do problema da pesquisa. Decidimos di-

---

aduzida em *Die Traumdeutung* a partir das indicações de Jones. Nesta última pode-se ler: "Hughlings Jackson dissera: 'Encontrem a essência do sonho e vocês terão encontrado tudo o que se pode saber sobre a loucura [Irresein].' ('Find out all about dreams and you will have found out all about insanity')." (FREUD, 1900a, p. 542, n. 2; texto entre parênteses em inglês, no original)

vidi-la em duas partes: a primeira é dedicada a apresentar numerosos indícios da relação entre Freud e Stuart Mill; a segunda trata de mostrar a relação entre Freud e Hughlings Jackson. Entre ambas incluímos uma espécie de excuroso que, ao mesmo tempo em que tenta complementar e consolidar a parte inicial, visa servir de elemento de ligação com o tema desenvolvido na segunda parte. Abrimos nosso trabalho com a introdução daquilo que denominamos metodologia freudiana, explicitada a partir dos textos de Freud relacionados a Charcot e à experiência parisiense. O objetivo aqui é sugerir como o método charcotiano pode ter sido aproveitado por Freud em suas elaborações iniciais, particularmente em sua atividade de inovação nosográfica. Em seguida, tentamos mostrar que, embora o impulso inicial possa residir em Charcot, Freud o ultrapassa, na medida em que não se limita apenas ao plano descritivo como o médico parisiense, mas que sua concepção etiológica e sua pretensão explicativa o impulsionam à busca das causas das neuroses. No terceiro capítulo, levantamos diversos indícios com o objetivo de sugerir como a inovação nosográfica realizada por Freud estaria relacionada a certas idéias concebidas por Stuart Mill em sua teoria da ciência.

Com o intuito de tornar mais plausível a relação sugerida no capítulo anterior, no excuroso, introduzido como apêndice à primeira parte, é sugerida uma possível reconstrução do itinerário percorrido pelas idéias de Stuart Mill até chegar ao círculo de formação do jovem Freud. Acreditamos que sua leitura seja importante como peça para compreender o papel exercido pelas idéias do filósofo britânico não apenas para o florescimento de concepções filosóficas de tendência cientificista como a de Brentano, p. ex., mas, também, para os fundadores da ciência alemã durante a segunda metade do século dezenove. As idéias de Mill encontravam-se tanto entre aqueles cientistas cultu-

ados pelo jovem Freud, como Helmholtz e os membros da Escola de Berlim, como também entre aqueles que compunham o círculo de professores responsáveis pela sua formação em medicina, em especial Meynert e Exner. É nesse contexto que as idéias de Mill teriam se tornado familiares para Freud, desde a tradução de alguns textos do filósofo, realizada em sua juventude, e a leitura de *System* e *An examination*, até a citação dessas obras como fonte de uma das noções mais importantes presentes no texto escrito em 1891. Nessa parte do trabalho, acreditamos que haja indícios suficientes para começarmos a reconhecer com certa clareza a importância das idéias de origem britânica e as apropriações feitas por Freud.

Na segunda parte do trabalho, o capítulo 4 é dedicado à discussão do lugar ocupado por Hughlings Jackson e suas idéias na construção da concepção freudiana das afasias, desde o verbete redigido para o manual de Villaret, de 1888, até *Zur Auffassung*, de 1891. O objetivo é mostrar como as idéias de Jackson podem ter sido familiares a Freud talvez antes, mas especialmente durante e depois do contato com a metodologia de Charcot e suas preleções sobre o problema da afasia.<sup>23</sup> Muito cedo teriam sido assimiladas por Freud, e em 1891 utilizadas por ele como os principais recursos em sua crítica às idéias localizacionistas de Meynert e Wernicke, então hegemônicas no meio médico. O capítulo 5 entra propriamente na discussão da concepção jacksoniana da afasia e das hipóteses que a sustentam, como a de evolução, dissolução, inconsciência e estratificação do sistema nervoso. Tentamos mostrar aqui como essas mesmas hipóteses podem encontrar-se na base das considerações metap-

---

<sup>23</sup> “Seria de grande interesse saber exatamente como e quando Freud descobriu o trabalho do neurologista inglês Hughlings Jackson, que, de maneira muito silenciosa, obstinada e persistente, vinha desenvolvendo uma visão evolutiva do sistema nervoso sem se deixar impressionar pelo frenesi localizacionista que o cercava.” (SACHS, *op. cit.*, p. 200)

sicológicas de Freud, como a de processos primários e secundários, inconsciente, regressão, ou mesmo a hipótese fundamental de uma estratificação do psiquismo. O último capítulo é dedicado à apresentação das idéias metodológicas do neurologista britânico, suas semelhanças e diferenças em relação às de Charcot e sua afinidade com as de Mill e Freud. Em relação aos capítulos precedentes, e em particular ao último, optamos por introduzir alguns dados acerca da biografia intelectual de Jackson, com a finalidade de tentar reconstruir algumas das influências sofridas por ele em sua formação filosófica e científica. No entanto, devido a dificuldades em se obter os textos originais, parte considerável dos dados aí apresentados tiveram que ser baseados em literatura secundária (e dada à raridade de estudos dedicados à sua vida e obra, em um número limitado deles). Apesar disso, parece-nos importante começarmos a compreender um pouco do contexto dessas influências, não só porque esclarece muito das semelhanças e diferenças em relação às idéias de Charcot, mas, porque torna evidente como a questão do método estava na ordem do dia entre os teóricos da medicina britânica. Sobretudo, vem reforçar as indicações aqui apresentadas, de modo que parece ser mesmo o horizonte da filosofia e da ciência médica britânicas aquele para o qual Freud teria se voltado e buscado parte considerável das pressuposições necessárias para basear sua metodologia e justificar seu empreendimento metapsicológico.

\* \* \*

Por fim, alguns esclarecimentos a propósito da apresentação do trabalho. Tanto no corpo do texto, como em algumas notas de rodapé, termos ou expressões estrangeiras são oferecidas entre colchetes sempre que julgamos conveniente. Quanto às citações, exceto em alguns casos, como os de Assoun, Bernard e Radl, p. ex., que foram citados a partir de suas obras já vertidas para

o português ou espanhol, para todas as demais citações, diretas e indiretas, introduzidas no corpo do trabalho, oferecemos em notas de rodapé a versão original correspondente. Apenas as de Charcot foram retiradas da edição alemã de suas obras; mesmo assim, dada à raridade e a dificuldade em se obter os originais em francês, optamos por também apresentar o texto em alemão nas respectivas notas, uma vez que não deixam de se constituir em documentos históricos importantes, pois vertidos pela pena de Freud. Quanto às demais notas de rodapé, dado seu caráter secundário, as citações nelas introduzidas são apresentadas apenas em português. Em todos os casos a tradução foi feita por nós e é, portanto, de nossa inteira responsabilidade.



**Primeira Parte:**  
**Freud e Stuart Mill**



## Capítulo I

### *A nosografia nos primórdios da psicanálise: Prolegômenos a uma metodologia freudiana*

“Distribuição metódica das doenças por classes, ordens, gêneros e espécies,” assim Littré define o verbete “nosografia” em seu *Dictionnaire de Médecine* [Dicionário de medicina].<sup>24</sup> É precisamente sobre a problemática da classificação das enfermidades neuróticas que versa boa parte dos artigos publicados por Freud nos anos 1895-96.<sup>25</sup> Trata-se da apresentação dos resultados do trabalho de redefinição dos quadros nosográficos, a partir daqueles até então vigentes no meio médico, desenvolvido por Freud desde os primeiros estudos relacionados às neuroses. Na origem desse esforço parece estar Charcot e a influência exercida por ele sobre Freud.<sup>26</sup> Dessa experiência cabe ressaltar aquilo que ele próprio considera mais importante do que o aprendizado auferido com a realização prática de exames clínicos sob a supervisão de Charcot, as inspirações decorrentes da convivência com o médico de Salpêtrière.

---

<sup>24</sup> Estamos utilizando a vigésima primeira edição, de 1908.

<sup>25</sup> Cf. nota 11.

<sup>26</sup> Cf. nota 10.



Eu tive assim a chance de observar um grande número de doentes, de examiná-los eu mesmo e de ouvir o julgamento de Charcot sobre eles. No entanto, de mais alto valor que esse ganho positivo em experiência, parece-me ser as inspirações que angariei das constantes relações científicas e pessoais com o Prof. Charcot durante os cinco meses que passei em Paris.<sup>27</sup>

### 1. Um novo referencial metodológico: Charcot e o *type*

Do ponto de vista metodológico, um dos motivos apresentados por Freud em relação à escolha por Paris e Charcot consiste no reconhecimento de que não podia mais esperar aprender algo de essencialmente novo em universidades de língua alemã.<sup>28</sup> Ao contrário destas, a escola francesa parecia oferecer muitas novidades resultantes principalmente da abordagem adotada por eles. De acordo com Freud, os resultados positivos obtidos por Charcot na investigação do fenômeno histérico estariam diretamente relacionados à sua metodologia de trabalho, que estabelecia como passo inicial a identificação do caso mais extremo, denominado “tipo.” O procedimento adotado por Charcot foi descrito em diversos lugares.<sup>29</sup> Segundo ele, a sua maneira de trabalhar

---

<sup>27</sup> “Ich hatte so Gelegenheit, eine große Reihe von Kranken zu sehen, selbst zu untersuchen und Charcots Urteil über dieselben zu hören. Von höherem Werte aber als dieser positive Gewinn an Erfahrung scheint mir die Anregung zu sein, welche ich während der fünf in Paris verbrachten Monate aus dem beständigen wissenschaftlichen und persönlichen Verkehr mit Prof. Charcot geschöpft habe.” (FREUD, 1956a [1886], p. 38/9)

<sup>28</sup> “Endlich aber mußte ich mir sagen, daß ich nicht erwarten durfte, an einer deutschen Hochschule wesentlich Neues zu lernen, nachdem ich in Wien die mittelbare und unmittelbare Unterweisung der Herren Prof. Th. Meynert und H. Nothnagel genossen hatte.” (1956a [1886], p. 34)

<sup>29</sup> Cf., além do texto mencionado imediatamente acima, FREUD (1892-94) e (1893f).

consistia em “olhar” várias vezes as coisas que não conhecia, de modo a reforçar dia a dia a impressão que estas lhe causavam, até discernir alguma ordem no caos que aparentava a recorrência de alguns sintomas sempre iguais.

... Surgiam os novos quadros nosográficos, singularizados pela ligação constante de certos grupos de sintomas; os casos mais completos e extremos, os “tipos,” deixavam-se realçar com o auxílio de um certo tipo de esquematização, e a partir dos tipos o olho mirava a longa série dos casos mais difusos, as *formes frustes*, que por algum traço característico do tipo perdiam-se na indistinção.<sup>30</sup>

Obtido o quadro reconhecido como típico este era utilizado como referência, orientando o trabalho de descrição e classificação dos demais quadros, constituindo uma escala ou série na qual tais quadros eram dispostos gradualmente, do *type* às *formes frustes*.<sup>31</sup> O passo seguinte, de acordo com o procedimento anátomo-clínico, há muito praticado por Charcot na diagnose das doenças pu-

---

<sup>30</sup> “... es ergaben sich die neuen Krankheitsbilder, gekennzeichnet durch die konstante Verknüpfung gewisser Symptomgruppen; die vollständigen und extremen Fälle, die “Typen,” ließen sich mit Hilfe einer gewissen Art von Schematisierung hervorheben, und von den Typen aus blickte das Auge auf die Lange Reihe der abgewächten Fälle, der *formes frustes*, die von dem oder jenem charakteristischen Merkmal des Typus her ins Unbestimmte ausliefen.” (FREUD, 1893f, p. 22)

<sup>31</sup> O quadro típico mais completo foi denominado *Grande Hystérie*, e teria sido minuciosamente caracterizado por Charcot como o desenrolar sucessivo de manifestações de caráter dramático, desde a fase inicial, na qual ocorreria uma espécie de aura, que anunciaria o ataque histérico, até a fase caracterizada por risos e choros, passando por uma fase de perda de consciência e rigidez muscular, além da fase propriamente histérica de movimentos violentos. Ultrapassa o escopo deste trabalho a discussão das repercussões decorrentes das concepções de Charcot, sobretudo as críticas de adestramento de histéricas lançadas, entre outros, por Bernheim e a Escola de Nancy. Cf., p. ex., TRILLAT (1990).

ramente orgânicas,<sup>32</sup> consistia em demonstrar as alterações anatômicas mórbidas presentes na base daqueles quadros de sintomas.

Segundo Freud, ainda, o emprego de conceitos como *série, type, formes frustes* etc. constituía a principal característica da maneira francesa de fazer clínica. A maneira alemã estava alheia a essa abordagem. Nela, o quadro clínico, o *type*, não desempenhava nenhum papel orientador na investigação, ao contrário, os adversários alemães [die deutschen Gegner] iniciavam pelas formas indistintas e complicadas, o que dificultava até mesmo a obtenção de um diagnóstico satisfatório; além disso, complementa Freud, evidenciava-se a tendência a interpretar fisiologicamente o estado patológico e o nexos entre os sintomas.<sup>33</sup> Por isso, para um médico como ele, formado na escola fisiológica alemã,<sup>34</sup> parecia inegável que, ao colocar o ponto de vista fisiológico em segundo plano, a observação clínica dos franceses ganhava em autonomia [Selbständigkeit]; ademais, observa, ela não supunha nenhuma omissão, senão uma exclusão deliberada, que julgava conveniente, em suma, uma decisão metodológica.

---

<sup>32</sup> “Es ist allgemein bekannt, welche Erfolge diese anatomisch-klinische Methode Charcots auf dem Gebiete der organischen Nervenkrankheiten ... erzielte.” (FREUD, 1893f, p. 24)

<sup>33</sup> “Der deutschen Art ist eine solche Betrachtungsweise eigentlich fremd; das Krankheitsbild, der Typus spielen hier keine Hauptrolle, dagegen tritt ein anderer Zug hervor, der sich aus der Entwicklungsgeschichte der deutschen Kliniker erklärt, die Neigung zur physiologischen Deutung des Krankheitszustandes und des Zusammenhanges der Symptome.” (FREUD, 1892-94, p. 155) De fato, não é por acaso que no mesmo ano em que Freud publica esta sua segunda tradução de Charcot, é publicado em Viena o livro do assistente de Brücke, no laboratório de fisiologia, Sigmund EXNER, *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinung* [Projeto de uma explicação fisiológica dos fenômenos psíquicos].

<sup>34</sup> “Wir waren einmal eine kleine Schar von Fremden beisammen, die, in der deutschen Schulphysiologie aufgezogen ...” (FREUD, 1893f, p. 23)

Eu faço a morfologia patológica, faço até mesmo um pouco a anatomia patológica, mas não faço a fisiologia patológica; eu espero que algum outro a faça.<sup>35</sup>

Em nota a essa passagem do texto, Strachey observa que Freud teria seguido o método francês.<sup>36</sup> A propósito, é o que tentamos desenvolver nesses prolegômenos. Contudo, como veremos no que se segue, além da fisiologia colocada desde já em segundo plano por Charcot, a crítica de Freud recairá fundamentalmente sobre a interpretação anatômica e seus desdobramentos intrínsecos, isto é, não só a demonstração da alteração mórbida em jogo, mas também a exigência de se comprovar a sua localização em alguma região do córtex cerebral.<sup>37</sup> A demonstração das contradições e falácias presentes na concepção localizacionista dominante permitirá a Freud lançar as bases para a construção de uma teoria funcional, inicialmente, para a histeria e afasia, posteriormente, para todas as demais perturbações psiconeuróticas.

## 2. A situação da nosografia

Além da histeria, trazida para o âmbito da ciência da época através dos trabalhos de Charcot, outro quadro nosológico corrente no meio médico era a

---

<sup>35</sup> “Je fais la morphologie pathologique, je fais même un peu l’anatomie pathologique; mais je ne fais pas la physiologie pathologique, j’attends que quelqu’un autre la fasse.” (CHARCOT, *apud* FREUD, 1892-94, p. 155; em francês, no original)

<sup>36</sup> “Es sei angemerkt, daß Freud, zumal in seinen frühen klassifizierenden Arbeiten, selbst weitgehend der französischen Methode folgte. S. insbesondere seine erste Studie über Angstneurose (1895b[1894]).” (Cf. FREUD, 1892-94, p. 155, n. 2)

<sup>37</sup> “Die pathologische Anatomie hat für die Neuropathologie zweierlei zu leisten: neben dem Nachweis der krankhaften Veränderung die Feststellung von deren Lokalisation ...” (FREUD, 1893f, p. 25)

neurastenia. Isolada pelo americano George Miller Beard, o quadro da neurastenia, como a própria denominação indicava, era caracterizado por uma astenia, uma fadiga de origem nervosa e sintomas dos mais diversos registros.<sup>38</sup> Para SCHRÖTER (1988, p. 111), na situação encontrada por Freud, os distúrbios sem fundamento anatômico conhecido eram agrupados nestes dois grandes quadros de acordo com a forma de expressão manifesta. Estes dois quadros, porém, freqüentemente se interpenetravam e havia médicos que se recusavam a aceitar *a priori* a distinção entre eles.<sup>39</sup>

Freud, portanto, muito cedo constatou a extensão excessiva dos quadros nosográficos vigentes que, em sua amplitude, circunscreviam sintomas os mais variados. De fato, para ele, o instrumental nosográfico existente, demasiado amplo e associado à limitação do fator etiológico de maior ressonância nos meios médicos – a hereditariedade –, dificultava principalmente uma atuação terapêutica eficiente sobre o sofrimento de seus pacientes. É precisamente com vistas a alcançar uma maior eficácia terapêutica que Freud inicia o trabalho de redefinição dos diferentes quadros de neurose, o que o leva a uma inovação nosográfica. Nessa empreitada, a inspiração charcotiana parece patente.

Diferentemente de Charcot, no entanto, Freud não se limita meramente a reescrever o quadro típico, mas procura sempre buscar a explicação típica, por assim dizer. Embora realize trabalhos de caráter nosográfico, não se restringe pura e simplesmente ao plano das manifestações superficiais da doença,

---

<sup>38</sup> “Maladie caractérisée par un mélange de phénomènes de dépression et d’excitation, *sans lésion organique appréciable ...*” (LITTRÉ, *op. cit.*, p. 1112; itálicos nossos) TRILLAT (*op. cit.*) esclarece ser esta uma “correção” introduzida nas reedições do *Dictionnaire* de Littré, decorrente do enfraquecimento da visão localizacionista. Até o final do século dezenove o verbete caracterizava a neurastenia como resultante de lesão orgânica.

<sup>39</sup> Löwenfeld, contemporâneo e crítico de Freud, era um deles. (Cf. SCHRÖTER, *ibid.*, p. 111, n. 2)

aos sintomas, como Charcot; ao contrário, aprofunda-se e procura compreender sua etiologia e conhecer seu mecanismo de produção. Em outros termos, em Freud, é o “mecanismo típico” que justifica a unificação dos diversos sintomas manifestos em um mesmo grupo e dá forma a um quadro nosográfico singular.

Assim, os trabalhos desenvolvidos nos primórdios da psicanálise são marcados por uma metodologia que visa reconhecer o caso típico, encontrar o *type*.

Em 1886, depois que retornei de um período de estudos junto a Charcot, comecei, em constante acordo com Breuer, a realizar observações detalhadas em uma grande série de doentes histéricos e a examiná-los de acordo com essa orientação; achei que *o comportamento daquela primeira paciente era, de fato, um comportamento típico e que as inferências que esse caso autorizava podiam ser estendidas para uma grande série, senão para a totalidade dos histéricos.*<sup>40</sup>

### 3. O mecanismo psíquico da histeria

Assim é que, desde a adoção do método catártico, idealizado por Breuer, foi possível identificar, a partir da recondução do sintoma histérico à

---

<sup>40</sup> “Nachdem ich im Jahre 1886 von einem Studienaufenthalt bei Charcot zurückgekehrt war, begann ich, in stetem Einvernehmen mit Breuer, eine größere Reihe von hysterischen Kranken genau zu beobachten und nach dieser Richtung hin zu untersuchen, und fand, daß *das Verhalten jener ersten Patientin in der Tat ein typisches war und daß die Schlüsse, zu welchen dieser Fall berechtigte, auf eine größere Reihe, wenn nicht auf die Gesamtzahl der Hysterischen übertragen werden dürfen.*” (FREUD, 1893h, p. 186; itálicos nossos)

sua origem, o mecanismo psíquico do fenômeno histérico, cuja denominação deu o título à primeira publicação conjunta, *Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung* [Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: comunicação preliminar, daqui por diante *Vorläufige Mitteilung*]. A tese central dessa comunicação era a de que o sintoma histérico teria como causa representações de vivências afetivamente intensas, diante das quais, por algum motivo, uma adequada reação teria sido impossibilitada. O histérico padeceria de recordações que corresponderiam a traumas psíquicos incompletamente “abreagidos.”<sup>41</sup>

As condições identificadas na gênese do trauma psíquico poderiam ser basicamente de duas ordens: ou fariam referência à natureza da vivência, ou à natureza do estado psíquico no qual uma vivência ocorreu. No primeiro caso incluir-se-iam aquelas vivências diante das quais a impossibilidade de reação estaria dada *a priori*, p. ex., a perda irreparável da pessoa amada; seriam incluídas aqui também aquelas vivências diante das quais o indivíduo não quis reagir, lembranças que seriam dolorosas para a pessoa, representações de

---

<sup>41</sup> “... diese Erinnerungen Traumen entsprechen, welche nicht genügend ‘abreagiert’ worden sind.” (BREUER & FREUD, 1893, p. 34; itálicos no original) A idéia de um “trauma psíquico” na gênese do sintoma decorria diretamente da idéia de trauma concebida por Charcot em sua concepção da histeria traumática. Na nosografia charcotiana, a circunscrição desta teria resultado da consideração das paralisias e anestésias apresentadas por trabalhadores acidentados, em cujos acidentes ou traumas teria sido admitida a ausência de lesões neuroanatômicas. No exame desses sintomas, Charcot teria reconhecido sua identidade topográfica com as paralisias e anestésias induzidas artificialmente por hipnose em pacientes históricos. A partir dessa identidade na topografia de ambas paralisias, Charcot teria estabelecido um paralelo entre elas, a fim de demonstrar que, no caso das paralisias pertencentes à histeria traumática, o acidente ou trauma era o responsável pela produção de um estado semelhante ao estado de sonambulismo obtido artificialmente através da hipnose. Vale notar que para Charcot, o estado de sonambulismo hipnótico era considerado um segundo estado de consciência, uma *condition seconde*, obtido apenas em históricos, ou pelo menos naqueles hereditariamente predispostos. Para uma apresentação sucinta das concepções de Charcot, ver, p. ex., TRILLAT, *op. cit.*, especialmente o capítulo 6.

acontecimentos penosos que desejaria esquecer e, por isso mesmo, as reprime, inibe e sufoca de seu pensamento consciente. No segundo caso, encontrar-se-iam vivências afetivamente ínfimas que, sem possibilidade de originar qualquer trauma, adquiriam, não obstante, condições para tal, se ocorridas em momentos de particular predisposição patológica. Tais estados, denominados “estados hipnóides,” semelhantes ao estado de sonambulismo hipnótico, estariam separados e impossibilitados de manter qualquer contato com o estado de consciência normal, constituindo a base para o surgimento dos fenômenos histéricos. Estas seriam basicamente as duas condições para os distúrbios no âmbito das representações. A interseção entre ambas parecia ser possível, uma vez que os traumas psíquicos não aliviados [erledigen] pela via da reação, não o seriam tampouco mediante elaboração associativa.<sup>42</sup>

Embora os autores argumentem no sentido de tal possível conjugação entre ambas as condições,<sup>43</sup> o tratamento específico dispensado por cada um deles conduziria, inevitavelmente, a problemas na definição da etiologia do fenômeno histérico, levando a uma espécie de bifurcação conceitual. De um lado, a hipótese dos “estados hipnóides” como condição para a cisão da consciência e o conseqüente aparecimento da enfermidade, apontaria, em última instância, para uma “histeria de predisposição,” semelhante a concepção de Charcot. De outro, a hipótese dessa cisão, até então inexistente, ser produzida a partir de um trauma grave ou do esforço voluntário em reprimir e sufocar uma lembrança penosa apontaria para uma “histeria adquirida.” Portanto, hipóteses distintas levariam inevitavelmente a definições etiológicas distintas.

---

<sup>42</sup> “... daß die nicht durch Reaktion erledigten psychischen Traumen auch der Erledigung durch assoziative Verarbeitung entbehren müssen.” (BREUER & FREUD, *op. cit.*, p. 35)

<sup>43</sup> “Beiden Gruppen von Bedingungen ist aber gemeinsam ...” (*ibid.*)

Frente a tal dilema, o recurso a uma escala, ou “série,” entre ambas as condições, na qual a inclinação à dissociação e a magnitude do trauma variariam em sentido inverso, parecia restabelecer o equilíbrio entre ambas na definição da etiologia da histeria. Esse recurso, porém, não seria capaz de neutralizar as divergências resultantes da diferença de concepção entre Freud e Breuer. Contra Breuer, Freud sustentaria a primazia daquilo que denominava “tendência à defesa,” em detrimento dos “estados hipnóides,” o que o coloca no caminho de uma concepção etiológica baseada na aquisição.<sup>44</sup>

As divergências de Freud seriam decorrentes dos resultados obtidos a partir da aplicação do próprio método concebido por Breuer. Desde a adoção do método catártico, Freud encontrava dificuldades na sua efetiva utilização prática. A indução de pacientes a uma adequada reação, conforme originalmente concebida, requeria necessariamente a utilização da hipnose. Entretanto, reconhecia, pelo menos nos limites de sua destreza, nem todos os seus pacientes mostravam-se hipnotizáveis, o que impossibilitava a realização do processo de análise conforme originalmente proposto por Breuer. No relato do caso *Miss Lucy R.*, de 1892, diz ele que não era capaz de hipnotizá-la, por isso se viu obrigado a desistir da técnica do sonambulismo.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Algumas diferenças de opinião foram reconhecidas e de certo modo expostas no prefácio à primeira edição do trabalho conjunto. A esse respeito dizem: “Se em alguns lugares defendem-se opiniões diferentes e até mesmo contraditórias [widersprechende], isso não deve ser considerado como uma hesitação da concepção. Resulta das divergências naturais e justificáveis entre as opiniões dos dois observadores que concordam em relação aos fatos e às visões básicas, cujas interpretações e conjeturas, porém, nem sempre coincidem.” (BREUER & FREUD, 1895, p. 24)

<sup>45</sup> “Miß Lucy R. wurde nicht somnambul, als ich sie in Hypnose zu versetzen versuchte. Ich verzichtete also auf den Somnambulismus ...” (*ibid.*, p. 126) Outras indicações a respeito do curso que seguiram as primeiras modificações por ele introduzidas a tal método podem ser verificadas na continuação do relato do caso, e também no capítulo técnico, escrito por Freud, que encerra a obra conjunta, *Zur Psychotherapie der Hysterie* [Sobre a psicoterapia da histeria, daqui por diante *Zur Psychotherapie*]. É necessário

A modificação no método originalmente concebido por Breuer levava necessariamente, ou, antes, pressupunha, uma mudança na concepção do objeto de investigação, particularmente em sua etiologia, uma vez que o método estava diretamente relacionado à hipótese de que o sintoma histérico teria como origem estados mentais separados do estado de consciência normal, os denominados estados hipnóides; por isso a necessidade de induzir o paciente através da hipnose, única maneira de alcançar tais estados de consciência secundários e possibilitar a abreação.<sup>46</sup> Assim, a partir da modificação do método catártico, desvinculando-o da hipnose, abria-se a possibilidade de investigar os fatores etiológicos concebidos por Freud como condição para a histeria, ao mesmo tempo em que permitia a ele encaminhar-se rumo às descobertas de relações novas, a partir das quais poderá sustentar o processo de defesa como condição fundamental.

Grosso modo, perturbações históricas decorreriam da incompatibilidade na esfera das representações, originada a partir de vivências dolorosas, cujas lembranças o sujeito tenta afugentar da consciência. Contudo, diz Freud, uma vez que a representação de uma vivência foi inscrita no sistema de memória, o seu traço mnêmico não pode mais ser “apagado,” o que impede o sucesso da defesa; ou seja, a impossibilidade do propósito defensivo estaria dada *a priori*. Apesar disso, esclarece ele, restaria uma alternativa.

Equivale, porém, a uma solução aproximada dessa tarefa, se se fizer dessa representação forte uma fraca, retirar dela o

---

observar também que nesse percurso a influência das descobertas de Bernheim a propósito da sugestão exerceram papel decisivo. Cf. HONDA, 1996, capítulo 3.

<sup>46</sup> Para esclarecimentos acerca do papel da teoria em psicanálise, entendida aqui em termos bastante amplos, até mesmo como *working hypotheses*, ver abaixo, capítulo 3, nota 125. Cf., também, nota 80.

afeto, a soma de excitação com a qual ela está acometida. A representação fraca torna-se assim tão boa que não impõe qualquer exigência ao trabalho de associação...<sup>47</sup>

Assim, embora o “esquecimento” fosse considerado algo deliberado, era alcançado apenas aparentemente, resultando daí uma espécie de grupo psíquico separado. A cisão da consciência seria, portanto, adquirida e constituída secundariamente em decorrência do processo de defesa.

#### 4. O mecanismo psíquico “típico” da histeria

A identificação do mecanismo psíquico de defesa possibilitaria a Freud começar a organizar o “caos nosográfico” em que se encontravam as neuroses, a partir exatamente das considerações etiológicas e do tratamento teórico das formas que tenta isolar e circunscrever. Assim, a partir do mecanismo de defesa, estabelecido como nuclear no processo histérico, denomina inicialmente toda histeria como “histeria de defesa,” desconsiderando quadros forjados anteriormente no trabalho conjunto com Breuer, como a “histeria hipnóide” e a “histeria de retenção.” Por outro lado, além das dificuldades na efetiva apli-

---

<sup>47</sup> “Es kommt aber einer ungefähren Lösung dieser Aufgabe gleich, wenn es gelingt, *aus dieser starken Vorstellung eine schwache zu machen*, ihr den Affekt, die Erregungssumme, mit der sie behaftet ist, zu entreißen. Die schwache Vorstellung wird dann so gut wie keine Ansprüche an die Assoziationsarbeit zu stellen haben ...” (FREUD, 1894a, p. 63; itálicos no original) A hipótese psicológica que orienta esta concepção diz o seguinte: “... nas funções psíquicas pode-se distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que possui todas as propriedades de uma quantidade – embora não disponhamos de qualquer meio para mensurá-la – algo que é capaz de aumento, diminuição, deslocamento [Verschiebung] e eliminação [Abfuhr] e que se estende sobre os traços de memória das representações, algo como uma carga elétrica sobre a superfície dos corpos.” (*ibid.*, p. 74)

cação do método catártico, que o levaram a modificá-lo, também notara que, embora por sua origem sua aplicação devesse ser restrita à histeria, era possível obter bons resultados aplicando o mesmo método junto a pacientes não histéricos. Esse era o caso, p. ex., das representações obsessivas sem qualquer traço de histeria. Com efeito, a hipótese provisória era a de que o mecanismo psíquico descoberto na *Vorläufige Mitteilung* não deveria ser exclusivo da histeria. Todavia, também não considerava lícito, em razão unicamente desse mecanismo psíquico comum, reunir junto com a histeria essas outras perturbações. A alternativa diante de tais dificuldades consistia, conforme assinala, em tratar essas outras neuroses em questão como a histeria, investigar em todas elas a etiologia e o tipo de mecanismo psíquico.<sup>48</sup> Portanto, a partir do método de Breuer, modificado, passara a ocupar-se do mecanismo e da etiologia das neuroses em geral.

Como vimos, no processo de defesa o enfraquecimento de uma representação seria resultante da desvinculação de sua excitação ou afeto; mas este, desprendido da representação, observa Freud, precisaria ser empregado em outro lugar.<sup>49</sup> Seria exatamente a partir das diferentes formas de emprego, ou destinos [Schicksale] seguidos pelo afeto desprendido da representação, que emergiria cada uma das modalidades de perturbação psíquica. Aprofundando-se na elucidação do mecanismo de defesa, conclui que na histeria o afeto desviado da representação da vivência penosa seria transposto [umgesetzt] para a esfera corporal. A esse mecanismo Freud denominara “conversão” [Konver-

---

<sup>48</sup> “... riß mich endlich der Plan, alle anderen in Frage kommenden Neurosen ähnlich wie die Hysterie zu behandeln, überall nach der Ätiologie und nach der Art des psychischen Mechanismus zu forschen ...” (FREUD, 1895, p. 273)

<sup>49</sup> “Die schwache Vorstellung wird dann so gut wie keine Ansprüche an die Assoziationssarbeit zu stellen haben; die von ihr abgetrennte Erregungssumme muß aber einer andern Verwendung zugeführt werden.” (FREUD, 1894a, p. 63; itálicos no original)

sion]. Nesse processo, o afeto seria desviado da esfera psíquica para uma inervação motora ou sensorial de uma função que tivesse alguma relação, direta ou indireta, com a vivência traumática. Da falsa ligação do afeto com uma inervação originar-se-ia um sintoma corporal na forma, p. ex., de uma paralisia. Por isso, o que caracterizaria a histeria não deveria ser a cisão da consciência, mas a capacidade de converter grandes somas de excitação para a esfera corporal. Nessa aptidão psicofísica encontrar-se-ia, segundo Freud, uma parte importante da ainda desconhecida predisposição histérica.<sup>50</sup>

A característica essencial da histeria passava a ser, portanto, o processo de defesa expresso no “mecanismo de conversão,” a partir do qual seria estabelecida a conformação do quadro histérico. Em outras palavras, a conversão passava a ser o modelo, o mecanismo de defesa “típico” da histeria.

## 5. Sobre as fobias e a definição do quadro da neurose obsessiva

Outros sintomas freqüentemente encontrados em combinação com a histeria ou com a neurastenia eram as representações obsessivas e as fobias. Segundo Freud, esses sintomas não pertenceriam a neurastenia propriamente dita, nem seria justificada a afirmação de que são causados pela degeneração mental, uma vez que se encontram tanto em degenerados como em não degenerados; seriam neuroses separadas, possuiriam um mecanismo especial e uma determinada etiologia. Com isso, Freud tentava traçar os contornos de uma

---

<sup>50</sup> “Wir erkennen demnach das für die Hysterie charakteristische Moment nicht in der Bewußtseinspaltung, sondern in der Fähigkeit zur Konversion und dürfen als ein wichtiges Stück der sonst noch unbekanntes Disposition zur Hysterie die psychophysische Eigung zur Verlegung so großer Erregungssummen in die Körperinnervation anführen.” (*ibid.*, p. 65; *itálicos no original*)

nova entidade nosográfica, a neurose obsessiva [Zwangsneurose]. Nesse quadro, analogamente ao quadro da histeria, a representação tornada fraca seria excluída da associação; por sua vez, o afeto, devido à ausência da “aptidão para a conversão,” seria mantido na esfera psíquica. Assim, de acordo com a hipótese fundamental, devendo ser empregado em outro lugar, o afeto desprendido associar-se-ia a outras representações e estabeleceria ligações falsas que acabariam por se tornar representações obsessivas.<sup>51</sup> Nesse processo, o afeto liberado seria deslocado [disloziert] ou transferido [transponiert] para uma representação não incompatível, de modo que esta última apareceria como substituta da primeira. A fonte do afeto envolvido numa ligação falsa desse tipo pôde, segundo Freud, ser diretamente demonstrada como sendo de origem sexual. A substituição seria operada exatamente sobre uma representação inconciliável de natureza sexual por uma representação de conteúdo não sexual; e dessa *mésalliance*, ou ligação falsa, decorreria a incongruência observada nesses casos, nos quais o afeto se mostra injustificado à representação em questão.

Mas, nem todos os sintomas desse tipo pertenceriam ao quadro da neurose obsessiva. Freud opera, então, uma separação entre eles. Em primeiro lugar, não se incluiria aqui uma classe de obsessões muito intensas que, segundo ele, não seria outra coisa senão lembranças de acontecimentos traumáticos. Exemplo desse tipo de obsessão poderia ser aquela de que sofria Pascal, que, em decorrência de um acidente de carruagem, acreditava haver um abismo à sua esquerda. Para Freud, essas obsessões e fobias “traumáticas” pertenceriam

---

<sup>51</sup> “Die nun geschwächte Vorstellung bleibt abseits von aller Assoziation im Bewußtsein übrig, *ihr frei gewordener Affekt aber hängt sich an andere, an sich nicht unverträgliche Vorstellungen an, die durch diese ‘falsche Verknüpfung’ zu Zwangsvorstellungen werden.*” (*ibid.*, p. 65-6; itálicos no original)

à histeria.<sup>52</sup> Com exceção desses sintomas obsessivos intensos, restariam o que denominou: 1) as obsessões verdadeiras, e 2) as fobias. De modo geral, o elemento fundamental das obsessões localizava-se no estado emotivo, resultante do processo de defesa. Era o afeto liberado com a repressão das representações inconciliáveis que, permanecendo flutuante, tenderia a estabelecer uma ligação secundária, dando origem a representações obsessivas. Na classe das fobias o estado emotivo seria mais específico, caracterizado sempre pela angústia, pelo temor; além disso, apresentavam uma característica secundária bastante notável: eram mais monótonas e típicas, se comparadas às obsessões propriamente ditas, que eram múltiplas e mais especializadas.

Mas Freud opera uma outra distinção. Segundo ele, (*ibid.*, p. 351) poder-se-ia distinguir dois grupos de fobias, caracterizados pelo objeto do medo: 1) o grupo das “fobias comuns,” na qual incluir-se-ia o medo exagerado de coisas que aborrecem a ou são temidas em algum grau por todos, como a morte, a escuridão, a solidão etc.; e 2) o grupo das “fobias ocasionais,” que consistiria no medo frente a condições especiais, que normalmente não inspiram nenhum temor; seriam os casos da agorafobia e das fobias ligadas à locomoção. Dado os objetivos da pesquisa, é desnecessário prolongarmos nos detalhes das distinções introduzidas por Freud, cuja confusão foi assinalada por Strachey.<sup>53</sup> Cumpre, no entanto, evidenciar a preocupação de Freud nesse momento. Trata-se de saber se haveria uma distinção de base entre as

---

<sup>52</sup> “... l’obsession de *Pascal* qui croyait toujours voir un abîme à son côté gauche, ‘depuis qu’il avait manqué d’être précipité dans la Seine avec son carrosse.’ Ces obsessions et phobies, qu’on pourrait nommer *traumatiques*, se rattachent aux symptômes de l’hystérie.” (FREUD, 1895c, p. 346; itálicos no original)

<sup>53</sup> Comentário às concepções de Freud sobre as fobias, introduzido como apêndice ao artigo escrito em francês.

fobias, isto é, se existiriam fobias de base física e fobias de base psíquica. Essa suspeita já havia sido assinalada em 1894; naquela ocasião, escreveu ele:

O grupo das fobias típicas, para o qual a agorafobia é protótipo, não se deixa reduzir ao mecanismo psíquico acima desenvolvido, pelo contrário, o mecanismo da agorafobia diverge do das representações obsessivas genuínas e do mecanismo das fobias redutíveis a estas em *um* ponto decisivo. Não se encontra aqui nenhuma representação reprimida, da qual o afeto de angústia fora desprendido. A angústia dessas fobias tem outra origem.<sup>54</sup>

Outra origem, diz ele; e, uma vez que a análise não revelou em tais fobias nenhuma representação inconciliável, substituída, isto é, nenhuma base psíquica, obviamente a suspeita voltou-se para a possibilidade de haver um fundo físico. O estado de angústia deveria, portanto, ser de origem física. Essa suspeita seria decisiva; levaria Freud a investigar o estado de angústia e a postular uma outra entidade nosográfica, a neurose de angústia [Angstneurose], centrada exatamente nesse estado emotivo.

---

<sup>54</sup> “Die Gruppe von typischen Phobien, für welche die Agoraphobie Vorbild ist, läßt sich nicht auf den oben entwickelten psychischen Mechanismus zurückzuführen, vielmehr weicht der Mechanismus der Agoraphobie von dem der echten Zwangsvorstellungen und der auf solche reduzierbaren Phobien in *einem* entscheidenden Punkte ab. Es findet sich hier keine verdrängte Vorstellung, von welcher der Angstaffekt abgetrennt wäre. Die Angst dieser Phobien hat einen anderen Ursprung.” (FREUD, 1894a, p. 71, n. 1; *itálicos no original*)

## 6. A definição do quadro da neurose de angústia e o mecanismo sexual

Convergingo também em direção à consideração da angústia como de origem física, liga-se outro elo de investigação. Trata-se das pesquisas no campo da neurastenia e das primeiras tentativas em isolar a neurose de angústia como quadro independente, nas quais o tratamento da questão da angústia apresenta mudanças em seu ponto de vista. De modo geral, hipóteses relativas à esses quadros podem ser encontradas cedo na correspondência com Fließ, a partir de 1893; desde a época da *Vorläufige Mitteilung*, portanto.<sup>55</sup> Num dos primeiros Manuscritos, o datado de 8 de fevereiro de 1893, Manuscrito B, intitulado *Die Ätiologie der Neurosen* [A etiologia das neuroses], deparamo-nos com a observação de Freud como sendo fato reconhecido que a neurastenia era conseqüência de desordens oriundas da vida sexual. Mas, já nessa época, a tese de Freud apresentava-se mais precisa e radical. Para ele, a neurastenia poderia ser *unicamente* uma neurose sexual.<sup>56</sup> A estratégia ao estabelecer essa tese provisória seria a mesma que aquela adotada por ele e Breuer em relação à histeria traumática. Segundo ele, foi dito à época: “toda histeria que não é uma [histeria] hereditária, é uma [histeria] traumática;” de modo análogo, continua ele a propósito da neurastenia, “toda neurastenia deve ser uma [neu-

---

<sup>55</sup> É importante observar que embora as primeiras publicações de Freud digam respeito essencialmente às perturbações de origem psíquica (as neuroses de defesa), a preocupação com a neurastenia estava presente desde o início, apenas uma síntese teórica não pudera ser alcançada antes. Como diz Strachey em seu comentário introdutório a *Die Abwehr-Neuropsychosen* [As neuropsicoses de defesa], de 1894: “... deveria passar um ano até que, no início de 1895, Freud estivesse em condições de publicar algo em relação as primeiras [as posteriormente chamadas neuroses atuais: neurastenia e neurose de angústia], enquanto que sobre as segundas [psiconeuroses] já podia traçar o mapa do terreno abarcado ...”

<sup>56</sup> “Die Behauptung aber, die ich aufstellen und an der Beobachtungen prüfen möchte, ist die, daß die Neurasthenie überhaupt *nur* eine sexuelle Neurose ist.” (FREUD, 1985c, p. 27)

rastenia] sexual.”<sup>57</sup> Portanto, também aqui, a investigação estaria focalizada sobre os fatores capazes de levar à aquisição da neurastenia, de maneira análoga à investigação anterior acerca da histeria adquirida.

Por outro lado, observava-se no quadro da neurastenia a presença de um estado de angústia passível de manifestação tanto como “ataque,” como na forma “crônica,” através de alguns sintomas. A distinção desse estado de angústia e dos sintomas em torno dele organizados, teria levado Freud a interrogar-se já naquela época acerca da possibilidade de se separar tal complexo num quadro independente. Sua independência em relação a neurastenia justificava-se, não apenas pela peculiaridade com que se apresentavam os sintomas organizados em torno do estado de angústia, formando um grupo relativamente homogêneo, mas também pelo fato desse estado ser verificado em outros quadros alheios ao da neurastenia. Embora os sintomas crônicos fossem mais comuns nos casos de neurastenia, o ataque de angústia manifestava-se principalmente nas formas ligadas à histeria. Essa característica, ou seja, o fato de tais sintomas não serem encontrados com menor freqüência na histeria do que na neurastenia, seria uma forte razão a justificar a separação da neurose de angústia como quadro independente.

Os resultados decorrentes dos esforços desse período vêm a público apenas em 1895, no artigo intitulado *Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptonkomplex als ‘Angstneurose’ abzutrennen* [Justificativa para separar da neurastenia um determinado complexo de sintomas como ‘neurose de angústia’]. Como sugere o próprio título, no artigo são finalmente expostas as razões que o levaram a advogar em favor da necessidade de sepa-

---

<sup>57</sup> “... wir sagten dann: jede Hysterie, die nicht eine hereditäre ist, ist eine traumatische. So nun für die Neurasthenie; jede Neurasthenie soll eine sexuelle sein.” (*ibid.*)

rar a neurose de angústia como entidade clínica independente. A justificativa apresentada para a separação desse complexo, além das já identificadas desde 1893, consistia principalmente na diversidade das condições etiológicas que, após dois anos de pesquisas, podia melhor definir. Isto é, sua separação estaria justificada principalmente pelo seu mecanismo ou processo de causação que podia melhor distinguir e especificar. Quanto à sintomatologia, reunida em torno do estado de angústia, caracterizava-se principalmente por um estado crônico de expectativa angustiada, além de ataques de angústia, irritabilidade, fobias, terror noturno etc.<sup>58</sup> Dentre eles, o estado de expectativa angustiada consistiria no sintoma nuclear do quadro e seria motivado pela presença de um *quantum de angústia livremente flutuante* que, devido a essa expectativa, controlaria a escolha das representações, encontrando-se sempre pronto para estabelecer uma ligação.<sup>59</sup> Essa quantidade de angústia flutuante resultaria de determinadas circunstâncias em que excitações sexuais originadas não puderam ser escoadas. Para Freud, tais fatores etiológicos consistiriam em desde vivências angustiantes de jovens virgens frente ao sexual desconhecido, até a angústia de viúvas abstinentes, voluntárias ou não, passando por práticas sexuais incompletas, intencionais e não intencionais, que levariam ao impedimento da eliminação [Abfuhr] ou ao escoamento incompleto das excitações originadas.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> No artigo, Freud dedica-se longamente à descrição desses sintomas. Cf.

<sup>59</sup> “Die ängstliche Erwartung ist der Kernsymptom der Neurose ... hier ein *Quantum Angst frei flottierend* vorhanden ist, welches bei der Erwartung die Auswahl der Vorstellungen beherrscht und jederzeit bereit ist, sich mit irgendeinem passenden Vorstellungsinhalt zu verbinden.” (FREUD, 1895b, p. 30; itálicos no original)

<sup>60</sup> É preciso considerar aqui a mudança de perspectiva, operada por Freud nesse período, decisiva para a circunscrição do quadro da neurose de angústia: trata-se da fonte da angústia. Basta-nos, neste momento, reproduzir uma espécie de esboço histórico em relação aos diferentes pontos de vista adotados por Freud, que se encontra no Manuscrito E,

Portanto, as condições sob as quais com mais freqüência originar-se-ia neurose de angústia, não apenas na mulher, seriam constituídas por práticas sexuais em que se frustra a eliminação, seja em função da impotência do homem, da *ejaculatio praecox* ou do *coitus interruptus* praticado sem preocupação pela satisfação da mulher. Em particular este último constituiria sempre um fator nocivo, pois quando exercido com preocupação pela satisfação da mulher, exigiria por parte do homem o controle voluntário da ejaculação através do desvio da atenção, o que acabaria por levar a alguns sintomas. Nesse caso não se originaria uma neurose de angústia pura, mas uma mistura com a neurastenia. Por isso, diz Freud, (1895b, p. 37) é possível entender porque em casais que vivem da prática do *coitus interruptus* comumente apenas um dos cônjuges acaba enfermo. Enfim, essas condições etiológicas acarretariam perturbações sobre o fluxo das excitações originadas, impedindo seu livre escoamento.<sup>61</sup>

---

intitulado *Wie die Angst entsteht* [Como se origina a angústia], possivelmente de 6 de junho de 1894. Nesse lugar, relata que inicialmente enxergava um parentesco entre a neurose de angústia e a histeria, tratava a angústia como prolongamento da angústia experimentada durante o ato sexual: na mulher, o medo de engravidar; no homem, a preocupação com a falha no dispositivo preventivo. Ou seja, a angústia era tratada como um sintoma histérico. Contudo, a constatação de que a angústia manifestava-se mesmo na ausência de tais fatores vinha refutar a hipótese de sua origem psíquica. “Portanto a angústia da neurose de angústia não era uma [angústia] crônica, recordada, *histérica*.” Na seqüência, apresenta a razão que o levou à mudança de perspectiva: “a neurose de angústia acomete mulheres que são anestésicas ao coito assim como as sensíveis. Isso é muito estranho, mas só pode significar que não se deve procurar a fonte da angústia no psíquico [im Psychischen]. Em consequência ela está localizada no físico [im Physischen], é um fator físico da vida sexual que provoca angústia.” (FREUD, 1985c, p. 72; itálicos no original)

<sup>61</sup> Para melhor compreender as afirmações de Freud é importante lançar mão de um diagrama concebido por ele na tentativa de elucidar o mecanismo dos processos sexuais, no qual tenta dar conta das relações entre o somático e o psíquico. Grosso modo, a vertente somática do processo seria representada pelo “grupo sexual somático” e, correlativamente, a vertente psíquica pelo “grupo sexual psíquico;” estes dois grupos seriam ligados através de vias condutoras de excitações, de modo que as excitações endógenas

Mas, além disso, em uma série de casos observados, continua Freud, (*ibid.*, p. 42) a neurose de angústia encontrava-se freqüentemente conjugada com uma nítida diminuição do prazer psíquico; era o caso típico de mulheres anestésicas. A partir dessas indicações Freud chegaria a propor a hipótese de que o mecanismo da neurose de angústia caracterizar-se-ia pelo desvio da excitação sexual somática dos caminhos que a conduziriam até a esfera psíquica, que, por isso, receberia um emprego anormal.<sup>62</sup> Contudo, como na quantidade acumulada em si não se apresentaria qualquer angústia, ela deveria emergir dessa tensão sexual acumulada por transformação [Verwandlung]. A transformação da tensão acumulada em angústia, cujo mecanismo já havia sido identificado há algum tempo,<sup>63</sup> seria decorrente do desequilíbrio psicofísico que impossibilitaria o livre fluxo da tensão sexual originada. Assim, a neurose de angústia também consistiria numa espécie de neurose de represamento, análoga à histeria; enquanto nesta a excitação não abreagida seria convertida do psíquico para o somático, na neurose de angústia a tensão acumulada per-

---

estariam continuamente preenchendo o grupo sexual somático, até que, a partir de um certo limiar, seria enviado um estímulo até o grupo sexual psíquico, despertando o interesse sexual que impulsionaria a procura da situação capaz de favorecer a eliminação da tensão sexual e proporcionar a satisfação da mesma. Assim, periodicamente, com o acúmulo das excitações endógenas contínuas, o mecanismo entraria em ação, levando à eliminação da tensão e à conseqüente satisfação. A partir deste diagrama concebido para pensar a sexualidade em um homem maduro normal, uma espécie de matriz, Freud tenta compreender os diversos quadros de neurose redefinidos por ele. Na neurastenia, a masturbação contínua seria responsável pelo empobrecimento no nível de tensão acumulada; na neurose de angústia, em particular a prática do coito interrompido levaria a uma superacumulação de tensão sexual. Ambas seriam neuroses funcionais, no sentido de que do desvio de uma função resultaria uma espécie de desequilíbrio no organismo. O diagrama encontra-se no “Manuscrito G”, provavelmente de 07/01/1895. (FREUD, 1985c, p. 571)

<sup>62</sup> “... alle diese Andeutungen, sage ich begünstigen die Erwartung, *der Mechanismus der Angstneurose sei in der Ablenkung der somatischen Sexualerregung vom Psychischen und einer dadurch verursachten abnormen Verwendung dieser Erregung zu suchen.*” (FREUD, 1895b, p. 43; itálicos no original)

<sup>63</sup> Cf. FREUD, 1985c, p. 59, carta a Fließ de 07 de fevereiro de 1894.

maneceria no seu terreno de origem, na esfera física, sendo transformada em angústia.

Por fim, da mesma maneira que o “mecanismo de conversão” na histeria e o “mecanismo de substituição” na neurose obsessiva, o “mecanismo de transformação” na neurose de angústia suscitaria as mesmas interrogações. Ou seja, por que a transformação em angústia? Por que a tensão sexual acumulada seguiria o destino [Schicksal] da angústia e não outro? Em suma, o problema da escolha da neurose [Neurosenwahl] permanece sem solução satisfatória.

\*

De qualquer modo, é evidente nesse período o esforço de Freud em tentar estabelecer certa ordem no caos que caracterizava a nosografia então corrente na psicopatologia. E nessa empresa, parece patente a adoção do “método dos tipos,” inspirado nos trabalhos desenvolvidos por Charcot. Já se vê, porém, que a nosografia freudiana não se mantém dentro dos ditames metodológicos estabelecidos pelo médico parisiense, ao contrário, a preocupação etiológica de Freud e seu interesse em identificar o mecanismo típico subjacente a cada grupo de sintomas o levará para além do horizonte delimitado por Charcot.

## *Capítulo II*

### *Freud e a causa das neuroses*

Embora resida na experiência parisiense o impulso para a fase inicial do trabalho de Freud, este não se limitou ao plano descritivo ao qual se mantinha Charcot. Aliou ao método utilizado pelo médico francês o interesse por conhecer o processo de causação. Com efeito, na circunscrição dos diferentes quadros de neurose Freud se orienta pelo “tipo” de mecanismo psíquico comum a uma constelação de sintomas, o processo a partir do qual eles teriam sido originados. Em outros termos, o esforço de Freud consistia em tentar identificar e compreender, a partir dos sintomas manifestos, o tipo específico de mecanismo psíquico subjacente a cada uma das diferentes neuroses.

Conceber mecanicamente o fenômeno histórico é concebê-lo de modo dinâmico, concebê-lo como um processo no qual um conseqüente deve ter resultado de um antecedente; enfim, que um efeito deve resultar de uma causa. A pergunta pelas causas (externas) parecia não fazer sentido na concepção de Charcot, uma vez que para ele toda histeria encontrava suas razões numa predisposição hereditária. A recusa por parte de Freud da herança como determinante último e sua busca pelas causas, certamente tem a ver com uma preocu-

pação terapêutica, mas não é ilícito suspeitar que seja também tributária de uma visão geral de cunho empirista na concepção das neuroses. Cabe inquirir, portanto, pelos fatores externos, pelos acidentes ou causas determinantes para o aparecimento de uma neurose. Nessa empreitada, o ápice do esforço de Freud encontra expressão na tentativa de formular a denominada teoria da sedução, segundo a qual, a causa última das neuroses residiria em algum abuso sexual ocorrido na infância.

### 1. Em defesa das neuroses adquiridas

Em 1896, Freud publica em Paris, na *Revue Neurologique*, o artigo intitulado *L'Hérédité et Étiologie des Névroses* [A hereditariedade e a etiologia das neuroses], texto no qual apresenta ao público francês a redefinição por ele operada sobre os quadros de neurose então vigentes. Em síntese, diz ele ter encontrado razões suficientes para colocar a neurose obsessiva [névrose d'obsessions] ao lado da histeria, e não da neurastenia como fazem de costume. Quanto às razões para esta inovação, escreve ele:

Eu havia aprendido através do exame de seu mecanismo psíquico que as obsessões estavam ligadas à histeria mais intimamente do que se acreditava.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> “Mois, j'avais appris par l'examen de leur mécanisme psychique que les obsessions sont liées à l'hystérie plus étroitement qu'on ne croirait.” (FREUD, 1896a, p. 411) Freud havia publicado, em 1895, na mesma revista parisiense, o artigo redigido em 1894, intitulado *Obsessions et phobies, leur mécanisme psychique et leur étiologie* [Obsessões e fobias, seu mecanismo psíquico e sua etiologia], no qual apresentou, a partir da consideração da etiologia e do mecanismo psíquico, uma redefinição e reagrupamento dos sintomas fóbicos e obsessivos, até então agrupados ora junto a um ora junto a outro dos dois grandes quadros vigentes. Cf. acima, cap. 1, item 5.

## 2. Mill vs. Whewell: o estatuto da noção de *type*

No capítulo VII, do livro IV, de *System*, intitulado *On Classification as Subsidiary to Induction* [Da classificação como auxiliar para a indução], Mill apresenta seus argumentos contra Whewell e a tese de que os grupos naturais são dados pelo *type*, advogando em favor da “definição”<sup>101</sup> como determinante na formação de tais grupos. Whewell concebe o “tipo” como uma espécie de modelo originário, a partir do qual seriam formados os grupos naturais, enquanto que para Mill a obtenção desses grupos se daria pela consideração dos caracteres individuais, pela definição. Para compreender a teoria da classificação de Mill é importante apreendermos o elemento em disputa nessa querela. Para Whewell,

Embora em um grupo natural de objetos uma definição não possa ter qualquer uso como princípio regulativo, nem por isso deixa as classes completamente soltas, sem nenhum critério seguro ou guia. A classe está firmemente fixada, embora não precisamente limitada; está dada, ainda que não circunscrita; está determinada, não através de uma linha de demarcação, mas através de um ponto central interno; não através do que exclui rigorosamente, mas através do que inclui eminentemente; por um exemplo e não por um preceito; em suma: em lugar de uma definição, nós temos um tipo como nosso guia.<sup>102</sup>

<sup>101</sup> “A mais simples e mais correta noção de Definição é: uma proposição declaratória da significação [meaning] de uma palavra.” (*op. cit.*, Livro I, cap. VIII, p. 86) Mill trata de esclarecer ainda que a “definição está intimamente ligada à classificação, e que, até que a natureza deste último processo não esteja compreendido, o primeiro não pode ser discutido com muito propósito.” (*ibid.*) No fundo, Mill considera que tanto a definição como a classificação pressupõe uma *análise*. Cf., abaixo, nota 117.

<sup>102</sup> “Though in a Natural group of objects a definition can no longer be of any use as a regulative principle, classes are not therefore left quite loose, without any certain standard or guide. The class is steadily fixed, though not precisely limited; it is given, though not circumscribed; it is determined, not by a boundary line without, but by a

teorológicas dever-se-iam ao estágio cognitivo em que se encontra a Meteorologia, que ainda se vê incapaz de apreender as múltiplas variáveis (para Mill, causas) intervenientes na produção dos fenômenos de que se ocupa. Portanto, um aumento na exatidão das previsões estaria diretamente relacionado a um avanço no conhecimento das leis que governam os fenômenos meteorológicos.

É assim que, ao contrário de Comte, para Mill, a Psicologia, embora esteja ainda muito distante do ideal de exatidão, deve ser considerada uma ciência, mas uma análoga à Meteorologia; elas devem, portanto, estar situadas em nível semelhante na escala das ciências. Mill tece várias considerações acerca da especificidade do fenômeno humano e da dificuldade em se apreender as múltiplas causas envolvidas em sua produção. Em razão dessa especificidade, considera que nesse domínio uma generalização aproximativa equivaleria a uma generalização exata no domínio dos fenômenos físicos. Em resumo, seu empirismo epistemológico poderia talvez ser expresso nas seguintes palavras:

Quaisquer fatos que se sucedam um ao outro de acordo com leis constantes são aptos, em si mesmos, para ser objeto de ciência; mesmo que estas leis não possam ter sido descobertas, e nem mesmo sejam passíveis de serem descobertas pelos nossos recursos disponíveis.<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> “Any facts are fitted, in themselves, to be a subject of science, which follow one another according to constant laws; although those laws may not have been discovered, nor even be discoverable by our existing resources.” (*ibid.*, p. 552)

da herança nas enfermidades nervosas poderia ser defendida, mas somente após um exame estatístico imparcial e não através do recurso a uma petição de princípio. E que, portanto, enquanto tal exame não fosse realizado, dever-se-ia aceitar como possível a existência de neuropatias adquiridas tanto quanto neuropatias hereditárias. Assinalamos ainda que, embora reconhecesse que em alguns casos as influências etiológicas pudessem ser consideradas modestas se comparadas ao papel da herança, o ganho prático que proporcionavam era inestimável. De fato, sua perspectiva abria caminho para uma intervenção terapêutica mais ampla e eficaz, ao contrário da limitação imposta pela perspectiva dos partidários de uma disposição hereditária prefixada.

Em Mill, ainda, a defesa da Psicologia como ciência independente não diz respeito unicamente à necessidade de fundamentar sua lógica, senão que está diretamente relacionada à sua epistemologia empírica. Para ele, os diferentes domínios científicos seriam passíveis de inclusão numa escala de acordo com o grau de exatidão expresso em suas proposições ou leis gerais. Nesta escala, a Meteorologia, p. ex., devido às limitações em termos de previsões dos fenômenos com que se ocupa, é considerada pouco exata se comparada à Física ou à Astronomia. Contudo, observa:

... ninguém duvida que o fenômeno [meteorológico] depende de leis, e que estas devem ser leis derivadas resultantes de leis últimas conhecidas, como a do calor, eletricidade, evaporação  
 ...<sup>99</sup>  
 ...

Em outros termos, para Mill as limitações apresentadas pelas previsões me-

---

<sup>99</sup> “... no one doubts that the phenomena depend on laws, and that these must be derivative laws resulting from known ultimate laws, those of heat, electricity, vaporisation...” (MILL, *op. cit.*, p. 552)

pende de condições físicas.<sup>97</sup>

Por outro lado, não devemos recusar os serviços da *psychological analysis* (*ibid.*) e tentar construir uma psicologia unicamente sobre os alicerces dos dados atualmente oferecidos pela Fisiologia, atitude essa que incorreria, segundo ele, em um grave erro de princípio e em um ainda mais sério do ponto de vista prático.

Por mais imperfeita que seja a ciência da mente eu afirmo sem escrúpulos que ela se encontra em um estado consideravelmente mais avançado do que aquela parte da fisiologia que lhe corresponde; e descartar aquela por esta parece-me uma infração ao verdadeiro cânon da filosofia indutiva ....<sup>98</sup>

Como não recordar com esses textos a atitude metodológica de Freud, p. ex., no debate em que se viu ao recusar a tese de Charcot sobre a hereditariedade como determinante último na causação da histeria? Que argumentava ele ao recusar tal *petitio principii*, senão que em princípio deveria ser considerada tanto a possibilidade de patologias hereditárias como a de adquiridas? A esse respeito, vimos no segundo capítulo que para Freud a influência determinante

---

<sup>97</sup> “It must by no means be forgotten that the laws of mind may be derivative laws resulting from laws of animal life, and that their truth therefore may ultimately depend on physical conditions.” (*ibid.*)

<sup>98</sup> “Imperfect as is the science of mind, I do not scruple to affirm that it is in a considerably more advanced state than the portion of physiology which corresponds to it; and to discard the former for the latter appears to me an infringement of the true canons of inductive philosophy ...” (*ibid.*, p. 557) Na seqüência, Mill continua tratando do objeto da Psicologia e expõe as conhecidas leis de associação, as mesmas leis citadas literalmente por Freud em vários lugares de sua obra, especialmente em *Entwurf*. Deixamos de discutí-las aqui, uma vez que o essencial do texto encontra-se transcrito na número 98 das “notas críticas” de Gabbi Jr., p. 134.

Em função da reconhecida precariedade dos conhecimentos da fisiologia nervosa Mill recusa o veto de Comte à Psicologia, pois, a Fisiologia seria incapaz de oferecer qualquer explicação dos fenômenos mentais em termos de leis fisiológicas do funcionamento do sistema nervoso. Portanto, em princípio, a Psicologia deve ser considerada uma ciência possível, uma vez que cabe a ela o estudo direto, através de observação e experimentação, das próprias sucessões mentais.

Portanto, posto que a ordem de nossos fenômenos mentais deve ser estudada nos próprios fenômenos [mentais], e não inferidos de leis de algum fenômeno mais geral, existe uma Ciência da Mente distinta e separada.<sup>96</sup>

Apesar de defender a Psicologia como ciência, cuja especificidade estaria garantida por seu objeto de estudo – as sucessões dos estados mentais –, Mill reconhece que não devemos deixar de considerar sua relação com a Fisiologia. Haveria mesmo um ramo específico da ciência psicológica voltado para a consideração do papel exercido pelas alterações fisiológicas sobre as sucessões psíquicas. Mill admite que seria possível que os fenômenos psíquicos estivessem fundados em condições físicas, afinal,

Não se deve de modo algum esquecer que as leis da mente podem ser leis derivadas, resultantes das leis da vida animal e que, portanto, a verdade delas pode, em última instância, de-

---

mentais na ciência.” (*ibid.*, p. 223; itálicos no original)

<sup>96</sup> “Since, therefore, the order of our mental phenomena must be studied in those phenomena, and not inferred from the laws of any phenomena more general, there is a distinct and separate Science of Mind.” (*ibid.*)

contrar-se-ia ainda bastante precário e muito distante dos conhecimentos análogos relativos às sensações. Por isso, observa:

... e mesmo se isto fosse certo, todos devem admitir, porém, que somos completamente ignorantes acerca das características desses estados nervosos; não sabemos, e no momento não há como saber, em que medida diferem uns dos outros; e nosso único modo de estudar suas sucessões ou coexistências deve ser observando as sucessões e coexistências dos estados mentais dos quais eles são supostos ser os geradores ou causas.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> “... and even were it certain, yet every one must admit that we are wholly ignorant of the characteristics of these nervous states; we know not, and at present have no means of knowing, in what respect one of them differs from another; and our only mode of studying their successions or co-existences must be by observing the successions and co-existences of the mental states of which they are supposed to be the generators or causes.” (*ibid.*) Poder-se-ia objetar aqui, que Mill reflete muito do positivismo de Comte, na medida em que a observação de sucessões e coexistências entre os fenômenos também é defendida por ele. A convergência entre ambos não deve, porém, ser vista com surpresa, uma vez que ambos baseiam-se em um patrimônio comum, qual seja, as idéias de Hume (*An Enquiry Concerning the Principles of Human Knowledge*, Seção VII). Nesse sentido, WILSON (1990, p. 308) considera que Mill aceita a concepção humeana de lei, segundo a qual, a causação, objetivamente considerada, não deve ser entendida como conexão necessária, mas apenas como regularidade ou conjunção constante. De fato, escreve Mill: “A única noção de uma causa que a teoria da indução requer é uma noção tal que possa ser obtida a partir da experiência. A lei de causalidade, o reconhecimento de que é o pilar principal da ciência indutiva, é apenas a verdade familiar da invariabilidade de sucessão encontrada pela observação entre todo fato na natureza e algum outro fato que o precedeu, independentemente de todas as considerações a respeito do modo íntimo de produção de fenômenos e de todas as outras questões a respeito da natureza das “coisas em si.” (MILL, *op. cit.*, p. 213) Mill, ainda, não deixa de se referir a Comte. Ao criticar como filosoficamente insustentável a divisão introduzida por Whewell e outros entre “investigação das leis dos fenômenos” e “investigação das causas,” escreve ele: “Deixe-me observar que o Dr. Whewell e em algum grau mesmo Sir John Herschel parecem não ter compreendido o sentido [meaning] daqueles escritores que, como o Sr. Comte, limitam a esfera da investigação científica às leis dos fenômenos e falam da pesquisa [inquiry] pelas causas como vã e fútil. ... Sua objeção a *palavra* causa é uma mera questão de nomenclatura, no que, como uma questão de nomenclatura, eu o considero estar inteiramente errado. ... Pela rejeição dessa forma de expressão, o Sr. Comte deixa a si mesmo sem nenhum termo para marcar a distinção que, embora expressa incorretamente, não é apenas real, mas é uma das distinções mais funda-

corporais. As leis envolvidas no primeiro caso são denominadas leis da mente ou psíquicas, as do segundo leis do corpo ou físicas. Certamente, admite, muitos dos estados mentais devem ter como antecedentes estados corporais, cabendo supor nesses casos o governo de leis fisiológicas, como o caso das sensações, por exemplo.

Toda sensação tem como causa próxima alguma afecção da porção do nosso corpo chamada sistema nervoso, seja essa afecção originada na ação de algum objeto externo, ou em alguma condição patológica da própria organização nervosa.<sup>93</sup>

Sem dúvida, as leis envolvidas no domínio das sensações pertenceriam à Fisiologia. Contudo, interroga-se, seriam os demais estados mentais como pensamentos, emoções e volições, também dependentes de condições físicas, como as sensações? Para ele, não obstante a pretensão de Comte, seguramente a resposta deve ser negativa.

... permanece incontestável que existem uniformidades de sucessão entre estados da mente, e que elas podem ser estabelecidas por observação e experimentação.<sup>94</sup>

Embora seja bastante provável que todo estado mental possa ter como antecedente ou causa um estado nervoso, o conhecimento dessas condições en-

---

<sup>93</sup> “Every sensation has for its proximate cause some affection of the portion of our frame called the nervous system, whether this affection originate in the action of some external object, or in some pathological condition of the nervous organisation itself.” (*ibid.*, p. 555)

<sup>94</sup> “... it remains incontestable that there exist uniformities of succession among states of mind, and that these can be ascertained by observation and experiment.” (*ibid.*, p. 556)

morais e intelectuais exclusivamente para fisiólogos; e não apenas nega à Psicologia, ou propriamente chamada Filosofia Mental, o caráter de uma ciência, mas coloca-a, na natureza quimérica de seus objetos e pretensões, quase no mesmo plano da astrologia.<sup>91</sup>

Ao contestar as diferentes opiniões e atitudes – dogmáticas e negativas – frente à possibilidade da investigação dos fenômenos psíquicos, Mill tem como objetivo resgatar a autonomia e demarcar o campo próprio à Psicologia:

A escola alemã de especulação metafísica, que ainda não perdeu sua temporária predominância no pensamento europeu, teve esta entre muitas outras influências prejudiciais; e no extremo oposto da escala psicológica, nenhum escritor, da antiguidade ou de recente data, é responsável em maior grau por esta aberração do verdadeiro espírito científico do que o Sr. Comte.<sup>92</sup>

Para Mill a especificidade da Psicologia enquanto ciência estaria garantida, na medida em que, ao contrário do que pensa Comte, as leis envolvidas em seu objeto de investigação – os estados de consciência – não devem, *a priori*, ser reduzidas às leis físicas ou mesmo às leis fisiológicas. Para ele, os estados mentais seriam produzidos ou por outros estados mentais ou por estados

---

<sup>91</sup> “M. Comte, accordingly, claims the scientific cognisance of moral and intellectual phenomena exclusively for physiologists; and not only denies to Psychology, or Mental Philosophy properly so called, the character of a science, but places it, in the chimerical nature of its objects and pretensions, almost on a par with astrology.” (*ibid.*, p. 556)

<sup>92</sup> “The German school of metaphysical speculation, which has not yet lost its temporary predominance in European thought, has had this among many other injurious influences; and at the opposite extreme of the psychological scale, no writer, either of early or of recent date, is chargeable in a higher degree with this aberration from the true scientific spirit than M. Comte.” (*ibid.*, p. 561)

gica consistiria em tratar unicamente da validade ou falsidade das verdades inferidas a partir daqueles *data* primitivos.<sup>89</sup>

Contudo, observa Mill, poderia ocorrer que acreditássemos intuir quando, na verdade, estamos inferindo. O exemplo é o da percepção à distância. Ao contrário do que possa parecer, as conexões entre as sensações visuais e as musculares presentes na percepção de um objeto distante seriam estabelecidas por um processo de inferência que só a contínua experiência poderia proporcionar. A tarefa, entre outras, de decidir quais seriam os fatos e objetos de intuição ou consciência e quais seriam os objetos de inferência caberia à Metafísica e não à Lógica.<sup>90</sup> Em suma, para Mill, as regras de inferência seriam objeto da lógica; caberia à Psicologia fundamentá-la, uma vez que seu objeto consistiria precisamente nos estados de consciência, na sucessão desses estados e nas leis inerentes a eles. (*ibid.*, p. 557)

A Psicologia tem, assim, um papel decisivo na doutrina de Mill. Não é por acaso que o livro VI é dedicado à “lógica das ciências morais,” no qual, contra o veto comteano, a autonomia da Psicologia é defendida a todo custo. Sabe-se que para Comte os estados psíquicos são considerados como dependentes exclusivamente de condições físicas, de modo que à ciência que se dedica ao estudo dos fenômenos mentais era reservado o mero estatuto de ramo da Fisiologia. Nos termos de Mill:

Comte reivindica o conhecimento científico dos fenômenos

---

<sup>89</sup> Daí a necessidade de se iniciar pelo estudo “dos nomes e das proposições,” precisamente o título do livro I, de *System*, cujo capítulo inicial intitula-se *Of the Necessity of commencing with an Analysis of Language* [Da necessidade de se iniciar com a análise da linguagem].

<sup>90</sup> Mill exclui as considerações de caráter metafísico de *System*, remetendo o leitor interessado em tais questões a *An Examination*.

pital epistemológico de Freud, para usar a expressão de Assoun; (*op. cit.*, p. 87) se, como vimos, embora siga as pegadas de Charcot, Freud o supera, avançando para além do plano descritivo, aprofundando-se na etiologia das neuroses e procurando as suas causas; se desde a época de estudante havia presente em Freud tais pressuposições metodológicas, quais seriam suas prováveis fontes?

### 1. Mill vs. Comte: a Psicologia como ciência independente

Mill, em *System*, diz que podemos conhecer as verdades através de dois caminhos: “algumas são conhecidas diretamente, por elas mesmas; outras, através da mediação de outras verdades. As primeiras são objeto de Intuição ou Consciência; as últimas, de Inferência.”<sup>87</sup> Grosso modo, as sensações e afecções mentais seriam consideradas verdades imediatas, conhecidas diretamente por intuição – p. ex., sei imediatamente que tenho fome agora; enquanto fatos ocorridos fora de nós, acontecimentos narrados pela história etc., seriam verdades passíveis de conhecimento apenas por inferência, isto é, por meio de outras verdades. Para Mill, tudo que podemos conhecer pertence ou a uma ou a outra dessas classes de verdade: “deve figurar entre os dados primitivos, ou entre as conclusões que podem ser extraídas a partir deles.”<sup>88</sup> As considerações acerca de tais dados primitivos, seu modo de aquisição etc., pertenceriam aos diferentes domínios científicos constituídos. A tarefa da ló-

---

<sup>87</sup> “... some are known directly, and of themselves; some through the medium of other truths. The former are the subject of Intuition, or Consciousness; the later, of Inference.” (MILL, 1843, p. 3)

<sup>88</sup> “... must be in the number of the primitive data, or of the conclusions which can be drawn from these.” (*ibid.*, p. 4)

### *Capítulo III*

#### *John Stuart Mill: Fundamentos para uma metodologia freudiana*

Embora aparentemente Freud à sua maneira tenha permanecido fiel ao *type*, tomando-o como referência para sua orientação no caos dos dados, Schröter considera que Freud utilizou-se de modo original do método de Charcot. “Ele [o método] misturou-se, em seu espírito, com uma convicção mais antiga, a idéia segundo a qual um exemplo único, mas característico ... no qual manifesta-se o que é típico, tinha valor paradigmático.” (*op. cit.*, p. 112-3) Como sabemos, essa atitude, metodologicamente voltada às grandes sínteses, encontrar-se-ia presente desde sua juventude e as pesquisas em zoologia e anatomia.<sup>86</sup> Portanto, desde a época de sua formação acadêmica Freud já trazia consigo os fundamentos do método que parece reencontrar, pelo menos parcialmente, nas mãos de Charcot.

Se for pertinente atribuir a Charcot o papel, por assim dizer, de “fonte apenas concorrente” da metodologia de Freud, resta-nos examinar quais poderiam ser as “fontes específicas” dessa metodologia, ou mesmo do pequeno ca-

---

<sup>86</sup> Cf. acima, Introdução, nota 14.

denominador comum – as mesmas leis –, os mesmos mecanismos subjacentes às distintas manifestações psíquicas...

---

“Freud toma o patológico como modelo para o normal.” Segundo ele, “o interesse pelo patológico reside no fato de ele ser o campo privilegiado para a observação dos fenômenos psicológicos, dado que os elementos constitutivos do fenômeno sempre se apresentam separados, com total visibilidade de suas relações de pura exterioridade.” Os fenômenos patológicos, conclui ele, “constituem domínio de análise ... É a normalidade que traz em si os gérmenes do patológico.” (2002, p. 110, n. 5)

Pode-se assim atribuir a um curso de pensamento em um histérico, mesmo que se estenda ao Inconsciente, as mesmas exigências de ligação lógica e motivação suficiente que se impõem a um indivíduo normal.<sup>83</sup>

A aparência esdrúxula das ligações entre as representações nos histéricos dever-se-ia exatamente à existência de motivos inconscientes. Assim, conclui:

Nós podemos, portanto, supor semelhantes motivos secretos em todos os lugares onde for verificado um tal salto na concatenação, uma transgressão da medida de motivação normalmente legítima.<sup>84</sup>

Com a inovação nosográfica realizada por Freud, que implicou na redefinição da própria natureza da histeria, os fenômenos histéricos, até então excluídos das leis psicológicas correntes, são colocados lado a lado aos fenômenos psíquicos normais, em relação de continuidade, poder-se-ia dizer. Em suma, fenômenos psíquicos, sejam histéricos ou normais, estariam submetidos às mesmas leis. Por isso, quando Freud concebe os fenômenos histéricos e neuróticos como estados excessivamente intensificados ou aberrações de estados afetivos normais (1985c, p. 169), significa não apenas que compreende o patológico como prefigurado no normal,<sup>85</sup> mas, sobretudo, que reconhece um

---

<sup>83</sup> “Man darf nämlich an einen Gedankengang bei einem Hysterischen, und reichte er auch ins Unbewußte, dieselben Anforderungen von logischer Verknüpfung und ausreichender Motivierung stellen, die man bei einem normalen Individuum erheben würde.” (FREUD, 1895, p. 310)

<sup>84</sup> “Wir dürfen also solche geheime Motive überall dort vermuten, wo ein solcher Sprung im Zusammenhange, eine Überschreitung des Maßes normal berechtigter Motivierung nachzuweisen ist.” (*ibid.*, p. 311)

<sup>85</sup> Gabbi Jr. considera um erro a afirmação de muitos comentadores que insistem que

A desproporção observada no histórico entre o estímulo e a reação psíquicas seria, portanto, apenas aparente. Uma vez descobertos os motivos inconscientes, desconhecidos pelo próprio enfermo, verificar-se-ia a sua proporcionalidade; ou seja, a reação histórica mostrar-se-ia compreensível psicologicamente. Seria puramente em razão do desconhecimento pelo próprio enfermo das motivações inconscientes, que o seu relato apresentaria falhas ou lacunas lógicas.

Pelo menos nos primórdios da psicanálise, dado que se supunham definidos os contornos do quadro da histeria e identificado o seu mecanismo psíquico, o sucesso do propósito terapêutico dependeria agora da adoção do método adequado. Assim, a análise seria iniciada exatamente a partir daqueles pontos débeis, presentes no discurso do enfermo, a fim de alcançar os motivos mais profundos, inconscientes.<sup>82</sup> É nesse sentido que dizia Freud desde *Zur Psychotherapie*:

---

<sup>82</sup> Uma boa descrição do procedimento analítico pode ser lida no artigo de 1896, *Zur Ätiologie der Hysterie* [Sobre a etiologia da histeria]. Neste lugar, Freud compara o processo analítico ao trabalho arqueológico, que parte das ruínas visíveis na superfície para buscar os elementos há muito soterrados. Nesse trabalho, geralmente muitas recordações são evocadas, apresentando-se como os ramos de uma árvore genealógica, mas apenas as que satisfazem a duas exigências devem ser consideradas relevantes – elas 1) devem ser adequadas ao caso e 2) devem possuir a necessária força traumática. Segundo Freud, a desconsideração dessas duas exigências pode levar ao fracasso terapêutico. Por isso, é necessário prosseguir na investigação através dos encadeamentos mnêmicos até alcançar as cenas mais remotas, capazes de satisfazer os critérios estabelecidos. O exemplo canônico é o de Emma. A análise do caso é apresentada em *Entwurf*, p. 445 ss. (p. 65 ss., na tradução de Gabbi Jr.) É necessário assinalar que, do ponto de vista metapsicológico, tais critérios coadunam-se com outras idéias apresentadas por Freud em *Zur Psychotherapie*. Trata-se da tentativa de realizar certo mapeamento em relação ao provável modo de ordenação das recordações patogênicas. Dentre a tríplice forma apresentada, sem dúvida, a mais importante é aquela caracterizada como “a ordenação de acordo com o conteúdo do pensamento, a ligação através de fios lógicos [logischen Faden] que se estendem até o núcleo, que em todos os casos corresponde a um caminho múltipla e irregularmente quebradiço [abgeknickten].” (FREUD, 1895, p. 306)

fermidade ou aptidão para a reação histérica, postulada desde 1894. Contra Charcot e seus seguidores, Freud finalmente reclamaria para o lugar ocupado pela herança nervosa a experiência sexual precoce. Esta seria a causa específica, determinante no advento da histeria, e a herança, enquanto condição não suficiente, atuaria apenas reforçando em intensidade os processos histéricos.<sup>80</sup>

Assim, a reação hipertrófica do histérico, até então imputada a uma irritabilidade geral anormal, decorrente em última instância de uma suposta constituição histérica particular, advertia contra a utilização de uma mesma medida na consideração dos atos psíquicos normais e dos atos psíquicos histéricos. A descoberta da causa, a cena de sedução sexual na infância, vinha oferecer uma explicação psicológica para a reação anormal do histérico frente às vivências banais, imotivada aos olhos de indivíduos normais. Com efeito, dirá Freud:

*A reação do histérico apenas aparentemente é exagerada; ela aparece-nos assim, porque nós conhecemos apenas uma pequena parte dos motivos dos quais ela decorre.*<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> Dado nossos objetivos é desnecessário aprofundarmo-nos da discussão da “teoria da sedução,” como ficou conhecida essa formulação de Freud. Cumpre observar, apenas, que embora logo em seguida abandonada, a teoria da sedução apresenta o mérito, entre outros, de pôr em evidência o papel da teoria nos esforços de Freud. Sobretudo o seu abandono revela a honestidade, o rigor e a obediência lógica em relação aos princípios tomados de partida. “A história do estabelecimento e abandono da teoria da sedução ganha assim um novo interesse e significado. Talvez sua lição mais crucial seja a da importância da teoria em psicanálise. Pressuposições teóricas desempenharam o maior papel na criação de teorias, levando Freud a abandoná-la e auxiliando-o a efetuar uma substituição. Considerações teóricas também explicam porque, embora Freud nunca tenha deixado de acreditar na realidade do abuso sexual na infância, ele não pôde atribuir-lhe um papel causal uma vez que tinha adotado sua nova teoria.” (IZENBERG, 1991, p. 25)

<sup>81</sup> “*Die Reaktion der Hysterischen ist eine nur scheinbar übertriebene; sie muß uns so erscheinen, weil wir nur einen kleinen Teil der Motive kennen, aus denen sie erfolgt.*” (FREUD, 1896c, p. 77; itálicos no original)

berta” daquilo que poderia satisfazer a exigência de um fundamento objetivo para a histeria, constituindo-se em sua precondição.

Com a utilização do método originário de Breuer, modificado por Freud, denominado então método de psicanálise, pôde identificar na base do sintoma histérico a presença de vivências sexuais capazes de produzir uma emoção penosa. Ocorridas antes da idade de compreensão e desenvolvimento sexuais, tais vivências permaneceriam, não obstante, inscritas na memória. Em continuidade às hipóteses formuladas desde a *Vorläufige Mitteilung*, segundo as quais os sintomas históricos decorreriam de reminiscências, podia agora melhor definir e enunciar que a causa específica da histeria consistiria em lembranças de vivências sexuais. Tais lembranças, segundo ele, apresentariam duas características de suma importância: 1) consistiriam em lembranças, mas lembranças de natureza inconsciente, de uma “*experiência precoce de relações sexuais com verdadeira irritação das partes genitais, resultante de abuso sexual praticado por uma outra pessoa;*”<sup>77</sup> e 2) tais acontecimentos funestos estariam localizados no período da vida que compreenderia a primeira infância, “até a idade de oito a dez anos, antes que a criança tenha alcançado a maturidade sexual.”<sup>78</sup> Em suma, de acordo com a célebre fórmula, a etiologia específica da histeria consistiria em uma *experiência de passividade sexual anterior a puberdade.*<sup>79</sup>

A descoberta dessas vivências sexuais prematuras, consideradas causas específicas da histeria, permitiria, agora, substituir a predisposição para a en-

<sup>77</sup> “*Expérience précoce de rapports sexuels avec irritation véritable des parties génitales, suite d’abus sexuel pratiqué par une autre personne.*” (FREUD, 1896a, p. 417; itálicos no original)

<sup>78</sup> “... jusqu’à l’âge de huit à dix ans, avant que l’enfant soit arrivé à la maturité sexuelle.” (*ibid.*)

<sup>79</sup> “*Expérience de passivité sexuelle avant la puberté: telle est donc l’étiologie spécifique de l’hystérie.*” (*ibid.*; itálicos no original)

... tais modificações patológicas funcionais *têm como fonte comum a vida sexual do indivíduo, seja desordem da vida sexual atual, seja eventos importantes da vida passada.*<sup>76</sup>

### 3. A “causa específica” das psiconeuroses: a sedução

Desde 1894, em *Die Abwehr-neuropsychosen*, admitia-se que a lacuna de maior fragilidade da teoria das neuroses em construção localizava-se na ausência de um fundamento para o que era concebido como nuclear em sua causação: a aptidão para a defesa nas suas diversas modalidades. Dizia-se à época que a peculiaridade de cada uma das enfermidades residia no mecanismo psíquico no qual estavam sustentadas – a histeria, na conversão; a neurose obsessiva, na transferência ou transposição. Contudo, nada ou muito pouco se dizia a respeito de indivíduos que, frente as mesmas vivências, mantinham-se saudáveis; casos que denotavam não residir na natureza da vivência traumática as razões da defesa e a conseqüente enfermidade. Na ausência de um fundamento objetivo, admitia-se, pois, a preexistência de uma aptidão para a defesa. Para o caso da histeria, postulava-se a existência de uma capacidade psicofísica ou aptidão para a reação histérica, cujo status lógico não parecia ser superior ao atribuído por Freud à predisposição hereditária, pois não deixava de se caracterizar como mais uma petição de princípio. Dois anos de posterior investigação possibilitaram, no entanto, não apenas a confirmação da tese da defesa como fenômeno nuclear na histeria, mas sobretudo a “desco-

---

<sup>76</sup> “... ces modifications pathologiques fonctionnelles *reconnaissent comme source commune la vie sexuelle de l'individu, soit désordre de la vie sexuelle actuelle, soit événements importants de la vie passée.*” (*ibid.*, p. 414; itálicos no original)

cas, mas na ausência das influências específicas, por si só, seriam incapazes de levar à neurose. Para ele, apenas as causas específicas apresentariam uma propriedade qualitativa.

... a natureza da neurose será sempre determinada pela causa específica preexistente.<sup>75</sup>

Finalmente, em que consistiriam tais causas específicas, nas quais, segundo ele, poder-se-ia observar uma relação constante com o efeito neurótico? Como vimos, a partir dos esforços de inovação nosográfica e a incursão pelos domínios do mecanismo da sexualidade, Freud chega a identificar a fonte da qual emanariam as modificações patológicas peculiares às neuroses. As neuroses simples – neurastenia e a neurose de angústia – decorreriam de distúrbios experimentados no exercício sexual atual: a neurastenia do abuso de certos exercícios sexuais, em particular da masturbação, que acabaria por levar a um déficit na economia nervosa; a neurose de angústia de práticas sexuais como o coito interrompido ou a abstinência forçada, p. ex., através das quais seria impossibilitada a tensão sexual originada o seu livre escoamento. Quanto à histeria e à neurose obsessiva, denominadas já psiconeuroses, Freud imputa sua fonte também às desordens de natureza sexual, mas não às desordens oriundas do exercício sexual atual, como nas neuroses simples, e sim às vivências sexuais experimentadas no passado, presentes como traumas psíquicos. Em suas palavras:

---

<sup>75</sup> “... la nature de la névrose sera toujours dominée par la cause spécifique préexistante.”  
(*ibid.*, p. 414)

À luz dessa conceituação, e de acordo com a função e a modalidade de relação mantida com os efeitos produzidos, a herança é considerada uma condição poderosa e mesmo indispensável na causação de grande parte dos casos de neuroses, apesar de, para Freud, (*ibid.*, p. 412) ela não prescindir da colaboração das causas específicas. Isto é, do ponto de vista etiológico herança e causas específicas poderiam combinar-se ou substituir-se mutuamente em termos quantitativos. Por isso, um mesmo efeito patológico poderia ser produzido a partir da influência de um fator etiológico específico grave associado a uma predisposição medíocre, ou a partir de uma herança nervosa de grandes proporções associada a uma leve influência específica.

O objetivo é reunir as condições que levem ao fortalecimento de uma abordagem que, por princípio, considere a possibilidade da aquisição de perturbações neuróticas. Mas Freud deseja ir mais além; deseja estender a tese defendida em relação à neurastenia e à neurose de angústia, segundo a qual mesmo na ausência de uma predisposição hereditária poder-se-ia adquirir uma neurose. Por isso, embora reconheça a importância da herança – para ele, correntemente sobrevalorizada –, o recurso a uma complementaridade de influências do ponto de vista quantitativo visa, sobretudo, chamar a atenção para o papel das causas específicas e elevá-las a primeiro plano. Nesse sentido, as causas concorrentes, embora atuem meramente como *agents provocateurs*, tornando manifesta uma neurose até então latente, podem também substituir a etiologia específica em termos quantitativos, mas jamais substituí-la completamente.<sup>74</sup> Ou seja, na sua somação [Summation] as causas concorrentes podem ter função importante para o desencadeamento de perturbações neuróti-

---

<sup>74</sup> “Les causes concurrentes banales pourront aussi remplacer l’étiologie spécifique en rapport de quantité, mais jamais la substituer complètement.” (*ibid.*, p. 413)

## 2. Uma “fórmula etiológica”

Desde 1893, Freud tentava formular uma espécie de equação, com a qual tentava dar conta da interação entre diferentes fatores etiológicos na determinação das neuroses.<sup>73</sup> De acordo com a “fórmula etiológica,” agora mais aprimorada, as influências etiológicas deveriam ser consideradas de acordo com a sua função e a maneira com que se relacionam com o efeito que produzem. Redefine, pois, tais influências em três grupos: 1) condições, 2) causas concorrentes e 3) causas específicas.

De modo geral, “condições” seriam consideradas indispensáveis para o aparecimento de neuroses, consistindo em influências de natureza universal, encontradas igualmente na etiologia de diversas outras perturbações. “Causas concorrentes” consistiriam em influências acessórias, ou *agents provocateurs*, como o esgotamento físico, a *surménage* intelectual etc., que não seriam indispensáveis para o desenvolvimento de neuroses, podendo também ser encontradas em muitas outras perturbações. “Causas específicas,” por outro lado, seriam tão indispensáveis como as “condições,” mas, mais estritas, encontrariam-se apenas na etiologia das perturbações das quais são específicas.

---

<sup>73</sup> “Pode-se distinguir na etiologia de uma afecção nervosa 1. a condição necessária [notwendigen Bedingung], sem a qual de nenhuma maneira advém o estado, e 2. o fator precipitante [veranlassenden Momente]. A relação entre ambos pode ser assim representada: se se tiver sido suficientemente influenciado pela condição necessária, então como consequência necessária aparece a afecção; se não se foi suficientemente influenciado por ela, então resulta dessa influência em primeiro lugar uma disposição para determinada afecção, que deixa de ser latente tão logo se apresente uma quantidade suficiente do fator de segunda ordem. Então, o que falta na primeira etiologia para um completo efeito pode vir a ser suprido [ersetzt] pela etiologia de segunda ordem; esta última, porém, é dispensável, enquanto que a de primeira ordem é indispensável.” (FREUD, 1985c, p. 28; Manuscrito B, *Die Ätiologie der Neurosen*, enviado a Fließ em 8. Fev. 1893)

Essas outras influências, segundo ele, mereceriam o título de “etiologia específica,” cuja especificidade governaria o aparecimento de uma ou outra entre as numerosas formas de afecção nervosa. A importância desse fator específico dever-se-ia ao fato de, na sua ausência, nenhuma neuropatia ser manifestada pela herança.

... outras influências etiológicas, de uma natureza menos compreensível, que mereceria aliás o nome de *etiologia específica* dessa ou daquela afecção nervosa. Sem a existência desse fator etiológico especial a herança não teria podido fazer nada; ela teria se prestado à produção de uma outra neuropatia, caso a etiologia específica em questão tivesse sido substituída por qualquer outra influência.<sup>72</sup>

Embora reconheça que em alguns casos o valor patogênico desses fatores etiológicos específicos possa ser considerado modesto se comparado ao papel da herança, o ganho prático que proporciona seria de valor inestimável, uma vez que abria caminho para o trabalho terapêutico, ao contrário da limitação imposta pela perspectiva que admitia unicamente a disposição hereditária fixada de antemão.

---

<sup>72</sup> “... autres influences étiologiques, d’une nature moins compréhensible, qui mériteraient alors le nom d’*étiologie spécifique* de telle ou telle affection nerveuse. Sans l’existence de ce facteur étiologique spécial l’hérédité n’aurait pu rien faire; elle se serait prêtée à la production d’une autre névropathie si l’étiologie spécifique en question avait été remplacée par une influence quelqu’autre.” (*ibid.*)

este, p. ex., o caso em que numa mesma família verificar-se-ia uma variedade de neuropatias, sem que pudesse ser estabelecida qualquer ordem em sua sucessão através das gerações; além disso, essa mesma família poderia apresentar membros que, não obstante as mesmas influências, permaneceriam saudáveis.

... a teoria da herança dissimilar não nos diz porque essa pessoa suporta a mesma carga hereditária sem sucumbir a ela, nem porque uma outra pessoa enferma teria escolhido, entre as afecções que constituem a grande família neuropática, uma tal afecção nervosa no lugar de ter escolhido uma outra, a histeria no lugar da epilepsia ...<sup>70</sup>

Na seqüência, conclui:

Como em patogenia nervosa não existe nada de fortuito mais do que em outras áreas, é preciso concordar que não é a herança que preside a escolha da neuropatia que se desenvolverá num membro de uma família predisposta, mas que há motivos para suspeitar da existência de outras influências etiológicas ...<sup>71</sup>

---

faudrait combler pour arriver à une solution satisfaisante des problèmes étiologiques.”  
(*ibid.*, p. 409)

<sup>70</sup> “... la théorie de l’hérédité dissimilaire ne nous dit pas pourquoi cette personne supporte la même charge héréditaire sans y succomber, ni pourquoi une autre personne malade aura choisi, parmi les affections qui constituent la grande famille névropathique, une telle affection nerveuse au lieu d’en avoir choisi une autre, l’hystérie au lieu de l’épilepsie ...” (*ibid.*, p. 409/10)

<sup>71</sup> “Comme il n’y a rien de fortuit en pathogénie nerveuse pas plus qu’ailleurs, il faut bien concéder que ce n’est pas l’hérédité qui préside au choix de la névropathie qui se développera chez le membre d’une famille prédisposé, mais qu’il y a lieu de soupçonner l’existence d’autres influences étiologiques ...” (*ibid.*)

mas sempre ficou reservada à esfera íntima da correspondência com Fließ. Por isso, escreveu ele nas páginas iniciais do artigo em francês:

Há muito tempo mantenho algumas suspeitas nesse assunto, mas precisei aguardar para encontrar fatos que as corroborassem na experiência médica cotidiana.<sup>67</sup>

Para ele, qualquer afirmação acerca do papel da herança nas enfermidades nervosas deveria ser baseada nos resultados de um exame estatístico imparcial e não pelo recurso a uma petição de princípio. Por essa razão, ressalva:

Até que esse exame tenha sido realizado dever-se-ia considerar a existência de neuropatias adquiridas tão possível quanto a de neuropatias hereditárias.<sup>68</sup>

A doutrina da hereditariedade então em vigor concebia na patologia nervosa a “herança similar” e a herança denominada “dissimilar.” Segundo Freud, a primeira não demandaria maiores considerações, uma vez que consistiria naqueles casos em que não se verificaria qualquer influência etiológica acessória além da predisposição. Todavia, a “herança dissimilar,” para ele muito mais importante, deixava aberta algumas lacunas que era preciso preencher para se obter uma solução satisfatória dos problemas etiológicos.<sup>69</sup> Seria

---

<sup>67</sup> “C’est depuis longtemps que j’entretiens quelques soupçons dans cette matière, mais il m’a fallu attendre pour trouver des faits à l’appui dans l’expérience journalière du médecin.” (*ibid.*, p. 407)

<sup>68</sup> “Tant que cet examen n’aura pas été fait on devrait croire l’existence des névropathies acquises aussi possible que des névropathies héréditaires.” (*ibid.*, p. 408)

<sup>69</sup> “... l’hérédité dissimilaire, beaucoup plus importante que l’autre, laisse des lacunes qu’il

Em sua classificação, a histeria e a neurose obsessiva formariam o primeiro grupo das grandes neuroses [*grandes névroses*],<sup>65</sup> enquanto que o segundo grupo conteria a neurastenia propriamente dita, e a neurose de angústia, conforme isolada em 1895.

Histeria e neurose obsessiva formam o primeiro grupo das grandes neuroses que eu tinha estudado. O segundo contém a neurastenia de Beard, que decompus em dois estados funcionais, separados pela etiologia e pelo aspecto sintomático, a *neurastenia* propriamente dita e a *neurose de angústia* (*Angstneurose*) ...<sup>66</sup>

Mas, entre outros, o mérito desse artigo é o de apresentar de maneira exemplar a posição de Freud frente à querela entre o papel da herança e o da aquisição nas neuroses. É nele que se expõe, com uma clareza inigualável, o ponto nuclear da discordância de Freud em relação a Charcot. Dirigindo-se aos seus discípulos, critica a petição de princípio em que incorria a perspectiva etiológica por eles sustentada, segundo a qual a única causa eficiente e indispensável encontrar-se-ia na predisposição hereditária. Uma perspectiva unilateral que remetia todas as outras influências para segundo plano, sob a denominação de *agents provocateurs*. A orientação de Freud em direção contrária à perspectiva de Charcot e seus discípulos remonta aos primeiros manuscritos,

<sup>65</sup> Freud havia definido *grandes névroses* como “estados nervosos funcionais análogos à histeria.” (*ibid.*, p. 410) Como se sabe, como resultado das redefinições em curso, as neuroses viriam a ser distinguidas em dois grandes grupos: o das psiconeuroses e o das neuroses atuais. (Cf. FREUD, 1898a)

<sup>66</sup> “Hystérie et névrose d’obsessions forment le premier groupe des grandes névroses, que j’ai étudiées. Le second contient la neurasthénie de Beard que j’ai décomposée en deux états fonctionnels séparés par l’étiologie comme par l’aspect symptomatique, la *neurasthénie* propre et la *névrose d’angoisse* (*Angstneurose*)...” (1896a, p. 411; itálicos no original)

Por isso, continua, “um tipo é um exemplo de alguma classe, p. ex., uma espécie de um gênero, que é considerado possuindo eminentemente o caráter da classe;”<sup>103</sup> e, finalmente, “a espécie-tipo de cada gênero, o gênero-tipo de cada família, é, pois, aquele que possui todos os caracteres e propriedades do gênero de um modo marcante e acentuado.”<sup>104</sup>

Por outro lado, de acordo com seu indutivismo, retruca Mill, “nosso conhecimento das propriedades de um gênero nunca é completo,”<sup>105</sup> ao contrário, “estamos sempre descobrindo, e esperando descobrir, outros novos.”<sup>106</sup> Todo o conhecimento de uma determinada classe de fenômenos deve provir inteiramente da observação e da experiência da classe ou gênero em questão. O que Mill recusa terminantemente é o ponto de vista que considera o ‘tipo’ como uma espécie-modelo, no sentido da idealizada matriz vegetal de Goethe,<sup>107</sup> como se fosse possível obtê-lo a partir do conhecimento de um conjunto de caracteres tidos como suficientes para tal. Por essa razão, escreve ele:

... nenhuma inferência relativa a suas propriedades [da espécie], a partir das propriedades das coisas não ligadas entre si pela espécie, vai além de um tipo de suposição usualmente ca-

---

central point within; not by what it strictly excludes; but by what it eminently includes; by an example, not by a precept; in short, instead of a Definition, we have a Type for our director.” (*Apud* MILL, *op. cit.*, p. 469)

<sup>103</sup> “... a Type is an example of any class, for instance a species of a genus, which is considered as eminently possessing the character of the class.” (*ibid.*)

<sup>104</sup> “... the type-species of every genus, the type-genus of every family, is, then, one which possesses all the characters and properties of the genus in a marked and prominent manner.” (*ibid.* p. 470)

<sup>105</sup> “... our knowledge of the properties of a kind is never complete.” (*ibid.*)

<sup>106</sup> “... we are always discovering, and expecting to discover, new ones.” (*ibid.*)

<sup>107</sup> “Em que poderia eu reconhecer que esta ou aquela forma é uma planta, se todas elas não fossem formadas a partir de um modelo?” (GOETHE *apud* RADL, 1909, p. 85)

racterizada como uma analogia e, em geral, em um de seus graus mais fracos.<sup>108</sup>

A crítica de Mill, entretanto, não visa recusar a importância do *type*, mas, digamos, unicamente seu estatuto. Ou seja, Mill reconhece a importância de se obter um tipo que sirva de referência para a classificação, a questão em litígio é a maneira de concebê-lo e o modo de obtê-lo. Para Mill, o *type* é obtido a partir dos caracteres considerados:

... não é verdade que as classes sejam determinadas por um tipo, e não por caracteres; ...Espécies são classes entre as quais existe uma barreira intransponível e o que temos de buscar são marcas, através das quais possamos determinar de que lado da barreira um objeto terá lugar. ... Quando nós tivermos selecionado os caracteres, nós separamos os objetos de acordo com esses caracteres e não de acordo com sua semelhança a um tipo.<sup>109</sup>

Mill reconhece que o procedimento por ele sugerido termina por ser orientado pela semelhança a um tipo, mesmo que selecionado a partir da observação dos caracteres dos objetos. Os grupos ou classes são formados ao redor de certas espécies selecionadas que serviriam como modelo para cada grupo. Contudo, ressalva:

---

<sup>108</sup> "... no inference respecting its properties from the properties of things not connected with it by Kind goes for more than the sort of presumption usually characterised as an analogy, and generally in one of its fainter degrees." (MILL, *op. cit.*, p. 470)

<sup>109</sup> "[But it does not follow,] nor, I conceive, is it true, that these classes are determined by a type, and not by characters. ... Kinds are Classes between which there is an impassable barrier; and what we have to seek is, marks whereby we may determine on which side of the barrier an object takes its place. ... When we have selected the characters, we parcel out the objects according to those characters, and not, I conceive, according to resemblance to a type." (*op. cit.*, p. 471)

Mas ainda que os grupos sejam sugeridos por tipos, eu não penso que um grupo quando formado seja *determinado* pelo tipo; ... Ao contrário, a verdade é que cada gênero ou família é estruturado com distinta referência a certos caracteres, e é composto, em primeiro lugar e principalmente, de espécies que concordam na medida em que possuem todos aqueles caracteres. A estas se somam, como um apêndice, as demais espécies, geralmente em pequeno número, como possuindo *quase* todas as propriedades selecionadas...<sup>110</sup>

Em conclusão,

Os requisitos de uma classificação com o objetivo de facilitar o estudo de um fenômeno particular são, primeiro, reunir em uma só classe todas as espécies de coisas que exibem esse fenômeno, em qualquer variedade de formas e graus; e, em segundo lugar, arranjar essas espécies em uma série, de acordo com o grau em que elas exibem o fenômeno em questão, começando por aquelas que o exibem mais completamente, e terminando por aquelas em que se manifesta em menor grau.<sup>111</sup>

Para o estabelecimento de uma classificação desse gênero, a admissão de uma espécie tipo parece ser indispensável, uma vez que o tipo apresentaria o mais alto grau de suas propriedades constitutivas. A partir do tipo, as demais va-

---

<sup>110</sup> “But though the groups are suggested by types, I cannot think that a group when formed is *determined* by the type; ... The truth is, on the contrary, that every genus or family is framed with distinct reference to certain characters, and is composed, first and principally, of species which agree in possessing all those characters. To these are added, as a sort of appendix, such other species, generally in small numbers, as possess *nearly* all the properties selected.” (*ibid.*, p. 472; itálicos no original)

<sup>111</sup> “The requisites of a classification intended to facilitate the study of a particular phenomenon, are, first, to bring into one class all Kinds of things which exhibit that phenomenon, in whatever variety of forms or degrees; and, secondly, to arrange those Kinds in a series according to the degree in which they exhibit it, beginning with those which exhibit most of it, and terminating with those which exhibit least.” (*ibid.*, p. 475)

riedades seriam concebidas, apesar de pertencerem à mesma classe, como exemplos de degeneração, por assim dizer, deste tipo, desvios em relação a ele pela intensidade inferior da propriedade característica ou das demais propriedades.<sup>112</sup>

### 3. Mill e Freud: causalidade na teoria da classificação

É notável, na crítica de Mill a Wewhell, nem tanto o termo *type*, já que consistia em termo corrente, mas a defesa milliana de uma concepção da no-

---

<sup>112</sup> “... instances of degeneracy, as it were, from that type, deviations from it by inferior intensity of the characteristic property or properties.” (*ibid.*, p. 477) O interesse pela classificação vem, certamente, de longa data, adquirindo um interesse renovado em meados do século XVII e XVIII, como mostra Foucault (*As palavras e as coisas*, capítulo V, “classificar”). O debate entre Mill e Whewell acerca da determinação da noção de *type* representa, assim, em pleno século dezenove, a disputa de longa data entre nominalismo e essencialismo na teoria da classificação. Questão, aliás, até hoje ainda em litígio. Em sua crítica da noção darwiniana de espécie, KRANICH, em *Thinking beyond Darwin. The idea of the type as a key to vertebrate evolution* [Pensando além de Darwin. A idéia de tipo como uma chave para a evolução dos vertebrados], publicado em 1998, retoma exatamente o debate estabelecido em torno dessa noção, e através da crítica à concepção nominalista de *type*, que estaria nos fundamentos do conceito forjado por Darwin, tenta demonstrar as limitações da concepção darwiniana. A perspectiva alternativa proposta por Kranich, como é fácil inferir, é a noção essencialista de *type*, proveniente dos estudos de zoologia e botânica realizados por Goethe. Não parece ser, portanto, nenhum exagero a opinião de RADL, (*op. cit.*, p. 91) segundo a qual a tese milliana de que os grupos naturais são obtidos por definição, teria servido de base metodológica, a partir da qual Darwin pôde diferenciar-se das concepções anteriores e erigir seu *The Origin of Species* [A origem das espécies]. Mill, aliás, manifestava opinião muito favorável em relação às hipóteses de Darwin: “A notável especulação de Darwin sobre a origem das espécies é um outro inquestionável exemplo de uma hipótese legítima. O que ele chama ‘a seleção natural’ não é somente uma *vera causa*; é uma que provou ser capaz de produzir efeitos da mesma espécie que aqueles que a hipótese lhe atribuiu. É absurdo acusar o Sr. Darwin (como se tem feito) de violar as regras da indução. ... Ele abriu um caminho de pesquisas cheio de promessas, cujos resultados ninguém pode prever. ...” (MILL, 1843, Livro III, capítulo XIV, p. 328, nota.)

ção de tipo como resultado de uma definição, isto é, de uma determinação empírica, o que delimita claramente o terreno do qual emanam suas idéias metodológicas. O que salta à vista, porém, é a semelhança com a metodologia freudiana, de modo que as idéias de Mill parecem servir muito bem como pressupostos ao trabalho freudiano de inovação nosográfica, senão vejamos.

Vimos que em termos descritivos Charcot utilizava como referência na organização do quadro histérico o que considerava o ‘tipo’ mais completo em que se manifestavam as reações históricas, a *Grande Hystérie*, ao lado do qual situava os casos incompletos, mais difusos; e que Freud parecia servir-se de método análogo em seu trabalho de inovação nosográfica, embora apresentasse uma preocupação etiológica, ausente em Charcot. O arranjo dos casos (ou espécies, nos termos de Mill) em série é, certamente, um procedimento adotado por ambos. Sabemos, todavia, que é pela preocupação etiológica, expressa na busca incessante pelas causas das neuroses, que Freud separa-se de Charcot e aproxima-se de Mill.<sup>113</sup> De fato, a causalidade exerce um papel decisivo na epistemologia milliana como um todo.<sup>114</sup> No capítulo V, do livro III, de *System*, depois de expor o que entende por lei de causalidade,<sup>115</sup> Mill passa a analisar os fenômenos considerados os antecedentes, ou causas, de um fenômeno conseqüente, ou efeito, uma vez, que seria raro o caso em que subsistiria uma seqüência invariável apenas entre um conseqüente e um único ante-

---

<sup>113</sup> Quanto às prováveis pressuposições metodológicas de Charcot, veremos, na segunda parte do trabalho (capítulo 6, item 4), alguns elementos diferenciadores entre os seus pressupostos metodológicos e os de Hughlings Jackson, que nos permitem vislumbrar o terreno no qual sua metodologia parece estar amparada: as proposições lançadas por Claude Bernard.

<sup>114</sup> “... todos os modos de sentimento [feeling] e conduta encontrados entre a espécie humana têm causas que os produzem; e nas proposições que designam essas causas encontrar-se-á a explicação [explanation] das leis empíricas ...” (MILL, *op. cit.*, p. 564)

<sup>115</sup> Cf. também, acima, nota 95.

cedente. Ordinariamente, a seqüência seria estabelecida entre um conseqüente e vários antecedentes, necessitando-se da concorrência de todos eles para a produção de um efeito. O conjunto desses antecedentes ou circunstâncias constituiriam o que denominou *condições* [*conditions*] do fenômeno, ou “o conjunto dos antecedentes que o determinaram e sem o qual ele não teria acontecido.” (p. 214) A causa real, segundo Mill, consistiria no todo dos antecedentes. No entanto, poder-se-ia distinguir entre eles *eventos* [*events*] de *estados* [*states*], como quando uma pessoa come uma determinada iguaria e morre em conseqüência disso, por exemplo. Nesse caso, embora uma série de circunstâncias devam ser consideradas, como a constituição física, o estado atual de saúde, etc., o *evento* “comer a iguaria” distingue-se dos demais *estados* mais ou menos permanentes. Tais estados “poderiam, portanto, ter precedido o efeito por uma duração indefinida na falta do evento que era requisitado para completar o conjunto de condições exigidas;” por outro lado, “tão logo esse evento, comer a iguaria, ocorre, nenhuma outra causa é esperada, mas o efeito começa imediatamente a acontecer.” (*ibid.*) Mill admite ser adequado “dar o nome de causa para aquela condição [*condition*] única, cuja realização completa o fato [*tale*] e produz o efeito sem mais demora,” (*ibid.*) apesar de considerar que esta condição não teria, na realidade, uma relação mais estreita com o efeito do que qualquer uma das outras condições. Isto é, para ele, todas as condições são consideradas indispensáveis para a produção do conseqüente e o estabelecimento da causa resta incompleto se não forem introduzidas todas elas. Mill termina por definir a causa de um fenômeno como “o antecedente, ou a concorrência de antecedentes, dos quais ele é invariavelmente e *incondicionalmente* o conseqüente.” (*ibid.*, p. 222; itálicos no original)

Sabemos que Freud, embora reconhecesse o fator hereditário como uma

condição importante na determinação das psiconeuroses, tinha como propósito remetê-lo para segundo plano, na qualidade de condição geral não necessária. Assim, na “fórmula etiológica,” como a denominava, ao lado daquilo que havia distinguido como “condições” e “causas concorrentes,”<sup>116</sup> o fator que ganhou proeminência foi o sexual, adquirindo o status de “causa específica,” elemento determinante na causação das neuroses, na ausência do qual, acreditava Freud, pelo menos nos primórdios da psicanálise, perturbações mentais não seriam desencadeadas.

Obviamente, Mill não se prolonga até o estabelecimento de distinções análogas àquelas estabelecidas por Freud em sua fórmula etiológica, mesmo porque não é seu objetivo aplicar seus pressupostos a nenhum campo específico de fenômenos. No entanto, o que nos parece importante para o trabalho desenvolvido por Freud é precisamente a prescrição feita por Mill, a necessidade de um tratamento analítico dos diversos fatores causais ou antecedentes envolvidos na produção de um fenômeno.<sup>117</sup> Guiando-se por essas regras

---

<sup>116</sup> Cf., acima, capítulo 2, item 2.

<sup>117</sup> “Resulta da exposição precedente [Sobre a composição das causas] que o processo de averiguação de quais conseqüentes na natureza estão invariavelmente conectados com quais antecedentes, ou, em outras palavras, quais fenômenos estão relacionados entre si como causas e efeitos, é um processo de análise.” (MILL, *op. cit.*, Livro III, capítulo VII, p. 247-8) No fundo, parece ser esse o procedimento presente na base do próprio método de investigação forjado por Freud para a pesquisa das *cenar* traumáticas responsáveis por um quadro de sintomas, além dos sonhos. “É essencial apenas, qualquer que seja o ponto em que nossa decomposição mental de fatos tenha parado no momento, que nos mantenhamos prontos e aptos a levá-la mais adiante assim que a ocasião o exigir, e não deixemos que a liberdade de nossa faculdade de discriminação seja aprisionada pelas ataduras e amarras das classificações ordinárias ...” (*ibid.*, p. 249) (Compare com a nota 82) Ou seja, tal procedimento encontrar-se-ia na base não apenas de seu trabalho de inovação nosográfica, mas estender-se-ia até os fundamentos do método batizado nesse mesmo período [FREUD, 1896a] de método da *psicanálise*. – Em sua análise das causas, Mill distingue, ainda, dois modos em que elas agiriam, o *mecânico* e o *químico*. O primeiro seria o caso em que o efeito conjunto de várias causas é idêntico à soma de seus efeitos separados, enquanto que o segundo pode ser

metodológicas ele teria sido capaz de estabelecer a distinção entre aquelas diferentes classes de causas e escrever uma fórmula etiológica que julgava capaz de expressar a interação entre elas, e a determinação do efeito por aquela classe de causas considerada necessária e suficiente.

Particularmente no que respeita à classificação, Mill entende como sua função fazer com que as coisas se apresentem ao pensamento em grupos formados e dispostos da maneira mais adequada a despertar a recordação e a chegar ao descobrimento de suas leis.<sup>118</sup> Descobrir suas leis, eis o propósito de uma classificação considerada “científica” ou “natural,” em oposição as classificações denominadas meramente “técnicas” ou “artificiais.” Nesta última, os objetos seriam distribuídos de acordo com sua concordância com alguma propriedade particular e arbitrariamente escolhida, caso em que geralmente dis-

---

expresso pela combinação química de duas substâncias que produz uma terceira substância, com propriedades diferentes tanto de cada uma delas tomadas separadamente como de ambas tomadas em conjunto. Mill chamou também de *heteropáticas* as leis dos fenômenos em que se verifica a combinação desses dois modos de ação causal. (*ibid.*) Entre os fenômenos mentais encontrar-se-iam estas últimas. “Tome, por exemplo, as leis heteropáticas da mente, aquela porção dos fenômenos de nossa natureza mental que são mais análogas aos fenômenos químicos do que aos dinâmicos, como quando uma paixão complexa é formada pela coalizão de diversos impulsos elementares, ou uma emoção complexa por diversos prazeres ou dores simples, de que ela é o resultado sem ser o agregado, ou em nenhum respeito homogêneo a eles. O produto, nesses casos, é gerado por seus diversos fatores, mas tais fatores não podem ser reproduzidos a partir do produto; assim o jovem pode crescer [grow] até [ser] um homem velho, mas o homem velho não pode crescer [grow] até [ser] um jovem. Não podemos determinar a partir de quais sentimentos simples são gerados nenhum de nossos estados complexos de consciência [mind], como nós determinamos os ingredientes de um composto químico, fazendo-os, por seu turno, gerar do composto. Nós podemos, pois, apenas descobrir essas leis através de um processo lento de estudo dos próprios sentimentos simples, e constatando sinteticamente através do ensaio [experimenting] sobre as diversas combinações de que eles são suscetíveis, o que eles, pela sua ação mútua, uns sobre os outros, são capazes de gerar.” (*ibid.*, capítulo X, p. 291)

<sup>118</sup> “To provide that things shall be thought of in such groups, and those groups in such an order, as will best conduce to the remembrance and to the ascertainment of their laws.” (*ibid.*, p. 466)

por-se-iam num mesmo grupo objetos que em seu conjunto de propriedades não se parecem em nenhum modo; e, por outro lado, em grupos até muito distintos objetos que possuem entre si a mais estrita semelhança.<sup>119</sup> Dado que a atividade nosográfica de Charcot restringia-se ao plano descritivo, talvez não seja incorreto, do ponto de vista de Mill, denominar o quadro histérico escrito por ele uma classificação “técnica” ou “artificial.” Ao contrário, o trabalho freudiano era caracterizado por uma preocupação etiológica e uma busca incessante das causas das neuroses, motivada pelo interesse em descobrir as leis que governariam os fenômenos psicopatológicos. Como vimos no capítulo anterior, Freud, assim como Mill, busca a “explicação” dos fenômenos, não apenas sua “descrição.” É exatamente nesse sentido que Mill entende ser a finalidade básica de uma classificação científica, ou seja, a obtenção de proposições gerais cada vez mais numerosas e mais importantes do que aquelas que podem resultar de classificações de outra natureza, formadas a partir dos mesmos objetos. Assim é que, para Mill (e, também, para Freud), a classificação considerada científica ou natural deve resultar não pura e simplesmente da consideração das propriedades manifestas, que podem ser afirmadas a todos os objetos da classe, mas fundamentalmente das propriedades não manifestas, quando estas são mais importantes, mesmo que em número reduzido.

Portanto, as propriedades de acordo com as quais os objetos são classificados devem, se possível, ser aquelas que são as causas de muitas outras propriedades; ou, de qualquer modo, aquelas que são seguramente as marcas delas. As causas são

---

<sup>119</sup> Recorde-se, nesse aspecto, o trabalho de redistribuição minuciosa dos sintomas obsessivos realizado por Freud, que resultou na distinção do quadro da neurose obsessiva; recorde-se também do trabalho de separação do quadro da neurose de angústia. Suas justificativas eram calcadas exatamente na confusão e inconsistência presentes entre as classificações então vigentes.

preferíveis por dois motivos, porque são as mais seguras e mais diretas das marcas, e também porque são, elas mesmas, as propriedades sobre as quais nossa atenção ordinariamente é mais fortemente fixada.<sup>120</sup>

Mas Mill reconhece que embora as causas dos fenômenos constituam as referências ideais, na maior parte dos casos elas não podem ser direta ou imediatamente reconhecidas e observadas. Assim, em lugar da própria causa, geralmente se é obrigado a escolher como marcas alguns de seus efeitos mais salientes;<sup>121</sup> nesses casos, tais efeitos podem ser tomados como as marcas ou referências tanto dos demais efeitos observados, como da própria causa ainda não identificada.

Eis aqui, portanto, a justificativa freudiana em se conceber mecanicamente o processo psicopatológico, desde a causa latente até os efeitos manifestos, e a pretensão em apreender os diferentes mecanismos psíquicos subjacentes às distintas enfermidades. Em outras palavras, tratar-se-ia de agrupar os fenômenos neuróticos em quadros separados, a partir das propriedades identificadas como determinantes, a fim de descobrir suas causas e estabelecer as leis que governariam cada classe de neurose.

... eu encontro um paralelismo regular, prova da relação etiológica particular entre a natureza da influência sexual e a es-

---

<sup>120</sup> “The properties, therefore, according to which objects are classified should, if possible, be those which are causes of many other properties; or, at any rate, which are sure marks of them. Causes are preferable, both as being the surest and most direct of marks, and as being themselves the properties on which it is of most use that our attention should be strongly fixed.” (*ibid.*, p. 467)

<sup>121</sup> “Instead of the cause, we must generally select some of its more prominent effects, which may serve as marks of the other effects and of the cause.” (*ibid.*, p. 467)

pécie mórbida da neurose.<sup>122</sup>

Por fim, que pensar da opinião de Freud sobre o futuro da psicanálise quando declara que todo o edifício conceitual e prático construído por ele pode vir a ser substituído por conhecimentos físico-químicos referentes à organização pulsional?

Em terceiro lugar, precisa-se recordar que todos os nossos conhecimentos psicológicos provisórios podem um dia vir a ser formulados sobre o terreno dos representantes orgânicos. É provável, então, que sejam substâncias especiais ou processos químicos, que exerçam os efeitos da sexualidade e possibilitem a continuidade da vida individual na da espécie. Nós levamos em conta essa probabilidade, ao substituirmos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.<sup>123</sup>

Portanto, como Mill e sua concepção empirista do conhecimento, também Freud subscreve a possibilidade de que as leis dos fenômenos psíquicos possam, em última análise, ser resolvidas em leis dos fenômenos físicos.<sup>124</sup> O

<sup>122</sup> “... je trouve un parallélisme regulier, preuve de relation étiologique particulière entre la nature de l’influence sexuelle et l’espèce morbide de la névrose.” (FREUD, 1896a, p. 414)

<sup>123</sup> “... Drittens muß man sich daran erinnern, daß all unsere psychologischen Vorläufigkeiten einmal auf den Boden organischer Träger gestellt werden sollen. Es wird dann wahrscheinlich, daß es besondere Stoffe und chemische Prozesse sind, welche die Wirkungen der Sexualität ausüben und die Fortsetzung des individuellen Lebens in das der Art vermitteln. Dieser Wahrscheinlichkeit tragen wir Rechnung, indem wir die besonderen chemischen Stoffe durch besondere psychische Kräfte substituieren.” (FREUD, 1914c, p. 46) Não devemos nos esquecer também da posição freudiana em relação ao caráter provisório dos conceitos fundamentais de uma ciência, manifestada no trabalho metapsicológico de 1915. Cf., acima, Introdução, nota 5.

<sup>124</sup> É necessário levar em conta, ainda, que enquanto Mill se expressa como uma mera

caráter provisório do conhecimento e dos conceitos forjados por uma ciência, tanto em Freud quanto em Mill, é uma decorrência da perspectiva empírica da epistemologia que eles abraçam.

#### 4. (*Philosophische*) *Vorurteile*

A compreensão do sentido do ultrapassamento de Freud em relação a Charcot requer não apenas a identificação da metodologia freudiana, mas impõe como exigência também a explicitação dos pressupostos epistemológicos e filosóficos subjacentes e ela. Implica, portanto, na explicitação de um Freud não puramente teórico, já o sabemos, mas sobretudo de um pesquisador para quem a prática clínica está indissociavelmente ligada à teoria; melhor: que é a teoria<sup>125</sup> que dá sentido e organiza a prática.

Uma vez que alia à esfera descritiva, sintomática, a exigência etiológica, causal, a novidade freudiana implica de certa forma a redefinição mesma do conceito de nosografia. Mais do que isso, talvez, a preocupação teórica de Freud, que o guia para além do horizonte charcotiano, evidencia a própria natureza da atividade de Freud, seu caráter propriamente nosológico, muito mais que meramente nosográfico, dado que a escrita da doença deve pressupor um discurso, uma concepção acerca da mesma; em suma, pressupõe uma investida

---

possibilidade [may be], Freud a considera uma probabilidade [Wahrscheinlichkeit]! Cf., acima, nota 97.

<sup>125</sup> Com o termo “teoria” não nos referimos somente a teorias já formalizadas, mas, sim, mesmo a idéias gerais ou apenas *working hypotheses*. A esse respeito ver, p. ex., CHALMERS, 1993, especialmente o capítulo intitulado “A dependência que a observação tem da teoria.”

cognitiva sobre os fenômenos sob categorização.<sup>126</sup> Com efeito, o reagrupamento dos fenômenos neuróticos manifestos – os sintomas – implica a reconsideração mesma dos termos que os definem enquanto doença, a investigação de sua natureza, a determinação das propriedades essenciais que permitam singularizá-los em quadros únicos como entidades clínicas independentes. Nos alicerces desse discurso nosológico podem, de fato, encontrar-se as idéias de Mill, senão vejamos.

Sabemos que, para Freud, a propriedade determinante e organizadora de um quadro de neurose deve ser o mecanismo do qual resultam, o processo de causação, do qual os sintomas neuróticos (mais tarde, reconhecerá como tais, também os sonhos, atos falhos etc.) não seriam senão manifestações superficiais. Em suma, embora haja distinção entre as formas manifestas haveria identidade entre as propriedades mais fundamentais. Recorde-se que, dizia Mill, uma classificação científica não deve resultar simplesmente da consideração das propriedades manifestas reconhecidas como comuns, mas das propriedades não manifestas, quando estas são mais importantes. Por isso, “... as propriedades, de acordo com as quais os objetos são classificados, devem, se possível, ser aquelas que são as causas de muitas outras propriedades ...”<sup>127</sup> O caráter reducionista em Mill, assim como em Freud, justifica-se na medida em que o objetivo do agrupamento de fenômenos em classes, uma classificação científica, é a descoberta das leis sob as quais tais fenômenos estariam submetidos.

---

<sup>126</sup> “Ramo da medicina que se ocupa da atribuição de nomes às doenças, em defini-las, em estudar nelas todas as circunstâncias sobre o ser vivo ... em investigar nelas a natureza ... a própria natureza da doença. Em todos os casos, o tratamento constitui sempre o objetivo da nosologia, mostrando assim que qualquer estudo das enfermidades seria vão se ele não visasse o estabelecimento de uma terapêutica útil.” (LITTRÉ, *op. cit.*, p. 1123; verbete *Nosologie*.)

<sup>127</sup> Cf., acima, nota 120.

Tudo se passa, portanto, como se o agrupamento de fenômenos neuróticos em classes fosse justificado por uma espécie de prejuízo [Vorurteil] acerca de sua identidade estrutural. Se for assim, a interrogação acerca das constantes generalizações efetuadas por Freud encontraria aqui suas justificativas. Isto é, se for lícito agrupá-los em uma mesma classe, uma vez que compartilham as mesmas propriedades (o mesmo mecanismo, a mesma causa), é lícito reconhecer neles as mesmas leis. Como um bom cientista natural, Freud buscará conhecer os processos, mas visará, sobretudo, suas causas, com o objetivo explícito de formular proposições gerais válidas para todos os membros da classe.<sup>128</sup> De fato, em que consiste a tese da identidade entre sonho e sintoma, senão na expressão do reconhecimento de uma infra-estrutura comum, um aparelho psíquico. Em outras palavras, um campo de fenômenos regidos pelas mesmas leis, cujas manifestações não apresentariam senão diferenças na sua forma de expressão. Portanto, como um bom cientista, e como Mill, todo esforço de Freud será o de tentar compreender a natureza dos fenômenos deste campo (meta) psicológico – a natureza das forças que interagem no interior do

---

<sup>128</sup> Parecem ser esses os pressupostos teóricos que orientam a atividade de Freud. Nesse sentido, não é demais observar que também a análise dos sonhos será orientada segundo esses mesmos parâmetros. “Os pacientes, aos quais eu havia solicitado comunicar-me todas as ocorrências e pensamentos que surgissem sobre um determinado tema, contaram-me seus sonhos e assim me ensinaram que um sonho pode inserir-se num encadramento psíquico que se persegue retrocedendo na recordação a partir de uma idéia patológica. Isso me sugeriu tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar-lhe o método de interpretação elaborado para os sintomas” (FREUD, 1900a, p. 121) À identidade entre sonho e sintoma, corresponde a unicidade do método e dos pressupostos metapsicológicos que começam a ser estabelecidos. “Quero revelar-lhe apenas que o esquema do sonho [Traumschema] está apto para uma aplicação mais geral [einer allgemeinsten Anwendung], e que a chave da histeria realmente reside nos sonhos.” (FREUD, 1985c, p.371, carta 188 a Fließ, de 03/01/1899) Logo a seguir: “A última idéia geral [allgemeine Gedanke] manteve-se e parece querer avançar até o imprevisível. Não é unicamente o sonho que é uma realização de desejo, também o ataque histérico a é.” (*ibid.*, p. 377, carta 192, de 19/02/1899) Sobre a relação entre método e metapsicologia, cf. HONDA, 1999.

aparelho psíquico e o põem em movimento –, a fim de estabelecer proposições gerais que expressem as leis que os governam. Nessa empreitada caberá a ele a constituição de uma disciplina específica: a metapsicologia.<sup>129</sup>

Embora negligenciada pela grande maioria dos comentadores da obra de Freud, a afinidade entre os textos de Mill e Freud serve de indício de uma convergência entre ambos. Mais do que uma mera semelhança de superfície, no entanto, nosso estudo aponta, sobretudo, para uma afinidade nos pressupostos filosóficos e no propósito metodológico. Não parece prudente, apesar disso, afirmar apressadamente que as idéias de Mill constituem os pressupostos da metodologia freudiana, nem consiste no escopo de nossa investigação qualquer pretensão em advogar em favor da filosofia de Mill como “o” fundamento da psicanálise freudiana, ao contrário, o ecletismo filosófico de Freud parece patente, como já mostrou Gabbi Jr. (1998, p. 10)<sup>130</sup> Mas, se a estes somarmos novos indícios resultantes de nossa reconstrução – sobre a presença das idéias de Mill na formação de Freud –, apresentada na seqüência do tra-

---

<sup>129</sup> “Os seres humanos não sentem e agem todos da mesma maneira nas mesmas circunstâncias, mas é possível determinar o que faz uma pessoa, numa dada situação, sentir ou agir de certo modo, uma outra, de outro modo, e é possível determinar como se formou ou pode ter se formado qualquer modo dado de agir ou sentir compatível com as leis gerais (físicas e mentais) da natureza humana. Em outras palavras, a humanidade não tem um caráter universal, mas existem leis universais da Formação do Caráter. E visto que é por meio dessas leis, combinadas com os fatos de cada caso particular, que se produzem todos os fenômenos da ação e do sentimento humanos, é delas que deve partir toda tentativa racional de erigir a ciência da natureza humana na realidade e com finalidades práticas.” (MILL, *op. cit.*, p. 564) Embora não avancemos nessa direção, parece possível estabelecer outra relação, se pudermos considerar a metapsicologia freudiana como inserindo-se na tentativa de dar corpo à proposta de Mill acerca da constituição dessa disciplina fundamental para a consolidação da psicologia como ciência, a Etologia. A relação entre Psicologia e Etologia pode servir como uma boa matriz para pensar as relações entre a clínica freudiana e a metapsicologia, na medida em que as verdades (leis) empíricas obtidas pela observação, por um lado, devem ser resolvidas (subsumidas) em verdades (leis) gerais estabelecidas, por outro.

<sup>130</sup> Cf. também KIMMERLE (1988), especialmente o último capítulo, intitulado *Embaraçamento de princípios*.

balho, e os desenvolvimentos constantes na segunda parte – a relação íntima entre as idéias de Freud e as do neurologista inglês John Hughlings Jackson –, julgamos ter boas razões para crer que o papel da tradição de pensamento britânica na constituição da psicanálise é incomensuravelmente maior do que se pensava até agora, revelando-se mesmo como uma das fontes imprescindíveis para o esclarecimento dos fundamentos filosóficos e metodológicos da obra de Freud.

### *Excursão*

#### *A filosofia britânica e a ciência alemã no século XIX: sobre a presença das idéias de Stuart Mill na formação de Freud*

Nossa reconstrução do itinerário que as idéias de Mill teriam percorrido até chegar ao círculo no qual se formava o jovem Freud inicia-se com as indicações de E. M. Radl. Em seu manual, publicado pela primeira vez na Alemanha há quase um século, em 1909, sob o título *Geschichte der biologischen Theorien*, informa-nos de maneira sucinta, mas com uma clareza louvável, sobre a influência determinante exercida pelas idéias filosóficas e metodológicas de Mill nas concepções de ciência e nos novos rumos tomados pelas pesquisas em fisiologia na Alemanha durante o século dezenove. As idéias de Mill teriam sido decisivas na transição da *Naturphilosophie* para a *Naturwissenschaft*, em particular na constituição das idéias científicas de Helmholtz e dos cientistas que o cercavam.<sup>131</sup>

---

<sup>131</sup> Obviamente, o panorama filosófico de múltiplas faces, através do qual as idéias de Mill penetraram na Alemanha da época, era aquele caracterizado pelas pretensões em superar as perspectivas materialistas e românticas por meio de um verdadeiro “retorno à Kant,” o debate em torno do neokantismo. Para nossos propósitos, basta assinalar que Helmholtz representaria nesse debate uma vertente preocupada em redefinir as

## 1. Mill e a transição da *Naturphilosophie* para a *Naturwissenschaft*

As fontes da concepção vitalista estariam no anseio daqueles que pensavam que seria possível encontrar para as ciências da vida uma força análoga àquela descoberta por Newton na física, a gravitação universal. Tal anseio não apenas impulsionava a difusão de concepções vitalistas, mas principalmente guiava as pesquisas realizadas que visavam alcançar o que se concebia como *Lebenskraft*, ou força vital. A expressão maior dessa doutrina teria alcançado seu ápice no idealismo dos assim chamados *Naturphilosophen*, notadamente Goethe, Fichte, Hegel e Schelling. Particularmente em relação ao primeiro, tido como o pai da doutrina da metamorfose, sabe-se de suas pesquisas em botânica e de sua busca incessante por aquela que seria a “planta primordial,” matriz originária de toda uma espécie vegetal.<sup>132</sup> No que respeita à Fisiologia, o vitalismo encontrava guarida nas concepções de Johannes Müller, considerado o mentor dos membros mais renomados da Escola de Berlim, como Helmholtz, Du-Bois Reymond e Brücke. De acordo com Radl, Müller poderia ser considerado “um cientista de tendência filosófica naturalista, sobre quem Goethe teve grande influência, tanto como poeta quanto como pesquisador naturalista.” (*ibid.*, p. 74)

Helmholtz, embora tenha buscado novos fundamentos e orientações para a Fisiologia, não teria se mantido completamente independente de Müller. Ele, Du-Bois Reymond e Brücke teriam deixado de lado seu idealismo

---

condições do conhecimento e o estatuto da epistemologia. Daí, o interesse pela questão da percepção e a assimilação das idéias de Mill na construção de sua teoria da percepção visual, como veremos.

<sup>132</sup> Conforme transcreve Radl, Goethe expressava seu *leitmotiv* através da seguinte questão: “Em que poderia eu reconhecer que esta ou aquela forma é uma planta, se todas elas não fossem formadas a partir de um modelo?” (*op.cit.*, p. 85)

e se orientado para uma interpretação mecânica da vida, ao introduzir o método experimental, tomado de empréstimo da Física Moderna; todavia, como observa Radl, seguido depois por Lenoir (1986), “eles tomaram de Müller a concepção anatômica da vida e mesclaram a física e a anatomia em uma espécie de fisiologia.” (*ibid.*, p. 75)

Helmholtz teria sido um grande combatente dos *Naturphilosophen*, considerados por ele leitores equivocados de Kant.<sup>133</sup> Contra as pretensões idealistas da filosofia naturalista, segundo a qual, poder-se-ia dizer, com Schelling, “uma teoria perfeita da natureza seria aquela que transformasse a natureza em razão,” (*apud* RADL, *ibid.*, p. 80) Helmholtz teria recomendado o método indutivo, proveniente de Stuart Mill. Laudan comenta acerca de *System*, publicado pela primeira vez em 1843:

A julgar pelas recepções que mereceu na época, a obra tornou-se imediatamente um clássico, passando a ser utilizada como texto nas universidades inglesas até quase o final do século. (1968, p. 36)

Mas tudo indica que a obra de Mill teria encontrado terreno fértil também no continente. Assim como os filósofos franceses do período pré-revolucionário teriam se inspirado nas idéias dos ingleses Locke e Newton, também a *Naturphilosophie* – derivada das idéias de Kant – teria sua origem nos esforços especulativos germânicos em superar a filosofia de Hume. Do mesmo modo, diz Radl, na segunda metade do século dezenove, a então emergente *Naturwissenschaft* teria buscado seus conceitos fundamentais em domínios

---

<sup>133</sup> Cf., acima, nota 131.

britânicos, na filosofia de John Stuart Mill.<sup>134</sup> A Lógica de Mill oferecia uma concepção inteiramente distinta daquela que dominava o continente, em especial a Alemanha.<sup>135</sup> Particularmente em relação a Helmholtz, Radl escreve:

... descartou a filosofia naturalista, fundou a teoria empírica da origem das representações visuais e seguiu a Mill até o ponto de querer demonstrar que a intuição do volume tridimensional é adquirida pela experiência. Enfim, em sua maior parte, sua *Ótica Fisiológica* permanece fiel à filosofia inglesa ... (*ibid.*, p. 91)

Mas não é apenas na obra sobre a história das teorias biológicas que lemos sobre a influência exercida pelas idéias de Mill. Em Edward S. Reed, *The Separation of Psychology from Philosophy: Studies in the Sciences of Mind 1815-1879* [A separação da psicologia a partir da filosofia: estudos em ciências da mente 1815-1879], publicado em 1994, pode-se ler:

---

<sup>134</sup> Vale lembrar, como o fazem Radl e Laudan, que com a obra de Mill tornava-se público um debate acerca da prioridade dos princípios geométricos, defendidos por Whewell, seguindo a Kant, aos quais Mill era frontalmente contrário. A esse respeito escreve LAUDAN: “Mill não podia concordar com Whewell (e Kant) em que as teorias científicas possuem, ao mesmo tempo, uma universalidade e uma necessidade que a experiência jamais poderia justificar por si só.” (*ibid.*, p. 36)

<sup>135</sup> É nesse sentido que afirma RADL: “o desprezo dos filósofos naturalistas pela lógica e pelo método levou a desvios. Embora o método não seja tudo, sem dúvida, é uma parte essencial da ciência, e por este motivo se recomendava, com razão, a leitura de Mill como remédio contra a filosofia naturalista.” (*op. cit.*, p. 87) Curiosamente, Mill não é sequer referido na obra de Lenoir. Sua obra, intitulada *The Strategy of Life: Teleology and Mechanics in Nineteenth-Century Biology* [A estratégia da vida: teleologia e mecânica na biologia do século dezanove], contém, aliás, um capítulo intitulado *Worlds in Collision* [Mundos em colisão], no qual, como bem o expressa, trata precisamente dessa nova fundamentação científica estabelecida por Helmholtz e outros, e da orientação inteiramente nova tomada pelas pesquisas por eles desenvolvidas. A mesma ausência é verificada em Canguilhem (1965), *La Constitution de la Physiologie comme Science* [A constituição da fisiologia como ciência].

Mill acreditou em um programa psicologista de construção ‘lógica’ (epistemologia e teoria da ciência) sobre fundamentos de psicologia fisiológica. Esta abordagem teria alcançado seu ponto alto na obra de Hermann von Helmholtz, que via sua obra em acústica e ótica fisiológica como prolegômenos para quaisquer futuras epistemologias.<sup>136</sup>

O mérito da obra de Reed, em relação aos nossos objetivos, está em apresentar uma sugestão inteiramente nova a respeito das teses correntes sobre as raízes da noção de Inconsciente, a saber, de que, à época, em Mill encontrar-se-ia a única concepção de inconsciente compreendido enquanto sistema: um *inconsciente lógico*. Segundo essa sugestão, Stuart Mill teria introduzido uma inovação radical ao propor a hipótese de uma *mente racional inconsciente*.<sup>137</sup>

Para Reed, a concepção de um inconsciente lógico seria derivada da idéia de um processo inferencial não consciente. Mill teria chegado a ela ao tentar defender a psicologia associacionista, preconizada pelo seu pai, James Mill, dos ataques que ele sofreu por parte dos filósofos escoceses, e ao tentar desenvolver uma teoria lógica geral que fosse consistente com tal psicologia.

Apesar dos historiadores terem tendido a localizar a doutrina da ‘inferência inconsciente’ nos anos 1850 e 1860 na Alemanha (especialmente na obra de Helmholtz e seu então assistente Wundt), a *Lógica* de Mill é provavelmente a fonte

---

<sup>136</sup> “Mill believed in a psychologistic programme of building ‘logic’ (epistemology and theory of science) on the foundations of physiological psychology. This approach was to reach its high point in the work of Hermann von Helmholtz, who saw his work in physiological optics and acoustics as prolegomena to any future epistemologies.” (p. 335)

<sup>137</sup> “... there are non-conscious mental processes which are identical with, or least resemble, the process of drawing inferences and making judgements.” (MILL, *apud* REED, *ibid.*, p. 330)

dessa doutrina; e nós sabemos que ela era lida e utilizada por esses e por outros eminentes psicólogos alemães.<sup>138</sup>

Se Reed tem ou não razão em extrair da doutrina de Mill uma concepção de inconsciente como a denomina, é uma questão em relação à qual ainda não dispomos de elementos suficientes para decidir, nem constitui o escopo deste trabalho. No entanto, é válido tentar extrair algumas conseqüências das sugestões por ele apresentadas. Ele denomina a primeira concepção de inconsciente que encontrou na primeira metade do século dezenove de *inconsciente sobrenatural* [*supernatural unconscious*], cujo caráter ontológico remontaria à noção kantiana de *númeno*, e seria anterior à de Mill. De acordo com essa concepção, ações e idéias inconscientes deveriam ser tratadas como sendo causadas por forças que não podem ser observadas, porque não são fenomenais, mas numenais.<sup>139</sup>

A segunda concepção, denominada *inconsciente natural* [*natural unconscious*], estaria desdobrada em duas formas naturais de conceber um inconsciente. Na primeira, incluir-se-ia, no conceito de inconsciente, idéias ou estados mentais cuja existência ou ocorrência era considerada como passível de ser inferida através da introspecção; a segunda forma seria aquela que postulava a existência de uma mente inconsciente separada do domínio da consci-

---

<sup>138</sup> “Although historians have tended to locate the doctrine of ‘unconscious inference’ in the 1850s and 1860s in Germany (especially in the work of Helmholtz and his erstwhile assistant Wundt), Mill’s *Logic* is probably the source of this doctrine, and we know that it was read and used by these and other prominent German psychologists.” (*ibid.*)

<sup>139</sup> “... actions that people make without consciousness, or against their conscious ideas, are treated as being caused by forces that cannot be observed (are not phenomenal but noumenal).” (*ibid.*, p. 329)

ência. Segundo Reed, é importante considerar o contraste entre estas duas formas de inconsciente natural:

Herbart, p. ex., postulou idéias inconscientes e em larga medida inventou o moderno conceito de limiar para explicar quando idéias ‘acedem à consciência.’ Mas Herbart enfatizou apenas idéias, ele não especulou sobre a existência de uma mente inteiramente inconsciente, ou parte dela.<sup>140</sup>

Portanto, até cerca de 1830,<sup>141</sup> o inconsciente teria sido concebido como fonte de forças irracionais, sejam naturais ou sobrenaturais.

Se a reconstrução de Reed for correta, resultam algumas questões. Embora não possamos tomar suas considerações como diametralmente opostas à tese quase unânime entre os estudiosos do freudismo, segundo a qual parte significativa das idéias psicológicas de Freud decorre do pensamento de Herbart,<sup>142</sup> temos de considerar que a concepção de inconsciente enquanto sistema, enquanto *inconsciente lógico*, derivada de Mill, apresenta-se como uma hipótese bastante inovadora. A investigação desse problema ultrapassa nossos objetivos, mas oferecemos, no desenvolvimento deste excuro, indicações adicionais acerca das raízes das noções constituintes do objeto da psicanálise. Nesse sentido, vale enfatizar, são as referências explícitas de Freud que servem de guia principal nessa tarefa, uma vez que em *Zur Auffassung* é ele próprio que indica *System* e *An Examination* como fontes de sua concepção

---

<sup>140</sup> “Herbart, for example, hypothesized unconscious ideas and to a large degree invented the modern concept of a threshold to explain when ideas ‘came into consciousness.’ But Herbart emphasized ideas only, he did not speculate on the existence of an entire unconscious mind, or part of the mind.” (*ibid.*)

<sup>141</sup> Vale lembrar que *System* foi publicado pela primeira vez em 1843.

<sup>142</sup> Cf., acima, Introdução.

acerca dos elementos últimos da linguagem (e do psiquismo): representação de objeto [*Objectvorstellung*] e representação de palavra [*Wortvorstellung*]. Aliás, parece significativo o fato de ser precisamente a passagem relativa a essas noções elementares a aduzida como apêndice ao trabalho metapsicológico de 1915, *Das Unbewusste* [O Inconsciente], por James Strachey.

## 2. A recepção da obra de Stuart Mill: Brentano e Helmholtz

A reconstrução da influência das idéias filosóficas de Stuart Mill sobre o círculo científico e filosófico no qual Freud estava inscrito certamente deve começar pela consideração da primeira grande obra do herdeiro da tradição de pensamento britânica, *A System of Logic*, publicada na primeira metade do século dezenove. Sabemos, com Radl (1909), Laudan (1968) e Reed (1994), que *System* fora uma obra de grande sucesso na Inglaterra, adotada também nas universidades do continente. Sabemos, também de acordo com Radl (*op. cit.*, p. 91), que o químico e barão Justus von Liebig tinha a obra de Mill em alta estima. Pois bem, a primeira tradução parcial de *System* para o alemão, publicada em 1849, foi realizada por J. Schiel, ninguém mais do que um discípulo de Liebig. A obra vertida no seu todo, pelo mesmo tradutor, foi publicada apenas em 1862, e é no prefácio à terceira edição, de 1877, que podemos ler o que o Schiel escreve sobre a opinião de Liebig, que não teria senão aplicado as idéias metodológicas de Mill ao seu objeto de estudo.

Na terceira edição de sua Química Orgânica (1846) ... diz Prof. Liebig: ... em uma nova seção suplementar ele (Liebig) tentou discutir mais pormenorizadamente a relação mútua da

Química e da Física com a Fisiologia e a Patologia. Não se pode deixar de revelar aqui, de quão grande utilidade para essa finalidade foi para ele o estudo de *A System of Logic*, de John Stuart Mill ... London ... 1843; continuando, diz acreditar, sim, que *não competiu a ele nenhum outro mérito senão o de ter desenvolvido e aplicado em alguns fenômenos certos princípios de investigação da natureza estabelecidos por esse eminente filósofo.*<sup>143</sup>

A versão alemã abreviada, publicada em 1849, trazia um título levemente modificado: *Die inductive Logik. Eine Darlegung der philosophischen Principien wissenschaftlicher Forschung, insbesondere der Naturforschung* [A lógica indutiva. Uma exposição dos princípios filosóficos da investigação científica, especialmente da investigação natural]. De acordo com o tradutor, a edição não contemplava a primeira e última partes da obra original, os livros I, dedicados aos nomes, o livro II, sobre o raciocínio, e nem o livro VI, que trata da lógica das ciências morais; no entanto, a importância nuclear das partes selecionadas teria sido reconhecida pelo próprio autor da *Lógica*.<sup>144</sup> Por sua

---

<sup>143</sup> “In der dritten Auflage seiner organischen Chemie (1846) ... sagt Prof. Liebig: ...in einem neu hinzugekommenen Abschnitte hat er (Liebig) den Versuch gemacht, das gegenseitige Verhältnis der Chemie und Physik zur Physiologie und Pathologie näher zu erörtern. Derselbe kann hierbei nicht verschweigen, wie groß der Nutzen gewesen ist, den ihm für diesen Zweck das Studium von John Stuart Mill’s *A System of Logic*... London... 1843, gewährt hat, ja, er glaubt, daß ihm kein anderes Verdienst hierbei zukommt, als daß er einzelne von diesem eminenten Philosophen aufgestellte Grundsätze der Naturforschung weiter ausgeführt und auf einige spezielle Vorgänge angewandt hat.” (SCHIEL, 1877, p. xiv; itálicos nossos)

<sup>144</sup> “... ist die erste und letzte Abteilung des Originalwerkes nicht mit in die Übersetzung aufgenommen worden. Die erstere, welcher der propädeutische Teil zu dem vorliegenden ist, ... enthält die Lehre von den Namen, Definitionen, Urteilen, Schlüssen u.s.w. ... Die letzte Abteilung enthält die Anwendung der in dem vorliegenden Werke wiedergegebenen Prinzipien auf die sozialen und moralischen Wissenschaften. Den übertragenen Teil hält Herr Mill selbst für den Kern seines Werkes, und er hat das Verfahren des Übersetzers, der sich zuvor brieflich an ihn gewandt hat, gebilligt.”(SCHIEL, 1849 [prefácio], *apud* KÖHNKE, 1993, p. 468, nota 65)

vez, a primeira versão integral da obra de Mill, de 1862, foi intitulada *System der deductiven und inductiven Logik. Eine Darlegung der Principien wissenschaftlicher Forschung, insbesondere der Naturforschung* [Sistema de lógica dedutiva e indutiva. Uma exposição dos princípios da investigação científica, especialmente da investigação natural]. Nessa edição, o livro VI, ausente na edição abreviada de 1849, trazia em seu título, *Die Logik der Geisteswissenschaften, oder moralischen Wissenschaften* [A lógica das ciências do espírito ou ciências morais]. Köhnke em uma passagem de seu extenso tratado acerca do neokantismo na Alemanha do século dezenove, (*op. cit.*, p. 468, n. 65) mostra como a tradução de Schiel foi usada por Erich Rothacker, em *Logik und Systematik der Geisteswissenschaften* [Lógica e sistemática das ciências do espírito], de 1927, para basear uma suposta descoberta histórica, segundo a qual o termo *Geisteswissenschaften* teria sido introduzido na Alemanha através da primeira tradução da lógica de Mill, feita por Schiel em 1849. Köhnke revela, no entanto, o grave “erro” cometido por Rothacker, uma vez que este apresenta uma referência fictícia: a Lógica, de Mill, com o título que ela só recebe na edição integral de 1862, como se fosse a versão editada em 1849.<sup>145</sup>

Contudo, antes mesmo da primeira versão alemã, a Lógica de Mill já te-

---

<sup>145</sup> De acordo com ele, ainda, Dilthey já teria caído nesse erro, mas a partir de Rothacker, outros filósofos contemporâneos, como Gadamer, p. ex., teriam persistido no mesmo engano. DIEMER (1974, p. 211) já o teria esclarecido e mostrado que o termo não era novo entre os filósofos alemães d’antes da versão de Schiel. “O termo *Geisteswissenschaft* ... não foi cunhado pela primeira vez por Schiel e sua tradução da Lógica de J. S. Mill como versão da expressão inglesa *moral science*, como a maioria afirmou seguindo Dilthey e Rothacker. Ela já tinha sido empregada antes em diferentes sentidos; revertendo tudo isso, a segunda edição da tradução alemã da Lógica de Mill traz de volta a reprodução literal *moralischen Wissenschaften*.” Posteriormente, tanto na versão das obras de Mill, editadas por Theodor Gomperz (*Von der Logik der moralischen Wissenschaften*) como na recente (1997) edição alemã avulsa do livro VI (*Zur Logik der Moralwissenschaften*), é retirado de cena o termo *Geisteswissenschaften*.

ria tido seus leitores. De acordo com Köhnke (*ibid.*, p. 81), o filósofo e pedagogo Beneke teria sido um de seus primeiros leitores. A esse respeito, em 8.1.1844, escreve Mill a Bain:

Eu estou lendo um livro sobre lógica que um professor alemão – o nome dele é Beneke – me enviou depois de ler o meu; ele tinha sido previamente recomendado a mim por Austin e por Herschel como em conformidade com o espírito de minhas doutrinas.<sup>146</sup>

Também entre o filósofos mais recentes, Mill teria exercido uma influência decisiva. Professor de filosofia e cogitado *Doktorvater* de Freud, Brentano atribui à leitura dos escritos de Mill o impulso para iniciar sua própria obra. A afinidade entre eles pode ser constatada através da correspondência entre ambos. Em sua primeira carta a Mill, escreve Brentano:

A filosofia como ensinada e praticada na Alemanha há muito tempo parece ter sido desencaminhada. ... tenho especulado como ela poderia ser reformada no sentido em que as ciências naturais o foram; e eu estou contente de dizer que minhas próprias idéias ajustam-se às suas em mais de um ponto em relação ao caráter das investigações bem como a certas doutrinas. *Depois de eu ter me familiarizado com seus escritos, comecei uma série de novos estudos* que, embora eu tenha dedicado muita seriedade a eles, não considerarei pronto para publicação por causa da natureza prematura deles.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> “I am reading a German professor’s book on Logic – Beneke is his name – which he has sent to me after reading mine, and which had previously been recommended to me by Austin and by Herschel as in accordance with the spirit of my doctrines.” (MILL, 1963, vol. XIII, p. 618)

<sup>147</sup> “For philosophy as taught and practised in Germany for quite some time seems to have gone astray. ... From the first I have been speculating how it could be reformed in the way the natural sciences have been reformed; and I am happy to say that my own ideas

À qual responde Mill em 4 de março de 1872:

Eu recebi sua gentil e lisonjeira carta, e estou muito interessado pelo que me conta da concordância geral de sua perspectiva filosófica com a minha, antes que cada um de nós estivesse familiarizado com qualquer dos escritos do outro.<sup>148</sup>

Embora Köhnke (*op. cit.*, p. 139) considere que a pesquisa pelos canais de entrada do positivismo na Alemanha torna-se frutífera apenas na medida em que se considerar o *interesse* das ciências individuais pelas obras de Mill e Comte, os escritos de Mill teriam sido decisivos também para aquele círculo de filósofos, ao qual pertencia Brentano, preocupados em reformar a própria filosofia a partir da referência nos progressos obtidos pelas ciências naturais. Théodule Ribot, aliás, numa resenha ao livro de Brentano, *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, publicada em Paris no tomo dois, do primeiro número da *Revue Philosophique*, em 1876, considera o autor da obra resenhada um discípulo de Mill na Alemanha.

---

conform to yours in more than one point regarding the character of inquiries as well as certain doctrines. *After I became acquainted with your writings I began a series of new studies* which, though I had given a good deal of serious thought to them, I had not felt ready to publish because of what I felt to be their premature nature.” (BRENTANO, In: MILL, 1972, vol. XVII, p. 1875-76; *itálicos nossos*)

<sup>148</sup> “I have received your kind and flattering letter, and am much interested by what it tells me of the general accordance of your philosophic views with my own before either of us was acquainted with any writings of the other.” (MILL, *ibid.*) FANCHER (1977) considera que é a partir da defesa manifestada por Mill contra Comte, da não redutibilidade do psíquico ao físico, que também Brentano vai sustentar sua defesa da especificidade do psíquico. Assinalada tal especificidade, Brentano teria adotado as leis de associação de idéias, também proveniente de Mill. “Esse argumento antireducionista aplica-se, obviamente, à psicologia ... Brentano cita as três leis de associação de idéias de John Stuart Mill como bom exemplo dessas leis puramente psicológicas.” (p. 218)

O autor, Sr. Franz Brentano, professor na Universidade de Viena, é um padre católico, o que não o impede de se apoiar principalmente sobre Stuart Mill, Bain, Fechner, Wundt etc. *Ele se passa mesmo na Alemanha por um discípulo de Stuart Mill.*<sup>149</sup>

Entre os cientistas, é mesmo em Helmholtz que a presença das idéias de Mill manifesta-se de forma explícita, conforme já informaram Radl e Reed. Helmholtz teria adotado uma perspectiva empirista, sobretudo, em sua teoria da percepção, em especial na teoria da percepção visual. Na versão madura de sua teoria empírica da visão Helmholtz teria considerado a percepção espacial como completamente derivada da aprendizagem.

... que o espaço é construído empiricamente por um processo de aprendizagem para coordenar o movimento ocular, os estímulos da retina e diversos outros tipos de sensações táteis. Para Helmholtz, o ato de ver é ele mesmo um fenômeno puramente psicológico, nenhuma parte do processo é determinado por mecanismos fisiológicos e anatômicos preestabelecidos ou inatos.<sup>150</sup>

A relação entre as sensações e as fibras nervosas era considerada por Helmholtz como estabelecendo uma correspondência biunívoca, a cada sensa-

---

<sup>149</sup> “L’auteur, M. Franz Brentano, professeur à l’Université de Vienne, est un prêtre catholique ; ce qui ne l’empêche pas de s’appuyer principalement sur Stuart Mill, Bain, Fechner, Wundt, etc. *Il passe même en Allemagne pour un disciple de Stuart Mill.*” (RIBOT, 1876, p. 209 ; itálicos nossos)

<sup>150</sup> “... that space is empirically constructed through a process of learning to coordinate eye movements, retinal stimulations, and various sorts of tactile sensations. The act of seeing itself, for Helmholtz, is a purely psychological phenomenon, no part of which is determined by innate or inborn anatomical and physiological mechanisms.” (LENOIR, 1993, p.110)

ção corresponderia uma fibra nervosa.<sup>151</sup> Além disso, para ele, originalmente, uma sensação seria desprovida de qualquer sentido, não constituindo senão em signos [Zeichen] de algo externo, por isso, a necessidade da aprendizagem.<sup>152</sup> Através da experiência, por repetição, ensaio e erro, o sentido e a localização das sensações deveriam ser aprendidos; mas, sobretudo, precisariam ser estabelecidas regras para a localização dessas sensações, para que, após a obtenção de algumas regras mínimas, estas pudessem servir como uma premissa maior para futuras inferências. O que foi denominado “inferência inconsciente,” consiste precisamente em processos associativos estabelecidos a partir dessas premissas.<sup>153</sup> Por isso, conclui Hatfield, de acordo com a doutrina da inferência inconsciente, nossa experiência sensorial ordinária depende de um aprendizado anterior das regras para associar uma sensação à outra.

Como vimos no capítulo 3, já na abertura de *System*, Mill apresenta as duas maneiras a partir das quais podemos conhecer as verdades: por intuição ou por inferência. A primeira diria respeito a conhecimentos obtidos imediatamente, p. ex., através de uma sensação corporal; a segunda, indiretamente, através da mediação de outras verdades, p. ex., os conhecimentos adquiridos pela história. É justamente nesse lugar, ao examinar casos em que tomamos por imediato um processo inferencial, que Mill apresenta um exemplo que não é outro senão o da percepção visual à distância, como sendo resultado de processos inferenciais não conscientes entre as sensações musculares, visuais etc.

---

<sup>151</sup> “The one-fiber/one-sensation doctrine as applied to vision implies that each fiber in the optic nerve produces a single sensation that varies only in colour and intensity.” (HATFIELD, 1993, p. 548)

<sup>152</sup> “... that sensory impressions are only signs (Zeichen) for the properties of the external world, the meaning of which must be learned through experience.” (HELMHOLTZ, *apud* HATFIELD, *ibid.*)

<sup>153</sup> “Once the rule has been learned it then serves as the major premiss in unconscious inference.” (*ibid.*, p. 549)

Apesar de extensa, vale a pena ler o texto, uma vez que torna explícita sua afinidade com Helmholtz:

Não existe nada que a nós nos parece mais diretamente consciente do que a distância de um objeto em relação a nós. Contudo, foi verificado há muito tempo que o que é percebido pelo olho não é nada mais senão uma variedade de superfícies coloridas; que quando nós achamos que percebemos a distância, tudo o que nós realmente enxergamos são certas variações de tamanho aparente e graus de indistinção de cores; que nossa estimativa da distância dos objetos em relação a nós é o resultado: parcialmente da rápida inferência a partir das sensações musculares que acompanham o ajuste da distância focal do olho em relação aos objetos iniquamente distantes de nós, e parcialmente de uma comparação (*feita com tanta rapidez que nós permanecemos inconscientes de tê-la feito*) entre tamanho e cor dos objetos como eles aparecem no momento e o tamanho e cor do mesmo ou da distância conhecida por outra evidência. *A percepção da distância pelo olho, que parece tanto como uma intuição é, por conseguinte, na realidade, uma inferência baseada na experiência; uma inferência, também, que nós aprendemos a fazer e que nós fazemos com mais e mais retidão à medida em que nossa experiência aumenta.*<sup>154</sup>

---

<sup>154</sup> “There is nothing of which we appear to ourselves to be more directly conscious, than the distance of an object from us. Yet it has long been ascertained, that what is perceived by the eye, is at most nothing more than a variously coloured surface; that when we fancy we see distance, all we really see is certain variations of apparent size, and degrees of faintness of colour; that our estimate of the objects’s distance from us is the result partly of rapid inference from the muscular sensations accompanying the adjustment of the focal distance of the eye to objects unequally remote from us, and partly of a comparison (*made with so much rapidity that we are unconscious of making it*) between the size and colour of the object as they appear at the time, and the size and colour of the same or of remoteness was known by other evidence. *The perception of distance by the eye, which seems so like intuition, is thus, in reality, an inference grounded on experience; an inference, too, which we learn to make; and wich we make with more and more correctness as our experience increases.*” (MILL, 1843, p. 7-8, itálicos nossos)

É por isso que no *Handbuch der physiologische Optik* [Manual de ótica fisiológica], de Helmholtz, particularmente no que diz respeito à noção de “inferência inconsciente,” pode-se ler a afirmação explícita de Helmholtz de que é nas idéias filosóficas de John Stuart Mill que se fundamentam suas considerações sobre o tema. Escreve ele:

Nós temos ainda que falar sobre a maneira como nossas representações e percepções são formadas através de inferências indutivas. A essência de nossas inferências eu encontro melhor explicada na Lógica de STUART MILL.<sup>155</sup>

Embora superficial esta breve exposição parece mostrar suficientemente que, de fato, as idéias de Mill encontravam-se presentes pelo menos entre dois personagens importantes da juventude de Freud. Além da veneração explícita por Helmholtz, revelada em *Jugendbriefe*, desnecessário lembrar a relação pessoal e intelectual entre Brücke, Helmholtz e outros, tida por Bernfeld como formando uma “escola.” Por sua vez, pela perspectiva da filosofia e da psicologia, é muito significativo o fato de Brentano ter encontrado nos escritos de Mill o impulso necessário para renovar e levar adiante sua própria obra, uma vez que, de acordo com os historiadores da psicanálise, formalmente, Brentano foi o único filósofo com quem o jovem Freud manteve uma relação direta, enquanto aluno.

---

<sup>155</sup> “Wir haben nun noch zu reden von der Art, wie unsere Vorstellungen und Wahrnehmungen durch inductive Schlüsse gebildet werden. Das wesen unserer Schlüsse finde ich am besten auseinandergesetzt in der Logik von STUART MILL.” (HELMHOLTZ, 1867, p. 447, maiúsculas no original)

### 3. Theodor Meynert e Stuart Mill

Sabe-se que após deixar o laboratório de Brücke, Freud passara a trabalhar no setor de Psiquiatria da Universidade de Viena, dirigido por Theodor Meynert. Em relação ao médico vienense DORER (*op. cit.*) considera que os conceitos psicológicos utilizados por ele seriam oriundos da psicologia associacionista, e que eram em essência aqueles provenientes de Herbart.

Seu material conceitual psicológico é o da psicologia associacionista, em essência o de Herbart; ele estimou de um modo especial G. Th. Fechner e também podem ser reconhecidas linhas de ligação com H. Lotze.<sup>156</sup>

De fato, a noção de associação de representações, além de expressões consideradas oriundas do pensamento de Herbart, como “limiar da consciência” [Schwelle des Bewusstseins] podem ser claramente lidas, p. ex., na conferência pronunciada por Meynert em 24 de março de 1868, intitulada *Die Bedeutung des Gehirnes für das Vorstellungsleben* [A importância do cérebro para a vida representativa]. Após tratar do papel dos estímulos provenientes do mundo externo sobre os órgãos dos sentidos e o córtex cerebral, diz ele:

Como a totalidade do conteúdo da alma, cada imagem recordativa apresenta, no sono e na vigília, uma espécie de

---

<sup>156</sup> “Sein psychologisches Begriffsmaterial ist das der Assoziationspsychologie, im wesentlichen das Herbarts; in besonderer Weise schätzte er G. Th. Fechner und auch Verbindungslinien zu H. Lotze erkennen.” (p. 129) Já dissemos (Introdução) que a tese da autora é a de que Meynert teria servido de mediador entre Herbart e Freud.

maré em seu movimento, em virtude da qual ela fica acima ou abaixo do *limiar da consciência*; na fase da maré alta ela é uma representação, a imagem recordativa está desperta. De acordo com a observação, porém, muitas representações estão conectadas entre si, de modo que o despertar de uma também desperta uma outra. Esta é sua associação. Portanto, duas representações estão associadas, quando já as sensações, das quais elas são restos, estiverem conectadas entre si.” (p. 13; *itálicos nossos*)<sup>157</sup>

Vimos também que, num trabalho mais recente, HEMECKER (*op. cit.*, p. 109-10), entre outros objetivos, visa “corrigir” a tese de Dorer e mostrar que o legado de Herbart não teria chegado a Freud através da mediação de Meynert, mas diretamente dos manuais de psicologia adotados no ensino médio e utilizados por Freud em sua juventude; precisamente, a terceira edição, de 1872, do manual de Gustav Adolph Lindner intitulado *Lehrbuch der empirischen Psychologie als inductiver Wissenschaft* [Compêndio de psicologia empírica como ciência indutiva], publicado pela primeira vez em 1858.

Os argumentos de Hemecker são bastante consistentes e as referências bibliográficas igualmente amplas. Todavia, na extensa bibliografia apresentada por ele não se encontra relacionado o livro de AMACHER (*op. cit.*), que trata da influência da educação neurológica de Freud sobre a teoria psicanalítica.

---

<sup>157</sup> “Jedes Erinnerungsbild hat, wie der gesammte Seeleninhalt, in Schlaf und Wachen eine Ebbe und Fluth seiner Bewegung, vermöge deren es über oder unter der *Schwelle des Bewusstseins* steht; in der Phase seiner Fluth ist es eine Vorstellung, das Erinnerungsbild ist wach. Viele Vorstellungen sind aber beobachtungsgemäss mit einander verknüpft, so dass das Erwachen der einen auch eine andere erweckt. Dies ist ihre Association. Zwei Vorstellungen sind dann associirt, wenn schon die Empfindungen, deren Reste sie sind, mit einander verknüpft waren.” (p. 12-13; *itálicos nossos*)

Visivelmente contrário à tese defendida por Dorer (e Hemecker), Amacher tenta mostrar precisamente ser muito mais razoável ligar o substrato filosófico e psicológico presente no pensamento de Meynert não a Herbart, mas à tradição filosófica britânica, especialmente à obra daquele que ocuparia o ponto mais alto nessa tradição, ao pai de John Stuart, James Mill.

Dentre a literatura a qual tivemos acesso durante a preparação deste trabalho, Amacher foi um dos raros comentadores que acrescentou elementos novos à discussão da problemática que nos interessa. Segundo ele, como a Psicologia Associacionista fazia parte do seu meio cultural, Meynert pode ter derivado suas concepções psicológicas de autores germânicos que incorporaram algumas das visões da tradição britânica em suas obras (como o influente Helmholtz, p. ex.), ou diretamente de autores britânicos. Segundo ele, em *Psychiatry* [Psiquiatria], de 1884, Meynert, de fato, faz referências explícitas às idéias psicológicas de Fechner e Wundt, mas, complementa, ele também faz referências às idéias de Locke, Berkeley e John Stuart Mill. Apesar de Dorer tentar ligar os fundamentos da concepção de Meynert a Herbart, Amacher considera que há mais validade em buscar tais referências em James Mill, sobretudo porque era o partido desse representante da psicologia associacionista inglesa que o médico vienense teria tomado nos momentos cruciais. Cito:

Meynert pode ter derivado suas suposições psicológicas de autores germânicos, que incorporaram em suas obras algumas das idéias da tradição britânica, ou diretamente de autores britânicos. Em *Psychiatry* ele se referiu explicitamente às doutrinas psicológicas de Fechner e Wundt, mas também às de Locke, Berkeley e John Stuart Mill. *Contudo, em todos os cruciais problemas psicológicos ele assumiu a posição ex-*

*tema da psicologia associacionista retirada de James Mill.*<sup>158</sup>

Os trabalhos de Dorer e Hemecker, por um lado, constituem duas obras de grande peso em favor das idéias filosóficas de Herbart como o solo senão da psicanálise, pelo menos de certas idéias importantes de Freud; o trabalho de Amacher, por outro, não se mostra menos consistente, mas aponta para outra direção. A consistência argumentativa manifestada pelos defensores de ambas as teses torna difícil e pouco razoável a opção por uma delas. Tal dificuldade parece decorrer da ausência de referências diretas de Freud, seja ao pensamento de Herbart, seja à tradição britânica, que acaba tendo que ser compensada por um incremento hermenêutico.

De qualquer modo, como nos informa MARKUS (1903), desde Hume, Hartley, Condillac e mesmo Wolf teorias da associação eram correntes não apenas na Inglaterra, mas também na França, Alemanha e mesmo na Itália. Por isso, Amacher parece ter razão ao creditar a presença de idéias associacionistas nas obras de Meynert e outros ao *milieu* cultural (científico e filosófico) do qual provinham, permeado de associacionismo. Ademais, mesmo uma relação entre Herbart e a filosofia inglesa parece não estar descartada.

Mas, no caso específico de Meynert, é diretamente em outra de suas obras, composta de ensaios e conferências, não referenciada por Amacher, que

---

<sup>158</sup> “Meynert could have derived his psychological assumptions from German authors who had incorporated some of the views of the British tradition into their work, or directly from British authors. He referred explicitly to psychological doctrines of Fechner and Wundt in Psychiatry, but also to those of Locke, Berkeley, and John Stuart Mill. *However, on every crucial psychological problem, he took the extreme association psychology position which was taken by James Mill.*” (AMACHER, 1965, p. 28, itálicos nossos)

podemos ler um exemplo citado pelo psiquiatra vienense para ilustrar o que entende por associação. Surpreendentemente, o exemplo não provém nem de Herbart nem de James Mill, mas diretamente do herdeiro deste último, John Stuart. Entre outros lugares, é numa conferência pronunciada em 1872, intitulada *Zur Mechanik des Gehirnbaues* [Sobre a mecânica da estrutura cerebral], que Meynert expõe sua concepção da anatomia e do funcionamento do cérebro, aquela que será criticada e recusada por Freud em 1891, no texto sobre a afasia.<sup>159</sup> Nesse lugar, Meynert reafirma sua hipótese de que o cérebro deve ser constituído por um sistema de feixes de fibras nervosas, e que tal sistema consistiria, além de fibras de projeção orientadas para o mundo externo, também de feixes de fibras que ligariam entre elas as diferentes regiões do interior do córtex cerebral. Diz ele ainda, que tal sistema de fibras estaria disseminado por todo o cérebro e seria responsável pela interligação dos próprios elementos cerebrais que guardariam em si imagens mnêmicas [Erinnerungsbilden]. Tais ligações poderiam ser denominadas, através do que chama uma antiga expressão técnica da psicologia [einem alten thechnischen Ausdrücke der Psychologie], como associação [Assoziation]. Por isso, conclui, “esses feixes devem, por conseguinte, ser chamados de sistemas de associação.”<sup>160</sup> É precisamente para ilustrar sua concepção desse “Sistema Associativo,” que caracterizaria a essência do desempenho do cérebro, que Meynert apresenta nesse texto um exemplo retirado de John Stuart Mill. Escreve ele:

Nós retiramos de Stuart Mill um exemplo para a medida do desempenho do cérebro, a partir do qual pode-se esperar nos

---

<sup>159</sup> Cf. Abaixo, segunda parte, capítulo 4, item 2.

<sup>160</sup> “Diese Bündel sollen daher Associations-Systeme der Hirnrinde heissen.” (MEYNERT, 1872, p. 28)

hemisférios cerebrais mecanismos enriquecidos por sistemas de associação. Um homem chega a uma ilha e encontra aí um relógio. Imediatamente infere ele que a ilha não deve estar povoada unicamente por uma flora e uma fauna, senão que pelo menos um homem andou sobre ela. A efetividade dessa inferência tem a ver com a natureza do mecanismo cerebral.<sup>161</sup>

Meynert denomina inferência [Schlüsse] à ligação estabelecida entre as imagens mnêmicas (relógio + homem); à produção de tais inferências corresponderia precisamente o desempenho do mecanismo cerebral, que, por meio de fibras, interligariam seus diferentes elementos e regiões. Tudo teria se passado como se, em dois segmentos diferentes no interior do cérebro, relógio e homem fossem imagens conhecidas; como a imagem-relógio era frequentemente evocada junto com a imagem-homem, os feixes associativos entre ambos os segmentos cerebrais teriam se fortalecido, de modo que uma ligação (associação) duradoura entre ambas as imagens teria sido estabelecida. Assim, quando da percepção do relógio e da reprodução de sua imagem mnêmica, na corrente deste feixe associativo seria trazida simultaneamente para a consciência a imagem do homem. Nos termos de Meynert:

A reprodução do relógio ocorre nos feixes de projeção que conduzem as percepções no córtex cerebral, e é na corrente desse feixe associativo que emerge a imagem do homem na

---

<sup>161</sup> “Entnehmen wir Stuart Mill ein Beispiel für das Maß von Gehirnleistung, welches sich von dem, um die Assoziations-Systeme bereicherten Mechanismus, den Hirnhalbku-geln, erwarten lässt. Ein Mensch eine unbekante Insel geraten, findet dort eine Uhr. Sofort schließt er, dass die Insel nicht einzig mit einer Flora und Fauna ausgestattet sei, sondern, dass sie jedenfalls ein Mensch betreten habe. Die Tatsache dieses Schlusses deckt sich mit der Zusammensetzung des Gehirn-Mechanismus.” (*ibid.*) Cf. também, acima, nota 157.

consciência.<sup>162</sup>

Enfim, tudo se passa como se a partir de uma percepção dada tivesse origem uma não dada.<sup>163</sup> Para Meynert, o que caracterizaria a essência do funcionamento do cérebro seria sua capacidade de formar processos de inferência [Schlüsseprozesse], de tal modo que poder-se-ia mesmo denominá-lo um aparelho inferencial.<sup>164</sup>

Como esse texto de Meynert não consta da referência bibliográfica de Amacher, possivelmente ele não deve ter tido acesso a esse material; pena, pois poderia constituir-se em prova decisiva em sua argumentação em favor da inclinação de Meynert para a tradição britânica. No entanto, é difícil compreender como a mesma passagem é desconsiderada por parte de Dorer, justamente o livro que ela, quando da apresentação das obras de Meynert, afirma conter neste livro as idéias fundamentais de sua teoria.<sup>165</sup> Em sua crítica ao texto de Dorer, Amacher termina por afirmar que o livro não teria sido escrito se a autora tivesse tido acesso a *Entwurf*, publicado apenas em 1950. Para ele,

---

<sup>162</sup> “Die Reproduktion der Uhr durch die Projektionsbündel, welche deren Wahrnehmung in die Gehirnrinde leiten, hebt an der Kette dieser Assoziationsbündel das Bild des Menschen in das Bewusstsein.” (*ibid.*, p. 29)

<sup>163</sup> “... aus einer vorhandenen Wahrnehmung wird eine nicht vorhandene erschlossen.” (*ibid.*)

<sup>164</sup> “... ein System allorts wirksamer Schluss-Apparate.” (*ibid.*) Levando-se em consideração a referência de Helmholtz a Mill ao tratar do que chamava *unbewusste Schlüsse*, que dizer do *Schlüsse-Apparate* de Meynert senão que se trata também de um *aparelho que produz inferências inconscientes*! Se for assim, as idéias de Mill encontram-se, de fato, nos alicerces das teorias elaboradas pelos principais representantes da ciência de língua alemã.

<sup>165</sup> “... sua *Sammlung von populär wissenschaftlichen Vorträgen über den Bau und die Leistungen des Gehirns* [Seleção de conferências científicas populares sobre a estrutura e o funcionamento do cérebro], a qual contém em forma concisa os fundamentos [Grundlagen] de sua teoria.” (DORER, *op. cit.*, p.129)

como Dorer diz limitar-se às fontes filosóficas, ela foi incapaz de compreender os fundamentos do pensamento freudiano, na medida em que este teria sido constituído de um amálgama da medicina e da psiquiatria com a psicologia da época; portanto, só poderia ser apreendido a partir da apreciação de suas idéias médicas e psicológicas. Assim, ao contrário da recusa de Assoun<sup>166</sup> quanto ao papel exercido pela filosofia inglesa na obra de Freud, há boas razões para acreditar que Meynert pode ter servido não apenas de mais um mediador entre Freud e Mill, mas que teria desempenhado um importante papel em sua recepção por parte de Freud.<sup>167</sup>

#### 4. Freud, leitor de Mill?

O exame de alguns aspectos das obras daqueles autores tidos como importantes na formação do jovem Freud parece tornar manifesta entre eles a

---

<sup>166</sup> “Se podemos falar de associacionismo freudiano, é muito mais da fonte herbartiana que da fonte anglo-saxônica que ele se alimenta.” (*op. cit.*, p. 153)

<sup>167</sup> Não custa assinalar, aqui, que no catálogo dos livros da biblioteca de Freud, publicado por LANDIS & SIMMONS (1973, p. 667-668), dos cinco títulos de Meynert aí relacionados, encontram-se “*Sammlung von populär wissenschaftlichen Vorträgen über den Bau und die Leistungen des Gehirns*, Wien: W. Braumüller, 1892,” que contém a conferência em questão, além da própria em sua separata “*Zur Mechanik des Gehirnbaues*. Wien: Braumüller, 1874(?), 20 p.” Além disso, cumpre notar aqui, que outro pesquisador ao qual Freud estava diretamente ligado, Sigmund EXNER, também faz referência a Stuart Mill. Em *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinung*, de 1894, ao tratar do processo perceptivo, escreve ele: “As inferências inconscientes [unbewusste Schlüsse] de Stuart Mill abrangem uma parte dos processos tratados aqui.” (p. 236) E, mais à frente, quando trata das diferentes formas de pensamento, esclarece ele: “No que diz respeito à inferência [Schluss], estou de acordo com o ponto de vista de J. S. Mill e de Helmholtz. A ‘inferência’ [‘Schluss’] é uma forma ‘lógica’ [‘logische’ Form] no sentido literal da expressão.” (p. 319) É bastante significativo que o livro de Exner, publicado muitos anos depois dos textos de Helmholtz e Meynert, continue ainda a apresentar as mesmas referências.

presença de idéias filosóficas de origem britânica, em particular das de Mill. Contudo, dado o esforço necessário para sua explicitação, poder-se-ia objetar contra sua importância para o desenvolvimento das idéias desses cientistas. Além disso, a Psicologia Associacionista, como assinalara Amacher, devia fazer parte da atmosfera cultural e científica da Viena da época. Parece resultar, portanto, que o que pudesse ser dito a respeito de Freud, poderia sê-lo acerca de qualquer outro oriundo do mesmo *milieu*. Assim, correria o risco de cair no vazio tautológico uma proposição que visasse sugerir a pertinência da relação entre Freud e Mill, sem considerar suas próprias referências. Tentemos, então, dar outro passo no intuito de tornar mais plausível a proposição mencionada. Abandonemos o plano das referências indiretas e passemos a nos apoiar nas referências explícitas oferecidas pelo próprio Freud.

Antes de tudo, é preciso recordar aqui que, já antes do contato com Meynert, Freud tivera contato direto com algumas obras do filósofo inglês através das preleções de Brentano<sup>168</sup> e da tradução de alguns dos seus textos.<sup>169</sup> O trabalho de tradução, porém, não teria sido digno de qualquer consideração positiva por parte de Freud, uma vez o tradutor parece não ter tido nenhuma satisfação com a tarefa, pelo menos é o que revela numa carta à sua noiva, escrita em 15 de novembro de 1883. Nesse lugar, escreve ele:

---

<sup>168</sup> “Nossas preleções [Kollegien] são tão diferentes uma das outras que nós só estamos reunidos nas conferências de Brentano e na de zoologia. Brentano faz duas preleções [Kollegien], às quartas e sábados à noite sobre tópicos de problemas metafísicos, e às sextas à noite sobre *um escrito de Mill acerca do princípio de utilidade*, que nós frequentamos regularmente.” (FREUD, 1989, p. 78, carta de 22/23 de outubro de 1874; itálicos nossos)

<sup>169</sup> “En fin que tengo tiempo y ocio para escribirte habiendo trabajado las dos semanas anteriores á la traduccion de tál ensayo por J. S. Mill sobre Plato y sus obras. No dormia en las noches por ser necessario acabar en término fijado ...” (*ibid.*, p. 200; carta de 10 de agosto de 1879; em espanhol, no original)

O que você disse sobre Mill e a mulher dele em uma de suas últimas cartas levou-me imediatamente a escrever para você algo sobre ambos. O artigo de Brandes reproduz apenas as impressões pessoais do homem, e está longe de ser uma apreciação digna de sua importante posição na história de nossa época. A iniciativa de me ocupar com ele chegou a mim quando Gomperz confiou-me a tradução do último volume de suas obras. *Na época eu injurieei tanto o seu estilo enfadonho que não pude guardar na memória sequer uma sentença ou tópico de seus escritos.*<sup>170</sup>

Mas, na mesma carta escreve que posteriormente leu uma outra obra de Mill, de conteúdo filosófico, e que a teria em alta estima; na seqüência, emite sua opinião acerca da importância do filósofo inglês.

*... Mas, eu li mais tarde uma obra filosófica dele, que era divertida, epigramaticamente exata e estimulante. Ele foi talvez o homem do século que melhor conseguiu se libertar da dominação dos preconceitos correntes.*<sup>171</sup>

Como Freud afirma tratar-se de uma obra filosófica, é provável que seja *An*

---

<sup>170</sup> “Was Du in einem Deiner letzten Briefe von Mill und seiner Frau gesagt hast, hätte mich eigentlich auf der Stelle anregen sollen, Dir etwas über die beiden zu schreiben. Der Aufsatz von Brandes gibt nur den persönlichen Eindruck des Mannes wieder, ist weit entfernt eine Würdigung seiner ganzen Stellung in unserer Zeitgeschichte zu sein. Mir kam die Anregung, mich mit ihm zu beschäftigen, als mir Gomperz die Übersetzung des letzten Bandes seiner Werke anvertraute. *Ich schimpfte damals über seinen leblosen Stil und daß man nie eine Sentenz oder ein Schlagwort aus seinen Schriften fürs Gedächtnis auflesen könne.*“ (FREUD, 1960, p. 73, itálicos nossos) A decepção de Freud diz respeito principalmente às idéias de Mill sobre a emancipação da mulher.

<sup>171</sup> “... *Aber ich habe später ein philosophisches Werk von ihm gelesen, das witzig, epigramatisch treffend und lebhaft war.* Er war vielleicht der Mann des Jahrhunderts, der es am besten zustande gebracht, sich von der Herrschaft der gewöhnlichen Vorurteile frei zu machen.” (*ibid.*, itálicos nossos)

*examination*, que trata precisamente das questões filosóficas deixadas em aberto em *System*. Além disso, se fosse esta última, Freud poderia ter escrito pura e simplesmente “uma obra sobre lógica.”

Em um curto artigo publicado em 1958, Andrew S. Watson (*op. cit.*) faz algumas sugestões a respeito das idéias filosóficas presentes nos alicerces da psicanálise, a partir da consideração das traduções realizadas por Freud, em especial a dos textos de Mill. Sem conhecer a correspondência de Freud, entre outras coisas, o autor sugere que o pai da psicanálise pode ter lido *An Examination*, de John Stuart Mill.

Em um volume adjacente àquele do qual Freud traduziu o ensaio de Mill sobre Platão há uma crítica editorial do livro de Mill em que critica a filosofia de Sir William Hamilton. Isto desperta de novo um interesse especulativo, porque este filósofo desenvolveu um sistema do inconsciente que é impressionantemente parecido com o que Freud vai desenvolver mais tarde. Ele visualiza três níveis de consciência e explora amplamente uma teoria da memória. No contexto do então corrente interesse de Freud em Mill, isso poderia tê-lo levado a ler o livro de Mill sobre Hamilton? De novo, nós não podemos saber agora, mas as possibilidades a considerar são fascinantes.<sup>172</sup>

O texto de Watson foi escrito em 1958 e a correspondência de Freud publi-

---

<sup>172</sup> “In a volume adjacent to the one from which Freud translated the Mill Plato essay, is an editorial critique of Mill’s book reviewing the philosophy of Sir William Hamilton. This again arouses one’s speculative interest, for this philosopher had evolved a system of the unconscious, which is strikingly similar to the one which Freud was to evolve later. He visualizes three levels of consciousness, and extensively explores a theory of memory. In the context of Freud’s current interest in Mill, could this have led him to read Mill’s books on Hamilton? Again we cannot know now, but the possibilities are fascinating to contemplate.” (p. 327)

cada em 1960, mas, como notamos anteriormente, em 1973, Trosman & Simmons tornaram pública a relação dos livros pertencentes a biblioteca de Freud, escolhidos por ele em Junho de 1938, a serem transportados de Viena para Londres, quando do exílio. Dos 701 títulos catalogados por assunto, encontra-se relacionado entre as obras de filosofia, sob o número 20:

Mill, John Stuart. *An examination of Sir William Hamilton's philosophy and the principal philosophical questions discussed in his writings*, 6th ed. London: Longmans, Green, 1889. 650 p.<sup>173</sup>

## 5. Stuart Mill e a *Objectvorstellung* freudiana

Sabemos que é no texto de 1891, *Zur Auffassung der Aphasien*, que Freud remete o leitor explicitamente a Stuart Mill como fonte de suas considerações acerca da noção de *Objectvorstellung*, ou representação de objeto. Neste lugar, afirma Freud:

Nós inferimos da filosofia que a representação de objeto não contém nada além da aparência de uma 'coisa,' à qual correspondem diversas 'propriedades' das impressões sensoriais

---

<sup>173</sup> TROSMAN & SIMMONS, *op. cit.*, p. 654. É importante observar que a carta de Freud é datada do ano 1883, enquanto que a edição de *An examination* presente em sua biblioteca é uma de 1889. Além disso, nas obras de Mill editadas em alemão por Theodor Gomperz, em 1882/5, *Gesammelte Werke von John Stuart Mill* [Obras completas de John Stuart Mill], não se encontra *An examination*; esta foi vertida para o alemão em edição avulsa apenas em 1908. De qualquer modo, parece certo que, ou Freud leu alguma edição anterior dessa obra, tomada de empréstimo, e depois adquiriu a sua, ou leu posteriormente a sua, cuja edição antecede em apenas dois anos a publicação do texto sobre a afasia.

dessa última; é só por isso que na enumeração das impressões sensoriais que recebemos de um objeto, nós temos a possibilidade de acrescentar uma grande série de novas impressões na mesma corrente associativa (J. S. Mill).<sup>174</sup>

As obras referenciadas são *Logik I, Cap. III*, isto é, o capítulo III, do livro I, da edição alemã da lógica de Mill, e *An examination*, no original. Gabbi Jr., por diversas vezes, comentou esta referência de Freud a Mill.<sup>175</sup> De fato, tanto no referido capítulo III, do livro I, de *System*, como logo nas primeiras páginas de *An examination* encontra-se explicitamente elaborada a noção de representação de objeto. No capítulo de *System*, referido por Freud, p. ex., pode-se ler:

É certo, portanto, que uma parte de nossa noção de um corpo, ou de outros seres sensíveis, consiste de uma quantidade de nossas próprias sensações, habitualmente ocorrendo simultaneamente. Minha concepção da mesa na qual escrevo é composta de sua forma e tamanho visíveis, que são sensações complexas da visão; sua forma e tamanho tangíveis, que são sensações complexas de nosso órgão do tato e de nossos músculos; ... sua solidez, que é uma sensação dos músculos; ... e assim por diante. Todas ou a maioria dessas diversas sensações freqüentemente são – e como nós aprendemos pela experiência, sempre podem ser – experimentadas simultaneamente ou em muitas ordens de sucessão diferentes conforme nossa própria escolha. Portanto, *o pensamento de qualquer uma delas faz-nos pensar nas outras*, e o todo torna-se mental-

---

<sup>174</sup> “Wir entnehmen der Philosophie, das die Objektvorstellung außerdem nichts anders enthält, daß der Anschein eines ‘Dinges,’ für dessen verschiedene ‘Eigenschaften’ jene Sinneseindrücke sprechen, nur dadurch zustande kommt, dass wir bei der Aufzählung der Sinneseindrücke, die wir von einem Gegenstande erhalten haben, noch die Möglichkeit einer großen Reihe neuer Eindrücke in derselben Assoziationskette hinzunehmen (J. S. Mill).” (FREUD, 1891, p. 122)

<sup>175</sup> Cf. acima, Introdução, nota 9.

mente amalgamado em um combinado estado de consciência que, na linguagem da escola de Locke e *Hartley*, é denominado uma *Idéia Complexa*.<sup>176</sup>

De maneira análoga, também em *An examination*, já em suas primeiras páginas, podem ser lidas considerações acerca do tema.

Toda linguagem reconhece uma distinção entre eu – o Ego – e um mundo, seja material, espiritual ou ambos, externo a mim, mas do qual eu posso, de algum modo e em alguma medida, tomar conhecimento. As questões mais fundamentais na filosofia são aquelas que procuram determinar o que nós somos capazes de conhecer desses objetos externos e por quais evidências nós sabemos disso. ... Naturalmente esses objetos são conhecidos por nós através dos sentidos. ... Existem, contudo, opiniões conflitantes quanto a *que é isso* que os sentidos nos informam em relação aos objetos. Acerca da parte da informação que eles proporcionam não há nenhuma disputa. ... O objeto excita ou desperta em nós certos estados de sentimentos ... O que nós denominamos as propriedades de um objeto são os poderes que ele exerce produzindo sensações em nossa consciência.<sup>177</sup>

---

<sup>176</sup> “It is certain, then, that a part of our notion of a body consist of a notion of a number of sensations of our own, or of other sentient beings, habitually occurring simultaneously. My conception of the table at which I am writing is compounded of its visible form and size, which are complex sensations of sight; its tangible form and size, which are complex sensations of our organs of touch and of our muscles; ... its hardness, which is a sensation of the muscles; ... and so forth. All or most of these various sensations frequently are, and, as we learn by experiences, always might be, experiencied simultaneously, or in many different orders of succession at our own choice: and hence *the thought of any one of them makes us think of the others*, and whole becomes mentally amalgamated into one mixed state of consciousness, which, in the language of the school of Locke and *Hartley*, is termed a *Complex Idea*.” (MILL, 1843, p. 57; itálicos nossos)

<sup>177</sup> “All language recognises a distinction between myself – the Ego – and a world, either material, or spiritual, or both, external to me, but of which I can, in some mode and measure, take cognizance. The most fundamental question in philosophy are those which seek to determine what we are able to know of these external objects, an by what evidence we know it. ... These objects are of course known to us through the senses. ...

O que pode ser lido como o substrato filosófico da noção empregada por Freud, ambos os textos do filósofo inglês apresentam-na, no entanto, como uma opinião consensual entre pensadores de diferentes tendências. Ou seja, não haveria entre eles disputa acerca da opinião de que o conteúdo mínimo do conhecimento proviria das sensações provocadas em nós pelos objetos. Em outras palavras, a representação (idéia ou conceito) de um objeto, originada em nós a partir das sensações por ele suscitadas, seria tida como consensual entre diferentes filosofias; por esta razão, considerada a partir dessa perspectiva, na raiz da noção freudiana de *Objectvorstellung* poder-se-ia admitir, além da de Mill, qualquer outra das diferentes concepções filosóficas.

A questão consensual à qual Mill se refere estaria implicada na tese da relatividade do conhecimento, de acordo com a qual tudo o que podemos conhecer sobre os objetos externos seriam as sensações que excitam e produzem em nossa mente ou consciência. A partir daí, porém, teria origem um debate filosófico interminável. As questões em litígio entre os filósofos consistem em saber, por um lado, qual a possibilidade de se conhecer aquilo que estaria na origem das próprias sensações, isto é, a disputa em relação à existência objetiva da realidade exterior; por outro, trata-se de saber também qual o papel desempenhado pela mente ou consciência no processo de conhecimento.

Em *An examination*, na seqüência do texto, Mill trata de duas formas clássicas dessa doutrina: uma delas seria a kantiana, que faria uma distinção formal entre dois universos, conferindo realidade objetiva ao que denomina “coisas em si,” incognoscíveis, que estariam além dos fenômenos e seriam

---

There are, however, conflicting opinions as to *what it is* that the senses tell us concerning objects. About the part of the information they give, there is no dispute. ... The object excite, or awake in us, certain states of feeling. ... What we term the properties of an object, are the powers it exerts of producing sensations in our consciousness.” (MILL, 1865, p. 5; itálicos no original)

suas causas.<sup>178</sup> Além disso, seriam constitutivos de nossa faculdade de conhecimento certos modos, pelos quais as impressões sensíveis dos objetos seriam apreendidas. Em outras palavras, as relações encontradas nos objetos corresponderiam àquelas propriedades já presentes e constitutivas da faculdade de conhecimento.

... resulta da própria natureza e estrutura da mente, que é constituída de modo que ela não pode apreender nenhuma impressão dos objetos exceto naquele modo particular.<sup>179</sup>

A outra doutrina seria aquela professada por Hartley, James Mill e Alexander Bain.

Assumem a mesma opinião, com Kant, em relação à incognoscibilidade das coisas em si mesmas, e admitindo também, com ele, que nós investimos mentalmente os objetos de nossas percepções com atributos que [no entanto] não satisfazem todas as condições para as sensações específicas, como a brancura e a doçura, mas são em alguns casos construídos pelas próprias leis da mente; esta filosofia, no entanto, não pensa ser necessário atribuir à mente certas formas inatas, nas quais os objetos são (foram) como que moldados nessas aparências, mas mantém que posição, extensão, substância, causa e o resto, são todos eles conceitos reunidos, à margem das idéias de sensação, pelas conhecidas leis de associação.<sup>180</sup>

<sup>178</sup> “External things exist, and have an inmost nature, but their inmost nature is inaccessible to our faculties.” (*ibid.*, p. 7)

<sup>179</sup> “... result of the nature and structure of the Mind itself: which is so constituted that it cannot take any impressions from objects except in those particular modes.” (*ibid.*, p. 9)

<sup>180</sup> “Taking the same view with Kant of the unknowableness of Things in themselves, and also agreeing with him that we mentally invest the objects of our perceptions with attributes which do not all point, like whiteness and sweetness, to specific sensations, but are in some cases constructed by the mind’s own laws; this philosophy, however, does not think it necessary to ascribe to the mind certain innate forms, in which the objects are as (as it were) moulded into these appearances, but holds that Place, Extension, Substance, Cause, and the rest, are conceptions put together out of ideas of sensation by

Entre essas duas doutrinas existiriam concepções filosóficas intermediárias, de acordo com a maior ou menor importância conferida ou sobre a composição original da mente ou sobre as associações originadas pela experiência.<sup>181</sup> Incluir-se-iam aí, p. ex., Brown, que, por um lado, julgaria a noção de espaço ou extensão como produto da associação, mas que, por outro, mostrar-se-ia partidário da existência objetiva do mundo externo; Spencer, que também insistiria na realidade das “coisas em si” e no seu absoluto e eterno abandono à região do incognoscível; e, finalmente, Comte. Acerca deste último, escreve Mill:

... embora sustentando com grande ênfase a incognoscibilidade do númeno por nossas faculdades, sua aversão pela metafísica impediu-o de dar qualquer opinião clara em relação à sua existência real, que, no entanto, sua linguagem sempre assume por implicação.<sup>182</sup>

Resta saber qual a posição que Freud ocuparia nessa “escala filosófica” sugerida em Mill. Sabemos, p. ex., que Freud considera as propriedades últimas do psiquismo tão incognoscíveis quanto aquelas do mundo externo, estudado pela física. Sem dúvida, uma afirmação de alguém que entende o conhecimento como relativo. Como dissera Mill, esse é, contudo, um pressuposto consensual entre os filósofos e, portanto, não manifesta nenhuma diferença, a partir da qual possamos vislumbrar de que lado da escala pode encontrar-se

---

the known laws of association.” (*ibid.*)

<sup>181</sup> “Between these there are many intermediate systems, according as different thinkers have assigned more or less to the original furniture of the mind on the one hand, or to the associations generated by experience on the other.” (*ibid.*, p. 10)

<sup>182</sup> “... though while maintaining with great emphasis the unknowableness of Noumena by our faculties, his aversion to metaphysics prevented him from giving any definite opinion as to their real existence, which, however, his language always by implication assumes.” (*ibid.*, p. 10)

Freud. Não se deve deixar de considerar também as referências de Freud a Kant. Todavia, quando se começa a levar em conta que Freud em *Entwurf* (p. 428; p. 46, na tradução de Gabbi Jr.), ao tratar do pensar e da realidade, concebe o juízo de realidade como uma *crença*, tal afirmação parece pendê-lo para o lado da escala em que se posiciona Mill. Isto é, tanto Freud quanto Mill, não enunciam nada sobre a existência objetiva da realidade exterior, para ambos ela seria fruto de uma crença.<sup>183</sup> Tal exercício, sugerido aqui a partir desses exemplos tomados apenas *ad hoc*, poderia ter como ponto de partida precisamente as considerações de Freud sobre as noções de *Object-* e *Wortvorstellung*, já que sua importância na construção freudiana do objeto psicanalítico é patente. A definição do lugar ocupado por Freud nessa escala informar-nos-ia com certa segurança qual a matriz filosófica que predomina nos alicerces do pensamento freudiano.

## 6. A *Wortvorstellung* e a tradição britânica

Mas que dizer da outra noção nuclear na teoria freudiana da afasia, a noção de *Wortvorstellung*, ou representação de palavra? Pelo menos até onde pudemos avançar nos textos de Mill, não fomos capazes de encontrar sobre ela nenhuma referência explícita como a encontrada para a *Objectvorstellung*. Certamente, com algum esforço interpretativo ela pode ser inferida a partir das considerações sobre os objetos, presentes no referido capítulo de *System*.<sup>184</sup>

---

<sup>183</sup> “... there must, it seems, be two things concerned in every act of belief. But what are these Things? They can be no other than those signified by the two names, which being joined together by a copula constitute the Proposition.” (MILL, 1843, Cap. III, p. 29)  
Ver também a próxima nota.

<sup>184</sup> No capítulo II, dedicado aos nomes, pode-se ler algumas considerações sobre a ligação

Como era de se esperar, parece não haver correspondente adequado nos textos de Mill para a *Wortvorstellung* freudiana, uma vez que a referência de Freud ao filósofo inglês é precisa: ela é introduzida para indicar a fonte da noção de *Objectvorstellung*. De onde, então, proviria a noção de *Wortvorstellung*, já que não foi cunhada por ele. Ora, tanto o subtítulo da obra de 1891 – um ensaio crítico – quanto à argumentação desenvolvida no texto e a bibliografia apresentada deixam claro, o debate sobre a questão da afasia e dos conceitos nela envolvidos era atual na medicina da época. Portanto, ela deve provir do próprio meio médico, sobretudo porque nessa época era nesse meio que Freud não apenas se inseria, mas colocava-se como membro ativo.<sup>185</sup>

---

que os nomes estabelecem com aquilo que representam, mas nenhuma que se aproxime à noção freudiana de “representação de palavra.” Contrário à concepção hobbesiana, para Mill um nome não diria respeito a um pensamento ou à “idéia de um objeto,” mas ao próprio objeto. O sentido de um nome seria aquele presente no uso comum do termo. “Parece apropriado considerar uma palavra como o nome daquilo com o qual nós pretendemos ser compreendidos quando nós a usamos ... Nomes, portanto, serão utilizados nessa obra sempre como nomes de coisas elas mesmas e não meramente como nomes de nossas idéias das coisas.” (MILL, 1843, p. 15) É necessário aqui esclarecer o sentido da expressão “coisas em si mesmas.” Em primeiro lugar, de modo algum deve ser confundida com o conceito kantiano. Ela é utilizada aqui para recusar a posição conceptualista de que as palavras nomeiam apenas “idéias de coisas,” e também para explicitar a tese principal de Mill: que um nome não comunica apenas aquilo que concebemos sobre as coisas, mas também nossas “crenças” em tais coisas. “Porque nomes não são destinados apenas para fazer o ouvinte conceber o que nós concebemos, mas também para informar a ele o que nós cremos [but also to inform him what we believe].” (*ibid.*) Segundo ele, quando se diz “o sol é a causa do dia,” não significa que a idéia do sol causa ou excita na consciência a idéia do dia, nem que o pensamento do sol leva ao pensamento do dia, mas sim que “um certo fato físico, que é chamado a presença do sol (e que, em última análise, resolve-se ele próprio em sensações, não em idéias) causa um outro fato físico que é chamado dia.” (*ibid.*)

<sup>185</sup> Cumpre aqui indicar alguns dos recentes resultados obtidos pelos pesquisadores alemães que se dedicam ao estudo da história da psicanálise. Gerhard Fichtner, p. ex., em um artigo de 1987, intitulado *Unbekannte Arbeiten von Freud – Schätze im Keller* [Trabalhos desconhecidos de Freud – Tesouros no porão], tornou pública uma relação de mais de 70 contribuições de Freud – entre resenhas de livros de medicina, relatórios e verbetes –, até recentemente desconhecidas pelos estudiosos da obra de Freud, publicadas entre 1885 e 1895. Entre outros, um dos objetivos do autor é colocar em evidência o ativo

No comentário introdutório a mais recente edição alemã de *Zur Auffassung*, Leuschner (*op. cit.*, p. 7) informa-nos que entre 1874 e 1903, foram publicados cerca de 2300 artigos científicos dedicados à questão da afasia, o que revela que o tema estava na ordem do dia desde o início da formação acadêmica de Freud. Aliás, além da intenção retórica, o próprio texto freudiano deixa entrever a importância do tema já em sua abertura, pela relevância dos autores aí arrolados, entre eles Broca, Wernicke, Lichtheim, Hughlings Jackson e Charcot, “... as melhores mentes da neuropatologia alemã e estrangeira ...”<sup>186</sup>

Não nos deteremos, neste momento, na discussão do texto, uma vez que o retomaremos na segunda parte do trabalho. Nosso objetivo aqui é resgatar alguns elementos do contexto no qual o livro de Freud estava inscrito e tentar extrair algumas novas conseqüências úteis para a nossa reconstrução. Quase no final do livro, após apresentar as diferentes formas de afasia, resultantes de uma concepção de base diferente daquela sustentada por Wernicke e Meynert acerca da “anatomia da mente,” Freud discute a concepção de Charcot sobre a afasia, para também recusá-la. Para introduzir a discussão, diz Freud:

... eu preciso considerar um interessante e importante ponto de vista, cuja *iniciação na doutrina da afasia nós devemos a Charcot ...*<sup>187</sup>

---

interesse científico expresso pelo jovem Freud, principalmente pela Neuropatologia, após a decepção com o estudo da cocaína; o outro é mostrar que uma compreensão adequada da obra de Freud impõe a necessidade de interpretá-la a partir de uma perspectiva que preserve sua unidade, “colocar sobre um denominador comum a obra neuropatológica e a psicanalítica, ver em conjunto os escritos pré-analíticos e os analíticos.” (p. 247)

<sup>186</sup> “... die besten Köpfe der deutschen und fremdländischen Neuropathologie ...” (FREUD, 1891, p. 1)

<sup>187</sup> “... muß ich einen interessanten und wichtigen Gesichtspunkt würdigen, dessen *Einfüh-*

Nesse lugar, Freud remete o leitor, entre outras obras, à edição alemã das conferências de Charcot. E, de fato, no referido volume podem ser lidas três conferências do médico parisiense dedicadas à questão da afasia.<sup>188</sup> Antes de expor os casos a serem discutidos, na abertura da primeira dessas conferências, Charcot esboça uma definição básica: perda da capacidade de expressar os pensamentos através de sinais (lingüísticos). Segundo ele, (1886, p. 124-125) a análise cuidadosa de distúrbios do gênero, nos quais estariam envolvidas as funções mais altas desempenhadas pelo cérebro, exigiu a entrada no domínio da psicologia e seus conceitos.<sup>189</sup>

Mas é precisamente no lugar indicado pela nota de Freud que podemos ler as considerações teóricas de Charcot. Nesse lugar, o médico parisiense apresenta sua definição daquilo que estaria na base dos distúrbios afásicos: a

*rung in die Lehre von der Aphasie wir Charcot verdanken ...”* (FREUD, 1891, p. 100, *itálicos nossos*)

<sup>188</sup> *Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystems, insbesondere über Hysterie* [Novas conferências sobre as doenças do sistema nervoso, especialmente sobre a histeria], tradução feita por Freud a partir do texto das conferências de Charcot, imediatamente após sua estada em Paris, publicada em 1886, vários meses antes do original francês, intitulado *Leçons sur les maladies du système nerveux* [Lições sobre as doenças do sistema nervoso], Vol. 3, Paris, 1887. As três conferências dedicadas ao problema da afasia são as de número 11, 12 e 13; e entre as poucas notas introduzidas por Freud neste volume, é ele próprio que na primeira das três antecipa ao leitor o conteúdo das demais, e esclarece a respeito de outras versões dessas conferências e demais artigos de Charcot publicados sobre o assunto. A nota termina indicando o lugar no texto traduzido onde o leitor pode encontrar as considerações mais importantes de Charcot. “O ponto de vista mais importante da doutrina da afasia de Charcot encontra-se no final da décima terceira conferência desta edição alemã.” (p. 124)

<sup>189</sup> Em outro livro de Charcot, composto das conferências pronunciadas por ele durante o ano letivo de 1887-8, intitulado *Leçons du mardi à la Salpêtrière (1887-8)* [Conferências das terças no Salpêtrière (1887-8)], Paris, 1888, também traduzido por Freud e publicado em 1894 sob o título *Poliklinische Vorträge* [Conferências policlínicas], encontramos a afirmação explícita de que os fenômenos afásicos pertencem ao domínio da psicologia. Nesse lugar diz Charcot: “Quando tiverem afásicos diante de vocês, então o exame ao qual vocês terão que submetê-los merecerá o nome de um [exame] psicológico; sim, está totalmente claro, a linguagem pertence ao domínio da Psicologia.” (p. 360)

palavra. No entanto, esclarece, a palavra não consiste em um elemento simples, uma unidade, ao contrário, ela mostra uma formação complexa. Em tal complexo, pelo menos nos indivíduos letrados, poder-se-ia diferenciar 4 elementos principais, 2 sensoriais e 2 motores: as imagens recordativas auditiva e visual, e as imagens de movimento da articulação e de movimento da escrita. Cito:

A palavra é na realidade uma formação complexa, na qual pode-se distinguir, pelo menos nos indivíduos instruídos, quatro elementos principais, a saber: a imagem recordativa auditiva, a imagem recordativa visual e dois elementos motores, isto é, aqueles que se originam nos sentidos musculares, a saber: a imagem de movimento da articulação e a imagem de movimento da escrita.<sup>190</sup>

Apenas a título de ilustração, leiamos o que Freud escreve em uma das passagens mais citadas do seu livro sobre a afasia:

Para a Psicologia a unidade da função lingüística é a ‘palavra’, [isto é,] uma representação complexa que se mostra composta por elementos acústicos, visuais e cinestésicos.<sup>191</sup>

Mas Charcot nos é ainda mais prestativo. Nas *Poliklinische Vorträge*,

---

<sup>190</sup> “Das Wort ist in Wirklichkeit ein komplexes Gebilde, in dem man wenigstens bei gebildeten Individuen vier hauptsächliche Elemente unterscheiden kann, nämlich: das auditive Erinnerungsbild, das visuelle Erinnerungsbild, und zwei motorische Elemente, das heißt solche, die vom Muskelsinne herkommen, nämlich: das Bewegungsbild der Artikulation und das Bewegungsbild der Schrift.“ (CHARCOT, 1886, p. 155)

<sup>191</sup> “Für die Psychologie ist die Einheit der Sprachfunktion das ‘Wort’, eine komplexe Vorstellung, die sich als zusammengesetzt aus akustischen, visuellen und kinästhetischen Elementen erweist.“ (FREUD, 1891, p. 75)

ele vai repetir suas considerações sobre a afasia e desta vez podemos ler com todas as letras o “complexo da palavra” chamado pelo seu nome: *Wortvorstellung*, na tradução de Freud. E é precisamente neste lugar que nos é revelada a fonte na qual Charcot vai buscar esse conceito: um dos pensadores originários da tradição filosófica britânica, David Hartley. Cito a passagem no seu todo:

Um psicólogo inglês que ao mesmo tempo era médico, Hartley, um precursor da moderna Psicologia inglesa, já reconheceu de maneira correta do que se compõe o que a gente chama uma ‘palavra.’ Ele descobriu – *talvez hoje isso não os impressionem, para aquela época foi uma descoberta genial* – eu afirmo, ele descobriu que a ‘palavra’ é composta por quatro elementos, os quais contém outras imagens representativas, a saber; 1. a imagem motora da escrita, 2. a imagem visual, 3. a imagem acústica, e 4. a imagem motora. Nas pessoas que não são capazes de ler nem de escrever, a quantidade dessas imagens cai para duas: a imagem da articulação e a imagem acústica da palavra. *Esta é a verdadeira análise da representação da palavra*, e eu também acredito que não há nada mais a dizer sobre o assunto. Vocês sabem que essa análise, que antes se baseava apenas na auto-observação, hoje é corroborada através de observações clínicas e objetivas e por constatações necropsiais.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> “Ein englischer Psychologe, der gleichzeitig Arzt war, Hartley, ein Vorläufer der modernen englischen Psychologie, hat bereits richtig erkannt, woraus das besteht, was man ein ‘Wort’ heißt. Er hat gefunden – *heute mag es Ihnen vielleicht nicht imponieren, für die damalige Zeit war es eine geniale Entdeckung* – er hat gefunden, sage ich, dass das ‘Wort’ aus vier Elementen besteht, denen ebensoviel Vorstellungsbilder entsprechen, nämlich 1. das motorische Schriftbild, 2. das visuelle Bild, 3. das akustische Bild und 4. die motorische Bilder. Bei den Personen, die nicht schreiben und lesen können, sinkt die Zahl dieser Bilder auf zwei herab: das Artikulations- und das akustische Bild des Wortes. *Dies ist die richtige Analyse der Wortvorstellung*, und ich glaube auch, es ist nichts anderes mehr darüber zu sagen. Sie wissen, dass diese Analyse, die dereinst nur auf der Selbstbeobachtung beruhte, heute durch die objektive, klinische Beobachtung, auf Befunde am Leichentisch gestützt ist.” (CHARCOT, 1894, p. 360, *italicos nossos*)

Sem dúvida, a referência de Charcot é esclarecedora, ainda mais se nos recordarmos que no citado texto de Mill sobre a noção de objeto é ao mesmo Hartley que ele atribui a idéia de objeto enquanto “complexo.”<sup>193</sup> E Charcot tem razão ao considerar Hartley um precursor da moderna psicologia inglesa, pois a obra de um dos representantes mais ilustres dessa tradição não é considerada senão como o desenvolvimento de seus ensinamentos. No prefácio à versão por ele editada de *Analysis of the Phenomena of the Human Mind* [Análise dos fenômenos da mente humana], de seu pai, James Mill, escreve John Stuart:

No período inicial da vida filosófica do Sr. Mill as obras de Hartley exerceram uma forte influência sobre seu pensamento, e na maturidade de suas capacidades ele estabeleceu e executou o propósito de levar adiante as principais idéias de Hartley, completando o que aquele pensador havia começado. O resultado foi a presente obra, que é ... um imenso avanço sobre a de Hartley ...<sup>194</sup>

Com o auxílio de Charcot e Mill, estamos agora em condições de vislumbrar o solo no qual estariam enraizados os conceitos básicos das considerações de Freud sobre a afasia: o associacionismo oriundo da tradição britânica. Como sugerimos anteriormente, os resultados de nossa re-

---

<sup>193</sup> “Minha concepção da mesa em que escrevo é composta de seu tamanho e forma visíveis, que são sensações complexas ... [que] tornam-se mentalmente amalgamadas em um combinado estado de consciência que, na linguagem da escola de Locke e Hartley, é denominada uma *idéia complexa*.” (MILL, 1843, p. 36-7)

<sup>194</sup> “At an early period of Mr. Mill’s philosophical life, Hartley’s works had taken a strong hold of his mind; and in the maturity of his powers he formed and executed the purpose of following up Hartley’s leading thought, and completing what that thinker had begun. The result was the present work, which is ... an immense advance on Hartley’s...” (MILL, 1869, p. xvii)

construção, articulados às indicações apresentadas na primeira parte do trabalho, oferecem boas razões para começarmos a avaliar seriamente o papel e o alcance da filosofia inglesa na constituição da psicanálise de Freud. Em particular as idéias de Mill teriam sido utilizadas por Helmholtz na construção de uma espécie de “teoria fisiológica do conhecimento,” que não deixara de afetar e influenciar as obras de neurólogos e fisiólogos importantes na formação do jovem Freud, como Meynert e Exner. Levada a cabo, a avaliação do alcance das idéias britânicas na obra de Freud deve proporcionar-nos pelo menos uma compreensão nova acerca do caráter explicativo e do estatuto científico da metapsicologia freudiana.



**Segunda Parte:**  
**Freud e Hughlings Jackson**



## *Capítulo IV*

### *Hughlings Jackson e a concepção freudiana das afasias*

A importância de Charcot para o desenvolvimento das idéias psicológicas de Freud e o nascimento da psicanálise não é reconhecida apenas por seus intérpretes, mas é o próprio Freud que o atesta.<sup>195</sup> Já assinalamos também o que soa como uma expressão de reconhecimento por parte de Freud da dívida a Charcot pela introdução na doutrina da afasia. De fato, deve residir nas conferências de Charcot um dos principais canais pelo qual Freud pôde aceder ao campo dos fenômenos psicológicos.<sup>196</sup> Das conferências parisienses teria extraído pelo menos dois ensinamentos decisivos: 1) a abertura de um novo campo de estudos, o dos fenômenos psicológicos, em particular os da histeria e da afasia; e, simultaneamente, 2) a assimilação de uma metodologia de trabalho, o método dos tipos [Typusmethode]. Consideramos, porém, mais importante que o procedimento pelos tipos a adoção de um princípio metodológico mais fundamental, a necessidade de distinguir e tratar em separado o as-

---

<sup>195</sup> “O ponto de partida encontra-se nas lições de Charcot, na Salpêtrière.” (RECOULY, A visit to Freud [1973], *apud* TÖGEL, 1994, p. 56)

<sup>196</sup> “Foi o Sr. Charcot que nos ensinou que primeiro é preciso dirigir-se à psicologia para a explicação da neurose histérica.” (FREUD, 1893c, p. 54)



pecto psicológico em relação ao fisiológico e anatômico. Este último foi claramente expresso em *Zur Auffassung*:

Nós queremos agora examinar ... o que o estudo das perturbações da linguagem nos ensina sobre a função desse aparelho. Para isso vamos *separar o máximo possível um do outro os lados psicológico e anatômico do objeto*.<sup>197</sup>

Uma rápida leitura do texto crítico de 1891, no entanto, já revela o autor chave, a cujas idéias Freud recorre para erigir uma teoria funcional sobre a afasia, livre das contradições inerentes à concepção anatômica, então hegemônica: John Hughlings Jackson. E é precisamente aos escritos desse médico britânico, muito mais do que aos de Charcot, que a citação acima se relaciona. É nos textos de Jackson, ainda, que Freud vai encontrar além de um manancial de idéias inovadoras que o auxiliarão a desenvolver suas próprias idéias psicanalíticas, sobretudo os princípios metodológicos que vão justificar seu empreendimento metapsicológico.

### 1. Freud, *Aphasie* (1888b): entre Charcot e Hughlings Jackson

Sabemos que em sua primeira tradução das conferências de Charcot para o alemão, Freud dedicou atenção especial a três delas, que tratavam do fenômeno afásico, esclarecendo ao leitor acerca da importância dessas confe-

---

<sup>197</sup> “Wir wollen nun nachsehen, ... was uns das Studium der Sprachstörungen für die Funktion dieses Apparates lehrt. Dabei wollen wir *die psychologische und die anatomische Seite des Gegenstandes möglichst voneinander trennen*.” (FREUD, 1891, p. 74-5, itálicos nossos)

rências e indicando suas passagens mais importantes.<sup>198</sup> No entanto, entre 1885-86, época em que Freud estivera em contato com Charcot, e 1891, ano do aparecimento de *Zur Auffassung*, passaram-se cerca de cinco anos; e é desse período, entre outros, o verbete *Aphasie* [Afasia], escrito por Freud para o *Handwörterbuch der gesamten Medizin* [Dicionário de medicina integral], de Villaret, publicado em 1888.<sup>199</sup> Visivelmente escrito sob a influência das conferências de Charcot, o verbete de 1888 apresenta, no entanto, novos e importantes elementos que já assinalam a presença das idéias de Hughlings Jackson que viriam a ser expostas três anos mais tarde, no texto de 1891.

No verbete, diz ele tratar-se a afasia da perda da capacidade de expressar os próprios pensamentos através de signos (lingüísticos) convencionais ou compreender tais signos, embora se verifique a permanência da integridade do aparelho nervoso muscular, sensorial e periférico envolvidos no processo da linguagem. Distúrbios da fala, decorrentes de lesão orgânica ou paralisias da língua e lábios não se incluíam no conceito. O termo afasia seria reservado, portanto, apenas para distúrbios da linguagem de fundo psíquico.<sup>200</sup> Mas, ressalva, é preciso ter em conta que ela não se vincula a distúrbios de inteligência, antes deve ser compreendida como uma “complicação” [Complication]. Ora, nesse texto Freud já introduz a distinção que parece provir de Hughlings

---

<sup>198</sup> Cf., acima, nota 188.

<sup>199</sup> Os verbetes não levam o nome do autor, mas além daqueles há muito conhecidos, *Hysterie* [Histeria] e *Hysteroepilepsie* [Hístero-epilepsia], foram identificados como sendo da pena de Freud, entre outros, também os verbetes: *Gehirn I. Anatomie des Gehirns* [Cérebro I. Anatomia do cérebro], as partes q), r) e t) de *Corpus* [Corpo], *Lähmung* [Paralisia], *Lokalisation* [Localização]. (Cf. MEYER-PALMEDO & FICHTNER, 1999) Além dessas contribuições para o manual de Villaret, Freud foi autor de numerosos outros verbetes contidos em outro manual, o *Diagnostisches Lexikon für praktische Ärzte* [Enciclopédia diagnóstica para médicos clínicos], de Bum e Schnirer, publicado entre 1893-94. Dentre os numerosos verbetes aí contidos encontra-se outro intitulado *Aphasie*. Cf., também, nota 185, acerca do artigo de Fichtner.

<sup>200</sup> “Die Aphasie ist eine psychische Erkrankung.” (FREUD, 1888b, p. 88)

Jackson, entre a linguagem natural ou emocional [die natürliche oder emotionelle Sprache] e a linguagem articulada ou artificial [die künstliche oder artikulierte Sprache]. Como esta última seria adquirida apenas mais tarde [später erworben wird], tudo se passa como se ela sucumbisse nas manifestações afásicas.<sup>201</sup> Na seqüência, expõe as já conhecidas definições da palavra como complexo constituído por quatro elementos, dois sensoriais e dois motores.<sup>202</sup> Para além de Charcot, no entanto, observa também que, além das ligações estabelecidas entre os elementos no interior do complexo, é necessário levar em conta através de qual desses elementos da *Wortvorstellung* se estabelece a conexão com a representação do objeto.<sup>203</sup>

É notável como curtos dois anos após o encontro com Charcot, Freud já começa a esboçar a concepção de afasia que ganhará luz somente três anos mais tarde, em *Zur Auffassung*. Ora, como é fácil verificar nesse texto, o autor mais importante para sua nova teoria será precisamente John Hughlings Jackson. Durante esse período, tudo teria se passado como se na tentativa de solucionar o quebra-cabeças científico que caracterizava a afasia, Charcot fosse sendo lentamente retirado do jogo enquanto que Hughlings Jackson pas-

---

<sup>201</sup> Como veremos no decorrer deste trabalho, na concepção de Hughlings Jackson a afasia é entendida como perda da capacidade proposicional, não simplesmente perda de palavras isoladas.

<sup>202</sup> “Die beiden sensoriellen sind: das Erinnerungsbild des gehörten Wortes (die Gehörtsvorstellung) und das optische Bild des gesehenen Wortes (in Schrift oder Drück); die zwei motorischen: die Bewegungsvorstellung (von den Sprachwerkzeugen) des gesprochenen und die Bewegungsvorstellung (von der rechten Hand) des geschriebenen Wortes.” (FREUD, 1888b, p. 88) Imediatamente, como já dissera Charcot, Freud observa que a segunda e a quarta imagens desempenham papel apenas nos indivíduos letrados.

<sup>203</sup> “Ausserdem sind die Verknüpfungen in Betracht zu ziehen, welche diese vier Elemente der Wortvorstellung mit der Vorstellung des Objektes in Verbindung bringen.” (*ibid.*) Como nos ensinou GABBI JR. (1991, p. 193), “a tese fundamental da teoria freudiana sobre a afasia consiste em afirmar que a representação da palavra está ligada à representação do objeto apenas através de suas imagens acústicas.”

sava a desempenhar o papel central. Tentemos então conhecer um pouco mais acerca do lugar ocupado pelo neurologista britânico no discurso de Freud sobre a afasia.

## 2. Hughlings Jackson e a crítica de Freud a Meynert

Entre os numerosos autores arrolados em *Zur Auffassung*, pode-se dizer que Hughlings Jackson ocupa lugar privilegiado, uma vez que se inclui entre a pequena minoria de autores chamados a combater ao lado de Freud. Poder-se-ia dizer até mesmo que, demolida a teoria alvo da crítica, na qual se sustentava quase a totalidade dos autores sobre o assunto, um dos únicos restantes, além de Stuart Mill, seria Hughlings Jackson, de quem Freud teria tomado de empréstimo as hipóteses fundamentais para sustentar suas próprias teorias.

Como o que nos interessa aqui é justamente a novidade introduzida por Freud através das hipóteses emprestadas de Jackson, não nos deteremos numa discussão exaustiva do texto, mesmo porque o essencial das questões lá tratadas, a estratégia da crítica freudiana e os resultados alcançados por Freud encontram-se claramente explicitados em Gabbi Jr. (1991) Enfatizemos apenas os objetivos e o alvo da crítica de Freud antes de voltarmos-nos àquelas idéias que constituem seus alicerces, a saber, a concepção anatômica-localizacionista professada pelo psiquiatra vienense Theodor Meynert.

De partida, a crítica de Freud é dirigida a duas hipóteses então presentes na grande maioria dos escritos sobre a afasia, hipóteses que se depreendiam dos trabalhos dos maiores pesquisadores do assunto. A primeira hipótese estabelecia uma diferença entre a “afasia por destruição dos centros” e a “afasia

por destruição das vias de condução;” a segunda hipótese diria respeito à relação mútua entre a função da linguagem e certos centros cerebrais.<sup>204</sup> E, como ambas as hipóteses eram parte importante da teoria de Wernicke, esta é escolhida como o alvo de sua crítica. Mas, acima de tudo, seu ataque será direcionado para o pressuposto subjacente a ela, a doutrina localizacionista, que, segundo Freud, acabou por impor-se na totalidade da neuropatologia.<sup>205</sup> Em função das contradições inerentes a essas hipóteses, seu objetivo é substituí-las por hipóteses mais coerentes, livres de contradições, ou, pelo menos que não se tenha nada decidido de antemão contra elas. E, vale antecipar, essas novas hipóteses serão tomadas de empréstimo quase que exclusivamente de Hughlings Jackson.<sup>206</sup>

Segundo Freud, a teoria de Meynert sobre a organização e as funções do cérebro poderia ser denominada “córtico-cêntrica,” (*ibid.*, p. 47) uma vez que o córtex é considerado a estrutura privilegiada no desempenho das funções nervosas. Seria a estrutura responsável pela recepção e retenção de todos os estímulos sensoriais, consistindo o restante do cérebro uma espécie de seu apêndice ou órgão auxiliar, e todo o corpo como arsenal de instrumentos sensitivos que permitiriam incorporar e modificar a imagem do mundo externo. (*ibid.*) Ao córtex estariam conectados todos os feixes de fibras nervosas pro-

---

<sup>204</sup> “Die erste dieser Annahmen hat zum Inhalte die Unterscheidung von Aphasie durch *Zerstörung der Centren* von solcher durch *Zerstörung der Leistungsbahnen*; sie findet sich bei nahezu allen Autoren, welche über Aphasie geschrieben haben. Die zweite Annahme betrifft das gegenseitige Verhältniss der einzelnen für das Sprachfunctionen angenommenen Centren und findet sich hauptsächlich bei Wernicke und jenen Forschern, welche Wernicke’s Gedankengang angenommen und weiter entwickelt haben.” (FREUD, 1891, p. 1; itálicos no original)

<sup>205</sup> “Da sie ferner in inniger Beziehung zu jener Idee stehen, welche die gesammte neuere Neuropathologie durchdringt – ich meine die Beschränkung der Functionen des Nervensystems auf anatomisch bestimmbare Regionen desselben, die ‘Lokalisation’...” (*ibid.*, p. 2)

<sup>206</sup> Por isso escreve Gabbi Jr. (1991, p. 192): “No lugar de Meynert, Freud coloca Jackson.”

venientes da periferia do corpo, as fibras sensitivas e motoras, aferentes e eferentes. Desse modo, para Meynert, a representação [Abbildung] do corpo no interior do córtex resultaria de uma espécie de “projeção” [‘Projection’], através da qual o corpo estaria representado ponto por ponto no córtex cerebral.

Resultados obtidos por outros autores já teriam, porém, demonstrado a impossibilidade de uma representação puntual da periferia corporal no córtex, na medida em que de uma extremidade à outra haveria uma redução na quantidade de fibras nervosas. Ao contrário do que pensava Meynert, as fibras nervosas apresentariam dois segmentos e não segmentos únicos. O primeiro segmento de fibras, as de condução provenientes da periferia, estender-se-iam apenas até a medula; por sua vez, o segundo segmento nervoso conduziria da medula até o córtex e consistiria em um número reduzido de feixes, se comparado ao do segmento inicial. (*ibid.*, p. 52) De acordo com esses resultados, portanto, a representação do corpo na medula seria diferente da representação no córtex: apenas na medula haveria uma projeção completa da periferia do corpo. No córtex, devido à redução na quantidade das fibras, uma unidade nervosa não poderia corresponder a uma unidade periférica, senão que deveria estar relacionada com uma multiplicidade de tais unidades. Seria, portanto, mais adequado empregar termos diferentes para cada um destes tipos de representação no sistema nervoso. Por isso, Freud prefere denominar “projeção” apenas ao modo como a periferia está refletida na medula, e chama “representação” [Repräsentation] ao modo como está no córtex cerebral.

... a periferia do corpo não está contida no córtex cerebral ponto por ponto, senão que está representada através de fibras selecionadas em uma maneira menos detalhada.<sup>207</sup>

Apesar das contradições inerentes à doutrina de Meynert, as duas hipóteses presentes na teoria da afasia hegemônica estariam fundadas sobre idéias desse tipo. Diferentes áreas ou centros cerebrais seriam responsáveis por diferentes funções na esfera da linguagem. Os principais eram o centro motor (identificado por Broca) e o centro sensorial da linguagem (descoberto por Wernicke), fundados em última instância na idéia de que as fibras sensoriais e as motoras mantinham suas terminações em áreas distintas do córtex. Esses dois centros cerebrais estariam conectados por fibras de condução associativas, que atravessariam regiões cerebrais carentes de função, as assim chamadas “áreas livres de função” [“functionslose Lücken”] de Meynert, (*ibid.*, p. 60) reservas cerebrais a serem ocupadas pelas novas aquisições lingüísticas.

A área da linguagem consistiria, pois, de centros cerebrais específicos, responsáveis por funções lingüísticas igualmente específicas. Esquemáticamente, o processo da linguagem era entendido como uma espécie de reflexo cerebral: através do nervo acústico os sinais lingüísticos sonoros chegariam até o córtex, no centro sensorial da linguagem, de Wernicke; daí o sinal seria transmitido para outra área do córtex, o centro motor, de Broca, que enviaria o

---

<sup>207</sup> “... die Körperperipherie sei in der Hirnrinde nicht Stück für Stück enthalten, sondern in einer minder detaillierten Sonderung durch ausgewählte Fasern vertreten.” (FREUD, 1891, p. 52) Será precisamente ao levar em conta esse tipo de relação representacional da periferia do corpo com o sistema nervoso, que estaria na base das regras neuroanatômicas, que Freud poderá começar a solucionar o problema do diagnóstico diferencial entre as paralisias orgânicas e as histéricas, apresentado a ele por Charcot desde 1886 e publicado apenas em 1893. (Cf. FREUD, 1893c)

impulso para o falar articulado até a periferia.<sup>208</sup> Como as áreas eram consideradas em sua independência, pensava-se que uma lesão na área de Broca acarretaria a perda da função motora da linguagem, mas permaneceria a capacidade de compreensão lingüística; por sua vez, uma lesão na área sensorial de Wernicke, responsável pela compreensão da linguagem, ocasionaria o comprometimento dessa função, mas com a manutenção da linguagem articulada. Na classificação de Wernicke e seus seguidores, essas seriam as afasias centrais ou corticais, isto é, afasias resultantes da destruição dos supostos centros sensorial ou motor; da lesão das fibras associativas ou condutoras, instaladas entre ambos os centros e a periferia, resultaria a afasia de condução, cujos sintomas seriam mais difusos e numerosos.

Mas o erro mais grave apresentado pela concepção de Meynert era a suposição de que elementos mentais estariam armazenados no interior dos diferentes centros cerebrais conhecidos.<sup>209</sup> De acordo com essa suposição, nas células do centro sensorial localizar-se-iam as imagens sonoras, enquanto que as do centro motor guardariam as imagens de movimento da linguagem. Daí a idéia de que lesões nesses centros levavam à perda das funções relativas aos conteúdos neles armazenados.

À primeira vista, parecia possível atribuir certo progresso a essa concepção, como queria Wernicke,<sup>210</sup> uma vez que, como mostra a História da

---

<sup>208</sup> “Auf der Bahn des Hörnerven gelangen die Sprachklänge an eine Stelle im Schläfelappen, das sensorische Centrum der Sprache; von dort aus wird die Erregung auf die Broca’sche Stelle im Stirnlappen übertragen, das motorische Centrum, welches den Impuls zum articulirten Sprechen zur Peripherie entsendet.” (FREUD, 1891, p. 3)

<sup>209</sup> “... der Sprachapparat bestünde aus distincten Rindencentren, in deren Zellen die Wortvorstellungen enthalten sind ... Man kann nun zunächst in Frage ziehen, ob eine Annahme dieser Art, welche Vorstellungen in Zellen bannt, überhaupt correct und zulässig ist. Ich glaube: nicht.” (*ibid.*, p. 56)

<sup>210</sup> “À pergunta, em que medida se está autorizado [dürfen] a localizar as funções

Medicina, no passado, muito mais que elementos psíquicos simples, tentava-se localizar em áreas cerebrais faculdades mentais descritas pela terminologia psicológica. (*ibid.*, p. 56) Contudo, retruca Freud, no fundo, não estariam Meynert, Wernicke e outros cometendo o mesmo erro de princípio cometido pelos frenologistas do passado?<sup>211</sup> A afirmação de que uma estrutura como uma fibra nervosa, sujeita a modificações fisiológicas, apenas porque sua extremidade terminal alcança o psíquico [das Psychische] seja dotada de uma representação ou imagem recordativa, traduz no mínimo uma confusão entre dois fenômenos que devem ser distinguidos, a saber, um processo fisiológico e um conceito psicológico.<sup>212</sup> Freud, adotando o ponto de vista de Jackson em relação ao problema mente-corpo, dirá mesmo tratar-se de uma falácia, uma

---

psíquicas?, ele [Wernicke] dava a resposta, *ela* [a localização] *só é permitida* [gestattet] *para as funções elementares.*" (*ibid.*, p. 3; itálicos nossos)

<sup>211</sup> "Im Grunde aber begeht man nicht denselben principiellen Fehler, ob man nun einen complicirten Begriff, eine ganze Seelenthätigkeit oder ob man ein psychisches Element zu localisieren versucht?" (*ibid.*, p. 56)

<sup>212</sup> "Quando a 'vontade' ['Wille'], a 'inteligência' ['Intelligenz'] e coisas semelhantes são reconhecidos como termos psicológicos artificiais [psychologische Kunstworte], aos quais correspondem no universo fisiológico relações muito complexas, sabe-se da 'representação sensorial simples,' ['einfachen Sinnesvorstellung'] com maior certeza, que ela é alguma outra coisa além de semelhante termo artificial [Kunstwort]?" (*ibid.*, p. 56) Tratar-se-ia aqui de um nominalismo? Parece, uma vez que entende os conceitos psicológicos como noções artificiais [psychologische Kunstworte]. Charcot apresenta a mesma atitude em relação ao termo *Hystérie* [Histeria] ao discutir casos de histeria masculina. O termo *Hystérie* não possuiria qualquer significação como a estabelecida originalmente. "A palavra histeria em si e para si não significa absolutamente nada [gar nichts besagt] e vocês se acostumaram, pouco a pouco, a falar de histeria masculina, sem que tivessem a menor necessidade de pensar no útero." (CHARCOT, 1895, p. 33) De qualquer modo, se o fato de enfatizarem a natureza artificial do termo não for uma indicação de sua postura nominalista, revela pelo menos uma opinião em relação ao valor atribuído por eles aos conceitos científicos, ou seja, expressaria uma perspectiva epistemológica que toma os conceitos como provisórios, passíveis de modificação à medida que o conhecimento sobre o objeto em tela avance. Enfim, uma perspectiva epistemológica como a defendida por Mill.

vez que tomavam processos fisiológicos como causa de processos psicológicos.

A corrente dos processos fisiológicos no sistema nervoso provavelmente não se encontra em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam tão logo os psíquicos tenham iniciado, ao contrário, a série fisiológica continua, só que cada elo dos mesmos (ou elos isolados) a partir de certo momento corresponde a um fenômeno psíquico. Por conseguinte, o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico (“um concomitante dependente”).<sup>213</sup>

Para Freud, a falácia à qual teriam incorrido Meynert e outros, colocando em relação dois processos de natureza distinta, dever-se-ia ao enfoque fisiológico por eles adotado. De fato, ironiza Freud, o que talvez se queria dizer é que uma modificação fisiológica em certas fibras nervosas levaria a uma outra modificação, também fisiológica, em células nervosas centrais; esta, sim, seria convertida no correlato fisiológico de uma representação.<sup>214</sup> Como do ponto de vista da psicologia tendemos a considerar uma representação simples algo elementar, passível de diferenciação e conexão com outras representações, se é levado a presumir que o seu correlato fisiológico, isto é, a modificação das células nervosas centrais, causada pela estimulação das fibras

<sup>213</sup> “Das Kette der physiologischen Vorgänge im Nervensystem steht warscheinlich nicht im Verhältniss der Causalität zu den psychischen Vorgängen. Die physiologischen Vorgänge hören nicht auf, sobald die psychischen begonnen haben, vielmehr geht die physiologische Kette weiter, nur dass jedem Glied derselben (oder einzelnen Gliedern) von einem gewissen Moment an ein psychisches Phänomenon entspricht. Das Psychische ist somit ein Parallelvorgang des Physiologischen (“a dependent concomitant”).” (*ibid.*, p. 56-7; texto entre parênteses em inglês, no original)

<sup>214</sup> “... die – der Physiologie angehörige – Modification der Nervenfaser bei der Sinneserregung eine andere Modification in der centralen Nervenzelle erzeugt, welche nun das physiologische Correlat der ‘Vorstellung’ wird.” (*ibid.*, p. 57)

nervosas, seja também algo simples e localizável.<sup>215</sup> Em conclusão, dirá Freud, é óbvio que esse tipo de transferência de sentidos não encontra nenhuma legitimidade, pois as propriedades das modificações fisiológicas precisam ser estabelecidas em si mesmas e independentemente do seu correspondente psicológico.<sup>216</sup>

Em suas considerações a respeito da confusão entre o físico e o psíquico no estudo da linguagem, é a certos princípios metodológicos sustentados por Hughlings Jackson que Freud vai recorrer. E é precisamente nesse contexto que Freud começa a introduzi-lo de maneira positiva.

Hughlings Jackson advertiu-nos de modo definitivo contra uma semelhante confusão do físico com o psíquico no processo da linguagem: em todos os nossos estudos dos distúrbios do sistema nervoso nós precisamos estar prevenidos contra a falácia de que o que são estados físicos em centros inferiores transformam-se em estados psíquicos em centros superiores; que, p. ex., vibrações dos nervos sensoriais *tor-nam-se* sensações, ou que de uma maneira ou outra uma idéia produz um movimento. Brain I, p. 306.<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> “Da sie von der Vorstellung weit mehr zu sagen wissen als von den physiologisch noch gar nicht charakterisirten, unbekanntem Modifikationen, bedienen sie sich des elliptischen Ausdrückes: In der Nervenzelle sei eine Vorstellung localisiert.” (*ibid.*, p. 57)

<sup>216</sup> “Eine solche Übertragung ist natürlich vollkommen unberechtigt; die Eigenschaften dieser Modifikation müssen für sich und unabhängig von ihrem psychologischen Gegenstück bestimmt werden.” (*ibid.*, p. 57)

<sup>217</sup> “Hughlings Jackson hat aufs schärfste vor einer solchen Verwechslung des Physischen mit dem Psychischen beim Sprachvorgang gewarnt: In all our studies of diseases of the nervous system we must be on our guard against the fallacy, that what are physical states in lower centres fine away into psychical states in higher centres; that for example, vibrations of sensory nerves *become* sensations, or that somehow or another an idea produces a movement. Brain I, p. 306.” (*ibid.*, p. 57, n. 1; em inglês e em itálico no original)

Mas, afinal, em que poderia consistir o correlato fisiológico da representação? Para Freud, seguramente nada inerte ou em repouso, mas algo da natureza de um processo. Um processo passível de localização, uma vez que deve se iniciar em uma determinada região do córtex cerebral e estender-se por todo o cérebro ou ao longo de determinados caminhos pelo seu interior.<sup>218</sup> Encerrado o processo, é provável que deixe atrás de si alguma modificação nos elementos nervosos que constitui a possibilidade da recordação, mas é inteiramente duvidoso que essa modificação contenha também algo psíquico, uma vez que nossa consciência não acusa nada semelhante que justificasse o nome de “imagem recordativa latente.”<sup>219</sup> No entanto, é bastante provável que quando o mesmo estado do cérebro é restabelecido tem origem no psíquico algo como uma imagem recordativa.<sup>220</sup>

Dadas a dificuldade e a natureza hipotética do assunto, mas também em função dos objetivos de sua crítica, Freud deixa de prolongar-se na elucidação desses problemas para lançar a interrogação decisiva, a partir da qual vai recusar o postulado nuclear da teoria de Meynert-Wernicke, a saber, a suposição localizacionista que sustenta a separação entre centros da linguagem e vias de condução: é possível diferenciar nesse correlato fisiológico a parte da “sensação” da parte da “associação?” De novo, assegura Freud, obviamente não.<sup>221</sup> Para ele, sensação e associação seriam dois nomes, com os quais nós desig-

---

<sup>218</sup> “Dieser Vorgang verträgt die Localisation, er geht von einer besonderen Stelle der Hirnrinde aus und verbreitet sich von ihr über die ganze Hirnrinde oder längs besonderer Wege.” (*ibid.*, p. 58)

<sup>219</sup> “... unser Bewusstsein weist nichts ... was den Namen ‘latentes Erinnerungsbild’ von der psychischen Seite rechtfertigen würde.” (*ibid.*)

<sup>220</sup> “So oft aber derselbe Zustand der Rinde wieder angeregt wird, entsteht das Psychische als Erinnerungsbild von Neuem.” (FREUD, 1891, p. 58)

<sup>221</sup> “Lässt sich nun am physiologischen Correlat der Empfindung der Antheil der ‘Empfindung’ von dem der ‘Association’ unterscheiden? Offenbar nicht.” (*ibid.*)

namos aspectos diferentes de um mesmo processo. Isto é, esses nomes diferentes corresponderiam a abstrações de um processo único e indivisível.<sup>222</sup> Portanto, uma vez que sensação e associação, células nervosas que armazenam imagens recordativas e vias nervosas de condução, corresponderiam a um mesmo processo, Freud conclui com a célebre expressão: nós não podemos ter nenhuma sensação sem associá-la imediatamente.<sup>223</sup>

Freud não avança na discussão do problema, resumindo-se a afirmar que por mais radical que separemos conceitualmente ambos, eles dependem de um processo único, que, como já disse, iniciar-se-ia em uma determinada região cortical e se estenderia por todo o córtex. No contexto da crítica que lhe interessa, no entanto, parece ter alcançado seus objetivos, o que lhe permite concluir que a localização do correlato fisiológico seria a mesma para a representação como para a associação. Daí a impossibilidade de se separar, como

---

<sup>222</sup> “‘Empfindung’ und ‘Association’ sind zwei Namen, mit denen wir verschiedene Ansichten desselben Process abstrairt sind.” (*ibid.*) No mesmo capítulo III, do livro I, da *Lógica de Mill*, citado por Freud em *Zur Auffassung*, pode-se ler uma advertência contra a posição realista, que assevera a existência de entidades chamadas qualidades, como a brancura, p. ex., causa e meio através do qual a sensação de branco seria produzida em nós na presença da neve. Para Mill, não haveria fundamento algum no qual essa doutrina pudesse se apoiar, exceto uma “tendência da mente humana que é causa de muitas ilusões.” E, continua, “Eu considero *a disposição a supor, quando nós nos deparamos com dois nomes que não são exatamente sinônimos, que eles devem ser nomes de duas coisas diferentes; enquanto, na realidade, eles podem ser nomes da mesma coisa vista de dois ângulos diferentes...*” A advertência de Mill, levada em conta por Freud, aparece no contexto em que também trata do problema da *sensação*: “Porque *qualidade e sensação* não podem ser tomadas indiscriminadamente uma pela outra, é suposto que elas não podem ambas significar a mesma coisa, a saber, a impressão ou o sentimento [feeling] com que nós somos afetados através de nossos sentidos pela presença de um objeto, embora não seja nenhum absurdo supor que essa impressão idêntica ou sentimento pode ser chamada uma sensação, quando considerada meramente nela mesma, e uma qualidade, quando vista em relação a algum dos numerosos objetos, cuja presença diante de nossos órgãos excita em nossas mentes aquelas sensações ...” (*op. cit.*, p. 41; *italicos nossos*) Parece evidente que Freud retirou da *Lógica de Mill* muito mais do que a noção de *Objectvorstellung*.

<sup>223</sup> “Wir haben keine Empfindung, ohne sie sofort zu associiren.” (*ibid.*)

fazem Meynert, Wernicke e outros, centros e vias de condução, representação de associação.<sup>224</sup>

Assim, depois de mostrar a impossibilidade lógica e a improbabilidade neuro-anatômica das suposições subjacentes à teoria hegemônica, dissolve ao mesmo tempo a classificação das afasias nela sustentada. Reconhece a importância da anatomia cerebral do ponto de vista da patologia, mas nega que possa ter qualquer significado fisiológico especial. Recusa as distinções que tentam estabelecer entre afasias corticais e afasias de condução; para ele, todas as afasias teriam origem na interrupção das associações, ou conduções. Por que? Porque a área da linguagem não seria constituída por centros separados, como já mostrou, mas deveria ser pensada como um sistema associativo homogêneo. Vejamos o que diz Freud.

A linguagem, escreve, é tida como o exemplo perfeito de uma função que se desenvolve através de novas aquisições. Portanto, deveriam intervir as “áreas livres de função,” postuladas por Meynert; no aprendizado de um segundo e terceiro idiomas, p. ex., essas áreas deveriam entrar em ação, uma vez que teriam sido reservadas para essa função. Mas, se assim fosse, continua, os novos idiomas relacionar-se-iam a áreas cerebrais distintas, do que poderia muito bem resultar que, frente a uma determinada lesão, ver-se-iam comprometidos os idiomas posteriormente adquiridos, permanecendo intacto apenas o idioma pátrio, ou, inversamente, perder-se-ia este, restando aqueles. Contudo, contrasta Freud, não é o que se verifica. Ao contrário, o que invariavelmente ocorre nesses casos é a perda do idioma adquirido mais recentemente e a ma-

---

<sup>224</sup> “Die Localisation des physiologischen Correlats ist also für Vorstellung und Association dieselbe, und da Localisation einer Vorstellung nichts Anderes bedeutet, als Localisation ihres Correlates, so müssen wir ablehnen, die Vorstellung an den einen Punkt der Hirnrinde zu verlegen, die Association an einen anderen. Beides geht vielmehr von einem Punkte aus, und befindet sich an keinem Punkte ruhend.” (*ibid.*, p. 58-9)

nutenção daquele estabelecido primariamente. Quer dizer, funções adquiridas mais cedo tendem a permanecer frente àquelas estabelecidas posteriormente, o que torna sem sentido o postulado das “áreas livres de função.”

Para Freud, (*ibid.*, p. 62) na aquisição de novas funções, um novo conjunto de associações sobrepor-se-ia às associações já estabelecidas, manifestando-se como uma complicação [Complication] e complexificação cada vez mais crescente, e, nesse caso, qualquer que seja a localização de uma lesão cerebral, o conjunto das associações sobrepostas sofreria os prejuízos antes do conjunto estabelecido primariamente.<sup>225</sup> Sob tais considerações encontrar-se-ia já delineada uma concepção do aparelho da linguagem muito diferente da concepção de Wernicke e seus seguidores. Isto é, ao contrário dos postulados centros cerebrais responsáveis por funções específicas, a área cerebral relacionada a linguagem consistiria num sistema contínuo, perpassado por processos de associação.

*... a área da linguagem do córtex é um distrito cortical contínuo, no interior do qual as associações e transmissões, nas quais se baseiam as funções lingüísticas, sucedem-se em uma complicação não esclarecida pela inteligência.*<sup>226</sup>

---

<sup>225</sup> Vale lembrar que a idéia de complicação [Complication] e a distinção entre linguagem emocional e linguagem articulada já aparecia no verbete de 1888.

<sup>226</sup> “... *das Sprachgebiet der Rinde ein zusammenhängender Rindenbezirk ist, innerhalb dessen die Associationen und Uebertragungen, auf denen die Sprachfunctionen beruhen, in einer dem Verständniss nicht näher zu bringenden Complicirtheit vor sich gehen.*” (*ibid.*, p. 64; itálicos no original) É precisamente no interior desse aparelho associativo, ou *Associationsapparat*, para recordar o termo de Meynert, que a palavra, considerada a unidade fundamental da linguagem, é compreendida como o mencionado complexo associativo, composto por elementos auditivos, visuais e de movimento. (Cf. *ibid.*, p. 79; cf. também, acima, Excurso, item 6.) Estes elementos associados constituiriam a representação da palavra [Wortvorstellung], cujo significado resultaria de sua ligação associativa com a representação de objeto [Objectvorstellung], outro complexo associativo, constituído pelas mais variadas impressões do objeto: visuais, táteis, auditi-

Num aparelho de linguagem concebido nesses termos, o seu desenvolvimento passaria pelo aumento na sua capacidade associativa. Uma perturbação, ao contrário, levaria a distúrbios associativos que caracterizariam uma involução funcional, isto é, o aparelho retrocederia a níveis anteriores de organização. Como já assinalara Freud, associações estabelecidas mais tarde, como as relativas a um novo idioma, p. ex., pertencentes a um estágio posterior, seriam as primeiras a serem prejudicadas, enquanto associações mais simples e mais antigas, oriundas de estágios primários de organização, tenderiam a ser mantidas. Também já sabemos que neste momento decisivo de sua crítica, é aos textos do neurologista britânico que Freud vai recorrer.

Nós assumimos para a apreciação da função do aparelho da linguagem sob condições patológicas a proposição de Hughlings Jackson, segundo a qual todos esses modos de reação representam casos de retrocessão (Des-involução) funcio-

---

vas, de movimento etc. Como sabemos, (cf. Excurso, item 5) é precisamente nesse lugar que Freud introduz o outro autor inglês considerado nesta pesquisa, o filósofo John Stuart Mill. Já sabemos também que, para Freud, a associação entre esses dois complexos de representação seria estabelecida, pelo lado da de palavra, através da imagem sonora, e pelo lado da de objeto através da imagem visual. Como mostrou Gabbi Jr., (1991) a partir desse momento do texto todo o esforço de Freud consiste em tentar mostrar que a ligação entre a representação de palavra e a de objeto só pode se dar através do elemento auditivo, por um lado, e do visual, por outro. A recusa da concepção de Charcot sobre a afasia aparece precisamente nesse contexto, uma vez que para o médico parisiense não haveria qualquer preferência nessa ligação. Frente às características de cada uma das representações, Freud considera “aberta” a de objeto, uma vez que novas impressões podem ser continuamente adicionadas ao complexo associativo existente; já a representação da palavra, embora passível de extensão, é considerada “fechada.” O passo lógico seguinte, à luz desses dados psicológicos, será a proposição de uma nova classificação das diferentes manifestações afásicas. Assim, seriam elas: as afasias verbais, as afasias assimbólicas e as afasias agnósicas. As perturbações no domínio da representação da palavra levariam à afasia verbal, enquanto que as perturbações na associação entre as representações levariam à afasia assimbólica; as afasias agnósicas resultariam de perturbações no reconhecimento dos objetos.

nal de aparelhos altamente organizados, e correspondem, por conseguinte, a estados anteriores nesse desenvolvimento funcional. Portanto, em todas as circunstâncias perder-se-á um arranjo associativo superior, desenvolvido posteriormente, e conservar-se-á um mais simples, estabelecido antes.<sup>227</sup>

Como sugerimos, do ponto de vista de nossa reconstrução Hughlings Jackson e Stuart Mill parecem formar o par de autores chaves para a crítica de Freud às concepções sobre a afasia então vigentes. Nos textos de Jackson, em particular, pode-se encontrar parte muito considerável das novas articulações que Freud começa a esboçar nessa época; neles, vemos emergir com significativa transparência certas hipóteses que parecem entrar no cerne de sua construção metapsicológica. Acima de tudo, vamos encontrar nos artigos de Jackson considerações metodológicas calcadas nos pressupostos estabelecidos por Mill, e muito mais precisas do que aquelas que Freud nos revelou de Charcot, que revelam uma relação íntima entre a metodologia freudiana e a ciência e a filosofia britânicas da época.

---

<sup>227</sup> “Wir stellen für die Beurtheilung der Function des Sprachapparates unter pathologischen Verhältnissen den Satz von Hughlings Jackson voran, daß alle diese Reactionsweisen Fälle von functioneller Rückbildung (Dis-involution) des hochorganisirten Apparates darstellen, und somit früheren Zuständen in dessen functioneller Entwicklung entsprechen. Es wird also unter allen Bedingungen eine spät entwickelte, höher stehende Associationsanordnung verloren gehen, eine früh gewonnene, einfachere erhalten bleiben.” (FREUD, *ibid.*, p. 89)

## *Capítulo V*

### *A concepção jacksoniana da afasia: Evolução, dissolução e estratificação do sistema nervoso*

Embora tardiamente reconhecido, Jackson teria alcançado muito sucesso no estudo dos distúrbios da linguagem. Na época em que começou a publicar, 1864, Broca já havia anunciado os principais resultados de seus estudos. Segundo GREENBLATT (1965, p. 370), embora aparentemente ambos tenham chegado a conclusões similares e quase ao mesmo tempo, a abordagem de cada um deles era radicalmente diferente. Broca teria abordado o fenômeno clínico hoje conhecido como afasia a partir do interesse pelo problema da localização cerebral, cujo tema teria sido amplamente debatido em Paris durante a década de 1860. Para Jackson, por outro lado, a afasia representava um problema na história natural da doença. Sua atenção teria sido atraída pelos distúrbios da linguagem, porque eles ocorriam como partes de outros estados patológicos com que já havia se ocupado antes, como a epilepsia e a hemiplegia.

Eu notei que em quase todos os casos de perda da fala que eu tinha visto havia hemiplegia. Eu posso recordar agora [final

de 1864] apenas sete casos de perda da fala no Hospital para Epilepsia e Paralisia nos quais não havia hemiplegia; desses, três apresentavam convulsões epileptiformes no lado direito, nos quatro restantes as convulsões manifestadas afetavam ambos os lados. Agora, o inusitado dessa associação – a perda de uma faculdade puramente mental com paralisia dos membros de um lado – fez-me muitas vezes pensar sobre o assunto e procurar alguma explicação da concorrência dos dois sintomas – ainda que cada um deles esteja bastante definido – que se manifestam inesperadamente juntos.<sup>228</sup>

Mas o que teria chamado mais sua atenção teriam sido os distúrbios mentais apresentados pelos afásicos e, segundo Greenblatt, aqui se manifestava a preocupação jacksoniana no sentido de compreender a relação entre as funções normais e as anormais. Mas, em última instância, o desenvolvimento das idéias de Jackson sobre o aspecto mental das desordens da linguagem estava na dependência de uma imersão profunda na psicologia associacionista, a tradição filosófica e psicológica que predominava na Grã-Bretanha do século dezenove. O que, por outro lado, não devia ser nenhuma novidade para Jackson, uma vez que as idéias de um de seus mentores mais importantes, Thomas Laycock,<sup>229</sup> teriam sido calcadas inteiramente nessa tradição.<sup>230</sup>

---

<sup>228</sup> “I noticed that in nearly all the cases of loss of speech that I had seen, there had been hemiplegia. I can now [late 1864] only call to mind seven cases of loss of speech at the Hospital for Epilepsy and Paralysis in which there has been no hemiplegia; and of these three had epileptiform convulsions on the right side; in the fourth the convulsions were said to have affected both sides. Now, the strangeness of this association – the loss of a purely mental faculty with paralysis of the limbs on one side – made me think frequently on the subject, and seek for some explanation of the concurrence of the two symptoms – yet each of them quite definite – coming on suddenly together.” (JACKSON, *Loss of speech: its association with valvular disease of the heart, and with hemiplegia on the right side*, 1864. *apud* GREENBLATT, 1965, p. 371)

<sup>229</sup> Para notícias acerca de Thomas Laycock e sua importância na formação médica de Hughlings Jackson, ver abaixo, capítulo 6, item 1.

<sup>230</sup> “As teorias do reflexo de Laycock eram amplamente baseadas sobre a psicologia

## 1. A concepção jacksoniana das perturbações da linguagem: fala voluntária e involuntária, consciência e inconsciência

De partida, é necessário sublinhar o título com o qual apresenta o artigo, publicado em três partes: *On affections of speech from disease of the brain* [Das perturbações da fala ligadas às doenças do cérebro, daqui por diante *On affections*].<sup>231</sup> A expressão *affections of speech*, na qual incluir-se-iam tanto perturbações da fala ou discurso como sua perda, merece ser posta em evidência, uma vez que estaria diretamente implicada em sua concepção de linguagem.<sup>232</sup> Em primeiro lugar, Jackson apresenta a distinção entre linguagem intelectual e linguagem emocional, entendendo que naqueles pacientes em que se verifica a incapacidade de falar, há perda da linguagem intelectual ou externa, mas não a da linguagem emocional ou interna.

Usando o termo linguagem nós fazemos dele duas divisões, intelectual e emocional. O paciente ao qual chamamos mudo ... perdeu a linguagem intelectual e não perdeu a linguagem emocional.<sup>233</sup>

---

associacionista e elas tenderam a reforçar esta tradição. Na realidade, Laycock ‘... quase não reconhecia que existia alguma outra psicologia.’ Esta atitude foi supostamente transferida para Jackson em meados dos anos 1850.” (GREENBLATT, *ibid.*, p. 372)

<sup>231</sup> Cf. JACKSON (1878-79, primeira parte) e (1879-80, segunda e terceira partes).

<sup>232</sup> “O termo afasia [Aphasia] foi atribuído às perturbações da fala por Trousseau; ele é usado para defeitos assim como para perda da fala. Eu penso que a expressão perturbações da fala [Affections of Speech] (incluindo defeitos e perdas) é preferível.” (JACKSON, 1878-79, p. 311)

<sup>233</sup> “Using the term Language, we make two divisions of it, Intellectual and Emotional. The patient, whom we call speechless ... has lost intellectual language and has not lost emotional language.” (JACKSON, *ibid.*, p. 311) De acordo com Greenblatt, é na terminologia de Spencer que Jackson teria baseado essa distinção. “Toda fala [speech]”, diz Herbert Spencer, “é composta de dois elementos – as palavras e os tons em que elas são proferidas – os signos das idéias e os signos da emoção.” (JACKSON, *Loss of speech: its association with disease of the heart, and with hemiplegia on the right side*, 1864.

Contudo, diz ele, falar não consiste meramente em pronunciar palavras, ao contrário, consiste em comunicar, em enunciar uma proposição.<sup>234</sup> Por sua vez, uma proposição não deve ser entendida como a mera justaposição de palavras e seus diferentes sentidos; ao contrário, afirma ele, em uma proposição as palavras estabelecem uma ligação específica da qual resulta um sentido novo, diferente da mera justaposição dos diferentes sentidos de cada termo. Os termos em uma proposição modificam-se mutuamente.<sup>235</sup> Portanto, conclui ele, a unidade do discurso [speech] é uma proposição.<sup>236</sup> Ora, dessa concepção Jackson tira como resultado que a perda da fala consiste na perda da capacidade proposicional, não na mera perda de palavras. Essa perda, no entanto, não deve ser entendida como a perda de alguma “faculdade especial” responsável pela fala ou discurso, mas significaria tão somente que se perderam aquelas palavras que serviam a ela.<sup>237</sup>

A partir dessa diferença, facilmente identificável pela observação clínica, Jackson introduz uma segunda distinção, muito mais importante, a função dual da palavra, ou seja, o papel das palavras na linguagem articulada e o desempenho delas fora desse tipo de discurso objetivo, por assim dizer, pois aquele que não dispõe da fala articulada não deve estar inteiramente desprovido de palavras.

---

*Apud* GREEBLATT, *op. cit.*, p. 373)

<sup>234</sup> “... it is to propositionise.” (JACKSON, *op. cit.*, p. 311)

<sup>235</sup> “The terms in a proposition are modified by each other.” (*ibid.*, p. 312)

<sup>236</sup> Como Mill, Jackson parece enfatizar a função conotativa da palavra. “Uma palavra sozinha é, ou é na prática, uma proposição, se outras palavras relacionadas estão implicadas. ... As palavras ‘sim’ e ‘não’ são proposições, mas apenas quando usadas para aprovação [assent] ou desaprovação [dissent]; elas são usadas pelas pessoas saudáveis como interjeição assim como proposicionalmente.” (*ibid.*, p. 312)

<sup>237</sup> Veremos que esse é um cuidado constante nos textos de Jackson: recusar toda e qualquer possibilidade de uma concepção espiritualista, como a da Psicologia da Faculdade.

Nós também temos que dizer aqui que além do uso das palavras na fala [articulada], existe uma atividade das palavras que não é [esta] fala; portanto, nós não dizemos que o indivíduo incapaz de falar perdeu as palavras, mas que ele perdeu aquelas palavras que servem na fala. Em suma, incapacidade de falar não significa perda completa das palavras.<sup>238</sup>

Para tornar essa distinção compreensível, Jackson começa a tratar do significado das palavras, ou seja, daquilo que elas designam. Palavras, diz ele, em si mesmas são desprovidas de sentido, elas são apenas símbolos de coisas ou imagens de coisas que estariam atrás delas; assim, uma proposição simbolizaria uma relação particular entre imagens. Jackson, então, estabelece uma distinção entre duas séries: a série das palavras e a série das imagens, que, segundo ele, apresentar-se-iam intimamente relacionadas nos processos mentais.

O termo 'imagem' é usado em um sentido psíquico como é o termo 'palavra.' Isso não significa imagens 'visuais' apenas, *mas abrange todos os estados mentais que representam coisas*. Desse modo, nós falamos de imagens auditivas. Eu acredito que este é o sentido em que Taine usa o termo imagem. O que é chamado 'uma imagem' às vezes é indicado como 'uma percepção.' Neste artigo, o termo percepção é usado para um *processo*, para uma 'proposição de imagens,' assim como fala é usado para proposições, isto é, particular inter-relações de palavras ...<sup>239</sup>

---

<sup>238</sup> "We must here say too that besides the use of words in speech there is a service of words which is not speech; hence we do not use the expression that the speechless man has lost words, but that he has lost those words which serve in speech. In brief, Speechlessness does not mean entire Wordlessness." (*ibid.*, p. 313)

<sup>239</sup> "The term 'image' is used in a psychical sense, as the term 'word' is. It does not mean 'visual' images only, *but covers all mental states which represent things*. Thus we speak of auditory images. I believe this is the way in which Taine uses the term image. What is called 'an image' is sometimes spoken of as 'a perception.' In this article the term perception is used for a *process*, for a 'proposition of images,' as speech is used

A série das imagens, ou série perceptiva, como é fácil enxergar, não corresponderia senão à “representação de objeto” de Freud/Mill, à qual vincular-se-ia a palavra. Aliás, é necessário ter em mente, para Freud, pelo menos em relação aos substantivos, apenas por sua vinculação associativa com a representação de objeto é que a palavra ganha seu significado.<sup>240</sup> Mas Jackson trata de observar, além disso, que a palavra está sempre ligada à imagem da coisa que ela simboliza, e que, portanto, a separação entre a série das palavras e a série das imagens deve ser entendida apenas como uma separação artificial, analítica, poder-se-ia dizer. As conseqüências extraídas a partir daí são ainda mais significativas, uma vez que alcançamos o cerne de suas teorizações.

Para a percepção (ou reconhecimento, ou pensamento) de coisas, pelo menos em relações simples, a fala não é necessária, porque tais pensamentos subsistem no indivíduo incapaz de falar. Palavras são necessárias para pensar, pelo menos para a maioria de nossos pensamentos; mas o indivíduo incapaz de

---

for propositions, *i. e.*, particular inter-relations of words ...” (*ibid.*, p. 321, n. 1, itálicos nossos) Como se sabe, Hippolyte Taine, entre outras coisas, era um divulgador das idéias de Mill na França. Em 1864, havia publicado um livro, muito elogiado por Mill, intitulado *Le Positivisme Anglais, étude sur Stuart Mill* [O positivismo inglês, estudo sobre Stuart Mill], no qual resumiu e comentou as principais idéias do filósofo britânico. Seu outro livro, *De l’Intelligence* [Da inteligência], de 1870, também foi elogiado por Mill: “... a extraordinária obra do Sr. Taine, *De l’Intelligence*, naturalizou permanentemente, como era esperado, a psicologia associacionista [Association Psychology] entre os pensadores e estudiosos franceses.” (MILL, 1865, p. 250, nota) Mill também publicou uma resenha comentando o livro de Taine. O livro, aliás, é o mesmo citado por Freud na carta a Fließ, de 13 de fevereiro de 1896, (FREUD, 1985c, p.181) e encontra-se relacionado no catálogo de LANDIS & SIMMONS. (Apenas para indicar mais um autor do círculo de leituras e referências de Freud, que revela o horizonte filosófico que orienta e torna coerente suas escolhas).

<sup>240</sup> “Das Wort erlangt aber seine Bedeutung durch die Verknüpfung mit der ‘Objectvorstellung’, wenigstens wenn wir unsere Betrachtung auf Substantiva beschränken.” (FREUD, 1891, p. 79) Ver também, acima, nota 226.

falar não está destituído de palavras; *existe uma atividade das palavras que é automática e inconsciente ou subconsciente.*<sup>241</sup>

Jackson ressalva que a expressão “reprodução inconsciente das palavras” envolveria a mesma contradição que a expressão “sensação inconsciente.”<sup>242</sup> De que se trata, então, a expressão “inconsciente” ou “subconsciente?” No capítulo anterior, ficamos sabendo que Freud toma de empréstimo de Jackson a noção de “involução funcional” para explicar os transtornos afásicos; e que, de acordo com esse princípio, perturbações em capacidades lingüísticas superiores, adquiridas posteriormente, mais complexas e menos organizadas, provocariam um retrocesso a níveis inferiores, mais antigos e melhor organizados.<sup>243</sup> Trata-se, em Jackson, do retrocesso a níveis de organização anteriores em que

---

<sup>241</sup> “For the perception (or recognition or thinking) of things, at least in simple relations speech is not necessary, for such thought remains to the speechless man. Words are required for thinking, for must of our thinking at least, but the speechless man is not wordless; *there is an automatic and unconscious or subconscious service of words.*” (JACKSON, *op. cit.*, p. 323, itálicos nossos)

<sup>242</sup> Em sua avaliação das idéias de Hamilton acerca da possibilidade de processos inconscientes, Stuart Mill já assinalava a dupla contradição da expressão: “Que um sentimento [feeling] não seria sentido [felt] a mim se me apresenta como uma dupla contradição, em termos e em natureza. Mas, embora um sentimento não possa existir senão sendo sentido, o estado orgânico que é o antecedente dele pode existir e o sentimento em si não se seguir. Isso acontece ou se o estado orgânico não for de suficiente duração, ou se um estado orgânico mais forte que ele e conflitante com o mesmo estiver afetando-nos no mesmo momento.” (MILL, 1869, p. 107)

<sup>243</sup> Cumpre neste lugar prestar um esclarecimento acerca das características dessa “regressão,” para utilizar uma noção anacrônica a Jackson, e complementar uma passagem a ela relacionada, presente num dos raros textos já escritos sobre o assunto. Gabbi Jr. escreve: “Os modos de reação do aparelho da fala às diversas lesões representam instâncias de retrogressão funcional de *formas altamente organizadas para formas iniciais, menos organizadas*. Portanto, um arranjo associativo *adquirido posteriormente pertenceria a um nível mais alto de organização.*” (1991, p. 192; itálicos nossos) Na verdade, para Jackson o processo de dissolução se dá, sim, das formas adquiridas posteriormente, *mais complexas*, mas, por isso mesmo, *menos organizadas*, para formas anteriores, *menos complexas* e, também por isso, *mais organizadas*. Cf. abaixo, o próximo item.

a reprodução das imagens ocorreria de forma automática, livre de uma coordenação consciente e, portanto, inconsciente ou subconsciente.

Tais expressões podem ser utilizadas para significar que a energização dos arranjos nervosos inferiores, mais organizados, embora não assistida por nenhum tipo de estado consciente, é essencial para e leva até a energização específica dos [arranjos nervosos] mais altos e menos organizados – os arranjos nervosos atualmente em organização, que pela energização recém mencionada é assistida por consciência. ... Nos casos em que os arranjos nervosos mais altos, devido a perturbações, são colocados inesperadamente *fora de combate*, como no delírio repentino, o próximo [arranjo nervoso] mais baixo entra em uma atividade maior e, então, o que na saúde era uma subconsciência subordinada torna-se uma consciência vívida, e é também a consciência mais alta que pode haver dele.<sup>244</sup>

Para Jackson, a primeira distinção, entre linguagem externa e interna, tornar-se-ia insignificante quando comparada a esta segunda distinção, a função dual da palavra – “a reprodução prévia, inconsciente ou subconsciente e automática das palavras, e a reprodução subsequente, consciente e voluntária das palavras”<sup>245</sup> –, muito mais fundamental. Para ele, apenas esta última é

---

<sup>244</sup> “Such expressions may be taken to mean that energising of lower, more organized, nervous arrangements, although unattended by any sort of conscious state, is essential for, and leads to, particular energising of the highest and least organised – the now-organising nervous arrangements, which last-mentioned energising is attended by consciousness. ... In cases where from disease the highest nervous arrangements are suddenly placed *hors de combat*, as in sudden delirium, the next lower spring into greater activity; and then, what in health was a subordinate subconsciousness, becomes a vivid consciousness, and is also the highest consciousness there then can be.” (JACKSON, *op. cit.*, p. 323, nota 1)

<sup>245</sup> “... the prior unconscious, or subconscious, and automatic reproduction of words and the sequent conscious and voluntary reproduction of words.” (*ibid.*, p. 324)

reconhecida como discurso ou fala, seja ela externa ou interna.

Considerada mais de perto a dualidade dos processos da linguagem, da qual apenas a “segunda metade” seria discurso, continua ele, encontrar-se-ia tal dualidade também nos processos de memória, ou seja, durante a recordação de imagens simbolizadas.

Essa percepção é a terminação de um estágio iniciado pela revivescência de imagens inconscientes ou subscientes que são, na realidade, ‘imagens-símbolo;’ porque nós pensamos não apenas com a ajuda daqueles símbolos ordinariamente assim chamados (palavras), mas [também] com a ajuda de símbolos-imagem.<sup>246</sup>

Em outros termos, a fala e a percepção seriam precedidas por uma reprodução inconsciente das palavras e imagens. A título de ilustração, Jackson discute o exemplo simples de um paciente que, em delírio, tomou uma enfermeira pela sua esposa. Para ele, já no plano imediatamente observável ou conteúdo que se manifesta no fenômeno revelar-se-ia aquilo que deve estar presente nos níveis mais baixos, e deve ser responsável pelo impulso na direção do verdadeiro reconhecimento ou percepção da enfermeira.

O primeiro passo em direção ao reconhecimento que ele fazia dela quando ele estava são seria a reprodução inconsciente ou subsciente e automática de seu, ou de um de seus símbolos-imagem de mulher bem-organizados; o [símbolo-imagem] mais ou melhor organizado nele seria o de sua mulher. Dizer

---

<sup>246</sup> “That perception is the termination of a stage beginning by the unconscious or subscious revival of images which are in effect ‘image symbols’; that we think not only by aid of those symbols, ordinarily so-called (words), but by aid of symbol-images.” (*ibid.*, p. 325)

o que uma coisa é, é dizer com o que é parecida; ele não teria reconhecido a enfermeira nem mesmo como uma mulher, a menos que ele já tivesse uma imagem organizada de pelo menos uma mulher.<sup>247</sup>

Como notamos anteriormente, é importante atentar para algo recorrente no texto, que permite aproximá-lo de Mill: também aqui Jackson toma o cuidado de descartar a possibilidade de qualquer tipo de “faculdade” perceptiva governando tais processos. Segundo ele, na noção popular tudo teria se passado como se uma imagem bem organizada fosse suscitada pela mera presença da enfermeira. Ao contrário, para ele, a compreensão popular parece implicar numa contradição, como se o paciente primeiro “visse” a enfermeira, no sentido de ter uma percepção, e só depois a “enxergasse” como a sua imagem já adquirida ou organizada de uma mulher. Na verdade, conclui ele, o fenômeno aparece-nos assim, sem os estágios iniciais, porque estes estágios iniciais são inconscientes!<sup>248</sup> Tudo se passa como se as capacidades mentais

---

<sup>247</sup> “The first step towards his recognition of her when he was sane would be the unconscious or subconscious, and automatic reproduction of his, or of one of his, well-organised symbol-images of woman; the one most organised in him would be his wife. To say what a thing is is to say what it is like; he would not have known the nurse even as a woman, unless he had already an organised image of at least one woman.” (*ibid.*, p. 325)

<sup>248</sup> Como notamos anteriormente, apesar da engenhosidade de Jackson, o argumento não escaparia, p. ex., àquele tipo de crítica lançado por Mill a Hamilton. Talvez mesmo Freud, nessa época, a denunciasses como uma petição de princípio. Théodule Ribot, na mesma resenha ao já citado livro de Brentano, *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, ao referir-se à campanha empreendida pelo autor da obra resenhada contra o inconsciente [‘l’inconscient’], escreve: “É certo que jamais se abusou tanto dessa palavra do que em nossos dias; ela explica tudo, é uma chave que abre todas as fechaduras. ... Mas o abuso que se faz desse termo não autoriza sua proscricção.” (*op. cit.*, p. 212). De qualquer modo, o texto de Jackson é de 1879 e era bastante conhecido no meio médico continental. Aliás, o único livro citado por Freud no texto de 1891 como sendo aquele a partir do qual teria se informado acerca das teorias localizacionistas, o livro de Exner, *Untersuchungen über die Localisationen der*

do paciente tivessem sido reduzidas aos níveis mais primitivos e automáticos, e que, durante o delírio, tais estágios iniciais adquirissem consciência. Aliás, para Jackson, dadas as perturbações nos níveis superiores, aqueles seriam os únicos passíveis de consciência. Do ponto de vista da fisiologia, poder-se-ia conceber que a exaustão de certa porção dos arranjos nervosos mais altos e recentes tornariam o estágio final impossível, de modo que restariam intactos e energizados apenas os arranjos nervosos responsáveis pelo estágio inicial; ora, como a imagem-símbolo melhor organizada, passível de ser reproduzida por tais arranjos nervosos mais antigos, devia ser a imagem da esposa, ela *determinaria* tudo que a enfermeira podia ser para o paciente.

Existe um aprofundamento da consciência, no sentido descendente, para estados primários mais baixos e mais organizados, que na saúde são em sua maioria inconscientes ou subconscientes e antecedem os estados de consciência mais altos ou mais recentes. Em outras palavras, com a perda ou distúrbio da consciência objetiva, e mesmo no sono com sonhos, há um aumento da consciência subjetiva. Do lado físico, aumenta a energização daqueles centros mais baixos, que na vigília são apenas levemente energizados; durante o que 'sonhos,' então ininterruptamente subconscientes, estados sequenciais dos

---

*Functionen in der Grosshirnrinde des Menschen* [Investigações sobre as localizações das funções no córtex cerebral do homem], publicado em 1881, traz um extenso estudo bibliográfico sobre o assunto. Nele encontram-se arrolados os textos de Jackson publicados até aquele momento. Nesse sentido, não custa esclarecer também que uma característica interessante que pudemos observar em alguns periódicos de medicina e psicologia do último quarto do século dezenove, tanto alemães [*Wiener klinische Wochenschrift*, *Wiener medizinische Wochenschrift*], ingleses [*The Lancet*, *The British Medical Journal*, *Brain*, *Mind*], americanos [*The Psychological Review*] e franceses [*Revue philosophique*, *Les Progrès Médical*] consiste no espaço bastante amplo reservado para a publicação de artigos de autores estrangeiros e a mútua discussão de suas idéias através de resenhas. Não custa lembrar ainda que Freud foi, durante alguns anos, colaborador dos periódicos especializados em medicina em Viena, do que se pode inferir que ele devia estar bem informado acerca das principais hipóteses e teorias médicas da época.

quais constituem nossa última ou mais alta consciência objetiva, são os continuamente ‘despertos.’<sup>249</sup>

Não parece ser preciso muito esforço para enxergar a afinidade existente entre as concepções de Jackson e aquelas que Freud desenvolverá mais tarde em sua própria teoria acerca dos processos oníricos, sobretudo no que diz respeito ao papel do mecanismo de regressão na formação do sonho.<sup>250</sup> A fim de tornar mais explícita a afinidade existente entre eles, tentemos, então, compreender um pouco dos princípios introduzidos por Jackson, que não se prestam apenas para fundamentar suas hipóteses sobre as perturbações da linguagem, mas encontram-se na base de sua concepção acerca do desenvolvimento e da função do sistema nervoso como um todo.

---

<sup>249</sup> “There is a deepening of consciousness in the sense of going down to lower earlier and more organised states, which in health are mostly unconscious or subconscious, and precede higher or later conscious states; in other words, with loss or defect of object consciousness, even in sleep with dreaming, there is increasing subject consciousness; on the physical side, increasing energising of those lower centres which are in the day-time more slightly energising during that unbroken subconscious ‘dreaming’, from which the serial states, constituting our latest or highest object consciousness, are the continual ‘awakenings’.” (JACKSON, *op. cit.*, p. 326)

<sup>250</sup> “A experiência nos ensina que este caminho que os pensamentos dos sonhos [Traumgedanken] percorrem durante o dia, que leva do Pré-consciente [Vorbewußte] para o Consciente [Bewußtsein], é obstruído através da resistência da censura [Widerstandszensur]. À noite eles conseguem o acesso para o Consciente, mas levanta-se a questão, por quais caminhos e graças a qual modificação [Veränderung]. Isso seria possibilitado aos pensamentos dos sonhos, porque durante à noite a resistência que vigia [wacht] a fronteira entre o Inconsciente e o Pré-consciente abaixa ... O que acontece no sonho alucinatório nós não podemos descrever senão dizendo que a excitação toma um caminho *retrocessivo* [rückläufigen]. ... Chamemos a direção na qual o processo psíquico segue do Inconsciente para a vigília a [direção] *progressiva* [progredienten], então nós podemos afirmar acerca do sonho que ele tem um caráter *regressivo* [regredienten].” (FREUD, 1900a, cap. 7, B, *Die Regression*, p. 518; itálicos no original) Mais à frente: “A estrutura [Gefüge] dos pensamentos do sonho torna-se, pela regressão [Regression], reduzida a seu material bruto [Rohmaterial].” (p. 519; itálicos no original)

## 2. Evolução e dissolução do sistema nervoso

Freud já havia nos revelado que a noção de dissolução desempenha uma função organizadora nas teorizações de Jackson. Desnecessário dizer que esta corresponde a uma espécie de reversão de um processo evolutivo normalmente considerado. Por conseguinte, a relação entre dissolução e evolução corresponderia à relação entre reações patológicas e desenvolvimento normal não apenas nos processos lingüísticos, mas nos processos que se desenrolam na totalidade do organismo vivo.<sup>251</sup> Em outras palavras, ao estabelecer a dissolução como princípio explicativo de diferentes graus e tipos de enfermidade, Jackson, assim como posteriormente Freud, estaria rompendo com as visões tradicionais que mantinham uma clara distinção entre o patológico e o normal.<sup>252</sup> Tentemos, inicialmente, explicitar o sentido em que Jackson se utiliza da noção de evolução para, posteriormente, tratar do processo reverso, a dissolução.

Eu me refiro apenas aos aspectos mais salientes da evolução e da dissolução. Deixo totalmente de lado alguns fatores im-

---

<sup>251</sup> “In the doctrine of evolution, we have principles which no doubt apply to the whole organism and to every one of its diseases.” (JACKSON *apud* SMITH, 1982, p. 247) Desde já é necessário esclarecer, como faz Smith, que a noção de evolução adotada por Jackson não é a de Darwin, mas a de Spencer; em primeiro lugar porque, segundo ele, não há nas obras de Jackson nenhuma menção ao nome de Darwin, em segundo porque seu interesse principal no evolucionismo spenceriano recai sobre a noção inversa à de evolução, o processo de dissolução, que nunca teria sido proposto por Darwin. “Este conceito que não foi, e não seria, proposto por Darwin, está situado na raiz da neurologia de Jackson.” (SMITH, *ibid.*, p. 249) Cabe esclarecer aqui que, embora muitas das idéias de Spencer possam estar nos alicerces das concepções de Jackson, no presente trabalho, dado nossos objetivos, as referências àquele só serão introduzidas a fim tornar mais claras as idéias deste.

<sup>252</sup> Como veremos abaixo (capítulo 6), esta era uma preocupação presente desde o início da carreira científica de Jackson.

portantes insistidos especialmente por Herbert Spencer. ... Começando com a evolução, e tratando apenas das partes mais notáveis do processo, digo dela que é um desenvolvimento ascendente em uma ordem particular. Eu faço três declarações que, embora de diferentes pontos de vista, referem-se à mesmíssima coisa. 1. Evolução é uma passagem do mais para o menos organizado; isso quer dizer, dos centros mais baixos, bem organizados, até os centros mais elevados, menos organizados; colocando isso de outra forma, o progresso se dá dos centros comparativamente bem organizados no nascimento até aqueles centros mais elevados que estão continuamente em organização através da vida. 2. Evolução é uma passagem do mais simples para o mais complexo; uma vez mais, dos centros mais baixos aos mais elevados. ... 3. Evolução é uma passagem do mais automático para o mais voluntário. A tripla conclusão que se tem é que os centros mais elevados, que são o clímax da evolução nervosa e que constituem o ‘órgão da mente’ (ou base física da consciência), são os menos organizados, os mais complexos e os mais voluntários.<sup>253</sup>

Evolução é, portanto, entendida como um processo que vai do “mais simples” para o “mais complexo,” que, nos termos de Jackson, não significa outra coisa senão a passagem do “mais organizado” para o “menos organi-

---

<sup>253</sup> “I speak only of the most striking aspects of evolution and dissolution. Leaving entirely out of account some very important factors specially insisted by Herbert Spencer. ... Beginning with evolution, and dealing only with the most conspicuous parts of the process, I say of it that it is an ascending development in a particular order. I make three statements which, although from different standpoints, are about the very same thing. 1. Evolution is a passage from the most to the least organised; that is to say, from the lowest well organised centres up to the highest least organised centres; putting this otherwise, the progress is from centres comparatively well organised at birth up to those, the highest centres, which are continually organising through life. 2. Evolution is a passage from the most simple to the most complex; again, from the lowest to the highest centres. ... 3. Evolution is a passage from the most automatic to the most voluntary. The triple conclusion come to is that the highest centres, which are the climax of nervous evolution, and which make up the “organ of mind” (or physical basis of consciousness) are the least organised, the most complex, and the most voluntary.” (JACKSON, 1884, p. 591)

zado,” uma vez que nos estados primários mais simples, dada sua menor complexidade, supõe-se encontrar neles um grau mais alto de organização interna. Para tentar sanar as dúvidas suscitadas pela equivalência estabelecida por ele entre “mais complexo” e “menos organizado,” Jackson apresenta a comparação entre dois centros nervosos, um centro mais baixo, composto apenas de dois elementos sensoriais e dois motores, e outro centro mais complexo, constituído por quatro elementos de cada tipo.

Não há em absoluto nenhuma inconsistência em se falar de centros sendo ao mesmo tempo mais complexos e menos organizados. Suponha que um centro consiste em apenas dois elementos sensoriais e dois motores; *se estes elementos estiverem bem unidos, para que a “corrente flua” facilmente dos sensoriais aos motores, então este centro, apesar de muito simples, é altamente organizado.* Por outro lado, nós podemos conceber um centro consistindo em quatro elementos sensoriais e quatro motores, nos quais, no entanto, *as junções entre os elementos sensoriais e os motores são tão imperfeitos que a corrente nervosa encontra muita resistência.* Aqui temos um centro duas vezes mais complexo que o mencionado anteriormente, mas do qual nós podemos dizer que apresenta apenas a metade da organização.<sup>254</sup>

Para Jackson, dada a simplicidade do centro nervoso mais baixo, ele seria relativamente mais bem organizado, uma vez que seus elementos estariam mais

---

<sup>254</sup> “There is no inconsistency whatever in speaking of centres being at the same time most complexe and least organised. Suppose a centre to consist of but two sensory and two motor elements; *if the sensory and motor elements be well joined, so that “currents flow” easily from the sensory into the motor elements, then that centre, although a very simple one, is highly organised.* On the other hand, we can conceive a centre consisting of four sensory and four motor elements, in which, however, *the junctions between the sensory and motor elements are so imperfect that the nerve currents meet with much resistance.* Here is a centre twice as complex as the one previously spoken of, but of with, we may say that it is only half as well organised.” (*ibid.*; itálicos nossos)

coesos, o que facilitaria o fluxo da corrente desde os elementos sensoriais até os motores; ao contrário, no segundo caso as conexões entre os múltiplos elementos nervosos, aferentes e eferentes, supostamente mais imperfeitas e complicadas, poderiam impor resistências à livre circulação da corrente nervosa; por isso, este último, dada sua maior complexidade, apresentaria um grau de organização muito menor se comparado ao primeiro sistema. Talvez devido ao inusitado da correlação por ele estabelecida, Jackson tenta deixar as coisas um pouco mais claras em outra conferência sobre o mesmo tema, pronunciada cinco anos depois, em 1889, na *British Medical Association*.

“(1) Evolução é a passagem do mais para o menos organizado. ‘Altamente organizado’ é freqüentemente utilizado como sinônimo de ‘muito complexo’; mas *por graus de organização eu quero dizer graus de perfeição de união e precisão de ação dos elementos nervosos entre si*. Usando o termo organizado neste sentido eu digo que os centros cerebrais mais altos são os menos organizados (os ‘centros mais desprotegidos’), embora eles sejam os mais complexos; ao passo que os centros mais baixos são mais organizados, embora menos complexos. Em outras palavras, nós podemos dizer (2) que *a ascensão evolucionária é do menos para o mais modificável. Se os centros superiores não fossem modificáveis, nós seríamos máquinas extremamente simples; nós não poderíamos fazer novas aquisições. Se os centros inferiores (‘vitais’) tornassem-se modificáveis como os superiores o são, a vida seria interrompida.*”<sup>255</sup>

<sup>255</sup> “(1) Evolution is a passage from the most to the least organised. ‘Highly organised’ is frequently used synonymously with ‘very complex’; *but by degrees of organisation I mean degrees of perfection of union and certainty of action of nervous elements with one another*. Using the term organised in this sense I say that the highest cerebral centres are the least organised (the ‘most helpless centres’), although they are the most complex, whereas the lowest centres are the most organised, although the least complex. In other words, we may say (2) that *the evolutionary ascent is from the least to the most modifiable. If the highest centres were not modifiable, we should be very simple machines; we should make no new acquirements. If the lowest (‘vital’) centres were to*

De acordo com Smith, a obscuridade presente no texto jacksoniano pode começar a ser amenizada quando se reconhece que sua base encontra-se na *Psychology* [Psicologia] de Spencer, que considera que o tamanho do sistema nervoso varia fundamentalmente em função do movimento nele envolvido, em parte devido à *quantidade de movimento* e em parte devido à *complexidade desse movimento*.<sup>256</sup> Considerados desse ponto de vista, os princípios presentes no modelo inacabado de Jackson parecem apresentar certa analogia com os princípios sobre os quais Freud estabelece seu próprio modelo hipotético em *Entwurf*. Em termos gerais, na concepção genética de ambos, o modelo hipotético “evolui,” impulsionado por uma regra biológica fundamental – a manutenção da vida –, de um sistema mínimo, regido por uma ação reflexa, até um sistema mais complexo, governado por ações voluntárias. Com efeito, também em Jackson a experiência parece ser a grande instrutora, uma vez que ao automatismo representado pelo comportamento reflexo peculiar aos centros mais baixos sobrepor-se-iam funções voluntárias superiores como a memória e a aprendizagem,<sup>257</sup> possibilitadas pelas propriedades plásticas que caracterizariam tais centros nervosos. Como se sabe, um dos postulados básicos do modelo freudiano é a diferenciação entre sistemas de neurônios permeáveis e de neurônios impermeáveis ao fluxo de quantidades, responsáveis, respectivamente, pela percepção e pela memória, o sistema  $\phi$  e o sistema

---

*become modifiable as the highest are, life would cease.*” (JACKSON, *apud* SMITH, *op. cit.*, p. 247-8; *itálicos nossos*) Cf., acima, nota 243.

<sup>256</sup> “... the size of the nervous system varies partly as the quantity of motion evolved and partly as the complexity of that motion.” (SPENCER, *apud* SMITH, *ibid.*, p. 249)

<sup>257</sup> “Following Spencer, he believed that the lower centers are associated with automatisms, with reflex behavior, while the highest centers are concerned with higher functions such as learning and memory.” (*ibid.*, p. 248)

$\psi$ .<sup>258</sup> Jackson não esclarece porque as junções entre os elementos nervosos apresentariam uma maior resistência à corrente nervosa nos sistemas mais complexos, nem propõe nenhuma hipótese, limitando-se a falar de “graus de automatismo” e “graus de uso;” Freud vai mais longe e introduz a hipótese das barreiras de contato [Kontaktschranken] existentes entre os neurônios  $\psi$ , inicialmente impermeáveis, ou resistentes à condução de quantidade, mas que tornar-se-iam paulatinamente menos resistentes e permanentemente modificados pelo curso excitativo. Em seguida, Freud introduz a noção de grau de facilitação [Grad der Bahnung] para caracterizar as diferenciações ou modificações na condutibilidade entre os neurônios, e conclui mais à frente que a memória seria apresentada pelas *diferenças* ou *graus de facilitações* entre os neurônios  $\psi$ .<sup>259</sup>

Se a comparação acima sugerida for pertinente, então as hipóteses de Jackson acerca da natureza automática dos processos que se sucedem nos centros nervosos mais baixos e da natureza voluntária dos processos mantidos pelos centros superiores devem também ser coerentes com a diferenciação fundamental estabelecida por Freud em seu modelo de aparelho psíquico, a de processos primários e processos secundários. Sem recorrer a uma longa re-

---

<sup>258</sup> “Es gibt also *durchlässige* (keinen Widerstand leistende und nichts retenierende) Neurone, die der Wahrnehmung dienen, und *undurchlässige* (mit Widerstand behaftete und  $\text{Q}\eta'$  zuruckhaltende) Neurone, die Träger des Gedächtnisses, wahrscheinlich also der psychischen Vorgänge überhaupt sind. Ich will das erstere System von Neuronen fortan  $\phi$ , das letztere  $\psi$  nennen.” (FREUD, 1950c[1895], p. 392; itálicos no original)

<sup>259</sup> “Diesen Zustand der Kontaktschranken wollen wir als Grad der *Bahnung* bezeichnen. *Das Gedächtnis ist dargestellt durch die zwischen den  $\psi$  Neuronen vorhandenen Bahnungen.*” (*ibid.*; itálicos no original) Vale notar que o termo alemão *Bahnung* já estava em uso na neurofisiologia alemã. “Assim como uma excitação no sistema nervoso central é capaz de enfraquecer ou inibir completamente o curso de uma outra excitação, excitações promovidas [fördernd] podem também atuar sobre o curso de outras, com o que elas como que liberam a via [Bahn]. Por isso eu chamei esse fenômeno ‘facilitação’ [‘Bahnung’].” (EXNER, 1894, p. 76)

constituição do aparelho montado por Freud, pode-se dizer que essa diferenciação é introduzida a fim de caracterizar processos quantitativos intensos e livres, puramente reflexos ou automáticos, por um lado, e processos quantitativamente menores, controlados pela agência psíquica chamada Eu [Ich], por outro.

A hipótese de Jackson é a de que a natureza automática creditada aos centros mais baixos se deve à menor complexidade das ligações entre seus elementos, que permite que a corrente nervosa “flua mais facilmente.” Freud também caracteriza como primários os processos ou comportamentos compulsivos (automáticos, poder-se-ia dizer) como os resultantes de duas vivências fundamentais que denomina vivência de satisfação (Cf. *ibid.*, p. 410-12) e vivência de dor. (Cf. *ibid.*, p. 412-14) Da primeira, que traduz um processo iniciado por uma necessidade endógena que só pode ser satisfeita por uma pessoa alheia, resultaria uma via aberta entre os distintos grupos de neurônios que representariam 1. a eliminação que pôs fim ao desprazer decorrente da tensão endógena, 2. a percepção do objeto responsável pela ação específica, e 3. a satisfação. Com a recorrência da tensão endógena, diz Freud lançando mão do que chama a lei fundamental de *associação por simultaneidade* [Grundgesetz der *Association durch Gleichzeitigkeit*], o fluxo de quantidade tende, compulsivamente, a percorrer o circuito neuronal previamente aberto, levando à alucinação do objeto de desejo e provocando uma desilusão pela falta de satisfação. Analogamente, da vivência de dor, caracterizada pelo afluxo de quantidades superintensas no sistema  $\psi$ , sentidos como desprazer em  $\omega$ ,<sup>260</sup> restaria aberto um caminho entre certos grupos de neurônios que representariam 1. o

---

<sup>260</sup> Freud introduziu este terceiro sistema de neurônios para tentar dar conta do problema da consciência. Cf. *Ibid.*, p. 403-5.

aumento de quantidade, 2. a tendência à eliminação, e 3. a imagem do objeto hostil. Com efeito, com o desprazer causado por uma nova percepção do objeto hostil ou pela recordação dele resultaria um aumento de quantidade<sup>261</sup> e a tendência, também compulsiva, à eliminação das quantidades afluentes. Em suma, de ambas as vivências fundamentais restariam duas tendências compulsivas (automáticas) básicas, quantitativamente intensas e nocivas ao organismo, a atração de desejo e a defesa primárias.

A fim de evitar as conseqüências nocivas de tais tendências compulsivas primárias, o modelo freudiano seria levado, pela necessidade imperiosa de conservar a vida, a evoluir e a encontrar uma forma de modificar seu modo compulsivo e automático de atuação, impondo certo controle sobre o livre fluxo das excitações. Essa função seria desempenhada pelo Eu [das Ich], definido como um conjunto de neurônios permanentemente ocupados por quantidade. (Cf. *ibid.*, p. 416-7) Sem prolongarmo-nos na discussão das qualidades inibitórias atribuídas ao eu, assinalemos aquele que parece ser o mais importante, e mais voluntário, dos fatores através dos quais o eu seria capaz de modificar ou inibir cursos primários, a ocupação simultânea de neurônios adjacentes, as ocupações laterais [Seitenbesetzungen].<sup>262</sup> Na recorrência da tensão endógena que impulsiona a atração de desejo, p. ex., ao eu

---

<sup>261</sup> Dado nossos propósitos, não necessitamos considerar aqui os problemas com os quais Freud se defronta na tentativa de dar conta da questão da dor, que é o da origem da quantidade interna presente na recordação. Assinalemos apenas o recurso ao qual lança mão: ao contrário da vivência inicial de dor, cujo excesso de quantidade seria oriundo do mundo externo, para tentar reduzir as dificuldades originadas pela hipótese do aumento de quantidade durante a recordação do objeto hostil, Freud introduz uma nova categoria de neurônios, que seriam os responsáveis pela secreção de quantidade interna, os “neurônios secretores.”

<sup>262</sup> “Wenn ein anstoßendes Neuron gleichzeitig besetzt ist, so wirkt dies wie eine zeitweilige Bahnung der zwischen beiden liegenden Kontaktschranken und modifiziert den Ablauf, der sich sonst nach der einen gebahnten Kontaktschranke gerichtet hätte.” (FREUD, *ibid.*, p.416)

caberia inibir a tendência compulsiva à eliminação de quantidades intensas através do circuito previamente facilitado, ocupando lateralmente o grupo de neurônios nele envolvidos, enquanto o objeto de desejo não se fizer presente.<sup>263</sup> No entanto, na execução dessa tarefa inibitória, o eu precisa de um critério que lhe permita reconhecer, p. ex., a presença ou a ausência do objeto. Em outras palavras, o eu necessita de um critério através do qual possa diferenciar percepção [Wahrnehmung] de representação [Vorstellung], realidade de fantasia.

A engenhosidade de Freud o levará a conceber os signos de realidade [Realitätszeichen], que seriam sinais ou notícias relativas a uma eliminação ocorrida no aparelho, provenientes do sistema  $\omega$ , que alcançariam  $\psi$ . Tais notícias de eliminação  $\omega$ , pensa Freud, seriam aproveitados pelo eu como signos de realidade. O problema é que, do ponto de vista quantitativo, toda e qualquer elevação excitativa no interior do aparelho levaria a uma eliminação  $\omega$  e a emissão de um sinal que alcança a  $\psi$ !<sup>264</sup> Logo, também no caso da superocupação alucinatória do objeto do desejo resultaria uma eliminação em  $\omega$  e a emissão de uma notícia ou signo, ocorrendo uma falha no critério de re-

---

<sup>263</sup> “... wenn es im *Wunschzustande* die Objekt-Erinnerung neu besetzt und dann Abfuhr ergehen läßt, wo dann die Befriedigung ausbleiben muß, weil das Objekt nicht *real*, sondern nur in *Phantasievorstellung* vorhanden ist.” (*ibid.*, p. 420; itálicos no original)

<sup>264</sup> “Bei jeder äußeren Wahrnehmung entsteht eine Qualitätserregung in  $\omega$ , die aber zunächst für  $\psi$  ohne Bedeutung ist. Es muß noch hinzugefügt werden, daß die  $\omega$  Erregung zur  $\omega$  Abfuhr führt und [daß] von dieser wie von jeder Abfuhr eine Nachricht nach  $\psi$  gelangt.” (*ibid.*, p. 421) Vale esclarecer que a propriedade qualitativa do sistema de neurônios  $\omega$  estaria relacionada à própria arquitetura do aparelho, no qual a quantidade seria paulatinamente reduzida na direção  $\phi\psi\omega$ . “O preenchimento-Q $\eta$ ’ do neurônio  $\omega$  pode ocorrer apenas a partir de  $\psi$ , porque nós não concedemos a este terceiro sistema nenhuma ligação direta com  $\phi$ .” (*ibid.*, p. 404) Ultrapassa os limites da discussão que nos interessa aqui, mas não custa observar que posteriormente Freud altera a ordem da disposição e a relação estabelecida entre os três sistemas neuronais. Cf. FREUD, 1985c, carta a Fließ de 01 de Janeiro de 1896.

alidade. A saída de Freud foi propor que, pela aprendizagem, o eu deve acabar por controlar o fluxo de quantidade na direção do objeto, inibindo o aumento excitativo na atração de desejo, a fim de impedir que resulte daí um signo de realidade; aprende também a manter essa ocupação dentro de certo limite quantitativo, isto é, a não iniciar a eliminação, enquanto não chegar o signo de realidade relativo à presença do objeto.<sup>265</sup> Assim, concluirá Freud, será a própria inibição exercida pelo eu que irá possibilitar um critério para diferenciar percepção de recordação.<sup>266</sup> Para Freud, portanto, a diferença entre processos primários e secundários reside fundamentalmente na ação inibitória exercida pelo eu, que controla o nível quantitativo em jogo nesses processos, levando em consideração o critério de realidade.<sup>267</sup>

Se for assim, há uma estreita correlação de sentido entre os termos utilizados e os processos descritos por Jackson e por Freud, como complicação, ou grau de complexidade das ligações entre os elementos nervosos e grau de automatismo.<sup>268</sup> Parece haver, porém, apenas uma inversão no sentido em que a expressão “mais organizado” é empregada por Jackson e aquele que a

---

<sup>265</sup> “Der Unterschied ist nämlich, daß das *Qualitätszeichen* von außen her bei jeder Intensität der Besetzung erfolgt, von  $\psi$  her nur bei großen Intensitäten.” (*ibid.*, p. 421)

<sup>266</sup> “Es ist demnach *die Ichhemmung, welche ein Kriterium zur Unterscheidung zwischen Wahrnehmung und Erinnerung ermöglicht.*” (*ibid.*; itálicos no original) Como observa Gabbi Jr., “certamente, é legítimo indagar sobre o valor de um signo que só é útil quando aquilo que ele pretende diferenciar é condicionado pela existência prévia da própria possibilidade de diferenciação.” (1995, p. 142, n. 138)

<sup>267</sup> “Die Wunschbesetzung bis zur Halluzination, die volle Unlustentwicklung, die vollen Abwehraufwand mit sich bringt, bezeichnen wir als *psychische Primärvorgänge*; hingegen jene Vorgänge, welche allein durch gute Besetzung des Ich ermöglicht werden und Mäßigung der obigen darstellen, als *psychische Sekundärvorgänge.* (*ibid.*, p. 422) Mais à frente, ao tratar dos processos do pensar, complementa ele: “*O processo secundário é, portanto, uma repetição do curso  $\psi$  original [von Quantität] em nível mais baixo, com quantidades menores.*” (FREUD, 1950c [1895], p. 429; itálicos no original)

<sup>268</sup> De acordo com o que discutimos acima, cabe ressaltar apenas que, em Freud, a menor intensidade em jogo nos processos secundários é correlativa de uma quantidade maior, mantida constante, representada pelo eu.

expressão poderia ganhar no interior das hipóteses de Freud. Isto é, enquanto Jackson considera mais organizado o sistema mais simples, em que os elementos nervosos encontram-se mais coesos e favorecem ao fluxo da corrente nervosa, em Freud, ao contrário, parece que se algum processo merece ser considerado “mais organizado,” este deve ser aquele mais complexo, no qual a corrente de excitações é mais baixa e controlada de acordo com as regras acima mencionadas.

No que concerne a Jackson, vale a pena trazer um texto de Spencer que ajuda a esclarecer sua hipótese, também porque Smith já assinalara ser o movimento a principal variável na hipótese spenceriana sobre a evolução do sistema nervoso.

A transformação de um estado disperso, imperceptível, para um estado concentrado, perceptível, é uma integração da matéria e uma concomitante dissipação de movimento; e a transformação de um estado concentrado, perceptível, para um estado disperso, imperceptível, é uma absorção de movimento e uma concomitante desintegração da matéria. ... Nós não nos referimos aqui a nenhum movimento que os componentes de uma massa apresenta com respeito a outras massas; nós nos referimos apenas ao movimento que eles apresentam entre si. Limitando nossa atenção a esse movimento interno e à matéria que o detém, o axioma que nós estabelecemos é que uma consolidação progressiva envolve uma diminuição do movimento interno, e que aumento do movimento interno envolve uma dispersão.<sup>269</sup>

---

<sup>269</sup> “The change from a dispersed, imperceptible state to a concentrated, perceptible, is an integration of matter and concomitant dissipation of motion; and the change from a concentrated, perceptible state to a dispersed, imperceptible state, is an absorption of motion and concomitant disintegration of matter. ... We are not concerned here with any motion which the components of a mass have with respect to another masses: we are concerned only with the motion they have with respect to one another. Confining our attention to this internal motion, and to the matter possessing it, the axiom which we have to recognize is that a progressing consolidation involves a decrease of internal

Logo a seguir, conclui ele:

Evolução, sob seus aspectos mais gerais, é a integração da matéria e a concomitante dissipação de movimento, enquanto dissolução é a absorção do movimento e a concomitante desintegração da matéria.<sup>270</sup>

\*

No interior das teorizações de Jackson acerca das desordens do sistema nervoso, contudo, mais do que o processo evolutivo é o seu reverso, o processo de dissolução, que ocupa o papel privilegiado.<sup>271</sup> Analogamente ao conceito de evolução, que vinha proporcionar uma base para a classificação das espécies na zoologia e na botânica, a noção de processos de dissolução é utilizada por Jackson como princípio em sua classificação natural (ou científica, no vocabulário de Mill) das desordens nervosas.

Dissolução sendo o reverso do processo de evolução ... é um processo de não desenvolvimento; é uma “decomposição em partes” na ordem do menos organizado, do mais complexo e mais voluntário, em direção ao mais organizado, mais simples e mais automático. ... Portanto, a declaração “sofrer dissolução” é rigorosamente o equivalente à declaração “ser reduzido

---

motion; and that increase of internal motion involves a progressing unconsolidation.” (SPENCER, 1904, p. 225-6)

<sup>270</sup> “Evolution under its most general aspect is the integration of matter and concomitant dissipation of motion; while Dissolution is the absorption of motion and concomitant disintegration of matter.” (*ibid.*, p. 228) De maneira nada surpreendente, se levarmos em conta a convergência entre Freud e Jackson, o postulado spenceriano parece encaixar-se perfeitamente também às hipóteses de Freud.

<sup>271</sup> “So much for the positive process by which the nervous system is “put together” – Evolution. Now for the negative process, the “taking it to pieces” – Dissolution.” (JACKSON, 1884, p. 591)

a um nível inferior de evolução.”<sup>272</sup>

Para Jackson, portanto, as desordens do sistema nervoso decorreriam de processos de dissolução ocorridas no seu interior, que levariam a uma perda nas funções superiores, voluntárias, mais complexas e menos organizadas, e à preservação de funções mais simples, menos complexas e mais organizadas. Mas Jackson vai mais longe. Para ele, poderiam ocorrer processos de dissolução em graus diversos, desde uma dissolução mínima até uma dissolução total, entendida como a morte.<sup>273</sup> Nos processos de dissolução parciais, nos quais certa medida de conquistas evolutivas sempre estaria preservada, Jackson identifica em todos os casos duas condições na sintomatologia, uma negativa e outra positiva. O aspecto negativo traduzir-se-ia na perda das funções superiores, isto é, na incapacidade de executar as ações voluntárias mais complexas envolvidas com os centros nervosos lesionados; considera positivo o aspecto implicado no processo de dissolução, ou seja, a manutenção de comportamentos mais simples e automáticos, relacionados a centros nervosos inferiores, menos complexos e mais organizados.

Dissolução sendo parcial, a manifestação em todos os seus casos é dupla. A sintomatologia das doenças nervosas apresenta uma dupla condição; existe um elemento negativo e existe um elemento positivo em todos os casos. A evolução não sendo inteiramente revertida, algum nível de evolução é preservado.

---

<sup>272</sup> “Dissolution being the reverse of the process of evolution ... It is a process of undevelopment; it is a ‘taking to pieces’ in the order from the least organised, from the most complex and most voluntary, towards the most organised, most simple, and most automatic. ... Hence the statement, ‘to undergo dissolution’ is rigidly the equivalent of the statement, ‘to be reduced to a lower level of evolution.’” (*ibid.*; aspas no original)

<sup>273</sup> “... if, in other words, dissolution were total, the result would be death. I say nothing of total dissolution in these lectures.” (*ibid.*)

... Em mais detalhes: perda do menos organizado, mais complexo e mais voluntário implica a retenção do mais organizado, do menos complexo e mais automático.<sup>274</sup>

Embora óbvia na sua aparência, Jackson não considera a distinção um mero truísmo. Sua insistência parece ser em relação ao sentido do acima citado: “o processo de evolução não sendo completamente revertido, algum nível de evolução é preservado.” É a manutenção ou “sobrevivência” de certo grau de evolução no sistema nervoso, embora eventualmente baixo, que Jackson parece insistir em atribuir certa positividade. Segundo ele, (*ibid.*) diz-se que uma doença “causa” os sintomas da insanidade; mas, observa, seria mais correto dizer que a doença apenas produz os sintomas como resposta para a dissolução, e que todos os sintomas positivos produzidos, como as alucinações e as condutas extravagantes, p. ex., seriam resultados da atividade dos elementos nervosos salvos de processos patológicos.

Mais abaixo voltaremos a discussão de uma outra distinção introduzida por Jackson no interior do processo de dissolução, a uniforme e a local. Por ora, detenhamo-nos no que parece ser teoricamente mais importante: a insistência jacksoniana no aspecto positivo dos sintomas mórbidos resultantes do processo de dissolução. Embora não esclarecido de maneira satisfatória, o problema tem o mérito de exigir a entrada num tema de importância capital no que concerne às raízes da psicanálise freudiana. De acordo com Smith, (*op.*

---

<sup>274</sup> “Dissolution being partial, the condition in every case of it is duplex. The symptomatology of nervous disease is a double condition; there is a negative and there is a positive element in every case. Evolution not being entirely reversed, some level of evolution is left. ... In more detail: loss of the least organised, most complex, and most voluntary, implies the retention of the more organised, the less complex, and the more automatic.” (*ibid.*)

*cit.*, p. 250) Jackson teria assimilado aqui outra noção proveniente de Spencer: a sobrevivência do mais apto ou do melhor adaptado [the survival of the fittest]. No doente os comportamentos remanescentes representariam esse estado de coisas.

O princípio pode ser ilustrado de um outro modo, sem uma recapitulação excessiva. Começando pela época em que a pessoa estava saudável, a afirmação é que os pensamentos e condutas normais de cada pessoa são, ou significam, sobrevivências de estados melhor adaptados do que nós podemos chamar a “camada” mais alta do seus centros superiores: o mais elevado nível normal de evolução. Agora, suponha que devido a doença o mais elevado nível normal de evolução perca suas funções; isto é a dissolução, à qual respondem os sintomas negativos da insanidade do paciente. Eu afirmo que seus sintomas mentais positivos são ainda sobrevivências de seu estado melhor adaptado, são sobrevivências no nível de evolução inferior, mas ainda assim o mais elevado. A mais absurda mentação e a ação mais extravagante nas pessoas insanas são sobrevivências de seus estados melhor adaptados.<sup>275</sup>

Um mero jogo de palavras bem ao estilo jacksoniano, poder-se-ia objetar. Contudo, no interior da perspectiva evolutiva de Jackson, é possível conceder certo valor às suas considerações, pelo menos por duas razões. Em pri-

---

<sup>275</sup> “The principle may be illustrated in another way, without undue recapitulation. Starting this time with health, the assertion is that each person’s normal thought and conduct are, or signify, survivals of the fittest states of what we may call the topmost “layer” of his highest centres: the normal highest level of evolution. Now, suppose that from disease the normal highest level of evolution (the topmost layer) is rendered functionless. This is the dissolution, to which answer the negative symptoms of the patient’s insanity. I contend that his positive mental symptoms are still the survivals of his fittest states, are survivals on the lower, but then highest, level of evolution. The most absurd mentation, and most extravagant actions in insane people are the survivals of their fittest states.” (*ibid.*)

meiro lugar, assim como a perspectiva freudiana, tem o mérito de dissolver a barreira intransponível que separava o normal do anormal, na medida em que o patológico deixa de ser compreendido como uma propriedade qualitativa, passando a ser explicado como resultado de processos de dissolução nervosa. Em segundo lugar, a atribuição de valor positivo aos sintomas de uma insanidade parece implicar em uma concepção bastante peculiar e inovadora de doença, certamente contrária não apenas à concepção médica, mas também à concepção vulgar de doença. Mas, como dissemos, isso não é só; seu mérito vai muito além.

### 3. A hipótese de uma estratificação do sistema nervoso

Para se compreender o que Jackson tem em mente quando se refere a *fittest states* [estado mais apto ou melhor adaptado] é necessário examinar sua teoria da estratificação cerebral, segundo a qual o sistema nervoso humano deve ser constituído por três grandes níveis. O caráter hipotético da estratificação proposta por Jackson é patente,<sup>276</sup> e, segundo Smith, provém diretamente das idéias de Spencer que, na parte dedicada à *Physical Synthesis* [Síntese física], de *Principles of Psychology* [Princípios de psicologia], descreve como o sistema nervoso animal evolui através de três níveis ascendentes.<sup>277</sup> 1. O primeiro nível, o centro mais baixo, seria aquele responsável pela representação

---

<sup>276</sup> "... this triple division must be taken as hypothetical." (JACKSON, *apud* SMITH, *op. cit.*, p. 251)

<sup>277</sup> O modelo evolutivo em três níveis seria subjacente também às idéias sociológicas de Spencer: "... a formação dos órgãos em um corpo vivo procede de um modo que nós podemos distinguir como primário, secundário e terciário; e, paralelamente a eles, existem modos primários, secundários e terciários em que os organismos sociais são formados." (SPENCER, *The Principles of Sociology*, *apud* SMITH, *ibid.*)

de uma parte limitada do corpo, como os núcleos cerebrais que controlam e representam os músculos oculares, por exemplo; 2. Os centros médios re-representam as representações dos centros inferiores. Eles não representariam o corpo como um todo, mas teriam como função conjugar e coordenar as informações provenientes de uma multiplicidade de centros inferiores distintos; seriam centros de coordenação duplamente compostos.<sup>278</sup> 3. Por fim, nos centros mais altos estariam representadas as representações dos centros intermediários; estes seriam, poder-se-ia dizer, centros re-re-representativos. Somente nesses centros superiores estaria representado o corpo em sua totalidade.<sup>279</sup>

Contudo, assim como haveria numerosos centros inferiores e numerosos

---

<sup>278</sup> “They are centers of doubly compound coordination.” (JACKSON, *apud* SMITH, *ibid.*)

<sup>279</sup> Embora não tenhamos conseguido até o momento localizar os textos de Jackson em que desenvolve essa hipótese capital de sua teoria, mesmo contando apenas com seus traços elementares não podemos deixar de notar uma forte afinidade com a subjacente também à hipótese freudiana da estratificação do psiquismo em Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Apesar de Freud não indicar a fonte dessa hipótese fundamental (pelo menos não é de nosso conhecimento), a relação com a hipótese jacksoniana-spenceriana torna-se palpável quando nos lembramos de uma passagem importante da correspondência com Fließ: “Você sabe, eu trabalho com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico formou-se através da disposição em camadas uma sobre as outras [Aufeinander-schichtung], que de tempos em tempos o material dos traços de memória [Erinnerungsspuren] existente sofre uma *reordenação* [Umordnung] de acordo com novas relações, uma *retranscrição* [Umschrift]. O essencialmente novo em minha teoria é, portanto, a tese [Behauptung] de que a memória não é armazenada de uma vez, senão que por várias vezes, em tipos diferentes de signos. Na época da afasia, eu defendi uma reordenação parecida para as vias [Bahnen] provenientes da periferia.” (FREUD, 1985c, p. 217; carta a Fließ de 6.12.1896; *italicos no original*) Além desse texto, a hipótese jacksoniana parece ser coerente também com outro, presente em *Zur Psychotherapie der Hysterie*, lugar em que esboça os três modos em que se organizaria o material psíquico patogênico: grosso modo, 1. num primeiro modo de agrupamento as recordações seriam distribuídas linearmente, por temas; 2. por sua vez, esses mesmos temas apresentariam uma segunda forma de ordenação, concêntrica, distribuídas em camadas gradualmente mais resistentes em torno do núcleo patogênico; 3. por último, uma ordenação de acordo com os conteúdos de pensamento [Gedankeninhalt], cujas ligações seriam estabelecidas por fios lógicos [logischen Faden] da periferia ao núcleo e vice-versa. Esta última, teria um caráter dinâmico, ao contrário do morfológico das duas anteriores. Cf. FREUD, 1895, p. 305-6. Ver também nota 82.

centros médios, haveria também muitos centros superiores, de modo que seria um equívoco tomar o córtex cerebral inteiro como um centro superior único. Ao contrário, para Jackson, cada um dos numerosos centros superiores representaria o organismo inteiro, mas em cada um deles a representação corporal seria feita de modo diferente.<sup>280</sup>

Introduzidos os elementos mínimos da concepção jacksoniana da estratificação do sistema nervoso, retomemos a distinção estabelecida entre dissolução uniforme e dissolução local, a partir da qual será possível compreender melhor o modelo construído por ele para fundamentar sua classificação das doenças do sistema nervoso. Em primeiro lugar, diz, nem sempre encontramos processos de dissolução em oposição exata aos de evolução. Ao contrário, o que se encontra na maioria das vezes são processos que se opõem apenas relativamente, daí a distinção dos dois modos em que poderia haver dissolução: a dissolução uniforme e a dissolução local. Na primeira, o sistema nervoso inteiro encontrar-se-ia sob as mesmas condições ou influências mórbidas, de modo que a evolução do sistema como um todo estaria sofrendo dissoluções. Num sistema sob a influência do álcool, p. ex., os centros mais altos, por serem menos organizados, seriam comprometidos em primeiro lugar; os centros médios, relativamente mais organizados, apresentariam maior resistência; por fim, nos centros inferiores, muito mais organizados, a resistência seria ainda maior.

---

<sup>280</sup> "... each of the numerous highest centers represents the entire organism, and each represents the entire organism in a somewhat different way from all the other highest centers." (JACKSON *apud* SMITH, *op. cit.*, p. 251) Na seqüência, Smith transcreve uma citação de Taine, apresentada por Jackson: "The brain is a kind of polypus, whose elements have the same functions." (*ibid.*, p. 252) Recorde-se que Taine já havia sido citado por Jackson em seu escrito sobre as desordens da linguagem.

Uma outra maneira de expressar o que foi mencionado é dizer que uma dissolução uniforme crescente segue uma “ordem composta;” esses estágios podem ser grosseiramente simbolizados utilizando-se das letras iniciais dos centros mais elevados [*highest*], intermediários [*middle*] e mais baixos [*lowest*]. Primeiro estágio ou profundidade de dissolução, *h*; segundo estágio,  $h^2 + m$ ; terceiro estágio,  $h^2 + m^2 + l$ ; etc. Embora eu venha a dizer, mais tarde, muito pouco sobre o envolvimento dos centros intermediários e dos mais baixos, nos casos de dissolução é mais importante ... reconhecer que a ordem de dissolução é uma ordem composta.<sup>281</sup>

Uma desordem em uma parte específica do sistema nervoso, por outro lado, não poderia levar a uma reversão do processo evolutivo do sistema como um todo; seria o caso da dissolução local, na qual a perda na ordem do voluntário para o automático verificar-se-ia apenas no domínio da parte lesionada. Todavia, observa, uma dissolução pode ser entendida como local em diversos sentidos. Poder-se-ia ocorrer dissolução em qualquer dos níveis evolutivos, assim como afetar apenas elementos sensoriais ou apenas motores etc. Mas Jackson insiste particularmente nas dissoluções locais dos centros superiores, uma vez que em todos os casos de insanidade, tais centros encontrar-se-iam afetados de alguma maneira mórbida. Assim, diferentes tipos de insanidade são compreendidos como diferentes dissoluções locais de diferentes centros superiores.

---

<sup>281</sup> “Another way of standing the foregoing is to say that increasing uniform dissolution follows a ‘compound order;’ these stages may be rudely symbolised thus, using the initial letters of, *highest*, *middle*, and *lowest* centres. First stage, or depth, of dissolution, *h*; second stage,  $h^2 + m$ ; third stage,  $h^2 + m^2 + l$ ; etc. Although I shall say very little, later on, of involvement of middle and lowest centres, in cases of dissolution, it is most important, especially with regard to clear notion on localisation, to recognise that the order of dissolution is a compound order.” (JACKSON, 1884, p. 591)

Desde que existam tipos diferentes, assim como graus de doença mental (por exemplo, paralisia geral e melancolia), isso resulta da necessidade de que diferentes divisões dos centros mais elevados são afetados morbidamente nos dois casos. Diferentes tipos de doença mental são diferentes dissoluções locais dos centros mais elevados.<sup>282</sup>

É importante enfatizar a afirmação de Jackson, de que as insanidades representam dissoluções de centros superiores,<sup>283</sup> porque ela nos remete a discussão de uma hipótese que parece mais frutífera: a afirmação jacksoniana de que os centros superiores podem ser pensados como compreendendo quatro camadas.<sup>284</sup>

De acordo com essa hipótese, o processo de dissolução atuaria através da destruição dessas camadas dos centros mais altos, de modo que com o comprometimento da primeira camada, mais externa, a camada subterrânea imediatamente seguinte seria “descoberta,” e os processos mentais resultantes seriam característicos dessa segunda camada intacta agora aflorada. Para Jackson o processo de dissolução tende a agravar o quadro mórbido à medida

---

<sup>282</sup> “Since there are different kinds, as well as degrees, of insanity (for examples, general paralysis and melancholia), it follows of necessity that different divisions of the highest centres are morbidly affected in the two cases. Different kinds of insanity are different local dissolutions of the highest centres.” (JACKSON, *ibid.*) Reafirmamos ser quase impossível não ler o texto de Jackson como uma provável matriz inspiradora do empreendimento freudiano. Como sabemos, além da presença implícita da idéia de dissolução (regressão), o modelo explicativo utilizado por Freud em sua teoria da classificação das neuroses será análogo ao de Jackson: no lugar de “diferentes dissoluções locais dos centros superiores”, “diferentes mecanismos psíquicos!” De novo, é curiosa a ausência de referências de Freud a Jackson fora do contexto da afasia.

<sup>283</sup> “Insanities, for Jackson, are dissolutions of the highest centers. As there are large numbers of different highest centers, there are qualitatively different types of insanity.” (SMITH, *op. cit.*, p. 252)

<sup>284</sup> “In general, he says, the highest centers may be thought of as comprising four layers.” (*ibid.*)

que se aprofunda, alcançando as camadas mais internas. Com efeito, se a quarta camada for destruída, nenhuma mente ou consciência subsiste.<sup>285</sup>

De acordo com Smith, a analogia várias vezes utilizada por Jackson é a do cérebro como uma burocracia altamente desenvolvida, como o governo de uma nação ou o almirantado de uma força naval, por exemplo. Mas é necessário esclarecer também que a analogia de Jackson teria a ver com comitês, não com uma figura autocrática única.<sup>286</sup> Se, por exemplo, um dos membros do almirantado naval for indisposto, os demais (vinte e três, diz Jackson) tendem a compensar sua falta, trabalhando um pouco mais do que normalmente, a fim de manter o desempenho da frota mais próxima possível do usual. Contudo, no caso de uma remoção completa do comando superior por uma ação inimiga, p. ex., as conseqüências devem ser mais sérias, uma vez que o comando passa a ser exercido pelo grupo ou camada de poder subsequente mais alto na escala hierárquica. Nesse caso, diz Jackson, embora o novo governo (a nova camada) faça o melhor que puder, dificilmente conseguirá governar com a mesma competência que o antigo poder superior extinto (a camada superior), seja pela falta de habilidade ou treino, seja por falhas na comunicação; isto é, as operações mais eficazes alcançadas por esse estrato mais baixo provavelmente seriam ainda operações mal adaptadas às circunstâncias. Mas, para Jackson, ainda assim essas seriam as melhores e mais aptas das ações que o estrato mais baixo, poupado pelo processo de dissolução, poderia executar ou dar como resposta.<sup>287</sup>

---

<sup>285</sup> “When the fourth layer is destroyed, no mind or consciousness remains.” (*ibid.*)

<sup>286</sup> “There is no autocratic mind sitting at the top to receive sensations as a sort of raw material, out of which to manufacture ideas etc.” (JACKSON, *apud* SMITH, *ibid.*) Mais uma das freqüentes observações de Jackson contra uma filosofia de cunho espiritualista ou psicologia que concebe a mente (e o cérebro) a partir de supostas faculdades.

<sup>287</sup> “These poorly adapted responses are, for Jackson, nevertheless the ‘fittest states’ of

No caso de um devaneio ou um sonho diurno em que enxergamos rostos nas chamas de um fogo, p. ex., o estalar do carvão ardente e a variação nos níveis de intensidade luminosa produzem rostos em nós [“produce faces in us”], escreve Jackson. Como no caso do paciente que tomara a enfermeira pela esposa, observa ele, nós não vemos primeiro as múltiplas variações luminosas no fogo e depois construímos por nós mesmos um rosto, ao contrário, nós apenas “enxergamos” um rosto. “O embaralhamento, se for isso, ocorre abaixo do nível da consciência.”<sup>288</sup> A má interpretação [misinterpretation] seria devida ao fechamento de vários centros superiores, que bloquearia o fluxo da excitação nervosa na direção das camadas mais altas desses centros e levaria à conseqüente dispersão da excitação através dos estratos mais próximos; e seria isso que constituiria a base física (nervosa) daquele estado de consciência.<sup>289</sup> Assim que despertamos – isto é, tão logo as camadas mais altas do cérebro sejam reativadas – a corrente nervosa que se estendia através dos estratos mais baixos escoaria para os níveis superiores; quando a energia das camadas inferiores estivesse drenada, o concomitante físico do “rosto” desapareceria. O mesmo processo encontrar-se-ia na base das manifestações alucinatórias. Escreve ele:

Se um homem toma um chapéu de feltro situado no chão por um gato preto, está dado como certo que, negativamente, ele não enxerga o chapéu de feltro, assim como, positivamente, ele enxerga um gato preto. ... Dizer que o paciente não pode realmente *enxergar* um gato preto “porque não existe nenhum” é inútil. Seu sistema nervoso não é o nosso ... ele en-

---

which the reduced organization (brain) is capable.” (SMITH, *ibid.*)

<sup>288</sup> “The shuffling, if such it is, occurs beneath the level of consciousness.” (*ibid.*)

<sup>289</sup> “Nervous excitement, unable to scape upward, spreads widely through the next highest stratum, and it is this which is the physical basis of the conscious state.” (*ibid.*, p. 253)

xerga um gato preto, nós enxergamos um chapéu de feltro. A coisa externa *suscita nele* a imagem de um gato preto, *suscita em nós ...* a imagem de um chapéu de feltro.<sup>290</sup>

De acordo com Smith, seria a partir desse modelo que Jackson sistematicamente desenvolveria sua neurologia. À luz desse modelo, a consciência do paciente neurológico seria, portanto, uma consciência resultante das regiões mais baixas dos centros cerebrais superiores, que teriam sido descobertas pela inativação progressiva do estrato mais alto. Como havíamos dito, a concepção jacksoniana de doença, assim como a freudiana, vem dissolver a barreira intransponível que separava o patológico do normal. Na verdade, os sintomas serão compreendidos como expressão do esforço máximo que as camadas mais baixas, mantidas intactas, são capazes de realizar para dar sentido aos estímulos que as alcançam. Em outras palavras, o contra-senso das alucinações ou o caráter extravagante de certas ações executadas pelo doente, do mesmo modo que em Freud, parece resultar de seu anacronismo; assim como as secreções mórbidas do desejo infantil reprimido na psicanálise, as respostas emitidas pelos centros inferiores em Jackson, embora possam ser consideradas as mais adequadas e adaptadas àquele nível, mostram-se inadequadas a um contexto em que se exige ações qualitativamente mais elevadas, coordenadas pelos estratos cerebrais mais altos.

---

<sup>290</sup> “If a man takes a felt hat lying on the floor to be a black cat, it is as certain that, negatively, he does not see the felt hat, as that positively, he does see a black cat ... To say that the patient cannot really *see* a black cat, ‘because there is not one,’ is of no avail. His nervous system is not ours ... he sees a black cat; we see a felt hat. The thing outside *rouses in him* the image of a black cat; it *rouses in us ...* the image of a felt hat.” (JACKSON, *apud* SMITH, *ibid.*; itálicos no original)

Nós não precisamos ficar admirados porque um homem insano acredita naquilo que nós chamamos ilusões; elas são suas percepções. Suas ilusões etc. não são causadas pela doença, mas são os resultados da atividade do que é conservado dele (do que a doença poupou), de tudo que sempre foi dele; suas ilusões etc. são sua mente.<sup>291</sup>

A aproximação das teorizações de Jackson com as de Freud, especialmente aquelas que conhecemos através de *Entwurf* e da correspondência com Fließ, parece mostrar muito mais semelhanças do que diferenças entre ambos. É até mesmo espantosa a forma como aparecem nos artigos de Jackson, e aplicadas de maneira muito parecida, idéias basilares de Freud, sobretudo a idéia de processos inconscientes e as hipóteses implicadas na noção de regressão. É, portanto, muito curiosa a ausência nos textos de Freud de referências a Jackson no que concerne, p. ex., às considerações sobre processos inconscientes que estão diretamente implicadas no seu princípio de dissolução. Apesar de incontáveis comentadores tentarem vincular a noção freudiana de inconsciente a outras tradições, sobretudo aos pensadores de língua alemã, como inventariou Gödde em seu recente tratado, intitulado *Traditionslinien des Unbewußten* [Linhas tradicionais do Inconsciente], a afinidade entre as idéias de Jackson e as de Freud parece palpável. Contudo, até onde pudemos chegar, mesmo sendo possível estabelecer vínculos importantes entre Freud e Jackson, no que diz respeito à consolidação da noção de inconsciente em Freud, outros autores alemães precisam ser levados em conta, em especial o organizador da edição alemã do *Treatise on Human Nature* [Tratado sobre a natureza hu-

---

<sup>291</sup> “We need not wonder that an insane man believes in what we call his illusions; they are his perceptions. His illusions, etc., are not caused by disease, but are the outcome of activity of what is left of him (of what disease has spared), of all there then is of him; his illusions, etc., are his mind.” (JACKSON, 1884, P. 591)

mana], de Hume, Theodor Lipps.<sup>292</sup> Por fim, embora tenhamos tido acesso a um número muito reduzido dos textos do neurologista britânico, a impressão bastante forte que não deixa de se impor a partir do acima exposto é a de que, de fato, suas idéias devem ter desempenhado papel decisivo nas elaborações metapsicológicas de Freud, de modo que a opinião de Leuschner parece bastante adequada:

Eu acho que Jackson, que à época muitos neurologistas tomavam por maluco, pode, de fato com mais direito que muitos outros, ser qualificado como um dos grandes profetas da Psicanálise.<sup>293</sup>

---

<sup>292</sup> “Eu coloquei-me a tarefa de estabelecer a ponte entre minha Metapsicologia em germe e a contida nos livros, eis porque mergulhei no estudo de Lipps, de quem acho a mente mais clara entre os atuais escritores filosóficos.” (FREUD, 1985c, p. 354; carta a Fließ, de 26. 8. 1898) Cerca de um mês depois, volta a escrever sobre o mesmo filósofo: “Quem é Lipps? Professor em Munique, e em sua Dialética ele diz justamente o que eu tinha especulado sobre a consciência, a qualidade e coisas semelhantes. Eu estudava o *Grundtatsachen des Seelenlebens* [Fatos fundamentais da vida anímica] até que chegou a hora de viajar; agora preciso procurar reatar de novo o contato com ele.” (*ibid.*, p. 360; carta de 27. 9. 1898; itálicos nossos) O livro, cujo conteúdo ter-lhe-ia sido muito útil, encontra-se na relação de LANDIS & SIMMONS, dos livros da biblioteca de Freud, contendo anotações de seu próprio punho precisamente no capítulo dedicado à hipótese acerca das possibilidades dos processos inconscientes. Apenas a título de ilustração, depois de tecer suas considerações de caráter descritivo sobre esses processos, Lipps sugere a possibilidade (e a necessidade) de, no futuro, falar-se não apenas descritivamente de inconsciente ou não-consciente, mas de representações e sensações que permaneçam na Inconsciência [“... im Unbewusstsein verharrenden Vorstellungen und Empfindungen sprechen.”] (LIPPS, 1883, p. 150)

<sup>293</sup> “Ich meine, daß man Jackson, den damals viele Neurologen für verrückt hielten, in der Tat mit mehr Recht als manchen anderen als einen der großen ‘Propheten’ der Psychoanalyse bezeichnen kann.” (*op. cit.*, p. 19)

## *Capítulo VI*

### *Hughlings Jackson, o método clínico e as raízes da metodologia freudiana*

Do ponto de vista da problemática posta em primeiro plano nesta pesquisa, os resultados acima apresentados não constituem senão em ganhos colaterais, quando comparados às novas luzes lançadas pelas sugestões e idéias metodológicas de Jackson. Intimamente associadas aos pressupostos estabelecidos por Mill, são apresentadas em amplitude e precisão incomensuravelmente maiores do que as de Charcot, de modo que em suas idéias devem encontrar-se a verdadeira inspiração para a metodologia freudiana. Antes de entrarmos em sua discussão, detenhamo-nos em torno de alguns dados provenientes da biografia intelectual de Jackson que nos parecem importantes, na medida em que nos permite compreender não apenas a relação existente entre as suas idéias metodológicas e as de Charcot, mas nos permite também começar a compreender um pouco da gênese das hipóteses presentes em suas concepções, herdadas da medicina britânica do século dezenove. Acreditamos que essa digressão possa, posteriormente, auxiliar-nos a entender melhor o alcance e o sentido das concepções de Jackson para a constituição da metodologia freudiana e, por conseguinte, para a definição da natureza

explicativa e do estatuto científico da metapsicologia forjada por Freud.

### 1. A clínica francesa na formação médica de Jackson

Embora divergente em pontos cruciais, o lastro relativamente comum entre as concepções metodológicas de Jackson e as de Charcot não deve ser visto com nenhuma surpresa, se levarmos em conta a presença de idéias oriundas da clínica francesa na formação médica do neurologista inglês. De fato, nomes expressivos da medicina britânica da metade do século dezenove tiveram sua formação alicerçada nos ensinamentos dos grandes médicos franceses, propagando entre os estudantes das universidades insulares o ensinamento de seus mestres. Entre os nomes mais expressivos na história da medicina britânica, Jonathan Hutchinson (1828-1913), Charles Édouard Brown-Séquard (1817-94) e um dos responsáveis pelo estabelecimento do ato reflexo como princípio de funcionamento do sistema nervoso, Thomas Laycock (1812-76), teriam exercido forte influência sobre as idéias médicas de John Hughlings Jackson (1835-1911).

A primeira influência discernível exercida sobre seu pensamento, decorrente naturalmente dos anos de formação médica junto à *York Medical School*, parece ter sido exercida por aquele que teria introduzido a Jackson e aos estudantes de medicina da época os “princípios e a prática da medicina,” Thomas Laycock, que teria estudado na França com Louis (1787-1872), considerado um dos maiores patologistas clínicos da época.<sup>294</sup> Embora não se possa afirmar

---

<sup>294</sup> “In the early part of the nineteenth century French clinico-pathological school led the medical world, and Louis eventually came to be the leader of that school.” (GREENBLATT, *op. cit.*, p. 348-9)

que Laycock tenha sido o único responsável pela transmissão das lições básicas sobre o método anátomo-clínico, uma vez que este já era amplamente disseminado há cerca de um quarto de século antes que Jackson começasse a receber seus ensinamentos, Laycock representaria um elo direto que o ligaria à tradição francesa.<sup>295</sup> Além disso, Laycock teria sido também um dos primeiros a despertar o interesse de Jackson pelos distúrbios mentais e pelo estudo do sistema nervoso, de modo que, poder-se-ia dizer, teria sido um legado dos anos de estudos com Laycock os dois ensinamentos que formariam a base de suas elaborações posteriores: a assimilação do método francês da anatomia clínica e o interesse pelo estudo do sistema nervoso e seus distúrbios.<sup>296</sup>

Outra influência importante sobre o período inicial da carreira médica de Jackson teria sido a de Hutchinson, amigo íntimo de Jackson e também um dos grandes representantes da medicina britânica de seu tempo. Ele teria sido um dos maiores responsáveis pela inclinação de Jackson para o lado teórico da medicina.<sup>297</sup> Hutchinson teria sido um seguidor das idéias de John Hunter,

---

<sup>295</sup> “... Laycock represents a direct link between Jackson and the French tradition of ‘anatomical diagnosis,’ whose fundamental aim was to correlate clinical signs and symptoms with pathological findings revealed at autopsy.” (*ibid.*)

<sup>296</sup> “... when Jackson left York in 1859, he took with him two intellectual acquisitions, both gained largely through his contact with Laycock: a thorough grounding in the principles of the French and British traditions in ‘anatomical diagnosis’ and a specific interest in the nervous system and its diseases.” (*ibid.*, p. 353)

<sup>297</sup> Há que se notar um fato no mínimo curioso na biografia intelectual de Jackson, que, em certa medida, coincide com a de Freud: após cerca de três anos no exercício da medicina, Jackson teria cogitado abandonar a profissão de médico em favor de uma carreira no campo da filosofia. Ele teria sido demovido de seu propósito por Hutchinson. “Quando o Dr. Jackson e eu nos conhecemos ele estava há uns dois ou três anos na profissão, e acreditando que isso não oferecia oportunidade interessante para as capacidades intelectuais de que ele não era inconsciente, ele estava no ponto de abandoná-la, pretendendo engajar-se numa vida literária. Eu fui bem sucedido por dissuadi-lo disso e por muitos anos orgulhei-me por essa mais bem sucedida realização de minha longa vida. Recentemente, no entanto, eu tive minhas desconfianças e duvidei se – grande como tinha sido o ganho para a medicina – não poderia ter sido um ganho ainda maior

considerado um dos maiores pensadores da medicina londrina do começo do século dezenove, que teria deixado atrás de si um grupo de seguidores que formariam o que se denominou “tradição hunteriana.” Essa tradição teria sido representada por um grupo de jovens médicos, todos próximos a Jackson, lotados junto ao *Guy’s Hospital*, entre os quais Walter Moxon, citado no texto de 1879, *On affections of speech*, como aquele que o teria despertado para a necessidade de uma renovação metodológica na medicina.<sup>298</sup> As idéias mais fundamentais de Hunter seriam similares àquelas da escola anátomo-clínica francesa do início do século, caracterizada pela observação e descrição de quadros clínicos específicos e sua correlação com lesões patológicas locais.<sup>299</sup> Circundado por pessoas como Hutchinson e o corpo médico do *Guy’s Hospital*, Jackson não teria escapado à influência da tradição hunteriana, que vinha consolidar a perspectiva metodológica que lhe era conhecida desde Laycock.

Contudo, mesmo Hunter não teria sido inteiramente fiel ao método francês. Manifestava sua divergência em pelo menos dois aspectos: por uma visão mais biológica da doença e por uma inclinação mais fisiológica do que a escola francesa; as mesmas características que voltariam a se manifestar nas

---

para o mundo inteiro se a Hughlings Jackson tivesse sido deixado devotar seu espírito [mind] à filosofia.” (HUTCHINSON *apud* GREENBLATT, *ibid.*, p. 355) Outro comentador da obra de Jackson afirma ter sido ele o mais bem informado filosoficamente entre os neurologistas e chega a denominar sua obra de “filosofia neurológica:” “Sua filosofia neurológica [neurological philosophy] deve, portanto, ser extraída do seu abundante jornalismo médico. ... Porque ele era um dos neurologistas mais bem conscientes filosoficamente, nas obras de Jackson são abundantes os nomes de filósofos.” (SMITH, *op. cit.*, p. 245)

<sup>298</sup> “In the mid-nineteenth Century, Guy’s had become the strongest outpost of the Hunterian method ... Gull, Moxon and Wilks were the younger contemporaries of the ‘Great Men’ and therefore the carriers of the Hunterian tradition at Guy’s.” (GREENBLATT, *op. cit.*, p. 359) Ver abaixo, item 3.

<sup>299</sup> “... all clinical phenomena must be correlated, as far as possible, with definite pathological lesions.” (*ibid.*, p. 362)

concepções de Jackson.<sup>300</sup> Mas a exigência de Jackson revelaria uma preocupação metodológica ainda mais profunda. Sobretudo a partir do estudo dos distúrbios nervosos, como o fenômeno epiléptico, p. ex., para ele a simples correlação entre os sintomas observados na clínica e uma possível lesão no interior do sistema nervoso central não seria suficiente; dada a diferença na natureza dos fenômenos seria necessário também compreender que tipo de relação se estabelecia entre eles.<sup>301</sup>

A terceira influência determinante sobre o desenvolvimento das idéias de Jackson, que viria reforçar ainda mais aquela exercida nos anos de formação por Laycock, proviria de Brown-Séquard, também treinado em Paris, e por aquele que teria atribuído o termo afasia às perturbações da fala, o clínico Armand Trousseau (1801-67). Ele teria dado o ímpeto final para que Jackson se tornasse neurologista.<sup>302</sup> Como produto da escola francesa, Brown-Séquard representaria um reforço da influência dessa escola sobre o desenvolvimento das idéias de Jackson. Mais do que reforçar o espírito do método francês, no entanto, suas idéias viriam oferecer a Jackson uma perspectiva muito mais importante e ampla, decorrente de seu interesse pela fisiologia.<sup>303</sup> Seria preciso tentar compreender os fenômenos clínicos à luz de teorias e experimentos fisiológicos, pensava ele. Nesse aspecto, escreve Greenblatt, Brown-Séquard e

---

<sup>300</sup> “These two aspects of Hunter’s method are also characteristic of Jackson.” (*ibid.*, p. 360)

<sup>301</sup> “The Idea that a pathological lesion can be correlated with a specific sign or symptom contains the presupposition that some sort of functional relationship between the lesion and the sign. Jackson understood full well that the simple correlation of a lesion in the central nervous system with known signs and symptoms is not enough. It is also necessary to know how the two different kinds of phenomena are related.” (*ibid.*, p. 362)

<sup>302</sup> “To Laycock and Brown-Séquard together must go the credit for leading Jackson to his final vocation.” (*ibid.*, p. 363)

<sup>303</sup> Brown-Séquard era também fisiologista, amigo de François Magendie e por algum tempo colaborador de Claude Bernard! Cf. GREENBLATT, *ibid.*, p. 364.

Jackson teriam sido os líderes de um movimento que teria suplantado tanto o “método anátomo-clínico” como as “abordagens puramente fisiológicas” na medicina; pela combinação dos méritos de ambos, teriam auxiliado a estabelecer o “diagnóstico funcional” como conhecido até em nossos dias.<sup>304</sup>

## 2. O ímpeto jacksoniano por uma classificação dos distúrbios nervosos

Embora obras importantes como as de Müller, Helmholtz, Bernard já tivessem sido publicadas na época, os conhecimentos acerca do sistema nervoso não haviam sido ainda sintetizados por Cajal e Sherrington, encontrando-se bastante atrasados. Justificava-se o atraso da neurologia pela maior complexidade do fenômeno associado com o sistema nervoso. Jackson, no entanto, pensava que os distúrbios do sistema nervoso não deviam ser mais obscuros do que os distúrbios do tórax ou os do abdômen, apenas sua anatomia era mais difícil de se determinar.<sup>305</sup> Para se alcançar algum resultado significativo [“attain anything”], pensava ele, a patogênese e a nosologia dos distúrbios neuro-

---

<sup>304</sup> “... Brown-Séguard and Jackson were leaders in a movement which superseded the clinico-anatomical as well as the purely physiological approach to medicine. By combining the merits of both they helped to establish ‘functional diagnosis’ as we know it today.” (*ibid.*) Se for assim, é possível começar a compreender um pouco melhor a preocupação metodológica de Freud e seu interesse por Jackson. De fato, a escolha por Charcot e sobretudo por Jackson parece bastante coerente com as justificativas arroladas em seu relatório de viagem, (1956a, [1886]) lugar em que dizia não esperar aprender nada de novo em universidades de língua alemã e tecia críticas à preocupação unilateral presente na teoria e prática dos médicos alemães, cuja atenção estava voltada para a localização anatômica e para a fisiologia, precisamente as duas tendências que teriam sido superadas por Jackson. Cf. também as notas aduzidas à tradução das *Leçons du mardi*, de Charcot.

<sup>305</sup> “... diseases of the Nervous System are not more obscure, than those of the chest or abdomen. It is the anatomy that is difficult.” (JACKSON *apud* GREENBLATT, *ibid.*, p. 365)

lógicos precisariam ser estudadas pela perspectiva da “anatomia,” entendida como anatomia funcional.

Com o intuito de começar a introduzir alguma ordem no caos em que se encontrava o estudo dos distúrbios neurológicos, Jackson teria feito uma primeira tentativa em 1863, baseada nas idéias provenientes da anatomia comparada desenvolvida por Richard Owen (1804-92). Segundo Greenblatt, Owen teria proposto em 1846 a distinção que se tornara famosa, entre as partes “homólogas” e as “análogas” dos animais com ênfase no esqueleto vertebrado e teria aceitado a opinião de que o osso do crânio seria na verdade resultado da metamorfose de uma vértebra. Num panfleto intitulado *Suggestions for Studying Diseases of the Nervous System on Professor Owen's Vertebral Theory* [Sugestões para o estudo das doenças do sistema nervoso baseado na teoria vertebral do professor Owen], publicado em 1863, para circulação apenas entre amigos, a intenção de Jackson era desenvolver as sugestões de Owen e atribuir para cada vértebra – que corresponderia a um segmento nervoso – uma quantidade de “vísceras” para esse segmento. O propósito de Jackson era desenvolver um esquema biológico que pudesse ser utilizado na classificação das doenças do sistema nervoso.

Minha justificativa para escrever este panfleto é colocar diante de mim e dos meus amigos certas idéias vagas quanto à distribuição dos sintomas da doença em um sistema natural ao invés de arbitrário. Eu tomo a teoria vertebral do professor Owen como uma base. Eu não tenho nenhuma pretensão de originalidade (se é que isto pode ser chamado originalidade), do que adaptar o que é conhecido pela fisiologia ao estudo das doenças. Eu não sei se alguém já tentou completar o esquema vertebral designando vísceras, nervos e artérias para cada segmento vertebral, mas se houver uma divisão natural do esqueleto em certos segmentos, suponho que eu posso assumir

que existe uma correspondente divisão das outras partes do corpo. Obviamente, eu não digo que o meu método é o correto. Embora por muito tempo eu tivesse uma idéia geral em minha mente, eu a desenvolvi quando este panfleto estava sendo impresso ... Para resumir, eu me interesso muito pouco pelo destino dos detalhes do esquema e estou disposto a sacrificar todos eles se eu puder fazer uma distribuição melhor. Eu começarei imediatamente a estudar de novo todo o assunto, e fazendo isso tentarei buscar auxílio da patologia e da fisiologia. Eu espero que todos que lerem este panfleto, se lembrem que ele foi escrito por um médico, e por um que não reivindica nem um conhecimento moderado de anatomia comparada ou fisiologia.<sup>306</sup>

Embora reconhecidamente provisório,<sup>307</sup> com o esquema vertebral Jackson tentava dar conta exatamente da exigência reconhecida anteriormente, acerca da necessidade de se compreender a natureza da relação entre a lesão identificada no sistema nervoso central e os sintomas clínicos associados a ela,

---

<sup>306</sup> “My motive for writing this pamphlet, is to place before myself and my friends, certain vague ideas as to the arrangement of the symptoms of disease on a natural, rather than an arbitrary system. I take Professor Owen’s vertebral theory as a basis. I do not pretend to any further originality (if, indeed, this can be called originality) than to adapt what is known in physiology to the study of disease. I am not aware that any one has yet attempted to complete the Vertebral scheme by allotting viscera, nerves, and arteries, to each vertebral segment, but if there be a natural division of the skeleton into certain segments, I suppose I may assume, that there is a corresponding division of the other parts of the body. I do not, of course, say that my method is the proper one. Although I have long had the general idea in my mind, I have had to work out the subject as this pamphlet was printing ... To sum up, I care very little about the fate of the details of the scheme, and will willingly sacrifice all of them, if I can make a better arrangement. I shall begin at once to study over again the whole subject, and in doing this, shall try to get aid from Pathology, as well as from Physiology. I hope everyone who reads this pamphlet, will remember that it is written by a Physician, and by one who does not pretend to even a moderate knowledge of Comparative Anatomy or Physiology.” (JACKSON, *apud* GREENBLATT, *ibid.*, p. 366)

<sup>307</sup> “... Jackson was fully cognizant of the tentative nature of his scheme – it was to serve only until a more satisfactory arrangement could be worked out.” (GREENBLATT, *ibid.*, p. 366)

em suma, tratava-se de encontrar um fundamento para a anatomia clínica.<sup>308</sup> Seria precisamente neste ponto que as influências de Laycock e Brown-Séquard, pelo menos nos primeiros escritos de Jackson, poderiam ser claramente reconhecidas. O primeiro teria fornecido a base de sustentação de todas as hipóteses apresentadas por Jackson em *Suggestions*, a ação reflexa, que seria a maneira pela qual funcionaria o sistema nervoso.<sup>309</sup> Em meio às imensas

---

<sup>308</sup> “... he understood the need for a knowledge of the functional relationship between a pathological lesion and its associated signs. This kind of knowledge relates to the interrelation between the various parts of the nervous system and between the nervous system and others parts of the body.” (*ibid.*) A preocupação jacksoniana expressa, no plano clínico, a exigência lógica de se determinar o fato ou fenômeno, a partir do qual, duas coisas ou fatos podem ser ditos como mutuamente relacionados. Trata-se do que Mill, na esteira dos lógicos aristotélicos, chama *fundamentum relationis*. “... sempre que se diz de duas coisas que estão relacionadas, há algum fato, ou uma série de fatos, de que ambos participam [enter], e que, sempre que duas coisas estão envolvidas em um único fato, ou uma série de fatos, podemos atribuir a essas duas coisas uma relação mútua fundada [grounded] no fato.” (MILL, 1843, Livro I, Cap. III, p. 43)

<sup>309</sup> Laycock teria sido um dos primeiros, do ponto de vista teórico, a reduzir todos os processos nervosos às leis físicas e a propor que o cérebro funciona de acordo com as mesmas leis reflexas presentes na espinha dorsal. “... que o cérebro, embora órgão da consciência, estava submetido às leis da ação reflexa e que, em relação a isso, ele não se diferenciava de outros gânglios do sistema nervoso. Eu fui levado a essa opinião através do princípio geral, segundo o qual os gânglios de dentro do crânio sendo uma continuação da espinha dorsal deveriam necessariamente ser regulados, assim como suas reações aos agentes externos, por leis idênticas àquelas que governam as funções dos gânglios espinhais e seus análogos nos animais inferiores.” (LAYCOCK, *On the reflex function of the brain*, 1845, *apud* GREENBLATT, *ibid.*, p. 367) De acordo com Amacher, uma das razões que teriam auxiliado a Laycock a tornar-se um dos primeiros a propor a hipótese da função reflexa do sistema nervoso teria sido sua perspectiva filosófica. “Uma das razões porque Descartes, Unzer e Prochaska não conseguiram explicar todo o comportamento em termos de reflexos residia no fato de que eles trabalhavam a partir de uma psicologia na qual a mente podia atuar para determinar seus próprios processos e o comportamento do indivíduo. A neurologia de Laycock e Sechenov repousava sobre uma psicologia que havia eliminado o poder da mente.” (AMACHER, 1964, p. 183) Nessa mesma direção, Canguilhem chega a dizer que Carl Pflüger, seguindo a Prochaska, “admitia a existência de uma alma medular (*Rückenmarksseele*), princípio explicativo da finalidade das reações reflexas.” (1964, p. 301) Vale a pena recordar a escala filosófica sugerida por Mill, quando apresentava como um dos pontos de divergência entre filósofos o papel atribuído à consciência na determinação das ações humanas. Da mesma forma como assinalamos naquele lugar

incertezas em relação ao conhecimento das funções do cérebro ainda vigentes durante as primeiras décadas da segunda metade do século dezenove, a idéia de reflexo conforme concebida por Laycock parecia oferecer a Jackson um conceito unificador da função nervosa. Isto é, não apenas gânglios espinhais, mas o sistema nervoso em sua totalidade devia operar de acordo com o mesmo princípio geral, a ação reflexa.

Sobre essa base Jackson teria alicerçado uma superestrutura derivada das idéias de Brown-Séguard, que teria aplicado certas descobertas realizadas por ele e Claude Bernard sobre os nervos vasomotores ao estudo da epilepsia.<sup>310</sup> Jackson sabia que o sistema nervoso exercia um efeito controlador sobre o sistema circulatório, mas ele também pensava que a reação deste último podia causar uma inibição sobre o sistema nervoso, pois sua potência diminuía com a constrição no suprimento de sangue. Do ponto de vista de seu esquema morfológico vertebral, pensava que essa atividade de equilíbrio devia ter lugar em cada um dos diferentes níveis ou segmentos vertebrais.

A teoria jacksoniana da epilepsia dizia respeito mais propriamente a “epilepsias” do que uma “epilepsia.” De acordo com ela, as convulsões epiléticas estariam relacionadas à interrupção da irrigação sanguínea nas diferentes partes do corpo envolvidas, resultante do desequilíbrio nos elementos neurais responsáveis pelo controle vascular correspondente a tais partes corporais. A convulsão epilética do corpo inteiro estaria relacionada não exata-

---

(Excurso, item 5), também aqui a consideração dessa escala esquemática pode nos ser útil, na medida em que nos ajuda a enxergar melhor a posição filosófica assumida por Jackson e a reconhecer a coerência das opções de Freud por autores que se localizariam em posições semelhantes.

<sup>310</sup> “His explanation of the disease was physiological in nature, being based on the reflex theory. In Jackson’s *Suggestions* there is a direct reference to Brown-Séguard’s reflex vaso-constriction theory of epilepsy, as well as numerous references to Bernard.” (*ibid.*, p. 368)

mente a alguma inibição vascular na totalidade do sistema arterial, mas apenas naqueles elementos neurais localizados no segmento vertebral occipital, responsável pelo controle vascular da medula e do nervo vago, ou seja, do próprio coração.<sup>311</sup> Em outras palavras, Jackson entendia a epilepsia como a perda súbita de funções de centros nervosos, ocasionada provavelmente pela diminuição da irrigação sanguínea nesses centros.<sup>312</sup> Do ponto de vista desse modelo teórico, Jackson teria concebido a possibilidade de ocorrer epilepsias em elementos nervosos de outros segmentos vertebrais, responsáveis pela inervação de partes singulares do corpo, como da retina, por exemplo.<sup>313</sup> Esse postulado vinha satisfazer também à exigência jacksoniana quanto à relação entre o estado patológico e o normal. Tudo se passava como se no estado patológico as excitações nervosas que alcançavam a parte prejudicada do sistema nervoso, ao invés de suscitarem uma reação normal, produzindo uma ação reflexa simples equivalente à magnitude da excitação, se dirigissem para outra parte, de importância maior ou mais central, induzindo ações convulsivas.<sup>314</sup>

Embora Smith considere que o interesse pela classificação das desor-

---

<sup>311</sup> “I feel certain that many seizures called epilepsy depend on sudden and total stoppage of the heart, the part of the circulation (the center of it) belonging to the occipital vertebra, and under the control of a certain part of the medulla oblongata. I believe that petit mal is sudden stoppage of the heart.” (JACKSON *apud* GREENBLATT, *ibid.*, p. 368-9)

<sup>312</sup> “When I speak of epilepsy of the corpora quadrigemina, or of any other nervous centre, I mean that the part, from some cause, suddenly loses its function, probably as Dr. Brown-Séguard points out, by contraction of the blood vessels diminishing the quantity of blood. As to what the remote cause of any kind of epilepsy may be, I do not presume to give an opinion.” (*ibid.*, p. 369)

<sup>313</sup> “... I think that we may have epilepsy of other vertebrae or even of part of them, and I do not doubt that there may be an epilepsy of the retina, or of the nervous elements of the frontal vertebra generally, as I have reason to believe, there often is preceding the full epileptic process, *i. e.*, epilepsy of all the vertebrae.” (*ibid.*)

<sup>314</sup> “In Epilepsy, the sensitive fibres going to a diseased part of the brain, act not according to their proper correlation, producing a simple reflex action, but, as it were, the stimulus runs on to another part of greater or more central vitality, and induces diseased action.” (*ibid.*)

dens nervosas seja uma paixão característica bastante evidente que perpassava os escritos de Jackson,<sup>315</sup> segundo Greenblatt, (*ibid.*) o esquema vertebral para a classificação das doenças neurológicas não seria encontrado claramente explicitado em nenhum dos escritos posteriores de Jackson. Apesar disso, o conceito de ação reflexa como operação essencial do sistema nervoso permaneceria básico para todas as suas idéias posteriores. A importância do texto sobre o esquema vertebral não residiria tanto no conteúdo, mas, em especial, na atitude que ele representava. Mostra que desde cedo Jackson estava interessado em compreender a relação entre as funções normais e patológicas do sistema nervoso.

### 3. O referencial metodológico jacksoniano: o *type* e a demarcação entre o psicológico e o fisiológico

Embora a preocupação com o método possa ser encontrada cedo nas publicações de Jackson, é especialmente nos escritos dedicados às perturbações da linguagem que essa preocupação parece transparecer com mais nitidez. Neles é possível compreender em que medida a metodologia jacksoniana, como nos ensinou Greenblatt, suplanta tanto o método anátomo-clínico como as abordagens puramente fisiológicas. De fato, já nas primeiras linhas de *On affections*, publicados entre 1878 e 1880, o médico britânico observa a dificuldade existente na exposição do assunto, dada a complexidade do fenômeno que apresentaria muitas faces, daí a necessidade de distinguir

---

<sup>315</sup> “The passion to bring some order, some rationale, into the maze of neurological symptomatology is evident throughout Jackson’s writings.” (SMITH, *op. cit.*, p. 246)

cuidadosamente a psicologia da anatomia e da fisiologia.<sup>316</sup> É precisamente no contexto dessa exigência metodológica que Jackson introduz o princípio incorporado por Freud, (1891, p. 99, n. 2) que, ao mesmo tempo em que interdita a pensar uma continuidade entre processos físicos e psíquicos, abre a possibilidade de tomar o psicológico em sua autonomia.

Em todos os nossos estudos dos distúrbios do sistema nervoso nós precisamos estar prevenidos contra a falácia de que o que são estados físicos em centros inferiores transforma-se em estados psíquicos em centros superiores; que, p. ex., vibrações dos nervos sensoriais *tornam-se* sensações, ou que de uma maneira ou outra uma idéia produz um movimento.<sup>317</sup>

O mérito de Jackson, embora não se limite ao terreno psicológico, consiste em mostrar a necessidade de se efetuar um “saneamento metodológico.” Dada a complexidade do fenômeno, considera necessário tomar primeiro um, depois outro dos múltiplos de seus aspectos, para que, ao final desse trabalho, tenhamos condições de estabelecer alguma correspondência entre eles. Por isso, enfatiza, no estudo desse fenômeno nós precisamos inicialmente estabelecer certas divisões, mesmo que provisórias, para em seguida tentar compreendê-las como distinções ou classes de fenômenos.<sup>318</sup> Iniciamos estabelecendo

---

<sup>316</sup> “The subject has so many sides – psychological, anatomical, physiological, and pathological – that it is very difficult to fix on an order of exposition.” (JACKSON, 1878-79, p. 305)

<sup>317</sup> “In all our studies of diseases of the nervous system we must be on our guard against the fallacy that what are physical states in lower centres fine away *into* psychical states in higher centres; that, for example, vibrations of sensory nerves *become* sensations, or that somehow or another an idea produces a movement.” (*ibid.*, p. 306; itálicos no original)

<sup>318</sup> Jackson, baseado em Locke, diferencia entre meras divisões e arranjos, por um lado, e distinções e classificações, por outro. “Divisões e distribuições [Divisions and Arrange-

divisões arbitrárias e arranjos que julgamos convenientes entre os principais fatos que o caso oferece; em seguida, tentamos classificar tais fatos, com vistas a mostrar as verdadeiras relações existentes entre um e outro. Em outros termos, iniciamos por uma consideração puramente “empírica” e só depois passamos a abordá-los de forma “científica.”

Empiricamente, nós examinamos os casos de distúrbios da linguagem com os quais nos deparamos, de acordo com sua *semelhança* a certos tipos nosológicos (casos que ocorrem mais freqüentemente); cientificamente, nós classificamos os fatos assim obtidos para mostrar como os distúrbios da linguagem são *desvios* daquilo que nós conhecemos dos estados saudáveis da mente e do corpo. O último estudo é o dos casos, na medida em que eles mostram diferentes graus de dissolução nervosa.<sup>319</sup>

Assim, do mesmo modo que Charcot, os dados clínicos serão considerados inicialmente de acordo com o método dos “tipos.” No texto de Jackson, inclusive, os casos apresentados como ilustração seguem rigorosamente o padrão dos tipos, embora admita a arbitrariedade das divisões estabelecidas, e a orientação pelo caso mais simples e freqüente.<sup>320</sup> Contudo, reafirma, no estudo de fenômenos tão complexos, é necessário começar pelo tratamento empírico

---

ments] são fáceis, distinções e classificações [Distinctions and Classifications] são difíceis.” (*ibid.*, p. 310)

<sup>319</sup> “Empirically we consider the cases of affection of speech we meet with, as they *approach* certain nosological types (most frequently occurring cases), scientifically we classify the facts thus obtained, to show how affections of speech are *departures from* what we know of healthy states of mind and body. The later study is of the cases as they show different degrees of nervous Dissolution.” (*ibid.*, p. 310)

<sup>320</sup> “I admit that making but three degrees of affection of language, and taking for consideration one kind of frequently occurring case, is an entirely arbitrary proceeding...” (*ibid.*, p. 315)

antes de abordá-los cientificamente.<sup>321</sup>

A insistência jacksoniana em relação à importância do método dos tipos e a consideração teórica que visa a explicação dos fenômenos em estudo parece patente. Aliás, de acordo com a perspectiva holista em que se inscreve,<sup>322</sup> considera e apresenta exemplos do método sendo aplicado a outros distúrbios que não os da linguagem;<sup>323</sup> seria o caso da epilepsia, em que faz referência a Charcot e apresenta os tipos nosológicos por ele definidos como necessários à consideração empírica do fenômeno epiléptico.<sup>324</sup>

De fato, sabemos que o método não era nenhuma novidade entre os praticantes da medicina da época. Ao lado de Duchenne de Boulogne, apontado por Charcot como aquele que o teria inspirado, (ver abaixo, item 4) Jackson lança mais luz sobre o assunto, pois numa nota indica o nome daquele que, parafraseando uma expressão que se tornou célebre, o teria despertado de seu sono metodológico. Embora extensa, vale a pena lê-la na íntegra, uma vez que também pode ser entendida como uma boa síntese do exposto até aqui.

---

<sup>321</sup> “And for the former kind of study we must have what are called “definitions” by type, and state exceptions. This is the plan adopted in every work on the practice of medicine with regard to all diseases.” (*ibid.*, p. 315)

<sup>322</sup> “I do not believe it to be possible for any to write methodically on these cases of disease of the nervous system without considering them in relation to other kinds of nervous disease; nor to be desirable in a medical reiter if it were possible.” (*ibid.*, p. 306)

<sup>323</sup> “There are certain most general principles which apply, not only to affections of speech, but also to the commonest variety of paralysis, to the simplest of convulsive seizures, and to cases of insanity.” (*ibid.*, p. 308)

<sup>324</sup> “Empirically or clinically, that is for the art of medicine, we should consider particular cases of epilepsy as each approaches this or that nosological type (“le petit mal, le grand mal,” &c.). For the science of medicine we should, so far as is possible, consider cases of epilepsy as each is dependent on a “discharging lesion” of this or that part of the cortex cerebri, and thus as it is a departure from healthy states of this or that part of the organism.” (*ibid.*, p. 315)

Ver Moxon, *Da necessidade de uma nomenclatura clínica das doenças*, *Guy's Hospital Reports*, vol. xv. Neste artigo, Moxon mostra de maneira conclusiva a necessidade de se manter a distinção entre o estudo clínico, ou o que é corretamente chamado empírico – sem usar esse termo em sua má aceção popular –, e o estudo científico das enfermidades. *Depois de ler este artigo, meus olhos foram abertos para a confusão que resulta da mistura dos dois tipos de estudo. É particularmente importante ter ambos, uma distribuição empírica e uma classificação científica dos casos de doença mental.* Um exemplo do primeiro é a tão criticada distribuição de Skae;<sup>325</sup> a classificação científica dos casos de doença mental, assim como a dos distúrbios da linguagem, consistiria em considerá-los como exemplos de dissolução: a dissolução na doença mental começa nos mais elevados e mais complexos de todos os arranjos nervosos do cérebro, a dissolução causa distúrbios da linguagem nas séries inferiores. O primeiro tipo de classificação serve para o diagnóstico (para “propósitos práticos” específicos), o outro serve ao aumento do conhecimento e é inútil para propósitos práticos imediatos. O defeito de algumas classificações das doenças mentais é que elas estão misturadas, parcialmente empíricas e parcialmente científicas.<sup>326</sup>

<sup>325</sup> De acordo com CLARK, (1981, p. 302-3, n. 3) David Skae, autor de “A Rational and Practical Classification of Insanity” [Uma classificação racional e prática das insanidades], *Journal of Mental Science* 9 (1863), teria sido um defensor radical da adoção então imediata e *exclusiva* de um sistema de classificação baseado em princípios etiológicos, patológicos ou desenvolvimentistas. Sua posição radical teria sido alvo de críticas severas por parte de inúmeros médicos alienistas [alienist physicians] que consideravam impraticável a adoção imediata de tais princípios, dado o estado insatisfatório do conhecimento científico acerca da causação exata e da patologia das desordens mentais. Ao contrário, esses críticos defendiam sua adoção apenas progressiva nas investigações científicas, e unicamente como guia utilizado ao lado das classificações sintomatológicas tradicionais, na esperança de que pesquisas futuras permitissem gradualmente aos sistemas clínicos já existentes serem colocados em uma correspondência mais íntima com uma distribuição mais científica das desordens mentais.

<sup>326</sup> “See Moxon, On the Necessity for a Clinical Nomenclature of Disease, *Guy's Hospital Reports*, vol. xv. In this paper Moxon shows conclusively the necessity of keeping the clinical, or what is above called empirical – not using that term is in its popular bad signification – and scientific studies of disease distinct. *After reading this paper, my eyes were opened to the confusion which results from mixing the two kinds of study. It is particularly important to have both an empirical arrangement and a scientific classification of cases of Isanity.* An example of the former is the much-criticised arrangement

As palavras de Jackson, além das de Charcot, se não deixam claro, têm pelo menos o mérito de mostrar que a questão nosográfica se não constava da pauta da ciência médica da época, era explicitamente reivindicada por alguns teóricos da medicina britânica. Aliás, preocupação que estava presente também entre alguns médicos alemães, pelo menos é o que se depreende do trabalho de HARMS (1971). Sabemos que em 1938, quando do exílio, dada a impossibilidade de levar consigo todo o acervo de sua biblioteca particular, Freud se viu obrigado a selecionar dela apenas uma porção a ser transportada até Londres. Assim, uma parte considerável do acervo bibliográfico freudiano acabou em mãos de livreiros particulares até ser finalmente adquirida pelo *New York Psychiatric Institute*, de New York City. É precisamente entre este acervo que Harms encontrou o livro de Karl Kahlbaum, intitulado *Die Gruppierung der psychischen Krankheiten und die Einteilung der psychischen Krankheiten* [O agrupamento das doenças psíquicas e a divisão das doenças psíquicas], que trata exatamente da classificação das perturbações psíquicas. Segundo Harms, Kahlbaum teria sido um importante médico psiquiatra e criativo escritor durante o século dezenove, preocupado com a “reorganização e clarificação no campo da psiquiatria.” (p. 493) Pelas notas e comentários críticos inseridos nas margens do livro, Harms considera que Freud teria estudado minuciosamente a monografia sobre classificação das psicopatologias de

---

of Skae; the scientific classification of cases of insanity, like that of affections of speech, would be regarding them as instances of Dissolution; the Dissolution in insanity begins in the highest and most complex of all cerebral nervous arrangements, the Dissolution causing affections of speech in a lower series. The one kind of classification is for diagnosis (for direct “practical purposes”), the other is for increase of knowledge, and is worthless for immediate practical purposes. The fault of some classifications of insanity is that they are mixed, partly empirical and partly scientific.” (*ibid.*, p. 315-16, n. 1, grifo nosso) Como sabemos, Walter Moxon pertencia ao grupo de médicos próximos a Jackson que se inseria na chamada tradição hunteriana.

Kahlbaum, que era calcada basicamente na anatomia patológica. A partir das críticas de Freud à concepção charcotiana, p. ex., é possível entender o porque do desacordo manifesto nas notas marginais de Freud. De todo modo, a descoberta do livro de Kahlbaum confirma nossa suspeita de que, de fato, Freud estava muito interessado na problemática da classificação das perturbações mentais.

É possível, assim, antecipar algumas conclusões em relação ao trabalho nosográfico praticado por Freud, sobretudo se levarmos em conta seu ultrapassamento em relação à preocupação unilateral de Charcot. Da perspectiva metodológica de Moxon e Jackson – que é a dos médicos com preocupação científica – enxerga-se claramente a intenção teórica, científica, do empreendimento nosográfico de Freud. E é dessa perspectiva que devemos considerar a natureza científica da metapsicologia freudiana, na medida em que constitui os princípios explicativos através dos quais se justificaria a reclassificação elaborada por Freud e se daria o incremento do conhecimento. Nos termos de Engelhardt (*op. cit.*), poder-se-ia dizer que ao forjar a metapsicologia a intenção de Freud era construir uma nova linguagem conceitual que propiciasse uma apreciação cientificamente digna dos fatos mentais e, ao mesmo tempo, fosse capaz de proporcionar uma intervenção terapêutica mais eficaz.

#### **4. Hughlings Jackson, Stuart Mill e as raízes da metodologia freudiana**

Na primeira parte deste trabalho tentamos mostrar a pertinência entre o trabalho de nosografia praticado por Freud nos primórdios da psicanálise e a teoria da classificação idealizada por Stuart Mill. Nosso ponto de partida foi o

vínculo entre Freud e Charcot, no que diz respeito à adoção do procedimento pelos “tipos” no trabalho clínico. Entre outras coisas, esperamos ter mostrado naquele lugar que a reclassificação efetuada por Freud era, inicialmente, orientada pelo reconhecimento do caso considerado mais completo, “típico.”

Com o acesso direto às conferências de Charcot pudemos confirmar a descrição de Freud. Além disso, lemos que Charcot, assim como Jackson, não se utiliza do método dos “tipos” apenas na consideração do fenômeno histérico, mas também no estudo do fenômeno afásico, além das perturbações propriamente orgânicas.<sup>327</sup> Entre os diversos lugares em que descreve o método, vale a pena ler (embora extensa) o que diz Charcot na conferência de 13 de março de 1888, da versão alemã das *Leçons du mardi*, traduzida por Freud.

O estudo dos tipos é um dos métodos mais importantes da nosografia. Duchenne de Boulogne serviu-se talvez instintivamente desse método e muitos outros autores, antes ou depois dele, também o empregaram. Ele é mesmo imprescindível e o único que possibilita destacar do caos das impressões confusas um quadro nosográfico constante, como comprova a história da medicina ... Porém, quando o trabalho é realizado e o tipo é composto, segue-se então a segunda parte da atividade do nosógrafo; trata-se, em seguida, de dissolver de novo o tipo, de fragmentá-lo. Em outras palavras, trata-se então do conhecimento das formas rarefeitas e incompletas da doença; só então aparece o quadro nosográfico, obtido de acordo com o método dos tipos, em uma nova e mais distinta clareza. O domínio do mesmo torna-se mais amplo, o lugar que ele ocupa na clínica torna-se mais considerável e, em prol de seus

---

<sup>327</sup> Nas linhas finais da terceira das conferências dedicadas às perturbações afásicas, depois de expor as três formas básicas de afasia, obtidas a partir da análise da *Wortvorstellung*, diz Charcot: “Naturalmente, estes três grandes tipos [Typen] não excluem a presença de formas mistas e transitórias.” (CHARCOT, 1886, p. 156) Enfim, é preciso ter em mente o que escreveu Jackson: “Este é o esquema [definições por tipo e estados desviantes] adotado por toda obra sobre a prática da medicina em relação a todas as enfermidades.” (JACKSON, *op. cit.*, p. 315)

doentes, o médico pode ousar tentar diagnosticar a doença quando ele se encontra ainda em seus primeiros começos.<sup>328</sup>

Mas, é já nas páginas iniciais do primeiro livro de suas conferências traduzido por Freud, depois de apresentar o método dos tipos como método nosográfico, que Charcot anuncia o lema que lhe inspira e aquele que o lançou: Claude Bernard.

Nunca se está autorizado a subordinar a patologia à fisiologia. Precisa ocorrer o inverso. Em primeiro lugar, tem-se que colocar o problema médico, como ele é dado pela observação dos doentes, e só depois tentar dar a *explicação fisiológica do problema*. Se se proceder de outro modo, expõe-se ao perigo de perder de vista os doentes e desfigurar o quadro nosográfico.<sup>329</sup>

---

<sup>328</sup> “Das Studium der Typen ist eine der wichtigsten Methoden der Nosographie. Duchenne de Boulogne hat sich dieser Methode vielleicht instinktiv bedient, viele andere Autoren früher und später haben Sie gleichfalls angewendet. Sie ist nämlich unentbehrlich und einzig im Stande, aus dem Chaos wirrer Eindrücke ein festes Krankheitsbild herauszuarbeiten, wie die Geschichte der Medizin, die einer so langen und umfassenden Erfahrung entspricht, beweist. Wenn aber die Arbeit geschehen und der Typus aufgestellt ist, dann folgt der zweite Teil der Tätigkeit des Nosographen; es gilt dann den Typus wieder aufzulösen, ihn zu zerstückeln. Mit anderen Worten: es handelt sich dann um die Kenntnis der abgeblassten, unausgebildeten Formen der Krankheit; erst dann erscheint das nach der Typusmethode geschaffene Krankheitsbild in einem neuen und richtigeren Licht. Das Gebiet derselben wird größer, der Platz, den sie in der Praxis einnimmt, ansehnlicher, und der Arzt kann zum Wohle seiner Kranken den Versuch wagen, die Krankheit zu diagnostizieren, wenn sie sich noch in ihren ersten Anfängen befindet.” (CHARCOT, 1894, p. 197)

<sup>329</sup> “Man darf nie, die Pathologie der Physiologie unterordnen. Das Umgekehrte muss geschehen. Man muss zuerst das medizinische Problem so hinstellen, wie es durch die Krankenbeobachtung gegeben wird, und dann suchen, *die physiologisch Erklärung* dafür zu liefern. Verfährt man anders, so setzt man sich der Gefahr aus, den Kranken aus den Augen zu verlieren und das Krankheitsbild zu verzerren.” (BERNARD, *apud* CHARCOT, 1886, p. 7-8; *itálicos nossos*) Apenas a título de curiosidade, verificamos que Bernard em sua metodologia também distingue na ciência médica dois momentos, o observacional ou empírico e o experimental. “... a observação é o ponto de apoio do

De fato, revela-se no lema bernardiano o princípio sobre o qual Charcot baseia seu “cultivo da nosografia” [“Nosographie treiben”], na medida em que estabelece, além da distinção clara entre os dois “movimentos” a serem executados na consideração do fenômeno patológico – o da observação e o da experimentação fisiológica –, sobretudo a precedência do exame clínico na atividade médica. É possível, agora, compreender melhor a opção metodológica de Charcot e a opinião inicialmente favorável de Freud em relação à mencionada “decisão” expressa na afirmação do médico parisiense, que se permitia a limitar-se ao plano da descrição da doença, deixando de lado a investigação de seu conteúdo fisiológico.

No entanto, não podemos perder de vista que, de acordo com os cânones da ciência, a escolha de um procedimento metodológico específico deve ser sempre orientada por uma compreensão particular do objeto de estudo ao qual o método se aplica. Ora, a “decisão” metodológica de Charcot, que o permitia limitar-se ao trabalho nosográfico, à morfologia da doença, não parece consistir senão em uma mera “opção,” que acaba proporcionando a ele maior liberdade para dedicar-se mais intensamente a um dos aspectos do processo de conhecimento. O patológico continua devedor de alterações anatômicas e processos fisiológicos que lhe seriam subjacentes; não há autonomia do patológico. Por isso, no caso da histeria, embora Charcot afirme restringir-se

---

espírito que raciocina e a experiência o ponto de apoio do espírito que conclui, ou, melhor dizendo, o fruto de um raciocínio justo aplicado à interpretação dos fatos.” (BERNARD, 1865, p. 46) Mais à frente, diz ele: “Um médico que observa uma enfermidade em diversas circunstâncias, que raciocina acerca da influência dessas circunstâncias e que retira disso conseqüências controladas por outras observações, faz um raciocínio experimental, ainda que não faça experiências. Mas, se se quiser ir mais adiante e conhecer o mecanismo interno da enfermidade, deparar-se-á com fenômenos ocultos, e aí deverá experimentar, ainda que raciocine sempre de igual maneira.” (*ibid.*, p. 57)

apenas à nosografia, à descrição de suas diferentes formas de manifestação, não quer dizer com isso que desconsidera as alterações anatômicas e fisiológicas, apenas “deixa” a cargo do especialista a investigação dessas alterações; alterações estas que, em última instância, resultariam de uma predisposição orgânica determinada hereditariamente. Em outras palavras, a vestimenta psicológica que transparece nas considerações de Charcot sobre a histeria permanece tributária de uma visão organicista, como denunciou Freud; ela pode ser no máximo uma psicologia fisiológica, um ramo da fisiologia, como queria Comte (e também Bernard).<sup>330</sup> Daí, compreensivelmente, a dura crítica desferida por Freud à defesa charcotiana da hereditariedade como fundamento causal das perturbações histéricas, pois, como um bom francês, Charcot teria preservado sua concepção de histeria no interior da vigente na medicina francesa da época, ainda tributária da anatomia e da fisiologia.<sup>331</sup>

---

<sup>330</sup> “Fala-se sempre da influência do moral sobre o físico, ou reciprocamente. Há livros que tratam desses dois temas: Cabanis, Roussel, Cerise tratam da influência do físico sobre o moral. Foissac trata da influência do moral sobre o físico. Este último caso não existe; jamais há influência do moral sobre o físico. Sempre é o físico que modifica o moral, e quando se acredita no contrário é uma ilusão: sempre há um sentido primitivo e fisicamente alcançado.” (BERNARD, *op. cit.*, p. 184) Bernard, contudo, parecia não ter Comte em alta estima: “O erro de Comte consiste em acreditar que existe algo de positivo nisso: crê expulsar a metafísica admitindo generalidades filosóficas que chama positivas; de modo algum. Todas as teorias científicas são abstrações metafísicas. Os fatos não são senão abstrações. ... A. Comte cai no mesmo inconveniente que todos os filósofos; quer dizer, negando a filosofia em nome da ciência, ele mesmo faz filosofia.” (*ibid.*, p. 179)

<sup>331</sup> “Em seu *Principes de Médecine expérimentale* [Princípios de medicina experimental], (p. 161) Claude BERNARD não admite senão uma causa única das manifestações fisiológicas e patológicas, causa esta residente na propriedade do tecido ou numa modificação deste último. É a causa ‘real’ ou ‘predisponente,’ enquanto que as excitações externas não são consideradas senão como causas ‘ocasionais’ ou ‘imediatas.’ ... Bernard parece localizar a causa da enfermidade no interior do próprio organismo que, no entanto, é a sua vítima. A idéia de causa e o uso do termo, tal qual ele aparece mais particularmente em patologia, requer que se procure o evento reivindicado como causa fora do sujeito enfermo. É porque, no fim das contas, Claude Bernard, ele também, deve chegar a reestabelecer a modificação que marca a passagem do estado de saúde ao es-

Como sabemos, Jackson entende o trabalho de classificação das doenças em dois aspectos: um arranjo empírico dos casos de distúrbios nervosos, guiado pelos signos ou sintomas mais visíveis, cujo propósito prático principal seria alcançar um diagnóstico; e outro, que visa estabelecer os princípios explicativos, com propósitos científicos, isto é, com vistas ao incremento do conhecimento. Como Mill<sup>332</sup> já havia teorizado antes (e Freud fará mais tarde), após a conclusão do tratamento empírico dos dados, Jackson busca estabelecer os seus princípios explicativos. A hipótese da dissolução (funcional ou fisiológica) dos arranjos nervosos vem satisfazer essa necessidade explicativa. Como ele toma o cuidado de enfatizar, as divisões e arranjos obtidos empiricamente ganham status de classificações científicas somente na medida em que são compreendidas como exemplos de dissolução nervosa. Assim, pode-se dizer que o momento empírico no tratamento dos fenômenos é idêntico para Charcot e Jackson, e nessa etapa a orientação pelo “tipo” é reivindicada por ambos como a mais adequada e fértil. Contudo, na atividade da qual resultaria o progresso do conhecimento, o momento denominado propriamente científico, revelar-se-ia toda a diferença, pois está implicada na perspectiva a partir da qual cada um compreende os fenômenos em tela. Se há razão de ser, como parece, em considerar a perspectiva charcotiana de anatômica, ou fisiológica, como a de Bernard, é porque, como apontamos, embora permaneça no plano

---

tado patológico pela influência de condições externas ‘que introduzem uma modificação de textura e de propriedades no elemento histológico’ (*l. c.*, p. 163).” (RIESE, 1950, p. 20, nota 1)

<sup>332</sup> É necessário aqui ter em mente as idéias de Mill sobre classificação: classificação técnica ou artificial, que se baseia apenas nas relações superficiais, e a classificação científica ou natural, que visa os fenômenos que seriam as causas de muitos outros; também é preciso recordar aqui suas considerações acerca da relação entre o que denomina leis empíricas, resultantes da observação, e leis gerais, obtidas a partir do estudo daquilo que constituiriam as causas dos fenômenos, às quais as primeiras devem ser subsumidas. Cf. *A System of Logic*, livro IV, capítulos 7- 8, e livro VI, capítulos 4-5.

da descrição da doença, Charcot apenas “deixa” sua explicação por conta do fisiólogo. Ora, em princípio a perspectiva de Bernard não parece ser distinta da adotada por Jackson, que era a perspectiva metodológica adotada por todos os médicos com preocupação científica. Apesar dessa identidade metodológica, deve-se observar, porém, que a diferença entre eles residiria na visão particular que cada um tinha sobre o “momento” científico na consideração do objeto de estudo. Como é fácil entrever na discussão feita até agora, a querela que os separava em fisiólogos ou anatomistas, por um lado, e psicólogos ou funcionalistas, por outro, girava em torno da abordagem do “momento dois” da investigação, o momento propriamente científico.

O ponto de vista de Jackson, visivelmente holista, não se manifesta em uma visão fisiologista comum. Ao contrário, já sabemos que a interdição de uma continuidade entre o físico e o psíquico, interditava justamente a visão *à la* Bernard e Charcot, de uma ação direta do físico sobre o psíquico, enfim, a precedência da Fisiologia em relação a Psicologia. Mas, mais do que isso, sabemos que o interesse de Jackson era precisamente eliminar a confusão que pairava sobre as investigações baseadas naquele tipo de perspectiva, que acabava por confundir as diversas faces inerentes aos fenômenos patológicos com os quais o médico se ocupava.<sup>333</sup> Nesse sentido, a adoção de uma perspectiva de cunho paralelista entre o físico e psíquico, a denominada doutrina da concomitância, expressa, esta sim, uma decisão metodológica no sentido estrito do termo. Decisão esta que permitia a ele conceber com tranquilidade a possibilidade de abordar cada face do fenômeno de forma distinta e em momentos separados e, conseqüentemente, pensar a autonomia de cada uma

---

<sup>333</sup> “... que, p. ex., vibrações dos nervos sensoriais *tornam-se* sensações, ou que de uma maneira ou outra uma idéia produz um movimento.” Ver, acima, nota 317.

das disciplinas correspondentes.

... que (a) estados de consciência (ou, sinonimamente, estados da mente) são completamente diferentes dos estados nervosos dos centros mais altos; (b) as duas coisas ocorrem juntas, existindo para cada estado mental um estado nervoso correlativo; (c) embora as duas coisas ocorram em paralelismo, não há nenhuma interferência de uma com a outra.<sup>334</sup>

Até onde pudemos chegar neste trabalho, não fomos capazes de compreender bem a posição de Jackson frente às possibilidades da psicologia como ciência. Embora sua opção metodológica acabe por favorecê-la, uma vez que estabelece a necessária demarcação do aspecto psicológico do fenômeno em relação aos aspectos anatômico e fisiológico, p. ex., é certo que o seu compromisso com a psicologia não pode ser comparado com aquele assumido por Stuart Mill. Em relação a essas dificuldades, Engelhardt (*op. cit.*) parece lançar alguma luz. Ele esclarece que com a adoção da doutrina da concomitância Jackson visava pelo menos três objetivos. Em primeiro lugar, visava escapar da armadilha em que caíam aqueles que relevavam essa distinção e acabavam por confundir descrições fisiológicas com descrições psicológicas.<sup>335</sup> Muito mais do que depreciar as supostas explicações psicológicas de eventos fisiológicos, Jackson colocava uma questão metodológica: eventos

---

<sup>334</sup> “... that (a) states of consciousness (or synonymously states of mind) are utterly different from nervous states of the highest centres; (b) the two things occur together, for every mental state there being a correlative nervous state; (c) although the two things occur in parallelism, there is no interference of one with the other.” (JACKSON, *apud* ENGELHARDT, *op. cit.*, p. 143)

<sup>335</sup> Recorde-se da crítica de Freud a Meynert.

físicos devem ser explicados por mecanismos físicos.<sup>336</sup> Em segundo lugar, visava tornar a fisiologia livre de influências espiritualistas, especialmente da chamada Psicologia das Faculdades; pensava ele que esta introduzia uma mistura entre a causalidade física e a causalidade psíquica e acabava retardando o avanço das pesquisas em fisiologia, uma vez que advogavam, p. ex., em favor da faculdade da vontade como se atuasse sobre ou através do corpo, produzindo contrações musculares.<sup>337</sup> Por último, visava combater a opinião segundo a qual os eventos psíquicos eram redutíveis a processos fisiológicos.<sup>338</sup> Interessado em compreender o mecanismo do sistema nervoso enquanto médico, Jackson não teria negado a possibilidade ou legitimidade da psicologia enquanto disciplina autônoma.<sup>339</sup> Portanto, conclui Engelhardt, Jackson teria usado a doutrina da concomitância de dois modos: de um lado, para isolar a neurologia e estabelecê-la sobre princípios materialistas, isto é, enquanto disciplina de natureza física; por outro, para isolar a psicologia enquanto ciência da mente, *coordenada à neurologia, porém autônoma*.<sup>340</sup>

---

<sup>336</sup> “A explicação corrente da imobilidade do paciente na comatose [comatose] pós-epiléptica é que ele não se move porque ele está inconsciente [he is unconscious]. Eu considero essa uma explicação metafísica [metaphysical explanation]. Em questões científicas [scientific matters], nós queremos explicações realistas [realistic explanations]. Minha crença é que a imobilidade pós-epiléptica é uma paralisia. ... Nenhuma pessoa estaria mesmo inconsciente sem apresentar aí, ao mesmo tempo, alguma mudança física ao menos nos arranjos mais altos de seus centros superiores.” (JACKSON, *apud* ENGELHARDT, *ibid.*, p. 144)

<sup>337</sup> Recorde-se, aqui, as constantes ressalvas introduzidas por ele em *On affections*.

<sup>338</sup> “O evolucionista pode empregar uma visão brutalmente materialista [brutally materialistic view] da doença de qualquer parte do sistema nervoso, porque ele *não* está empregando uma visão materialista da mente [mind] – não confunde estados nervosos com estados psíquicos.” (JACKSON, *apud* ENGELHARDT, *ibid.*, p. 147; *itálicos no original*)

<sup>339</sup> “Nossa preocupação como médicos [medical men] é com o corpo [body]. Se existe alguma coisa como doença mental [disease of the mind], nós não podemos fazer nada por ela.” (JACKSON, *apud* ENGELHARDT, *ibid.*, p. 147)

<sup>340</sup> “Jackson was able to isolate neurology and treat it as a physical science independent of

Deixamos, aqui, de aprofundarmo-nos nas reais intenções de Jackson em relação à psicologia, uma vez que essa tarefa exigiria uma discussão pormenorizada da hipótese exposta no capítulo anterior, acerca da estratificação do sistema nervoso, particularmente a noção de “coordenação” ou “representação integrativa” das diferentes partes e movimentos corporais. Ressalvemos apenas o que o estudo de Engelhardt antecipa acerca da posição de Jackson, nenhum pouco surpreendente, aliás, pois tomada por um neurologista: a psicologia seria, sim, autônoma, mas coordenada à sua ciência primeira, a neurologia. Nesse sentido, Clark, p. ex., vai mais longe, e baseado no mesmo texto de Jackson citado por Engelhardt,<sup>341</sup> considera que o interesse jacksoniano pelos distúrbios mentais era puramente diagnóstico, não interpretativo. Desse ponto de vista, a tarefa do psicólogo estaria restrita à etapa observacional ou empírica. Daí o subtítulo dado por Clark ao item de seu trabalho em que discute o papel exercido pelas idéias de Jackson na rejeição das abordagens psicológicas das perturbações mentais por parte da psiquiatria britânica do século dezenove: *The restriction of medical psychology to the sphere of diagnosis* [A restrição da psicologia médica à esfera da diagnose]. (*op. cit.*, p. 283)

Além disso, não devemos perder de vista que, também do ponto de vista da epistemologia milliana, aceita-se a possibilidade de que, no final das contas, os fenômenos estudados pela psicologia podem estar fundados em leis

---

psychology... At the same time he was able to preserve the possibility of psychology as a coordinate yet autonomous science.” (ENGELHARDT, *ibid.*, p. 151)

<sup>341</sup> “On the basis of mere concomitance, mental symptoms (synonymously abnormal states of consciousness) are, strictly speaking, only signs to physicians of what is not going on or of what is going on wrongly in part of a patient’s material organisation ... the physical process in these and all other kinds of [nervous and ‘mental’ disorder] is our proper concern as medical men.” (JACKSON, *apud* ENGELHARDT, *op. cit.*, p. 147-8; *apud* CLARK, *op. cit.*, p. 283 e 287)

fisiológicas.<sup>342</sup> Até que se alcance tais leis, porém, a investigação dos fenômenos psicológicos deve ser realizada através da análise psicológica. Como sabemos, Freud subscreve o preceito metodológico estabelecido por Mill.<sup>343</sup>

Não obstante as ressalvas a serem levadas em conta em relação à posição de Jackson quanto ao status epistêmico da psicologia, é possível compreender um pouco melhor a aproximação de Freud em relação a ele e a Mill, na medida em que, apesar de tudo, todos eles defendem a autonomia da psicologia, mesmo que provisória. Por mais obscuras que tenham sido consideradas as concepções de Jackson, a fertilidade de suas hipóteses e o alcance de seu enfoque metodológico não teria escapado à acuidade de um vienense, residente de periódicos de medicina, à caça do novo e de fama. Parece certo que a metodologia freudiana, especialmente aquela na qual Freud baseia seu trabalho de inovação nosográfica encontra nesses autores a fonte de sua inspiração. Além disso, o programa de um “saneamento metodológico” expresso nos textos de Jackson teria sido bastante útil para Freud; de imediato, possibilitou a conclusão do ensaio iniciado em Paris, em 1885-86, e publicado apenas em 1893, *Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques* [Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas], que trata do diagnóstico diferencial das paralisias. Mais do que isso, é necessário enfatizar a semelhança com o procedimento adotado por Freud mais de uma década depois das publicações de Jackson, não apenas porque ele, na afasia, incorpora as hipóteses jacksonianas da dissolução e da estratificação do sistema nervoso, mas sobretudo pela função desempenhada por hipóteses análogas em suas

---

<sup>342</sup> Cf., acima, nota 97.

<sup>343</sup> Cf., acima, nota 123.

teorizações posteriores e pelo lugar ocupado pela metapsicologia em sua psicanálise; na perspectiva de Jackson e Mill, precisamente aquilo que justifica e concede à classificação (ou teoria) construída nesses termos o status de científica.

Quando se sabe que ao feito de Jackson é atribuído não apenas o mérito de ter, através de suas hipóteses inovadoras, lançado as bases científicas da neurologia moderna, mas acima de tudo o mérito de ter compreendido o significado profundo dos processos cerebrais,<sup>344</sup> parece desvanecer-se a imagem de herói ainda remanescente em torno de Freud e a criação da Psicanálise. Parece mesmo não haver nada de fortuito em história das ciências mais do que em qualquer outra área de conhecimento, de modo que, poder-se-ia dizer, a originalidade e o alcance da façanha psicanalítica seriam tributários da originalidade das idéias daqueles tidos como seus profetas e das apropriações que delas fez Freud.

---

<sup>344</sup> “Nós concedemos unanimemente a Jackson o primeiro lugar entre aqueles que contribuíram para a neurologia tornar-se [as] uma ciência. ... Existem duas espécies de conhecimento, um que consiste na acumulação e verificação dos fatos e seus arranjos em sua relação natural; o outro, de um caráter mais profundo, que [consiste em] compreender o significado oculto [underlying] dos fenômenos. Foi nesta última que Hughlings Jackson contribuiu tão largamente.” (BROADBENT, *apud* ENGELHARDT, *op. cit.*, p. 151)

### *Conclusão*

Nossos resultados indicam como uma matriz necessária a ser considerada para uma compreensão mais justa dos fundamentos da metodologia e da metapsicologia freudianas o solo filosófico e científico britânico. Como expressam os textos de Mill, o debate entre perspectivas empiristas e idealistas (ou materialistas e espiritualistas, fisiologistas e psicologistas) era intenso durante o século dezanove, orientando as tomadas de posição em relação, p. ex., à base última que sustentaria uma classificação científica e a consideração do papel da mente ou consciência no processo de conhecimento. Na medida em que os textos de Mill não apenas expressavam, mas, sobretudo, representavam a defesa da posição tomada por ele no debate, teriam servido para reforçar a opção filosófica de Freud por uma perspectiva empirista na construção de sua metapsicologia. Dizemos reforçar, primeiro, porque entendemos que na própria escolha de um autor já devem estar presentes as motivações que a orientam; depois, porque a perspectiva empirista britânica, representada especialmente pelos Mill, já estava presente nas obras dos fisiólogos e neurologistas mentores do jovem Freud, como ficamos sabendo, consistindo as referências

britânicas na obra freudiana da maturidade propriamente um reencontro. Naturalmente, lembrando a própria escala de Mill, uma migração posterior para posições intermediárias não deve ser descartada, afinal mesmo Helmholtz teria atenuado sua perspectiva inicial, radicalmente empirista, em favor de uma interpretação mais kantiana em sua teoria da percepção visual.<sup>345</sup>

No entanto, para nós parece ser mais significativo o fato de que o debate representado na obra de Mill não estava limitado ao campo da filosofia; ao contrário, dominava também a querela em torno das possibilidades e do estatuto da psicologia como ciência e propagava-se pelos domínios das ciências da vida, encontrando-se no âmago das hipóteses acerca do funcionamento do cérebro e das discussões sobre os princípios metodológicos na medicina, em geral, e na nascente neurologia, em particular, como pudemos entrever na segunda parte do trabalho. Nessa perspectiva, a opção de Freud pelas idéias do “quase filósofo” Hughlings Jackson, além de ser coerente com sua perspectiva empirista originária, teria desempenhado um duplo papel: por um lado, satisfazia a necessidade de encontrar uma metodologia mais eficaz, que possibilitasse a ele avançar no sentido da reorganização do caos em que se encontrava o conhecimento dos fenômenos relacionados à psicopatologia; por outro, proporcionava-lhe as hipóteses mais avançadas (muito provavelmente também coerentes com as suas próprias *working hypotheses*), através das quais pôde romper com as concepções tradicionais e iniciar a construção de uma malha conceitual inovadora. Poder-se-ia dizer, com efeito, que a constituição da psicanálise freudiana parece ser devedora muito mais dos princípios adotados pela medicina do que dos de qualquer outra disciplina científica.

Além disso, as apropriações de Jackson por parte de Freud, amparadas

---

<sup>345</sup> Cf., p. ex., Casati (1992), Lenoir (1993) e Hatfield (1993).

nas pressuposições metodológicas e filosóficas de Mill, oferecem uma boa solução para a definição do estatuto da metapsicologia freudiana e para a que-rela em torno das perspectivas explicativa e descritiva em psicanálise. Do ponto de vista desses autores, parece evidente o caráter científico da primeira e o contra-senso da última, uma vez que o momento descritivo só receberia seu sentido científico através do momento explicativo – as observações devem sempre ser subsumidas a certos princípios gerais; dito de outro modo, os dados obtidos na clínica só merecem o status de “psicanalíticos,” na medida em que são subsumidos aos princípios constitutivos da psicanálise, à metapsicologia. Um dos méritos decorrentes da explicitação da metodologia freudiana é, portanto, o de mostrar a falta de rigor presente na tendência ainda dominante entre parcela significativa dos praticantes da atividade inaugurada por Freud, que insistem em entoar a primazia da prática sobre a teoria em psicanálise.

Por fim, dado o caráter desta pesquisa, isto é, a opção por estudar uma relação e não um único autor, p. ex., que exigiu a manutenção de uma margem relativamente ampla em torno do objeto de estudo, muitos problemas de importância capital, cujo aprofundamento certamente revelar-se-iam frutíferos para uma melhor compreensão dos fundamentos da psicanálise freudiana, deixaram de ser desenvolvidos. Por um lado, deixamos de estender-nos, p. ex., até os primeiros trabalhos realizados pelo jovem Freud, nos quais foram apresentadas as descobertas de novos métodos de preparação histológica, que já anunciavam uma preocupação metodológica como a mencionada na abertura do trabalho, conforme nos ensinaram Schröter e Bernfeld; por outro, não apenas em função da limitação em termos de bibliografia, mas pela própria conformação adquirida pela pesquisa, a discussão pormenorizada da relação entre

Freud, Jackson e as pressuposições filosóficas subjacentes às hipóteses científicas em jogo na nascente neurologia britânica tiveram que ser deixadas para pesquisas posteriores. No interior do espectro temático ao qual nos restringimos, esperamos ter estabelecido indícios favoráveis para a “des-coberta” de raízes do pensamento de Freud até agora praticamente ignorados.

Não podemos finalizar este trabalho, sem voltar a mencionar a indiferença manifestada pela maioria dos intérpretes da psicanálise em relação às referências explícitas de Freud, também porque desde os anos 1920-30 e 1950-60 seu naturalismo já era abertamente admitido e criticado, inicialmente, por Politzer, depois, por Sartre e Merleau-Ponty em favor de uma interpretação fenomenológica; mais recentemente, talvez essa indiferença – ou mesmo resistência – a uma aproximação entre Freud e o empirismo tenha sido renovada pela influência dos trabalhos de Lacan e sua interpretação da obra freudiana a partir de perspectivas hegelianas e heideggerianas. Entendemos que somente a partir da explicitação das raízes britânicas da psicanálise, lamentavelmente ainda muito pouco exploradas, é possível compreender a obra freudiana no sentido expresso por Nitzschke (*op. cit.*, p. 11), como aquela que entrelaça não apenas a herança da *Aufklärung* e do Romantismo, mas também a herança da tradição de pensamento positivista-científico-naturalista.

*Referências Bibliográficas*

- AMACHER, Peter. 1964. Thomas Laycock, I. M. Sechenov, and the reflex arc concept. *Bulletin of History of the Medicine*, Vol. 38, p. 170-171.
- . 1965. Freud's neurological educations and its influence on psychoanalysis theory. *Psychological Issues*, Vol. 4, Nr. 4.
- ASSOUN, Paul.-Laurent. 1981. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. RJ: Imago, 1983.
- BERNARD, Claude. 1865. *El Método Experimental y otras páginas filosóficas*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947.
- BERNFELD, Siegfried. 1944. Freud's earliest theories and the school of Helmholtz. *The Psychoanalytic Quarterly*, Vol. 3, p. 341-362.
- . 1949. Freud's scientific beginnings. *American Imago*, Vol. 6, p. 163-196.
- BREUER, Josef & FREUD, Sigmund. 1893. Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung. In *Studien über Hysterie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1997, p. 27-41.

- . 1895. *Studien über Hysterie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1997.
- BRÜCKNER, Peter. *Sigmund Freuds Privatlektüre*. Köln: Verlag Neue Kritik, 1975.
- CASATI, Roberto. Presentation à la traduction de “Sur la nature des impressions sensibles de l’homme” (1852), de Helmholtz. *Philosophie* 33 (1992), p. 5-15.
- CANGUILHEM, Georges. 1963. La constitution de la physiologie comme science. In *Études d’Histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris: Vrin, 1983, p. 226-273.
- . 1964. Le concept de reflexe au XIX<sup>e</sup> siècle. In *Études d’Histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris : Vrin, 1983, p. 293-304.
- CHALMERS, Alan F. *O que é a ciência, afinal?* Trad. por Raul Fiker. SP: Unesp, 1993.
- CHARCOT, Jean-Martin. 1886. *Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystems, insbesondere über Hysterie*. Autorisierte deutsche Ausgabe von S. Freud. Leipzig und Wien: Töplitz & Deuticke. Trad. de *Leçons sur les maladies du système nerveux*, Vol. 3, Paris, 1887.
- . 1894. *Poliklinische Vorträge*. Übers. von S. Freud, I. Band, Schuljahr 1887-1888. Leipzig und Wien: Franz Deuticke. Trad. de *Leçons du mardi à la Salpêtrière (1887-8)*, Paris, 1888.
- . 1895. *Poliklinische Vorträge*. II. Band. Übers. Von Max von Kahane. Wien: Franz Deuticke.
- CLARK, Michael J. The Rejection of Psychological Approaches to Mental Disorder in Late Nineteenth-Century British Psychiatry. In SCULL, Andrew (ed.). *Madhouses, Mad-Doctors, and Madmen*. The Social History

- of Psychiatry in the Victorian Era. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- DIEMER, Alwin. Geisteswissenschaften. In *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, Band 3 (G-H). Darmstadt: Wissenschaftlicher Buchgesellschaft, 1974.
- DORER, Maria. *Historische Grundlagen der Psychoanalyse*. Leipzig: Felix Meiner, 1932.
- ENGELHARDT JR., H. Tristram. John Hughlings Jackson and the Mind-Body relation. *Bulletin of the History of Medicine*. Vol. 49 (1973), Nr. 2, p. 137-151.
- EXNER, Sigmund. 1881. *Untersuchungen über die Localisation der Functionen in der Grosshirnrinde des Menschen*. Wien: W. Braumüller.
- . 1894. *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinung*. Frankfurt am Main: Harri Deutsch, 1999.
- FANCHER, Raymond. Brentano's *Psychology from an empirical standpoint* and Freud's early Metapsychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 13 (1977), p. 207-227.
- FICHTNER, Gerhard. Unbekannte Arbeiten von Freud – Schätze im Keller. *Medizin historisches Journal*, Band 22 (1987), p. 246-262.
- FREUD, Sigmund. 1888b. Aphasie. In VILLARET, A. *Handwörterbuch der gesamten Medizin*, Band I, p. 88-90. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1888.
- . 1891. *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- . 1892-94. Vorwort und Anmerkungen zur Übersetzung von J. M. Charcot, *Leçons du mardi à la Salpêtrière (1887-88)*. In *Sigmund Freud*

- Gesammelte Werke*, Nachtragsband. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1987, p. 153-164.
- . 1893c. Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1991, p. 39-55.
- . 1893f. Charcot. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1991, p. 21-35.
- . 1893h. Vortrag: Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Nachtragsband. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1987, p. 181-195.
- . 1894a. Die Abwehr-Neuropsychosen. Versuch einer psychologischen Theorie der akquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischer Psychosen. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1991, p. 59-74.
- . 1895. Zur Psychotherapie der Hysterie. In BREUER, Josef & FREUD, Sigmund. *Studien über Hysterie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1997, p. 271-322.
- . 1895b [1894]. Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als 'Angstneurose' abzutrennen. In *Sigmund Freud Studienausgabe*, Band 6. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2000, p. 25-49.
- . 1895c [1894]. Obsessions et phobies; leur mécanisme psychique et leur étiologie. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1991, p. 343-353.

- . 1896a. L'hérédité et l'étiologie des névroses. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1991, p. 405-422.
- . 1896c. Zur Ätiologie der Hysterie. In *Sigmund Freud Studienausgabe*, Band 6. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2000, p. 51-81.
- . 1898a. Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen, In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Band 1. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1991, p. 489-516.
- . 1900a. Die Traumdeutung. In *Sigmund Freud Studienausgabe*, Band 2. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2000.
- . 1914c. Zur Einführung des Narzißmus. In *Sigmund Freud Studienausgabe*, Band III. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2000.
- . 1950c [1895]. Entwurf einer Psychologie. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Nachtragsband. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1987, p. 375-486.
- . *Projeto de uma Psicologia*. Trad. por Osmyr F. Gabbi Jr. RJ: Imago, 1995.
- . 1956a [1886]. Bericht über meine mit Universitäts-Jubiläums-Reisestipendium unternommene Reise nach Paris und Berlin. In *Sigmund Freud Gesammelte Werke*, Nachtragsband. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1987, p. 31-49.
- . 1960. *Briefe 1873-1939*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1960.
- . 1985c. *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fließ 1887-1904*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1986.
- . 1989a. *Jugendbriefe an Eduard Silberstein 1871-1881*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1989.

- GABBI JR., Osmyr Faria. 1991. Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana. In PRADO JR., Bento (org.). *Filosofia da Psicanálise*. SP: Brasiliense, p.181-198.
- . 1994. *Freud : Racionalidade, Sentido e Referência*. Campinas: Unicamp/CLE.
- . 1995. Notas críticas sobre *Entwurf einer Psychologie*. In FREUD, Sigmund. *Projeto de uma Psicologia*. Trad. por Osmyr Faria Gabbi Jr. RJ: Imago, p. 103-229.
- . 1998. A eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise. In POLITZER, Georges. (1928) *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Trad. por M. Marcionilo e Y. Teixeira da Silva. Piracicaba: Unimep.
- . 2002. Notas Críticas a *Projeto de uma Psicologia* de Freud. RJ: Imago. (No prelo).
- GÖDDE, Günter. *Traditionslinien des „Unbewussten“*. Schopenhauer – Nietzsche – Freud. Tübingen: Edition Diskord, 1999.
- GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. Siegfried Bernfeld: Historiker der Psychoanalyse und Freud-Biograph. In BERNFELD, Siegfried & BERNFELD, Suzanne. *Bausteine der Freud-Biographik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.
- GREENBLATT, Samuel H. The major influences on the early life and work of John Hughlings Jackson. *Bulletin of the History of Medicine*, vol. 39 (1965), p. 346-376.
- HALLER, Rudolf. *Questões sobre Wittgenstein*. Trad. por Norberto de Abreu e Silva. SP: Edusp, 1992.

- HARMS, Ernest. A Fragment of Freud's Library. *The Psychoanalytic Quarterly* XL (3), 1971, p. 491-95.
- HATFIELD, Gary. Helmholtz and Classicism: The Science of Aesthetics and the Aesthetics of Science. In CAHAN, David (ed.). *Hermann von Helmholtz and the Foundations of Nineteenth-Century Science*. Berkeley: University of California Press, 1993, p. 522-558.
- HELMHOLTZ, Hermann von. *Handbuch der Physiologischen Optik*, Leipzig: Leopold Voss, 1867.
- HEMECKER, Wilhelm W. *Vor Freud. Philosophiegeschichtliche Voraussetzungen der Psychoanalyse*. München: Philosophia, 1991.
- HONDA, Hélio. 1996. *A Primeira Teoria Freudiana das Neuroses*. São Carlos: UFSCar; dissertação de mestrado.
- . 1999. Método e Metapsicologia em Freud. Sobre a relação entre técnica e teoria psicanalíticas. *Estudos de Psicologia*, Nr. 6, Vol. 2, 1999.
- IZENBERG, Gerald N. Seduced and abandoned: The rise and fall of Freud's seduction theory. In NEU, Jerome (Ed.) *The Cambridge Companion to Freud*. NY: Cambridge University Press, 1991.
- JACKSON, John Hughlings. 1878-79. On affections of speech from disease of the brain. *Brain. A journal of neurology*, vol. I, p. 304-330.
- . 1879-80. On affections of speech from disease of the brain. *Brain. A journal of neurology*, vol. II, p. 203-222.
- . 1879-80. On affections of speech from disease of the brain. *Brain. A journal of neurology*, vol. II, p. 323-356.

- . 1884. The Croonian lectures on evolution and dissolution of the nervous system. Lecture I. *The british medical journal*, March 29, p. 591-593.
- KIMMERLE, Gerd. 1988. *Denegação e Retorno. Uma leitura metodológica de “Para além do Princípio de Prazer” de Freud*. Trad. por Osmyr Faria Gabbi Jr. Piracicaba: Unimep, 1998. Trad. de *Verneinung und Wiederkehr. Eine methodologischesche Lektüre von Freuds “Jenseits des Lustprinzips.”* Tübingen: Edition Diskord.
- KÖHNKE, Klaus C. *Entstehung und Aufstieg des Neukantianismus. Die deutsche Universitätsphilosophie zwischen Idealismus und Positivismus*. Frankfurt am Main: Surkamp, 1993.
- KRANICH, Ernst-Michael. *Thinking beyond Darwin: The Idea of the Type As a Key to Vertebrate Evolution*. Lindisfarne Books, 1999.
- LAUDAN, Laurens. 1968. Teorias do método científico de Platão a Mach. Trad. por Balthazar Barbosa Filho. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Suplemento 1. Campinas: Unicamp/CLE, 1980
- LENOIR, Timothy. 1986. *The Strategy of Life: teleology and mechanics in nineteenth-century German biology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- . 1993. The Eye as Mathematician: Clinical Practice, Instrumentation, and Helmholtz’s Construction of an Empirical Theory of Vision. In CAHAN, David (ed.). *Hermann von Helmholtz and the Foundations of Nineteenth-Century Science*. Berkeley: University of California Press, p. 109-153.

- LEUSCHNER, Wolfgang. Einleitung. In FREUD, Sigmund. *Zur Auffassung der Aphasien. Eine kritische Studie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1992, p. 7-31.
- LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de Médecine, de chirurgie, de pharmacie et des sciences qui s'y rapportent*. 21. Édition par A. Gilbert. Paris: Librairie J.-B. Baillière, 1908. (Primeira edição de 1806).
- LIPPS, Theodor. *Grundtatsachen des Seelenlebens*. Bonn: Max Cohen, 1883.
- MARKUS, D. 1903. *Die Assoziationstheorien in XVIII. Jahrhundert*. Hildesheim, Zurich u. NY: Olms, 1983.
- MEYNERT, Theodor. *Sammlung von populär-wissenschaftlichen Vorträgen über den Bau und die Leistungen des Gehirns*. Wien und Leipzig: Braumüller, 1892.
- . 1868. Die Bedeutung des Gehirnes für das Vorstellungsleben. In: *Sammlung von populär-wissenschaftlichen Vorträgen über den Bau und die Leistungen des Gehirns*. Wien und Leipzig: Braumüller, 1892, p. 1-16.
- . 1872. Zur Mechanik des Gehirnbaues. In: *Sammlung von populär-wissenschaftlichen Vorträgen über den Bau und die Leistungen des Gehirns*. Wien und Leipzig: Braumüller, 1892, p. 17-40.
- MEYER-PALMEDO, Ingeborg & FICHTNER, Gerhard. *Freud-Bibliographie mit Werkkonkordanz*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1999.
- MILL, John S. 1843. *A System of Logic Raciocinative and Inductive, Being a Connected View of the Principles of Evidence and the Methods of Scientific Investigation*. London: Longmans, 1959.

- . 1865. *An Examination of Sir Willian Hamilton's Philosophy*. In *The Collected Works of John Stuart Mill*, vol. IX. Toronto and London: University of Toronto Press and Routledge, 1979.
- . 1869. Preface to the present Edition. In MILL, James. *Analysis of the Phenomena of the Human Mind*. Hildesheim, Zurich, New York: Olms, 1982, p. v-xxi.
- . 1963. *The Earlier Letters of John Stuart Mill*. In *The Collected Works of John Stuart Mill*, vol. XIII. Toronto and London: University of Toronto Press and Routledge.
- . 1972. *The Later Letters of John Stuart Mill*. In: *The Collected Works of John Stuart Mill*, vol. XVII. Toronto and London: University of Toronto Press and Routledge.
- . 1997. *Zur Logik der Moralwissenschaften*. Hrsg. und übers. von Arno Mohr. Frankfurt am Main: Klostermann.
- . 1999. *A Lógica das Ciências Morais*. Trad. por Alexandre B. Massella. SP : Iluminuras.
- NITZSCHKE, Bernd. *Aufbruch nach inner Afrika. Essays über Sigmund Freud und die Wurzeln der Psychoanalyse*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998.
- RADL, E. M. 1909. *Historia de las teorías biológicas 2: desde Lamarck y Cuvier*. Trad. por F. Garcia del Cid y de Arias. Madrid: Alianza, 1988. Trad. de *Geschichte der biologischen Theorien*.
- RAIKOVIC, Pierre. *O sono dogmático de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud*. Trad. por Teresa R. Costa; rev. téc. de Marcos Comaru. RJ: Jorge Zahar Ed., 1996. Trad. de *Le sommeil dogmatique de Freud (Kant, Schopenhauer, Freud)*. Paris: Synthélabo, 1994.

- REED, Edward S. The separation of psychology from philosophy: studies in the sciences of mind 1815-1879. In *The Nineteenth-Century Routledge History of Philosophy*, vol. VII. London: Routledge, 1994.
- RIBOT, Théodule. Analyses. F. Brentano. *Psychologie vom empirischen Standpunkt* (Psychologie au point de vue empirique). Leipzig, 1874, tome 1er. In: *Revue Philosophique*, Nr. 1, tome 2 (1876), p. 209-213.
- RIESE, Walther. *La pensée causale en médecine*. Paris: puf, 1950.
- SACHS, Oliver. 1998. A outra estrada. Freud como neurologista. In ROTH, Michael S. (org.). *Freud: conflito e cultura*. Trad. por Vera Ribeiro. RJ: Zahar, 2000. Trad. de: *Freud, conflict and culture*. NY: Alfred Knopf, 1998.
- SCHIEL, J. Vorwort des Übersetzers. In MILL, John S. *System der deductiven und inductiven Logik. Eine Darlegung der Principien wissenschaftlicher Forschung, insbesondere der Naturforschung*. Übers. von J. Schiel. 4. Auf., Erster Theil. Braunschweig: Vieweg, 1877.
- SCHRÖTER, Michael. 1988. Um Diálogo Científico entre Freud e Fließ; o projeto de estudo sobre a neurastenia (1893). Trad. por Laurice Levy Hoory. *Revista Internacional da História da Psicanálise*, Vol. 2 (1989), p. 105-136. Edição em português de: *Revue internationale d'histoire de la psychanalyse*.
- SMITH, Barry. *The legacy of Franz Brentano*. Chicago: Open Court, 1996.
- SMITH, C. U. M. Evolution and the problem of mind: Part II. John Hughlings Jackson. *Journal of the history of biology*, Vol. 15, Nr. 2 (Summer 1982), p. 241-262.
- SPENCER, Herbert. First Principles. (Reprint of the edition 1904) In *The works of Herbert Spencer, vol. I*. Osnabrück: Otto Zeller, 1966.

- STRACHEY, James. Comentários de introdução aos textos de Freud. In: *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. RJ: Imago/Z-Movie Studio, s/d.
- SULLOWAY, Frank J. 1979. *Freud, biologist of the mind. Beyond the Psychoanalytic Legend*. Bungay: Fontana, 1980.
- SZASZ, Thomas. Introduction. In MACH, Ernst. *The Analysis of Sensations, and the relation of the physical to the psychical*. Translated by C. M. Williams, Revised by Didney Waterlow. NY: Dover, 1959.
- TÖGEL, Christfried. “... und gedenke die Wissenschaft auszubeuten.” *Sigmund Freuds Weg zur Psychoanalyse*. Tübingen: Edition Diskord, 1994.
- TRILLAT, Etienne. *História da Histeria*. Trad. por Patrícia Porchat. SP: Escuta, 1991. Trad. de *Histoire de l’Hystérie*. Paris : Seghers, 1986.
- TROSMAN, Harry & SIMMONS, Roger D. The Freud’s Library. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, Vol. 21 (1973), Nr. 3, p. 646-687.
- WATSON, Andrew S. Freud the Translator: some contacts with philosophy. *The International Journal of Psycho-Analysis*, Vol. 39 (1958), p. 326-7.
- WILSON, Fred. *Psychological Analysis and the Philosophy of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press, 1990.

